

VIRGINIA PAES COELHO

**VISITANDO A HISTÓRIA A PARTIR DE
MEMÓRIAS FEMININAS: Mudanças e
Permanências na Socialização da Mulher
- 1960-1990-**

**Doutorado: Serviço Social
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
SÃO PAULO
2001**

VIRGINIA PAES COELHO

**VISITANDO A HISTÓRIA A PARTIR DE
MEMÓRIAS FEMININAS: Mudanças e
Permanências na Socialização da Mulher
- 1960-1990-**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Serviço Social sob orientação da Prof^a. Dr.^a Maria Lúcia Martinelli.

Doutorado: Serviço Social

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
SÃO PAULO**

2001

COMISSÃO EXAMINADORA

À professora Dr^a Maria Lúcia Martinelli, pelas orientações sempre cuidadosas, as indicações de leitura, as críticas e sugestões que sempre me estimularam a seguir em frente no aprofundamento de meus estudos.

Às professoras Dr^a Maria Amália Faller Vitale e Dr^a Heleieth Iara B. Saffioti, pelas relevantes contribuições fornecidas no Exame de Qualificação e em vários outros momentos deste percurso.

Aos professores, colegas e funcionários da PUC que de diversos modos contribuíram com este estudo, apoiando e incentivando minhas descobertas.

Às mulheres de minha família que me ensinaram, com seus modos de ser, que cabia a mim escolher e construir projetos de vida.

As narradoras que participaram desta pesquisa, contribuindo com suas biografias para que este estudo pudesse desvendar mudanças e permanências na socialização feminina.

A Ednilce, Jonathan, Heloísa, Victória e Eunice, amigos de todas as horas, que participaram de diversos modos na construção desta tese. Impossível esgotar tudo que fizeram nesse percurso!

A todos que de vários modos se envolveram com o tema, sugerindo, incentivando e criticando.

Meus sinceros agradecimentos.

Ressuscita-me!

Quero viver até o fim o que me cabe!

Para que o amor não seja mais escravo

De casamentos,

concupiscência,

salários.

Para que, maldizendo os leitos,

saltando dos coxins,

o amor se vá pelo universo inteiro.

Para que o dia,

que o sofrimento degrada,

não vos seja chorado, mendigado.

E que, ao primeiro apelo:

- Camaradas!

atenta se volte a terra inteira.

Para viver

livre dos nichos das casas.

Para que

doravante

a família

seja

o pai,

pelo menos o Universo;

a mãe,

pelo menos a Terra.

(A propósito disto. Vladimir V. Maiacovski, 1923)

RESUMO

Neste estudo busquei identificar as mudanças que vêm ocorrendo no comportamento feminino nos últimos trinta anos, tendo a família como principal agente de socialização. A pesquisa tomou como marco histórico a década de 1960, analisando as experiências de vida de mulheres desta geração, pertencentes aos segmentos médios urbanos intelectualizados, em suas práticas e nas relações sociais que estabelecem. Embora o período analisado tenha sido demarcado em trinta anos, procurei também conhecer perspectivas que este grupo indicava para o futuro.

Duas questões nortearam este enfoque: de um lado, conhecer como os fatos políticos, econômicos e culturais influíram na organização de suas famílias de origem e como estas os absorveram e reproduziram na socialização dos filhos. De outro, interessava saber como mulheres que viveram um período de autoritarismo político, com posterior enfrentamento deste contexto pela organização da sociedade civil, incorporaram as transformações que ocorreram na transmissão de valores aos filhos, em especial, na educação das filhas.

A hipótese que orientou minhas investigações foi de que, embora haja continuidades na forma como a família vem socializando as meninas, mulheres intelectualizadas, pertencentes a uma camada com maior poder aquisitivo, que foram educadas num período de grandes mudanças nacionais e mundiais, estariam mais propensas a absorver as inovações culturais, superando preconceitos e assumindo novos padrões de conduta. Os processos históricos e culturais que viabilizam as mudanças e permanências na educação de gênero poderiam, desse modo, tornarem-se mais nítidos. O procedimento empírico procurou recuperar, pela técnica de Histórias de Vida, a trajetória desse grupo, em sua inter-relação com as famílias de origem e de constituição, investigando as transições que possibilitaram mudanças no comportamento feminino, mas também mantiveram muitos valores herdados, embora indiquem possibilidades de alterações no futuro próximo.

O estudo mostrou que, apesar da prevalência do fator econômico, como impulsionador de mudanças, os ideais do feminismo, identificado em seu início com as camadas médias, têm sido assimilados, nas últimas décadas, em muitos aspectos culturais e éticos pelos segmentos femininos. Influíram nas relações entre os sexos e gerações, na forma de constituir uniões conjugais, com maior ênfase na qualidade do relacionamento, na procriação e nas questões ligadas à autoridade e ao poder na família.

SUMMARY

In this study I sought to identify changes that have occurred in women's behavior over the last thirty years, with the family being the main socializing agent. The study took as a historical landmark the 1960s, analyzing the life experiences of women from this generation, belonging to urban, intellectualized middle classes, in the practices and social relations they establish. Although the period analyzed covers thirty years, I also sought to find out prospects this group had for the future.

Two issues guided this focus: on one hand, discovering how political, economic and cultural facts influenced the organization of their families of origin and how they absorbed and reproduced them in their children's socialization. On the other hand, I was interested in finding out how women that lived through a period of political authoritarianism, with the subsequent confrontation of this context with the organization of civil society, incorporated the transformations that occurred in the transmission of values to their children, especially in raising their daughters.

The hypothesis that guided my investigations was that, although there were continuities in the way that families have socialized girls, intellectualized women – belonging to a higher-income social class, that were raised during a period of major national and global changes – are more apt to absorbing cultural innovations, overcoming prejudices and assuming new standards of behavior. Historical and cultural processes that allowed for changes and constants in gender-oriented child rearing may thus become clearer. The empirical procedure sought to recover, through the Life Story technique, this group's trajectory in its interrelation with the families of origin and the ones they formed, investigating the transitions that allow for changes in women's behavior, but that also maintained many inherited values, although they indicate possible alternations in the near future.

The study showed that, despite the prevalence of the economic factor as the fuel for changes, the ideals of feminism, identified in the beginning with the middle classes, have been assimilated in recent decades in many cultural and ethical aspects by segments of women. They influenced in relations between sexes and generations, in the way in which conjugal unions are formed – with greater emphasis on the quality of the relationship —, in procreation and in issues tied to authority and power in the family.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
I- O PROCEDIMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA	21
1. Alguns esclarecimentos sobre a escolha por trabalhar em pesquisa com História Oral.....	22
2. Sobre as entrevistas e os sujeitos da pesquisa	27
2.1. Caracterização do universo pesquisado	30
2.1.1. Os contatos iniciais: o caminho percorrido	32
2.1.2 As entrevistas.....	36
3. Análise dos dados.....	49
II - VISITANDO O PASSADO A PARTIR DE MEMÓRIAS FEMININAS	51
1. O período de 1964 a 1973.....	52
2. O período de 1974 a 1988.....	96
III - DESVELANDO O PRESENTE PELO OLHAR FEMININO	148
1. O período de 1989 a 1999.....	149
IV - CONSTRUINDO CAMINHOS NO NOVO SÉCULO.....	217
1. 2000 a ...o futuro.....	218
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	248

BIBLIOGRAFIA.....	258
-------------------	-----

INTRODUÇÃO

“Algumas coisas mudaram e acho que nós temos muito a contribuir. Não considero que somos discriminadas por sermos mulher, não sinto isso, nem me sinto sofredora. Esse tipo de concepção de que a mulher sofre é meio antigo e tende a mudar, está mudando.

A educação que minhas filhas têm na escola já é diferente. Acho que elas não vivem essas diferenças, brincam igual com os meninos e as meninas. Na nossa época, brincávamos separadas por sexo. Está havendo essa interação entre homem e mulher, de se construir junto, mas isso vai depender de cada família, não existe um padrão de educação. Conheço mulheres que esperam que suas filhas casem virgens.(...) Então depende muito se a pessoa conseguiu crescer, ampliar seu horizonte. Às vezes nem se refere a estudo. Têm pessoas que mudam sem tanto estudo, conseguem ter uma outra visão. Acho que não passa pela classe, minha família pertence a classe média e continua com os mesmo valores [conservadores]”. (Depoimento de Gabriela)

A narrativa acima, de uma das entrevistadas neste estudo, revela algumas percepções que muitas mulheres têm hoje de si, ao mesmo tempo que expõe algumas transformações que ocorreram e estão ocorrendo na educação de meninas e meninos e na organização da família. Em seu depoimento é possível perceber que, embora tenha havido avanços na socialização da mulher, há muito de continuidade na instituição família e que incorporar ou não novos padrões de comportamento não envolve apenas a classe, podendo conter outros aspectos, como indica Gabriela. Diversos estudos com famílias de camadas médias indicam que esta tem sido mais propensa a absorver inovações culturais, embora o dilema de mudar ou permanecer esteja também presente, vivido muitas vezes de forma dramática pelo grupo (Velho, 1997, Salem, 1996, Figueira, 1987). Mas, não apenas a camada social interfere neste processo, já que o grau de consciência adquirido pelas experiências de vida que cada indivíduo teve, também irá influir na constituição de sua visão de mundo.

Marx realizou um extenso estudo para demonstrar que é pela atividade que os indivíduos se manifestam e que as condições materiais de sua produção determinam o que são. A produção das idéias, das representações, da consciência, estão inicialmente ligadas a atividade material e ao intercâmbio material entre os homens. A consciência assim, não é outra coisa do que o ser consciente, que é o processo real de vida dos homens. Mostrou que, *“não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência”*¹.

Por isso mesmo nesse estudo, em que me propus a conhecer as mudanças e permanências na educação feminina, desenvolvi a pesquisa tomando como marco histórico a

¹ MARX, K. & ENGELS, F. A ideologia Alemã. São Paulo: Hucitec, 1991, p. 37.

década de 60, analisando as experiências de vida de mulheres desta geração, pertencentes aos segmentos médios urbanos intelectualizados, em suas práticas e nas relações sociais que estabeleceram. O período analisado foi demarcado em trinta anos, sendo que procurei vislumbrar também as perspectivas que este grupo indicava para o futuro.

Duas questões nortearam este enfoque: de um lado, conhecer como os fatos políticos, econômicos e culturais influíram na organização de suas famílias de origem e como estas os absorveram e reproduziram na socialização dos filhos. De outro, interessava saber como as mulheres que viveram num período de autoritarismo político, com posterior enfrentamento deste contexto pela organização da sociedade civil, incorporaram as transformações que ocorreram na sociedade brasileira. Na construção deste objetivo, defini o perfil das entrevistadas, escolhendo aquelas que fossem casadas e estivessem no mercado de trabalho, como professoras universitárias, cursando ou tendo cursado o curso de pós-graduação, e com pelo menos uma filha, pela possibilidade de melhor avaliar a assimilação das mudanças em suas subjetividades e na socialização de seus filhos.

A hipótese que orientou minhas investigações foi de que, embora haja continuidades na forma como a família vem socializando as meninas, mulheres intelectualizadas, pertencentes a uma camada com maior poder aquisitivo e que foram educadas num período de grandes mudanças nacionais e mundiais, estariam mais propensas a absorver as inovações culturais, superando preconceitos e assumindo novos padrões de conduta, transmitidos como mãe-educadora e professora-educadora. Os processos históricos e culturais que viabilizam as mudanças e permanências na educação de gênero poderiam, desse modo, tornar-se mais nítidos.

Fonseca², em seus estudos sobre o trabalho do pesquisador destaca que, para chegar a qualquer conclusão em sua investigação, este necessita situar os sujeitos em seu contexto histórico e social, pois só ao completar o movimento interpretativo, indo do particular ao geral, é que o pesquisador cria um relato etnográfico. Concordando com esta premissa, o quadro teórico utilizado nessa pesquisa teve como eixo de investigação o estudo da literatura sobre gênero, em sua inter-relação com as alterações que vêm ocorrendo nos papéis sexuais e na estrutura da família no Brasil.

O procedimento metodológico fundamentou-se em autores que privilegiam orientações denominadas processuais para o entendimento da complexidade dos fenômenos, entendendo-

os no contexto mais amplo da sociedade. Conforme Bianco³, essa orientação em estudos de família indica a relevância de analisar não somente as reações de famílias, unidades domésticas e individuais às transformações sociais, mas também o seu papel na configuração dessas transformações. A mesma ênfase é encontrada em Scott⁴, que desenvolve estudos na área de gênero, ao considerar essencial deter-se nos métodos de análise, clarificando as hipóteses e perguntando mais frequentemente sobre os processos que possibilitaram os acontecimentos, o *como* e o *porquê* estes tornaram-se viáveis.

O estudo da literatura sobre gênero alicerçou-se nas diferentes abordagens teóricas de gênero, como campo de possibilidades na compreensão da teoria feminista e das relações sociais, priorizando os fatores que impulsionaram a força de trabalho feminina para o mercado de trabalho e o modo como se dá sua inserção, uma vez que é fundamental compreender este aspecto quando se trabalha com mudanças no comportamento feminino.

Complementar a esta tese, realizei uma pesquisa bibliográfica de autores que analisaram o período histórico compreendido por esta tese, com a proposta de articular estes dados ao ressurgimento e organização do feminismo no Brasil. Neste movimento, foram sendo incluídas as narrativas das entrevistadas, que, ao narrar suas biografias, vão revelando à própria história do país, da organização das famílias de camadas médias urbanas e de tendências no comportamento das mulheres da geração de 1960, fornecendo pistas para se conhecer modos de viver da geração anterior e as perspectivas que se colocam para a próxima geração de mulheres.

O procedimento empírico procurou recuperar, pela técnica de Histórias de Vida, a trajetória desse grupo, na sua inter-relação com as famílias de origem e de constituição, investigando as transições que possibilitaram mudanças no comportamento feminino, mas também mantiveram muitos valores herdados, embora indiquem possibilidades de alterações no futuro próximo.

A pesquisa empírica foi para mim de conhecimento e reconhecimento, enquanto pesquisadora e mulher, uma vez que as questões que envolvem gênero sempre me impeliram ao estudo. Também como assistente social, trabalhando junto a uma população que, em sua maioria, se constitui de mulheres, suas experiências de vida sempre me trouxeram indagações

² FONSECA, C. Quando cada caso NÃO é um caso. Pesquisa etnográfica e educação. In: *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo: ANPED, n.º 10 jan-abr/99, p.61.

³ BIANCO, B.F. A família na História e na Antropologia: mitos, conjecturas, simplificações ou aproximações e prelúdios da realidade? *Estudos de família no Brasil: questões metodológicas e procedimentos de pesquisa*. Texto C.E.R.U., IX Encontro Nacional, set/82, p.2.

sobre a importância de desenvolver instrumentais mais adequados para o entendimento dos fenômenos sociais, que pudessem esclarecer as diferenças existentes de inserção, de posição e de possibilidades que são claramente diferenciadas para homens e mulheres, tanto no espaço público, como no espaço privado em nossa sociedade. Além disso, deter-se nas narrativas de mulheres pode nos auxiliar a apreender como a família vem-se liberando de convenções tradicionais nas últimas décadas, tendo uma formulação e um desenvolvimento mais livres, embora permaneçam no interior do grupo elementos do modelo tradicional de família.

A opção pela pesquisa utilizando histórias familiares, tendo as mulheres como personagens e narradoras esteve, assim, coerente com minhas preocupações e objetivou dar visibilidade as suas ações. Foram muitas horas ouvindo respeitosamente o que tinham a dizer e de confirmação de que elas tinham e têm muito a dizer. Com algumas, o ambiente criado tornou-se mais formal, provavelmente devido a receios das entrevistadas, que talvez não se sentissem tão à vontade, por mais que buscasse criar um ambiente acolhedor. Não é fácil falar de suas reminiscências, para uma pessoa estranha e eu era exatamente isso: alguém que não conheciam, que tinha um projeto de pesquisa para o qual solicitava que elas contribuíssem, falando de suas vivências, vasculhando suas memórias. Com outras, o clima de proximidade se estabeleceu logo de início e as recordações fluíram mais livres. Todas as narradoras, porém, procuraram auxiliar na pesquisa “escavando”⁵ lembranças, opinando sobre os acontecimentos e falando de suas famílias de forma franca e cordial.

A pesquisa histórica, conforme Hareven⁶, pode dar visibilidade tanto às transformações que ocorrem na sociedade, como também oferecer uma perspectiva comparativa entre presente e passado, propondo modelos para mudanças futuras. Para a autora, se isto pode não conter explicações implícitas sobre desenvolvimento e mudança possibilita, contudo, condições para que sejam observados aspectos tanto típicos, quanto comuns do comportamento e dos problemas atuais.

Deter-se na narrativa de mulheres auxilia na apreensão do modo como a família vem-se liberando de convenções tradicionais nas últimas décadas, tendo hoje formulação e desenvolvimento mais livres, embora permaneçam no interior do grupo elementos do modelo tradicional de família. Tempo passado e tempo presente se sobrepõem, exigindo que o estudo

⁴ SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. *Caderno SOS Corpo*, Recife, 1994.

⁵ Norberto Bobbio utiliza essa expressão ao se referir ao processo de re-lembrar, quando os narradores utilizam-se da memória, *espaço repleto de vultos, gestos, palavras ou canções que pareciam perdidos para sempre*. In: *O tempo da Memória*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

do tema no presente se reporte ao passado, a fim de compreender como as mudanças históricas vêm-se processando e como as mulheres e suas famílias reagiram a estas mudanças.

Nessa percepção é que este estudo se transportou a períodos que antecedem a década de 70, momento em que o movimento de mulheres encontra-se em fase de maior expressão e se organiza, modificando profundamente os padrões de comportamento feminino, influenciando na família e em toda sociedade. Embora as mudanças ganhem visibilidade nesta fase, a década de 60, foi reconhecida como marco expressivo, em especial, devido as transformações mundiais nos padrões culturais e também por sua importância histórica no Brasil, por ter sido um momento de autoritarismo e repressão violenta aos direitos civis, que resultou em novas articulações políticas e na constituição de diversos movimentos sociais nas décadas seguintes, dentre estes, o movimento de mulheres.

Hobsbawm⁷, falando sobre as transformações mundiais que aconteceram neste período afirma que o grande significado destas foi que implícita ou explicitamente, rejeitavam a ordenação histórica estabelecida das relações humanas na sociedade em que as convenções e proibições sociais expressavam, sancionavam ou simbolizavam. Entre os segmentos diretamente envolvidos estavam as mulheres e suas identidades femininas, suas relações sociais e os padrões de comportamento que passam a ser alterados em função de novos valores que vão sendo assimilados.

No caso do Brasil, a ampliação da força de trabalho feminina é passível de ser verificada já nos anos 50, período em que o país apresenta um grande desenvolvimento, com o crescimento da industrialização e dos espaços urbanos. Essas alterações resultaram no aumento do consumo, ampliando o acesso à informação e à educação e gerando mudanças importantes nos padrões de comportamento de homens e mulheres. Na década seguinte, o crescimento do ingresso da mulher no mercado de trabalho se intensifica, assim como a entrada em maior número na educação superior, favorecendo seu acesso às profissões liberais. Esses dois fatores criaram no mundo todo as bases para o ressurgimento dos movimentos feministas.

Em sua origem, os movimentos de mulheres tiveram forte ligação com os setores médios da população. A partir da década de 70 e, sobretudo na de 80, expandem-se por quase todos os países. Mesmo considerando, como afirma Guattari⁸, que há um número reduzido de mulheres conscientes dos problemas de alienação feminina e menos ainda organizadas em

⁶ HAREVEN, T. K. Tempo de família e tempo histórico. In: *Revista História: questões & debates*, 5(8): 3-26, Curitiba, jun/1984.

⁷ HOBBSAWM, E. *Era dos Extremos*, 2ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

movimentos feministas, é inegável, como observa o autor, que a questão afeta a todas as mulheres. Mais do que isso, se o feminismo como movimento social de grupos organizados, busca combater as segregações e estabelecer direitos igualitários entre os gêneros, em sua dimensão coletiva, não se reporta apenas às feministas, mas a todas as mulheres, assim como, de forma relacional, a todos os homens.

As mudanças que ocorreram no período estudado não se referem apenas à natureza das atividades que as mulheres desempenhavam na sociedade, mas também aos papéis que cumpriam, ou às expectativas presentes do que deviam ser esses papéis. A ampliação da força de trabalho feminina foi, sem dúvida, propulsora das novas imagens de gênero no mundo público e privado. Porém, é importante destacar que, em geral, as razões que levaram a afluência massiva das mulheres à busca de emprego estiveram mais ligadas às necessidades econômicas do que a uma percepção política de seus direitos. Apesar disso, é inegável, como declara Hobsbawm⁹ que foram mudanças significativas e mesmo revolucionárias nas expectativas das mulheres sobre elas mesmas e do mundo sobre o seu lugar na sociedade. É necessário, porém, considerarmos as profundas diferenças políticas, econômicas e culturais entre países e mesmo dentro de países, fatores de impedimento de generalizações.

De fato, as esferas pública e privada têm sido ocupadas pelas mulheres pertencentes às camadas médias de forma bastante diferenciada em relação às pobres, pois para as mulheres dos setores médios, além da motivação econômica, há, com maior frequência, outras razões que vão impulsionar a busca por profissionalizar-se, como questões ligadas à liberdade e à autonomia¹⁰, além da importância atribuída a terem identidade própria, não mais sendo consideradas como apêndices do marido e da casa, questões distantes para as camadas mais empobrecidas, face à outras prioridades a que são impelidas na luta pela sobrevivência.

Apesar da prevalência do fator econômico como impulsionador de mudanças, os ideais do feminismo, identificado em seu início com as camadas médias, têm sido assimilados nas

⁸ GUATTARI, F. & ROLNIK, S. *Micropolítica – Cartografias do desejo*, 4ª ed., Petrópolis, Vozes, 1996.

⁹ Sobre a importância das mudanças culturais, econômicas e políticas que ocorreram no mundo e que afetaram positivamente as mulheres Eric Hobsbawm exemplifica mostrando que antes da Segunda Guerra Mundial, a ascensão de qualquer mulher à liderança de qualquer república, em quaisquer circunstâncias, era impossível. Após 1945, tornou-se politicamente viável e, em 1990, as mulheres eram, ou tinham sido chefes de governo em dezesseis Estados. Op. Cit., p. 307.

¹⁰ Anthony Guiddens, falando sobre a questão da autonomia assim se refere: “Autonomia significa a capacidade de auto-reflexão e autodeterminação dos indivíduos: deliberar, julgar, escolher e agir diante de diferentes cursos de ação possíveis. Ela permite aquele respeito pelas capacidades do outro, intrínseco a uma ordem democrática. O indivíduo autônomo é capaz de tratar os outros dessa forma e reconhecer que o desenvolvimento de suas potencialidades separadas não é uma ameaça. A autonomia também ajuda a configurar os limites pessoais necessários à administração bem-sucedida dos relacionamentos”. In: A transformação da intimidade. São Paulo: UNESP, 1993, p.206. A partir deste entendimento foi que utilizei o termo autonomia neste estudo.

últimas décadas em muitos aspectos culturais e éticos pelo conjunto da população feminina. Influíram nas relações entre os sexos e as gerações na forma de constituir uniões conjugais, na procriação e nas questões ligadas à autoridade e ao poder na família.

Nas famílias desse universo, com maior grau de escolarização, há uma tendência hoje à busca de relações mais igualitárias no casamento. Esse grupo, atribui um alto valor à individualidade¹¹, à liberdade e à igualdade nas relações e nas escolhas pessoais, assim como em relação aos aspectos subjetivos. Mesmo assim, o que é possível afirmar é que nestas famílias existe maior possibilidade de igualdade, à medida que buscam democratizar suas relações e caminham na construção de relacionamentos mais flexíveis entre os sexos¹².

No estudo pesquisei as alterações nos papéis familiares e de gênero, com histórias familiares de duas gerações. As histórias das famílias de origem e de constituição das narradoras foram coletadas na perspectiva de análise comparativa entre passado e presente, buscando informações sobre possibilidades futuras de mudança na educação feminina e masculina. Como Hareven, entendo que,

“A compreensão de como indivíduos e famílias reagiram às mudanças históricas, e ao mesmo tempo qual foi sua participação na efetivação dessas mudanças pode ampliar consideravelmente nosso entendimento do próprio processo de mudança”¹³.

Os estudos históricos sobre família demonstram que o seu papel foi de agente ativo no processo de transformação da sociedade, promovendo mudança social e facilitando a adaptação de seus membros a novas condições sociais, culturais e econômicas. Esse comportamento pode ser distinto entre os diferentes segmentos sociais, mas sempre está presente seu poder de iniciativa e escolha na aceitação de novos modos de vida. A família, pela sua importância, pelas mudanças em seu tamanho e estrutura, em sua organização emocional e em suas relações com o mundo externo, tem uma enorme influência sobre o desenvolvimento da personalidade, que tenderá a acompanhar ou dar sustentação as mudanças na vida econômica e política¹⁴.

Por isso, neste estudo procurei deter-me nesta instituição, como dimensão essencial na estruturação da visão de mundo destas camadas, na apreensão dos valores, da visão de mundo,

¹¹ Tania Salem, em seus estudos sobre famílias de camadas médias, avalia que não há um consenso absoluto entre os autores quanto ao modo de conceber a questão do individualismo. Conforme a autora, enquanto categoria teórica, o individualismo alude tanto a um fenômeno historicamente engendrado e localizado, quanto ao *valor* moral central da configuração ideológica moderna. In: Família em camadas médias: um perspectiva antropológica, *Boletim Informativo e Bibliográfico de C. Sociais/ANPOCS*, Rio de Janeiro, n.º 21, 1/96, pp.25-39.

¹² Ver ARAÚJO, M. F. Família Igualitária ou democrática? As transformações atuais da família no Brasil. Mestrado, PUC, São Paulo, 1993.

¹³ *Ibid.*, p.5.

do estilo de vida e nos aspectos simbólicos, como instrumentos teóricos para melhor apreender as mudanças, já que estes aspectos não podem ser mecanicamente conhecidos por critérios socioeconômicos. O desafio ao estudar gênero, na inter-relação com a família, foi o de buscar um aprofundamento teórico que possibilitasse a análise das relações de mulheres e homens, vinculando a história do passado com as práticas históricas do presente.

Como esclarece Caldeira¹⁵ a respeito do trabalho com memórias, a cultura não é algo que está pronto, que possa ser revelada por alguém ou observada por um cientista. Ela se constrói com os pedaços que vão sendo descobertos no decorrer de um período de tempo que, em geral, é longo. Minha opção em pesquisar histórias de vida foi apreender os diversos aspectos, em um período de trinta anos, que ajudaram a construir uma maneira diversa do passado no “tornar-se mulher”, menos vinculada a valores conservadores e mais aberta a inovações, apesar de não ser possível fazer generalizações, face às profundas diferenças que demarcam modos de vida e que se fundam na classe social.

Nas experiências de vida do grupo pesquisado, gênero se revela como representação e auto-representação, produto de diferentes tecnologias sociais, como afirma Lauretis¹⁶. Esta constatação é explicitada pela autora em quatro proposições: a primeira refere gênero como representação de uma vivência, um reconhecimento tanto social como subjetivo na vida das pessoas. A segunda mostra a representação de gênero como uma construção. A terceira afirma que essa construção ocorre de forma contínua, no mesmo ritmo do passado, através de vários espaços como na família, na mídia, na academia, no feminismo. A quarta proposição compreende que, de forma contraditória, a construção do gênero também se dá pela sua desconstrução (de condutas, comportamentos e hábitos). As recordações das narradoras permitem elucidar esses aspectos, de acordo com as diferentes fases de suas vidas.

A pesquisa foi realizada com seis mulheres, profissionais das áreas de Ciências Humanas, Jurídicas e Econômicas, casadas, mães de pelo menos dois filhos, sendo um ou mais do sexo feminino. Todas eram professoras universitárias à época da pesquisa e trabalhavam em mais de um emprego. A atenção esteve focalizada no indivíduo, analisando a família com base em suas recordações, embora fosse desejável estudar os demais participantes do grupo. Esta

¹⁴ Ver LASCH, C. *Refúgio num mundo sem coração*, São Paulo: Paz e Terra, 1991.

¹⁵ CALDEIRA, T. Memória e relato: a escuta do outro. In: *Revista Arquivo Municipal Memória e Ação Cultural*. Deptº Patrimônio Histórico Municipal, São Paulo, P.65-76, 1992.

¹⁶ LAURETIS, T. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, H.B. (org.) *Tendências e impasses – o feminismo como crítica da cultura*. São Paulo: Contexto/UNESP, 1997.

tarefa, entretanto, seria muito difícil de se concretizar, pois a aceitação em participar da pesquisa, dada por um membro, não significa a anuência dos demais.

É importante destacar ainda que esta tese analisou situações de vida de um universo específico de algumas mulheres e não todas as mulheres. As análises apresentadas podem ser válidas para o estudo de outros grupos, mas podem apresentar divergências. Também é relevante esclarecer que a utilização de dados derivados de pesquisas e artigos publicados em jornais e revistas foram apresentados pela significação do que revelam. Tanto os institutos que procederam as pesquisas consultadas como os autores citados são reconhecidos nacional e internacionalmente pela seriedade de seus estudos.

Lembrando Goldmann¹⁷, este estudo pretendeu utilizar um instrumental objetivo e controlável, que permitisse separar o essencial do acidental. Este instrumento conceitual de trabalho, como afirma o autor, é a noção de visão de mundo, fundamental na compreensão das expressões do pensamento dos indivíduos, sendo ela mesma o principal aspecto concreto do fenômeno. Foi por meio dela que este estudo procurou desvendar os acontecimentos.

Nele busquei reproduzir os caminhos percorridos com as narradoras quando, pelo resgate da memória, suas experiências de vida foram sendo reconstruídas, assim como as histórias familiares, por meio das lembranças das atitudes, gestos e silêncios, assim como a história do país, nas recordações do passado e do presente. A ordenação dos capítulos manteve a seqüência das narrativas, recuperando o passado, representado pelas vivências nas famílias de origem, vindo até o presente, quando as entrevistadas constituem novas famílias. Porém, o presente aponta perspectivas para o futuro, por meio das preocupações que estas manifestam com os filhos, com o país e com o mundo razão pela qual o futuro também foi destacado.

A amplitude do tema e a metodologia utilizada com fontes orais, não permite exauri-lo, como mostram estudiosos da História Oral. De fato, esta não era minha intenção ao optar, entre diversas possibilidades, pelo estudo com memórias e narrativas de mulheres. O que me interessava era a recuperação de um período histórico, tendo por base as recordações das narradoras, articulando suas vivências com o estudo da literatura sobre esse momento. Entretanto, é importante destacar a fidelidade e o respeito que mantive aos depoimentos, utilizando as narrativas dentro dos objetivos do estudo, sem transcender limites contidos na confiança que os sujeitos da pesquisa depositaram em mim, ao relatar suas histórias para um objetivo que foi desde o início determinado: conhecer, pela memória de mulheres, mudanças e

¹⁷ GOLDMANN, L. O todo e as partes. In: *Dialética e cultura*. Rio de Janeiro,: Paz e Terra, 1979.

permanências na educação feminina na família. Também presente foi a preocupação em dar um tratamento rigoroso ao marco teórico estudado pela significação que este período tem para o entendimento histórico do país.

Face a importância da metodologia utilizada nesta tese, no capítulo I explicito porque escolhi trabalhar com História Oral e com a técnica de Histórias de Vida. Também estão incluídos neste capítulo as razões da escolha do universo pesquisado, a apresentação das narradoras e de suas famílias de origem e de constituição, a caracterização do grupo e os tópicos formulados para as entrevistas, além de percepções sobre o processo de investigação.

No capítulo II trato das lembranças do passado, vivido pelas entrevistadas junto às suas famílias de origem. Para melhor compreensão dos acontecimentos, o capítulo foi dividido em dois períodos históricos: o primeiro período abrange de 1964 a 1973, e analisa o momento de implantação do regime autoritário no país, a família de origem e algumas mudanças que aparecem nos padrões de comportamento feminino, devido a novos papéis que as mulheres passaram a assumir na esfera pública. Refere-se também à infância das narradoras, fundamental no processo de socialização, na construção de subjetividades e sociabilidades futuras. O segundo período, de 1974 a 1988, reporta-se à adolescência do grupo estudado, à entrada na faculdade, aos relacionamentos afetivos que começam a estabelecer, à descoberta da sexualidade, ao primeiro emprego, às mudanças no plano político e econômico e ao florescimento do feminismo, com repercussões em suas identidades.

No capítulo III, situado entre 1989 e 1999, analiso o presente pelo olhar feminino, quando são examinadas questões que se reportam à esfera pública, como o trabalho e o investimento na carreira, e à esfera íntima, na qual o casamento, a maternidade e a vida afetiva são mais destacados, embora não estejam presentes apenas estes aspectos. As narradoras expõem também suas preocupações com o político, o social e o econômico, suas percepções sobre os ganhos que as mulheres obtiveram com as lutas feministas e, por meio delas, refletem sobre a dimensão de suas vidas como mulheres.

Em suas reflexões indicam perspectivas para o futuro, tema do capítulo IV. Seus depoimentos permitem visualizar um estilo de vida no qual aparece de forma marcante a ideologia individualista, com ênfase no valor conferido à autonomia do indivíduo e à sua liberdade. A família nuclear é ressaltada, desprendida de redes de parentesco maiores, traço também característico da manifestação do individualismo.

Por último gostaria de esclarecer que o estudo dos fatos que ocorreram nas décadas é examinado com base nas narrativas dos sujeitos da pesquisa, ancorado na literatura de cada época. Por isso, a periodização das fases históricas apresentadas não obedece à cronologia convencionalmente proposta quando se trabalha com os períodos da ditadura militar (64/68, 69/73, 74/85). O período político é muito importante neste estudo, mas também o é o percurso do feminismo no Brasil e as transformações na educação feminina, prevalecendo a opção por dar maior evidência a essa cronologia. Face a essa escolha, é que na seriação do tempo histórico, privilegiei os processos que indicam as transformações na identidade feminina e nos padrões de comportamento, inter-relacionando com as histórias narradas, no que elas trazem de dimensão coletiva. Em todos os capítulos as narrativas relacionam-se com os aspectos teóricos sobre o tema, realçando os nexos que existem entre a realidade e o pensamento.

CAPÍTULO I

O PROCEDIMENTO METODOLÓGICO DA PESQUISA

A memória das mulheres é verbo. Ela está ligada à oralidade das sociedades que lhes confiava a missão de narradoras da comunidade aldeã. (Michelle Perrot)

1. Alguns esclarecimentos sobre a escolha por trabalhar em pesquisa com História Oral

Relendo recentemente um texto de Michelle Perrot, publicado no Brasil em 1989¹⁸, pude entender melhor aquilo que me encantava desde o período do mestrado, em trabalhar com pesquisa oral. Tanto naquele momento como agora, a história contada por mulheres sobre suas vivências em família e a maneira como suas narrativas recuperam os períodos históricos me cativam pelo que trazem do íntimo para a compreensão dos acontecimentos do país.

¹⁸ PERROT, M. Práticas da memória feminina. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 9, n.º 18, p.09-18, ago/set-89.

Essa maneira peculiar das mulheres de narrar a história é confirmada por Perrot ao esclarecer que as formas de registro das mulheres estão ligadas à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade. Conforme a historiadora, diante das circunstâncias do passado, as mulheres daquela época e, ao que permanece delas nas mulheres de hoje, centram suas memórias no privado, voltadas para a família e o íntimo, dos quais elas foram, de alguma maneira, responsáveis por convenção e posição. Às mulheres cabe ainda hoje conservar os rastros das infâncias por elas governadas, a transmissão das histórias de família, feita freqüentemente de mãe para filha. É desse modo que, *“na rememoração, as mulheres são (...)os porta-vozes da vida privada”*.

Foi com essa compreensão que me interessei por apreender, pelo olhar e lembranças femininas, como a cultura de uma época influenciou na organização da família, atribuindo significados e produzindo valores às práticas cotidianas de socialização da mulher. Ao mesmo tempo, buscava conhecer as representações dessas ações para as mulheres, educadas num momento histórico e cultural de grande expressão na vida do país, tanto pelo autoritarismo e repressão instalados, como pelas mudanças culturais que aqui chegavam, além das alterações na esfera econômica que, gradativamente, iam abrindo espaço para a mulher no mercado de trabalho.

No estudo trabalhei com duas gerações de famílias, com o objetivo de apreender como as mulheres, pertencentes aos segmentos médios e nascidas na década de 60, construíam o presente e projetavam o futuro. As recordações que emergiram das histórias trouxeram aspectos do passado que, embora não sejam representações exatas sobre ele, revelam as formas pelas quais essas mulheres foram construindo suas subjetividades, ancoradas nas experiências familiares e em outras que aconteciam em diversos campos no país. As narrativas do presente expõem o relacionamento deste grupo com suas famílias de constituição e com outros grupos de referência, bastante valorizados neste universo, pelo estilo de vida que cultivam. Pensando o presente, sonham com um futuro melhor, no qual a busca por uma vida com qualidade é o argumento mais utilizado na construção de novos projetos. Nestes projetos, dois aspectos são mais enfatizados: o investimento na carreira e as preocupações com os filhos. Nas relações em que se movem, as entrevistadas vão narrando suas biografias utilizando a memória como recurso para recuperar suas recordações, repletas de significados, aqui analisados pelo método da História Oral.

A História Oral, conforme Pollak¹⁹, privilegia a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, ressaltando o que denomina de “*memórias subterrâneas*” que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “*memória oficial*”. Foi assim com o ressurgimento do movimento feminista, quando as mulheres conseguiram tornar visíveis suas reivindicações, recuperando a história de dominação e discriminação a elas imposta. No processo de denúncia, foram sendo re-construídos os fatos históricos que demarcaram o espaço feminino, sempre repostos ao mundo doméstico, tornando possível a compreensão dos padrões morais definidores da mulher como cidadã de segunda categoria e a superação desse lugar, pelo fazer-se com outra identidade social.

A ligação entre ética e História Oral transparece nos procedimentos metodológicos e técnicos: na necessidade de ser fiel não apenas às palavras, mas ao sentido da entrevista; de explicitar para os sujeitos da pesquisa os objetivos do estudo e possíveis usos que se fará da entrevista; no respeito às solicitações dos entrevistados, como o resguardo de suas identidades; na diferenciação de cada pessoa, evitando a homogeneização num todo indiferenciado. Em seus estudos sobre o tema, Portelli²⁰ argumenta sobre a necessidade de se atentar para as normas éticas básicas que este trabalho exige e que implicam em respeito para com aqueles que nos prestam informações.

Por tecer considerações muito importantes sobre os procedimentos éticos em pesquisa, o pensamento de Portelli sobressai nessa discussão. Um dos aspectos essenciais a que o historiador se refere é o de que o respeito ao outro insere-se na arte essencial de saber ouvir. Para ele,

“Se ouvirmos e mantivermos flexível nossa pauta de trabalho, a fim de incluir não apenas o que acreditamos querer ouvir, mas também o que a outra pessoa considera importante dizer, nossas descobertas sempre vão superar nossas expectativas”.

Atentar-se para outros significativos que os sujeitos da pesquisa revelam é, portanto, tão importante quanto aquilo que se destaca como essencial na investigação, já que podem revelar outros fatos de interesse no desvelamento do tema, que até então não foram percebidos como essenciais no estudo. O historiador explicita quem são os sujeitos da pesquisa com História Oral que interessa ouvir.

¹⁹ POLLAK, M. Memória e esquecimento. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro vol. 2, n.º 3, p.3-15, 1989.

²⁰ PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética e História Oral. In: *Revista Projeto História*, São Paulo n.º 15, p.13-49, abr/97.

“Ouvir aqueles que não foram ouvidos – as pessoas comuns, os trabalhadores, os pobres e os marginalizados, os homossexuais, os negros, as mulheres, os colonizados”.

O grande objetivo da História Oral é possibilitar o conhecimento histórico pela visão dos excluídos, daqueles que nunca puderam se expressar. Baum²¹, ao avaliar as qualidades essenciais do pesquisador, considera que deve ser alguém com condições de sentar-se calmamente e escutar, dispondo-se a deixar o narrador expressar uma opinião contra a sua, sem sentir vontade de o contradizer ou de tentar modificar seu pensamento, sem ter receio de interromper em determinado momento com uma pergunta ou comentário. Ao pesquisador é fundamental, ainda, estar alerta e ser bastante perspicaz para reconhecer quando o narrador aborda um assunto não planejado, mas importante, sendo capaz de acompanhar este novo assunto com interesse e perguntas.

O envolvimento do pesquisador é outro ponto que merece atenção. Portelli defende que se estabeleça uma relação mais próxima, de horizontalidade, na qual o entrevistador também se mostra como pessoa que tem genuíno interesse no outro e quer aprender com suas narrativas, significando a mutualidade como condição básica para a realização de entrevistas com História Oral.

A memória é também um aspecto que precisa ser profundamente compreendido neste tipo de pesquisa. O processo de recuperação da memória é acima de tudo individual, *“pois o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais”*²². A memória é compreendida, por Portelli, como um vasto campo de recordações que podem se assemelhar, contradizer ou sobrepor, mas jamais se igualar às memórias de outro ser humano. Por isso defende cautela ao situá-la fora do sujeito, o que não significa que seu uso não vise localizá-la no coletivo. A idéia de um mosaico, em que fragmentos diferentes da realidade possam aos poucos constituir uma totalidade coerente, exprime bem esse pensamento.

O trabalho com História Oral permite conhecer diferentes versões sobre um mesmo período ou fato histórico que serão marcadas pela posição social daqueles que vivem e narram os acontecimentos. Por isso, para Portelli,

²¹ BAUM, W.K., apud CORRÊA, C.H. P. *História Oral (teoria e técnica)*. UFSC, Florianópolis: UFSC, 1978.

²² PORTELLI, A. *Tentando aprender um pouquinho*. Op. Cit, p.16.

"A História Oral e as memórias (...), não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias"²³.

A escolha pelo trabalho com essa metodologia foi assim coerente com os objetivos do estudo proposto, já que a pesquisa qualitativa com História Oral permite conhecer a realidade passada e presente, pela experiência e pela voz daqueles que a viveram, informando sobre o cotidiano e a cultura de grupos sociais cujos relatos não são alcançados pela história escrita.

A técnica utilizada na pesquisa foi a História de Vida, quando o entrevistado é convidado a narrar de forma livre sua vida, destacando suas próprias lembranças, ordenamento e selecionando o que quer relatar. A riqueza da história relatada dependerá do depoimento do entrevistado, do que ele revela e aceita contar de suas experiências de vida, pois ao pesquisador cabe intervir o mínimo necessário neste tipo de entrevista.

Para Queiroz²⁴, a auto-censura e a autopromoção, ou ambas, estão sempre presentes no relacionamento, já que a coleta de histórias de vida encontra forçosamente esta limitação e fonte de desvios. Contudo, cabe ressaltar que é o pesquisador o maior responsável pelas informações obtidas, já que ele é quem seleciona as pessoas que participarão da pesquisa e a ele cabe fazer intervenções que auxiliem na clarificação do tema proposto, criando um ambiente amistoso e propício à narrativa, assim como a ele cabe o trabalho de organização e análise dos conteúdos das entrevistas. A verdade histórica dos acontecimentos exige a pesquisa com pessoas associada a outras fontes de dados, necessária e indispensável, já que, como afirma Queiroz, as narrativas pessoais esclarecem essencialmente as mentalidades.

O uso de pesquisas qualitativas como campo de conhecimento vem sendo feito no Serviço Social de forma bastante freqüente, em estudos sobre instituições e segmentos populacionais, como possibilidade de interpretar a realidade examinada. Essa opção está relacionada ao método dialético de análise em que se apoia este tipo de investigação, pois permite identificar os diversos aspectos do objeto de estudo, contrapondo os dados obtidos aos modelos mais amplos da sociedade e analisando-os com base nos fatores sociais, econômicos, políticos e culturais que estão presentes no estudos dos fenômenos sociais.

Cabe ressaltar que a opção pelo uso de abordagens qualitativas no Serviço Social não significa, como destaca Martinelli, colocar num plano secundário a pesquisa quantitativa, já que

²³ PORTELLI, A. A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: *Revista Tempo*, Rio de Janeiro: UFF, n.º 2, p.1-13, dez/96.

²⁴ QUEIROZ, M. I. P. *Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1991.

ela é *"importante para dimensionar os problemas com os quais trabalhamos, para nos trazer grandes retratos da realidade, mas é insuficiente para trazer as concepções dos sujeitos"*²⁵. Pesquisadora da história social dos sujeitos de nossa prática, esta autora avalia que é fundamental a busca de novas metodologias que procurem desvendar os significados e avaliar a interpretação das informações fornecidas, buscando os sujeitos e suas histórias. Com essa convicção foi que enveredei pelos caminhos da pesquisa qualitativa, trabalhando com História Oral e a técnica de História de Vida, como possibilidades de melhor conhecer, pela memória feminina, modos de vida de mulheres e suas famílias que, no processo de produção e reprodução cultural, revelam seus sentimentos, valores, crenças e práticas sociais do cotidiano.

O objetivo desta pesquisa foi analisar as transformações que estão ocorrendo na educação feminina, através das histórias de vida de mulheres de camadas médias intelectualizadas, residentes na cidade de São Paulo, tendo a família como agente socializador privilegiado, reconhecida no contexto mais amplo da sociedade. A investigação das mudanças e permanências nos padrões de comportamento feminino abrangeu o período de trinta anos - 1960 a 1990-, procurando indicar perspectivas para o futuro próximo. Esse período foi destacado pela riqueza que comportou em termos de mudanças, sem dúvida revolucionárias no que tange aos novos valores absorvidos e na alteração de normas e obrigações familiares, criando uma consciência afetiva e moral diversa dos anos 60.

A mudança política radical implantada em 1964 com a ditadura militar e suas repercussões na família também foi alvo deste estudo, pelo que significou para a subjetividade e sociabilidade de toda uma nação. Mas, além da atenção naquele momento, interessou compreender as marcas que o autoritarismo deixou na mentalidade de toda uma geração nascida sob o signo da opressão. A análise procurou enfatizar ainda as mudanças econômicas do período, por sua influência no aumento da força de trabalho feminina ocupada, favorecendo outras transformações que repercutiram nas subjetividades femininas e na família.

2. Sobre as entrevistas e os sujeitos da pesquisa

²⁵ MARTINELLI, M. L. O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em Serviço Social. In: *Cadernos do NEPI-Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Identidade*, São Paulo: PEPGSS/PUC, n.º 1, p.12-18, mai/94.

A pesquisa foi realizada com mulheres que trabalham como professoras universitárias, cursando ou tendo cursado o pós-graduação, apesar de todas as entrevistadas exercerem, no momento da entrevista, mais de uma função no mercado de trabalho. A escolha por mulheres intelectualizadas, intermediárias na transmissão de cultura a um grupo também específico – alunos cursando a graduação, objetivou conhecer possíveis alterações na relação professora-aluno nos cursos superiores, numa profissão cada vez mais feminizada e em um momento de ênfase no capital cultural.

Não sendo meu objetivo aprofundar a relação pedagógica, mas os padrões de conduta, as narradoras falaram pouco sobre a função de professora, enfatizando mais a ação pedagógica na inter-relação com gênero destacando sobretudo as relações de gênero na geração mais jovem.

“Como professora eu sempre tento passar para as alunas/alunos que o tempo somos nós que fazemos. Eu sou muito sincera e procuro sempre passar coisas que são verdadeiras, a questão da ética pela minha postura inclusive, falo das minhas limitações, não mascaro isso. Tenho uma relação não autoritária e tranqüila com os alunos, sem confrontos, porque não considero isso bom pela minha experiência acadêmica”. (Depoimento de Gabriela)

“Na escola o que sinto é que de forma geral, os melhores alunos são as mulheres. Elas estudam mais, são mais responsáveis. Sempre gostei de ter mais estagiárias do que estagiários, embora tenha alguns estagiários brilhantes também, mas em geral as mulheres são mais dedicadas. Talvez pela necessidade de serem melhores no mercado de trabalho elas tenham que ser mais dedicadas e responsáveis”. (Depoimento de Laura)

“Como professora também não vejo diferença [refere-se a discriminação no trabalho]. Na PUC a diferença passa por ser uma pessoa conhecida ou não e não o sexo do professor. Talvez os alunos façam um pouco essa discriminação, confiam e respeitam mais um homem do que uma mulher. Mesmo porque, na minha área, os mais famosos são homens. Já fui estudante e auxiliar na PUC e via bem essa diferença pelos comentários dos alunos. Na São Marcos não tem esse problema. Os alunos lá não estão preocupados em ter um professor famoso, querem aprender Direito e se formar”. (Depoimento de Carol)

“Eu gosto de dar aulas, porque tenho contato com os alunos. Eles são muito mais livres. Esse ano tenho dado aulas para as faculdades de matemática e engenharia e tenho tido mais alunos homens. Até uns anos atrás, quando dava aulas na FAAP, era mais difícil como professora enfrentar uma sala de aula. Hoje, acho que

isso não é visto como importante, os alunos me tratam melhor. Toda vez que tenho problema com alunos, são mulheres. Problemas de indisciplina, implicância, de não entregar trabalho. Mas em compensação, os melhores alunos são mulheres, são mais dedicadas. Pode ser um machismo meu, mas acho que a mulher está sempre mais à frente em algumas coisas". (Depoimento de Ruth)

Outro fator definidor da pesquisa foi a renda familiar. A renda em si não caracteriza o estilo de vida das camadas médias, mas determina o padrão de consumo, na medida em que permite maior acesso a determinados bens e serviços. Como este estudo quis focalizar o estilo de vida desses estratos, foi incluído o critério de renda, selecionando mulheres que apresentavam renda familiar acima de 20 salários mínimos. A estes indicadores foram acrescentados o que alguns autores consideram como traços mais fluídos e difíceis de aprender, como os padrões de consumo, os estilos de vida e os gostos de modo geral. Conforme Featherstone²⁶, a expressão "*estilo de vida*" na cultura de consumo contemporânea designa individualidade, auto-expressão e uma consciência de si estilizada. O autor destaca a importância dos aspectos que envolvem o consumo e que não podem ser compreendidos apenas como valores materiais utilitários, já que o que o norteia são os signos e as imagens que aboliram a distinção entre o real e o imaginário.

Essa mesma ênfase pode ser encontrada nos estudos de diversos autores que trabalham com camadas médias urbanas²⁷. Nas pesquisas com este universo, estudiosos do tema vêm considerando que o investimento no consumo de bens simbólicos como o lazer, o cinema, o teatro ou aparelhagens eletrônicas, delimita as fronteiras entre as diferentes camadas sociais ou entre grupos que se auto-classificam como tal, a partir de uma identidade comum. Alvo dessa pesquisa, por isso mesmo é a categoria trabalho, significativa como fator propulsor de mudanças na ampliação dos papéis desempenhados pelas mulheres. O trabalho possui um significado diferente para aquelas que puderam escolher uma profissão e a vivem como realização de um projeto individual. Com afirma Guiddens²⁸, não é só o consumo que define o estilo de vida, mas também o trabalho, a escolha da profissão. As narrativas das entrevistadas revelam essas possibilidades que têm o recorte de classe.

²⁶ FEATHERSTONE, M. Estilo de vida e consumo. In: *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

²⁷ Ver a respeito a pesquisa desenvolvida por Cristina Bruschini sobre o assunto. Nela a pesquisadora examina o trabalho de autores que tratam de estudos sobre os valores das camadas médias urbanas. In: *Mulher, casa e família*. São Paulo: FCC/Vértice, 1990.

²⁸ GUIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.

"Nunca passou pela minha cabeça deixar o meu trabalho porque tenho filhas.

*"Sempre achei que meu trabalho é importante, nunca conseguiria ficar em casa, só cuidando de filhos. Os filhos para mim são um tesouro, uma coisa muito importante. Adoro minhas filhas(...) Mas ao mesmo tempo eu tenho meus projetos pessoais. Eu quero continuar trabalhando, tenho vontade de fazer Direito ainda, tem várias coisas que eu gostaria de fazer e que são independentes da minha família". (Depoimento de **Gabriela**)*

*"Pela profissão tenho oportunidade de conhecer pessoas que têm afinidades comigo, trocar idéias, realizar trabalhos junto". (Depoimento de **Teresa Lobo**)*

*"Na PUC, logo depois de formada, fui convidada por um professor para dar aulas, como monitora primeiro, e em 1986 passei a auxiliar de ensino. Em 1992, já com o mestrado, prestei concurso e entrei na carreira de professora. Agora faço o doutorado e tenho a minha própria turma. Dou aulas também na faculdade de Direito da São Marcos". (Depoimento de **Carol**)*

*"Como ele [o marido] é um executivo, tem muitos compromissos da empresa, jantares ou uma viagem. Às vezes, ele me chama e não posso ir, porque estou dando aula. Tudo isso para mim é muito natural, mas para ele não. Ele fica dizendo que eu não devia continuar dando aulas, que ganho pouco, que se ficasse em casa era mais lucrativo, podíamos sair. Eu confesso que gostaria de sair mais, mas não posso deixar de dar aulas por isso. Não tenho vontade, não faço isso contra, mas porque gosto de fazer". (Depoimento de **Barbara Ramos**)*

O trabalho é valorizado porque dele decorrem satisfações pessoais na construção de projetos que não estão articulados diretamente ao projeto familiar. Ele permite constituir novas relações sociais, além de viabilizar estratégias de investimento na carreira. É em si um valor e como tal, independe do ganho, faz parte do gosto de classe e se vincula à posição social. Bourdieu²⁹, em seus estudos sobre estilos de vida e classes sociais, afirma que o gosto não é natural, mas aprendido como aquisição cultural no processo de socialização. É produto da educação, da cultura que adquirimos durante toda a vida, primeiro na família, em que se dá quase que de forma natural e espontânea. Mais tarde, pelo processo de ação pedagógica na escola. Este aprendizado do valor do trabalho foi incorporado pelas famílias desse segmento a partir das décadas de 70 e 80, como resultado dos novos valores que passaram a guiar a educação feminina.

²⁹ BOURDIEU, P. Gostos de classe. In: *Sociologia*, São Paulo: Ática, 1983.

Outros dois critérios definiram o perfil dos sujeitos desta pesquisa: mulheres que tivessem constituído família e com pelo menos uma filha. O que interessava neste estudo não era o tipo de união que o casal formara, mas o fato de viverem juntos, partilhando um projeto familiar. Isto foi fundamental para o entendimento das mudanças e permanências nos papéis de família. O destaque para a presença de filhas está relacionado à importância de apreender as novas concepções que norteiam as mulheres na socialização dos filhos, com ênfase na educação das meninas.

2.1. Caracterização do universo pesquisado

A composição dos sujeitos da pesquisa foi pensada inicialmente por uma escolha de amostragem aleatória, com mulheres que estivessem cursando, ou houvessem cursado, o pós-graduação na USP ou na PUC, pelo reconhecimento nacional do grau de excelência destas universidades. A opção centrou-se nas áreas de Ciências Humanas, Jurídicas e Econômicas. Com a convicção de que a formação nestas áreas inclui uma bagagem de conhecimentos sobre o ser humano e suas experiências de vida, considerei que este dado possibilitaria uma visão de mundo mais ampla nas recordações dos acontecimentos da esfera pública e privada, procurando evitar um grupo muito homogêneo. Assim, apesar de todas estarem em uma profissão que vem tendendo a apresentar um perfil mais feminino, mesmo no meio universitário, procurei diversificar as categorias profissionais que incluíram: Direito, Serviço Social, Economia, Jornalismo/Comunicação e Dança, História e Psicologia/Psicanálise.

A pesquisa foi realizada apenas na PUC/SP, pela inserção que esta universidade sempre teve na história do país, mostrando-se esta escolha posteriormente, compatível com as histórias das narradoras. Do conjunto de dados colhidos nas secretarias das faculdades e nos contatos realizados, foram contactadas inicialmente vinte e cinco mulheres. Embora houvesse boa receptividade, somente sete pessoas foram visitadas para explicitar o objetivo da pesquisa, pois as demais não preenchiam totalmente os critérios definidos para a pesquisa e destas uma não pode permanecer na pesquisa, porque não estava totalmente dentro dos critérios propostos.

Para cada pessoa a ser entrevistada foi entregue uma ficha de caracterização com a proposta de colher informações pessoais sobre as famílias e sobre as narradoras, devolvidas posteriormente, na entrevista. A ficha apresentou os seguintes dados:

- ◆ **Dados sobre a entrevistada:** nome (fictício), idade, naturalidade e nacionalidade, estado civil, tempo de casada (ou de união consensual), tempo de formada na graduação, tempo de formada no pós-graduação, tempo que exerce a (as) profissão (es), carga horária semanal e religião.
- ◆ **Dados sobre o marido e filhos:** marido - nome (fictício), idade, naturalidade e nacionalidade, formação acadêmica, profissão e ocupação, religião.
Filhos: sexo, idade, escolaridade, se estudam em escola pública ou privada e outras atividades que participam.
- ◆ **Dados sobre a família de origem:** dados sobre os pais– naturalidade e nacionalidade, idade, grau de instrução, profissão e ocupação, religião, número de filhos, idade e sexo destes.
- ◆ **Dados sobre a situação familiar:** renda familiar, tipo de moradia (casa ou apartamento), condição da moradia (própria, alugada ou cedida), número de dormitórios, bairro em que reside, número de telefones, número de automóveis, empregada doméstica – quantidade (mensalista/diarista).
- ◆ **Outros dados** que a entrevistada quisesse informar.

Estes dados buscaram conhecer o estilo de vida das narradoras e de suas famílias, procurando construir as ligações entre o passado e o presente. Para as entrevistas foi utilizado um roteiro, previamente discutido no contato inicial, com a finalidade de nortear as narrativas. O fato de não conhecer as entrevistadas (somente uma era conhecida, mas nossos contatos se situavam apenas no campo profissional), me inclinou a tentar estabelecer um vínculo de confiança inicial e os tópicos para entrevista serviram como um ponto de apoio nestes primeiros encontros. Por meio da explicitação do que queria conhecer e das conversas que íamos travando sobre o tema, foram sendo construídos laços de confiança e diminuindo a expectativa e o receio de falar de suas vidas na pesquisa.

Os tópicos que serviram de fundamento para a entrevista foram:

- ◆ **A família de origem**
Educação na infância e na adolescência;

Divisão de tarefas e papéis na família;
Representações dos pais com relação aos sexos;
Percepção do ambiente familiar;
Percepção do seu espaço na família – participação na decisões familiares;
Visão da entrevistada sobre a família com relação ao modelo de família que esta apresentava.

◆ **Vivências na infância e adolescência**

Amizades, estudo e lazer ;
Religiosidade;
Ambiente social e político da época;
Influências mais fortes na identidade feminina;
Planos.

◆ **A família de constituição**

Casamento e chegada dos filhos;
Visão do casamento e da família;
Divisão de tarefas e papéis na família;
Aspectos relevantes na educação dos filhos – meninos e meninas;
Estudo, trabalho, amizades e lazer na relação com a família,
Religiosidade na vida adulta;
Vida social e política.

◆ **Vivências enquanto mulher**

A relação com o corpo;
Sexualidade;
Percepção de si e de como a percebem;
Percepção das diferenças que constroem os gêneros;
Percepção do trabalho feminino;
Percepção do movimento de mulheres com relação às mudanças que ocorreram nos padrões de comportamento;
Avaliação das continuidades e mudanças na educação feminina;
Participação em órgãos de classe/congressos e eventos da categoria;
Leituras - tipo de leitura preferida.

O uso de um roteiro teve por objetivo ajudar as entrevistadas no trabalho da memória, para facilitar as lembranças de suas trajetórias familiares, mas, ao mesmo tempo, buscou orientar os depoimentos em torno de um eixo de reflexão que, do passado ao presente, tinha por referência o processo de socialização feminina. O roteiro manteve a flexibilidade necessária para acolher outros significativos que as narradoras indicassem, respeitando seu ritmo e a forma como iam construindo suas narrativas.

2.1.1 Os Contatos Iniciais: o caminho percorrido

Estabelecer contatos em pesquisas com pessoas com as quais não temos nenhum tipo de vínculo é sempre muito difícil e o fato de estar tentando estabelecer uma relação com mulheres que também viveram, vivem ou vão viver em algum momento de suas pesquisas essa necessidade, não eliminava o receio de estar sendo incômoda, invadindo sua privacidade. Todos os cuidados por isso foram tomados, procurando não apenas explicitar a proposta da pesquisa e a relevância da participação das narradoras, mas também e acima de tudo deixando claras as questões éticas que envolvem esse tipo de investigação, conforme foi analisado anteriormente.

Talvez por isso, os problemas que enfrentei foram muito mais ligados à disponibilidade de tempo das entrevistadas, todas com mais de um filho e trabalhando em mais de um emprego. Por causa disso, estabeleci desde o primeiro contato que a elas caberia definir o melhor dia, horário e local para conversarmos, o tempo mínimo da entrevista com esse tipo de técnica (em geral de duas a quatro horas), a possibilidade de haver um retorno para complementação de informações, o ambiente mais propício para os depoimentos e os novos contatos que seriam necessários após a transcrição das fitas para que dessem o consentimento de uso do material gravado.

A idéia inicial foi de realizar uma reunião com todas as entrevistadas para esclarecimento do projeto, mas esta proposta foi postergada face às dificuldades de tempo que todas as entrevistadas apresentavam. Este encontro, a meu ver, seria excelente no estabelecimento de trocas e vínculos afetivos, em um estudo que trabalha as relações de gênero.

O primeiro contato pessoal tendeu à formalidade, de minha parte, porque temia uma negativa das possíveis entrevistadas, caso não fossem suficientemente esclarecidas sobre o uso a ser feito de suas experiências de vida. Após explicitar a pesquisa e discorrer sobre os dois

documentos: ficha de caracterização e roteiro da entrevista, abria espaço para que falassem sobre seus sentimentos em participar da pesquisa. O resultado foi extremamente prazeroso, na medida em que aquelas mulheres que haviam me recebido com algum receio e certa ansiedade passavam a falar livremente sobre si, iniciando, já naquele momento, as narrativas sobre alguns aspectos de suas vidas, ao mesmo tempo que teciam considerações sobre a importância da pesquisa.

Os contatos e entrevistas foram realizados nos locais escolhidos pelas entrevistadas, de acordo com suas disponibilidades. As descrições de como foram esses encontros podem ajudar na compreensão do ambiente que foi sendo criado para viabilizar narrativas mais extensas, com conteúdos que versavam sobre a vida íntima de cada informante, explicitando também suas percepções sobre o cenário político-social e cultural que viveram no passado, vivem no presente e projetam para o futuro.

□ **Gabriela** – o contato inicial foi em sua casa, quando conheci seu marido e as três filhas pequenas do casal. Toda a família me esperava com certa curiosidade e ansiedade. O marido, Pedro, cuidou das filhas para que pudéssemos conversar sem interferências e a pedido de Gabriela, visando evitar interrupções das crianças, a entrevista foi feita em meu apartamento. No dia da entrevista, Pedro também ficou com as crianças para que ela pudesse participar. Pedro e as crianças mostravam-se felizes por Gabriela estar participando da pesquisa.

A residência da família é simples e, por não ser o apartamento muito grande, o casal procura dividir os espaços físicos de forma a não tirar a liberdade das crianças, preservando o seu de possíveis “invasões” infantis. A entrevista durou cerca de duas horas e meia.

□ **Teresa Lobo** – a seu pedido, o contato inicial foi na PUC, local onde Teresa leciona, por considerar que em sua casa não teria muita privacidade pelas interrupções dos filhos: um menino e duas meninas, todos pré-adolescentes. A entrevista por isso também foi em meu apartamento, em um horário de intervalo entre suas atividades como professora e a preparação para buscar os filhos em suas respectivas escolas. Acredito que o ambiente mais silencioso ajudou a descontrair a conversa, embora Teresa demonstrasse estar muito preocupada com sua finalização para buscar os filhos em suas atividades. A entrevista durou cerca de duas horas e meia.

□ **Laura** – tanto o contato inicial, como a entrevista foram feitos em seu apartamento, com a presença do marido e filhos: um menino e uma menina. O marido ficou tomando conta do

filho que, por ser maior, poderia interferir durante a entrevista. A menina, ainda bebê, ficou sob os cuidados da empregada. A acolhida de Laura foi muito boa, mostrando-se motivada em narrar sua vida, sempre com muito humor e profundamente envolvida em sua história familiar. Seu depoimento mostra o quanto a vida na família de origem e na de constituição, lhe é gratificante, demonstrando poder passar horas falando sobre suas lembranças e planos atuais.

O apartamento da família é amplo e bem decorado, com muitos retratos dos filhos. A entrevista levou cerca de três horas, porque fomos interrompidas, caso contrário acredito que Laura passaria todo o dia narrando suas experiências.

□ **Carol** – os diversos contatos e a entrevista foram feitos no escritório de advocacia que divide com o marido. A necessidade de estabelecer vários contatos deveu-se a impedimentos de saúde da entrevistada que inviabilizaram os encontros marcados. Carol mostrou-se muito receptiva em participar da entrevista e escolheu seu escritório como local mais apropriado, por considerar que acaba por dispor de mais tempo ali do que quando está em casa. Seu marido, Luiz, também demonstrou interesse pela pesquisa e satisfação por sua mulher ter sido escolhida para o estudo. Todos os cuidados para que ela não fosse interrompida na entrevista e a posterior entrega do material transcrito e autorizado foram feitos por ele. A entrevista oscilou em alguns momentos para a formalidade, diferente do contato inicial em que Carol mostrava-se mais à vontade. Acredito que a presença do gravador, para uma profissional que conhece a fundo o mau uso deste instrumento, tenha dificultado uma narrativa mais livre.

O escritório do casal fica no centro da cidade, próximo à Praça do Correio, área mais antiga da cidade, em um prédio comercial. As salas não apresentam decoração alguma, apenas móveis de escritório, sendo que tudo é muito funcional, representando talvez a própria pessoa que Carol diz ser: simples e prática. A entrevista durou cerca de duas horas e meia.

□ **Bárbara Ramos** – o contato e a entrevista aconteceram no apartamento da entrevistada, ambos em finais de semana. A receptividade de Bárbara foi desde o início muito boa, procurando se informar sobre a pesquisa, que lhe interessou de forma especial. O tema foi considerado instigante, porque também estudou as relações de gênero no que se refere ao papel da mãe, no período em que cursou o mestrado há alguns anos. Mais tarde, interrompeu o curso, retomando-o recentemente, embora não mais voltada para a pesquisa sobre gênero.

As três filhas de Bárbara são adolescentes e passaram rapidamente pelo local da entrevista, evitando interrompe-la. O marido não estava no apartamento em nenhuma das vezes. Bárbara pertence à classe média alta e o apartamento em que reside difere dos demais

entrevistadas por localizar-se em um prédio de alto padrão, com um apartamento por andar, muito bem decorado.

A entrevista foi a mais longa de todas, com duração de quatro horas, porque a encaminhei para o encerramento. Bárbara falou de si e de sua família por horas, sem demonstrar cansaço, nem qualquer constrangimento. Ao final da entrevista Bárbara fez uma observação que parece bastante instigante para pesquisadores que trabalham com História Oral. Percebendo o quanto tinha falado, inclusive de aspectos muito íntimos, considerou que isso se deveu à forma como foi conduzida a entrevista, sem censura, interrupções em demasia e com intervenções que apenas procuravam ajudá-la a clarificar melhor suas abordagens. De fato, o que fiz foi obedecer o princípio que deve orientar esse tipo de entrevista, em que o essencial é saber ouvir atenta e respeitosamente o que o narrador tem a contar sobre os fatos.

□ **Ruth** - de todas as entrevistadas Ruth foi aquela que apresentou maior dificuldade de conciliação de horários. Com dois filhos pequenos, uma menina e um menino, lecionando e viajando semanalmente a trabalho, desde o primeiro contato mostrou-se interessada em participar da pesquisa, mas não conseguíamos viabilizar horários. O contato inicial e a entrevista foram feitos em meu apartamento muito mais pelo desejo da narradora de me facilitar a coleta de dados. Ambos os encontros foram muito tranquilos, com a entrevistada extremamente à vontade, já que, como historiadora, trabalha com esse tipo de pesquisa, além de fazer terapia e gostar muito de conversar sobre si sem qualquer censura.

Apesar disso, foi a primeira vez que participou de uma pesquisa em que falou de sua história e isso parece ter sido tão importante para ela que ao final, às três e meia da madrugada de uma segunda-feira, Ruth assim se expressou: *“Engraçado, consegui verbalizar isso, nunca nesse período eu tinha verbalizado esse final [da entrevista]. Acho que quando olhamos nossa trajetória é muito bom, vão sendo apontadas algumas conclusões, traz uma ‘moral da história’. É uma boa oportunidade de pensar como fomos tocando nossas vidas”*.

2.1.2. As entrevistas

A apresentação das entrevistadas segue a ordem em que foram realizadas as entrevistas, como foi feito em todo o trabalho. Os nomes apresentados são todos fictícios, escolhidos pelas entrevistadas ou por seus filhos, e objetivaram preservar a privacidade das

narradoras. Cada nome, contudo, tem uma história que será revelada no decorrer das apresentações. As informações pessoais referem-se às declarações das entrevistadas à época de cada entrevista. Posteriormente, soube que algumas vivem hoje outras situações que incluem mudanças de residência, perdas de parentes e mudança de emprego. Entretanto, os dados não foram alterados para evitar possíveis deturpações.

Gabriela tem 34 anos, nasceu em Presidente Prudente (SP) e está casada há oito anos com Pedro, 35 anos, que nasceu em Londrina (PR). Formada em Serviço Social há doze anos pela Universidade Estadual de Londrina, cursou o Mestrado em Serviço Social na PUC/SP há três anos. Ainda não decidiu quanto ao investimento que pretende fazer em seus estudos, se faz o doutorado em Serviço Social ou retoma o curso de Direito que havia começado na época em que fez Serviço Social.

É professora no curso de Serviço Social em uma faculdade particular e exerce a profissão de assistente social em instituição particular. Como assistente social trabalha há doze anos na profissão e como professora há três anos, na mesma universidade. Relata uma carga horária de aproximadamente 30 horas semanais. É católica, assim como o marido Pedro, formado em Química e professor no ensino público de nível médio. A renda familiar declarada à época da entrevista foi de 20 salários mínimos.

O depoimento de Gabriela sobre sua visão de família é bastante revelador de como constrói a relação a dois.

"Família para mim é a possibilidade de compartilhar a minha vida com alguém. Eu não tenho uma visão restrita de família nuclear. Acho que são pessoas que vivem sob o mesmo teto, têm os mesmos objetivos, que compartilham problemas, alegrias. Nós compartilhamos os projetos, individuais, coletivos, mas o Pedro tem os projetos dele, sua profissão. Tem uma esfera que é dele que eu nem alcanço e nem quero interferir. Eu tenho os meus [projetos], mas temos planos juntos e sentimos que às vezes vamos precisar ceder em alguns aspectos, em favor de um projeto maior".

O casal tem três filhas, uma de seis anos, que está no Jardim de Infância III, uma de três anos que frequenta o Jardim de Infância I e uma de três meses que está no berçário. As três filhas frequentam instituições particulares e a mais velha faz natação.

Residem em apartamento próprio, financiado, construído em conjunto habitacional, com dois dormitórios, no Jardim Cupecê, bairro localizado na zona sul de São Paulo, sem infraestrutura para atividades de lazer, como praças ou clubes, não tendo sido observados equipamentos sociais na região. Possuem dois telefones e dois automóveis e contam com o

auxílio de uma empregada doméstica mensalista para cuidar das crianças e administrar os serviços da casa.

O pai de Gabriela nasceu no interior de Pernambuco, tem setenta e um anos e formou-se em advocacia, sendo aposentado atualmente. Antes de se formar em advocacia foi oficial da Polícia Militar de São Paulo. A mãe nasceu no interior de São Paulo, tem sessenta e cinco anos e possui o 2º grau completo. É funcionária pública aposentada, católica como o marido e tem três filhos: um homem e duas mulheres, sendo Gabriela a filha mais nova. Seus pais separaram-se recentemente, mas permaneceram residindo em Presidente Prudente, onde a família sempre manteve residência. Suas recordações da infância apresentam como destaque o espaço da mãe na família, diferenciado em suas representações de outras mulheres casadas que residiam como ela no interior. Este fato é atribuído a esta sempre ter trabalhado fora de casa, mantendo assim, sua independência financeira em relação ao marido.

“Acho que minha mãe tinha poder de decisão igual ao meu pai, até porque ela trabalhava fora. Acredito que ela era muito independente em relação às mulheres daquela época. As mães das minhas amigas eram mulheres muito submissas, esperavam o marido para ele tomar as decisões e minha mãe não agia assim”.

Gabriela escolheu para si o nome que gostaria de ter tido e o nome do marido foi escolhido por ele, segundo informou na entrevista.

Teresa Lobo tem 38 anos e nasceu na cidade de São Paulo. Vive em união consensual há quinze anos com Marcelo Lobo, 41 anos, nascido na cidade de São Paulo. Formada em Jornalismo na Cásper Líbero há dezoito anos, fez seu Mestrado há nove anos e o Doutorado há três anos, ambos na PUC/SP.

Trabalhou como jornalista por vinte anos, considerando o tempo de estudante. Há cinco anos, leciona nas disciplinas de Corpo e Comunicação, História da Dança, Teoria da Dança, Leituras do Corpo e Corpo como Mídia da Arte. As aulas são ministradas há dois anos na PUC/SP, na graduação e na pós-graduação de Semiótica. Além disso, Teresa freqüentemente é convidada para dar palestras, colabora em periódicos (jornais/revistas) e é consultora para festivais de dança. Leciona também em curso de especialização na Escola de Teatro da Universidade Estadual de Santa Catarina. Considera que trabalha semanalmente cerca de 40 horas como professora, mas não estão computadas aí as demais atividades que exerce, sendo, portanto, o seu tempo de dedicação ao trabalho bem maior.

Teresa não participa de nenhuma religião, mas refere acreditar em algo que transcenda o humano, enquanto define a religião de seu marido como sendo a católica. Marcelo formou-se em Economia e no momento trabalha em consultoria financeira. A renda familiar estava em torno de 52 salários mínimos à época da entrevista. Teresa fala pouco da relação com o marido, mas faz questão de frisar que,

“Meu marido e eu somos super amigos e, mesmo quando ele não gosta de algo tem boa vontade para entender e me apoiar”.

O casal tem três filhos: um menino de doze anos, estudante da 7ª série, uma menina de onze anos que está na 5ª série e outra de oito anos que estuda na 3ª série, todos cursando o 1º grau em instituição particular. Os três filhos fazem natação e Kung Fu.

Residem em casa própria de três dormitórios no bairro do Bexiga, tradicional bairro boêmio, localizado na região central da cidade, mas bastante deteriorado no momento, face à falta de investimentos do município na conservação e limpeza da área, que não conta também com muitos espaços e equipamentos públicos para lazer público, embora seja uma região bem servida por restaurantes, bares e transporte coletivo. Teresa declara possuir um telefone e um automóvel. Não tem empregada mensalista, apenas uma diarista que ajuda nos serviços da casa.

O pai de Teresa é chinês, mas possui dupla nacionalidade como alemão. Tem 65 anos e graduou-se em Língua Inglesa, trabalhando como professor de inglês. Não tem religião. A mãe também tem dupla nacionalidade como brasileira e americana. Tem 66 anos e graduou-se em Língua Inglesa, trabalhando antes do casamento como professora o dia inteiro. Após o casamento, parou de trabalhar quando engravidou de Teresa e só esporadicamente trabalhava. Quando as filhas saíram de casa e a mãe dela faleceu, voltou a trabalhar, porque antes era quem cuidava da mãe. A religião declarada é judaica, mas na representação da filha sua mãe não é praticante e nunca comemoraram as festas judaicas.

Seus pais tiveram duas filhas, Teresa e sua irmã mais nova, que hoje é casada e mora na França com sua família. Pode ser interessante conhecer pelas narrativas de Teresa um pouco de sua família de origem:

“Eu tenho uma irmã que é três anos mais nova que eu e mora há quatorze anos na França. Ela casou-se com um francês e foi morar lá.

Minha mãe vem de uma família mais tradicional, embora estrangeira, morou a maior parte do tempo no Brasil. Morou também nos Estados Unidos, porque o pai dela era diplomata americano, mas nasceu no Brasil. Fez faculdade em Washington.

Meu pai teve uma família extremamente problemática, houve uma diáspora na sua família com o trânsito do Oriente para o Ocidente. Meus avós se desentenderam muito na adolescência, ninguém sabe os motivos, são mistérios que rondam a infância e adolescência dele. A mãe dele desapareceu e ele nunca soube o que aconteceu. Durante anos ele procurou essa mãe e não teve nenhuma pista. Meu avô [paterno] morreu esse ano e foi uma situação difícil, pois eles ficaram sem se falar durante anos.

Há dois anos, eu fui com meu pai para o Canadá, onde meu avô estava, para eles se reencontrarem. Dei muita força para meu pai, achei que era importante, pois seria horrível meu avô morrer e ele com essa mágoa de tantos anos. Os dois conversaram, mas ficou uma coisa muito estranha na vida dele [do pai]”.

Os nomes Teresa e Marcelo Lobo foram escolhidos pela filha mais nova do casal que fez questão de acrescentar, além dos nomes, sobrenome. Este dado é repleto de significados já que na vida real Teresa e o marido têm sobrenomes diferentes, por não serem casados.

Laura tem 38 anos, nasceu na cidade de São Paulo e está casada há treze anos com Júlio, que tem 39 anos e também nasceu na cidade de São Paulo.

Formou-se em Economia pela PUC/SP há dezesseis anos e terminou o mestrado em Economia há dois anos na PUC/SP, sendo parte dos seus planos retomar o doutorado, o qual já havia iniciado como aluna especial na Politécnica da USP, interrompido quando engravidou. Conforme explicita, o investimento na formação acadêmica possui um alto valor enquanto projeto de vida pessoal.

“Quando eu perdi a Laura [gestação da filha] em 1998, pensei em fazer psicoterapia. Depois percebi que não, que tinha que ocupar meu tempo de outra forma. Achei que não conseguiria mais engravidar e resolvi começar meu doutorado. Fiz, como aluna especial, um curso na Poli sobre reestruturação industrial e regulação do setor energético, que é o que quero trabalhar daqui para frente. Fiquei interessada porque estou ligada à área de privatização e isto está mudando um pouco na estrutura industrial dos setores que estão sendo privatizados. Foi ótimo porque me arejei de novo e quando voltei das férias engravidei. Tive que ficar de repouso, foi uma gravidez muito cuidada para não perder o bebê. Pretendo no próximo semestre retomar esse curso e fazer o doutorado. Quero retomar os estudos pelas próprias exigências do mundo acadêmico e também porque é gostoso voltar e reaprender a estudar”.

Laura é professora e coordenadora de curso na faculdade de Economia da PUC, onde leciona há 13 anos. Trabalha também como assistente técnica na Assessoria de Privatização da gestão Covas desde 1995. Sua carga horária semanal de trabalho está em torno de 40 horas.

É católica, assim como seu marido Júlio, que formou-se em Direito e trabalha como Procurador do Município de São Paulo. Júlio trabalha ainda em seu escritório de advocacia, especializado em Direito Comercial (advoga para empresas), é professor na PUC, de Direito comercial, e leciona em curso preparatório para concursos e para a OAB. A renda familiar declarada foi de 20 salários mínimos.

O depoimento de Laura sobre o relacionamento de seus pais e o seu relacionamento com o marido revela a importância que atribui à família e o modo como pensa a relação a dois.

“Eu nunca vi meus pais brigarem, eles eram muito companheiros e tive essa visão de casamento. Acho que tento reproduzir isso. No nosso casamento tudo que desagrada falamos. Nós temos uma relação muito sadia e depois que nasceram os filhos isso foi num crescente. Tínhamos mais conflitos no início do casamento do que hoje, devido ao aspecto financeiro, pela necessidade de nos estabelecermos.

Eu não me vejo casando com um cara que sentasse e ficasse esperando eu servi-lo ou que não falasse suas angústias, acho que tem que ser como vivemos, de forma franca. Não que não haja problemas, às vezes um está de mau humor, ou então surgem problemas, porque somos o centro das duas famílias e todos nos procuram para resolver seus conflitos.

Nós dizemos que somos o elo emocional de todos e nem sempre queremos esse fardo e acabamos brigando mais devido a essas questões externas do que por problemas nossos. Ultimamente, desde que nosso filho nasceu, isso tem diminuído muito, mas de qualquer forma nós sempre conversamos muito, somos bem próximos e amigos”.

Júlio e Laura têm dois filhos, um menino de seis anos, que está matriculado em uma pré-escola particular e uma menina de quatro meses que frequenta creche pública (local onde Laura trabalha). O menino estuda inglês, música, faz judô e frequenta escola de esportes.

A família reside em apartamento próprio com três dormitórios na Vila Madalena, região oeste da cidade de São Paulo, sendo o bairro tradicional reduto da boêmia jovem da cidade. Contudo, a parte em que se localiza a moradia é apenas residencial, bastante arborizada e tranquila, próxima ao comércio e contando com uma ótima infra-estrutura em relação a equipamentos sociais. O casal tem dois automóveis e dois telefones e conta com o apoio de uma empregada doméstica mensalista.

O pai de Laura, falecido em 1983, nasceu na cidade de São Paulo, formou-se em Direito e era católico. A mãe também nasceu na cidade de São Paulo, tem sessenta e dois anos e cursou o 2º grau completo em escola normal. Nunca trabalhou fora, vivendo em função dos cuidados da casa e da família, contudo, para Laura, hoje sua mãe se arrepende dessa sua opção.

“Acho que até estava satisfeita com esse papel, mas hoje ela se ressentida por não ter estudado.

Mas do que ela se arrepende é de não ter seguido uma carreira que gostasse. Ela teria dado uma boa profissional, mas não teve uma visão de longo prazo. Acho que ela pensou que iria ficar com meu pai até o fim e hoje não o tem mais”.

Sua mãe é católica e teve dois filhos: Laura e seu irmão, que é solteiro, tem quarenta anos, formou-se em Medicina e trabalha como médico pediatra.

O nome Laura foi escolhido pela entrevistada em homenagem à filha que esperava na segunda gravidez e que perdeu por aborto espontâneo, o que a marcou profundamente. O nome do marido também foi escolhido por ela.

Carol tem 39 anos, nasceu na cidade de São Paulo e está casada há nove anos com Luiz, que tem 41 anos, e também nasceu na cidade de São Paulo. Formada em Direito pela PUC/SP há quinze anos, terminou o mestrado há oito anos e no momento prepara sua tese de doutorado, sendo que o pós-graduação é feito na PUC/SP.

Trabalha como advogada desde que se formou, dividindo atualmente um escritório de advocacia com o marido no centro da cidade. Dá aulas de Direito na graduação da Faculdade São Marcos e da PUC/SP, com uma carga horária semanal de 50 horas.

Carol é espírita Kardecista, a mesma religião de seu marido, e participa regularmente de ações assistenciais que a entidade que frequenta promove junto à população mais carente da cidade. Nessas ocasiões, costuma levar os filhos para que, segundo relata, comecem a perceber que existe uma outra realidade diferente da deles, mais árdua, de insegurança e pobreza.

Seu marido, Luiz, é formado em Direito, tendo sido da mesma turma de Carol na faculdade e hoje se dedica ao atendimento da clientela em seu escritório de advocacia, dividindo com a esposa os casos a serem encaminhados. A renda familiar declarada foi de 60 salários mínimos. Apesar de trabalhar muito, Carol diz sempre encontrar tempo para o lazer, compartilhado com o marido ou com os amigos.

“Quando nos casamos já estávamos maduros, não tinha nenhuma angústia pelo não vivido. A nossa relação é tranqüila nesse ponto. Também não temos ciúme do outro, somos mais amigos e não temos uma vida com impedimentos porque casamos. Quando dá para sairmos juntos, saímos, quando não dá, eu saio sozinha e ele fica com as crianças ou vice-versa. Na maior parte das vezes sou eu quem saio, porque ele é mais caseiro. Depois que casamos, fora a lua-de-mel, não viajamos mais a não ser para lugares perto, mas uma viagem mais distante não, porque ele não gosta, paga para ficar em casa. Eu já sou mais de sair para cinema, teatro ou visitar algum amigo. Há uns dois anos atrás eu saía mais, via todos os filmes, mas não posso dizer que deixei de ter uma vida própria, nem por causa do meu marido e nem devido aos filhos”.

O casal têm três filhos, um menino de oito anos, que estuda na 3ª série do 1º grau, uma menina de seis anos, que está na pré-escola e um menino de quatro anos, que frequenta o Jardim de Infância II. Os três estão em colégios particulares e fazem natação. O filho mais velho também estuda inglês.

Embora se considere uma boa mãe, Carol não aceita abrir mão de seus projetos pela família e acha que é possível conciliar filhos, vida pessoal e profissional, apesar desta sofrer limitações.

“Meus filhos são pequenos, quatro, seis e oito anos, mas não me privam. Quando menores eles reclamavam mais e eu saía me sentindo culpada, hoje não reclamam tanto. Dá para conciliar a vida pública, o lazer e os filhos. Não que eu tenha deixado de ser uma boa mãe. Cuido muito deles, gosto de acompanhar tudo que fazem na escola, me preocupo muito e gosto de brincar com eles. Não acho que me voltei mais para a carreira e deixei os filhos de lado. Deu para conciliar tudo. Mas não tenho uma carreira em que possa dizer que sou o máximo. Ela é tranqüila, não fico pensando muito em projeção, embora gostasse de ser mais conhecida, mas não é algo que eu busque”.

A família reside em apartamento cedido pelos pais de Luiz, composto de três dormitórios. O imóvel está localizado na Vila Mariana, bairro residencial, contando com ótimo comércio e espaços públicos de lazer, pertencendo à zona sul da cidade e tendo um boa infraestrutura local. O casal possui dois telefones e um automóvel e conta com a ajuda de uma empregada doméstica mensalista, para os serviços da casa e cuidados das crianças, além do apoio dado pela mãe de Carol e pelos sogros na assistência aos netos.

Seu pai nasceu em São Paulo, tem sessenta e quatro anos e estudou até o colegial. Trabalha ainda hoje como técnico de televisão. A mãe nasceu em Minas Gerais, tem sessenta e

cinco anos e possui o 1º grau incompleto. Nunca trabalhou fora, é católica como o marido, mas freqüentou durante um período a religião espírita, por influência da filha. Seus pais tiveram seis filhos, sendo três homens e três mulheres. Carol é a mais velha das filhas e relata que até hoje cobre a maior parte das despesas dos pais.

A relação afetiva e sexual do casal foi ressaltada pela entrevistada como muito satisfatória, sendo o marido aquele que se preocupa mais em tornar a vida a dois uma fonte de constante prazer. Ele é o que seduz, ela a que se deixa seduzir, reproduzindo, sem perceber, as formas socialmente estimuladas na sociedade da relação a dois pela segregação de papéis.

"...com meu marido, sempre foi tudo maravilhoso. Ele sempre está preocupado em me agradar, em tornar o ato [sexual] mais prazeroso, tem muita preocupação comigo. Conversamos muito sobre sexo, ele me faz falar sobre tudo, nossa relação é bem aberta nesse sentido. Estamos casados há bastante tempo, fora o tempo de namoro, mas sempre é bom. Acho que isso é mais devido a ele que se preocupa em realimentar a relação. Não temos um grande espaço em casa por causa dos três filhos, mas procuramos criar algum para estarmos. Agora, as crianças já estão maiores e entendem melhor que tem um espaço que é nosso".

O nome escolhido por Carol é uma referência ao apelido de sua filha e foi ela que também escolheu o nome do marido.

Bárbara Ramos tem quarenta anos, nasceu em Natal (RN) e está casada há vinte e um anos com Pedro Paulo Ramos, que tem quarenta e dois anos e também nasceu em Natal (RN). Formou-se em Psicologia há dezesseis anos no Objetivo, atual UNIP, iniciando o mestrado há dez anos, mas não o concluiu à época, retomando o curso na Psicologia Clínica da PUC/SP em 1998.

Com formação em psicanálise pela Sociedade de Psicanálise, Bárbara atende em seu consultório, localizado na mesma rua em que mora. Leciona Psicologia e é supervisora de alunos na Clínica da UNIP. Relata trabalhar em média 56 horas semanais.

É católica, mas relata que freqüenta a igreja de forma não-rígida. Seu marido, Pedro também é católico, mas não tem o hábito de participar da igreja. Pedro estudou Administração de Empresas, porém, não concluiu o curso. É executivo e trabalha desde os quinze anos de idade em uma rede de empresas da família dele. A renda da família gira em torno de 100 salários mínimos.

O casal tem três filhas, a mais velha, com dezoito anos, cursa o primeiro ano de Publicidade em universidade particular. A filha do meio tem dezesseis anos e está no 2º grau e a

terceira, com quatorze anos, estuda no 1º grau, ambas em instituições particulares. Além do estudo, participam de outras atividades: a mais velha estuda inglês e faz ginástica, a filha do meio faz curso de desenho e joga capoeira e a caçula estuda inglês, faz ginástica e tem aulas de violão.

A família reside em apartamento alugado com quatro dormitórios na região dos Jardins, área nobre da cidade de São Paulo, dotada de um amplo comércio, espaços públicos de lazer, próxima à Avenida Paulista, local onde estão concentrados cinemas, teatros, bares e restaurantes freqüentados pelos segmentos médios urbanos. Possuem três automóveis e três telefones, contando com o serviço de uma empregada doméstica diarista e duas mensalistas.

O pai de Bárbara é de origem italiana, tem sessenta e sete anos e cursou o 1º grau, sem ter finalizado o curso. É comerciante em Recife, onde reside com a esposa. A mãe da entrevistada nasceu no Rio Grande do Norte, tem sessenta e cinco anos e estudou até o 1º grau. Trabalha com o marido no comércio de alimentos desde que casaram. Ambos são católicos praticantes e Bárbara, embora também siga a mesma religião, apresenta muitas críticas à forma como os pais vivem suas crenças.

“Meus pais até hoje têm um culto pelo sofrimento, acham que ele é prazeroso, que regenera, purifica, faz de você grandioso. Eu cresci ouvindo isso, que tem que sofrer, que não pode dormir até às oito da manhã, tem que acordar cedo! Mas hoje em dia vejo que está reacendendo [a religiosidade] e por falta de tempo não me dedico mais a isso”.

Os pais de Bárbara tiveram quatro filhos: duas mulheres e dois homens. Bárbara e a irmã nasceram primeiro que os irmãos e já eram um pouco crescidas quando nasceu o primeiro irmão. A sua chegada foi vivida como uma perda imensa pelas irmãs. Perda de espaço junto à mãe e de prestígio na família, trazendo um profundo sentimento de angústia e rejeição ao novo irmão. Bárbara recorda essa fase difícil:

“Quando nasceu meu irmão, o terceiro, foi muito difícil para mim. Depois que nasci, minha mãe teve outra menina que faleceu no parto. Na verdade, ela sempre quis ter um menino. Acho que ela queria mais do que meu pai. Ela dizia que não, que precisava ter um menino porque era importante para um homem italiano ter um macho que levaria o nome da família, mas acho que ela se realizou muito. Esse meu irmão, quando nasceu, era um bebê muito bonito, chamava a atenção a beleza dele. Ela se encantou e viveu muito para ele. De todos os filhos acho que foi com quem ela teve uma relação mais grudada. Hoje, ele mora nos Estados Unidos.

A presença dele em casa foi uma coisa que mudou muito a dinâmica familiar. Mas mudou mais porque minha mãe tinha uma relação com ele muito diferente da que tinha conosco e na medida que ele foi crescendo isso foi ficando mais evidente”.

A relação da mãe, percebida por Bárbara como diferenciada junto aos filhos, marcou profundamente sua infância e piorou com a chegada do quarto filho, fazendo com que se confirmasse para ela os sentimentos de amor diversos que a mãe manifestava pelos filhos, relacionado às suas opções pelo gênero masculino.

“Minha mãe tem um apego aos filhos homens muito maior do que tem as filhas mulheres. Com eles ela sempre deu tudo, nunca exigiu muita coisa deles. Com meu irmão, que veio depois de mim, ela nem precisava exigir pelas características dele, mas o mais novo era péssimo aluno, foi o único dos filhos que não fez faculdade, que não conseguiu terminar o colegial”.

Difícil de viver, as experiências na fase da socialização primária tendem a marcar de forma mais intensa a identidade e mesmo no caso de Bárbara, psicanalista e psicanalisada, que consegue narrar essas vivências sem censura e de forma tranqüila hoje, ficaram as lembranças de uma relação materna profundamente diferenciada pelo sexo dos filhos. Essas percepções mostram que permaneceram em algum lugar os significados de um amor segregado, algo não expresso nas narrativas como desamor, mas que aparece talvez quando Bárbara fala de suas dificuldades em lidar com a imagem corporal.

“Não sei se este meu questionamento [a relação com o corpo] é apenas influenciado pelo jeito que a sociedade é hoje, ou se isso vem lá de trás. A minha mãe, quando era jovem, era uma mulher muito bonita e meu pai também, e ela tinha uma coisa de fazer muito uso da sua beleza. Impressionava muito não apenas por sua beleza física, mas pelo conjunto. Isso ficou muito forte em mim, a mulher tendo que ter um atributo físico que seja admirado pelo homem, ou pelo menos o homem que ela pretende que a admire”.

Os nomes de Bárbara e Pedro Paulo foram escolhidos por duas das filhas do casal. Bárbara se relaciona ao nome de uma música do cantor e compositor Chico Buarque, a qual a entrevistada costumava cantar. O nome Pedro Paulo foi aquele que julgaram que combinava com o escolhido para a mãe. As filhas acrescentaram o sobrenome por considerarem que assim a referência familiar ficaria mais completa.

Ruth tem 33 anos, nasceu na cidade de São Paulo e está casada há oito anos, tendo vivido com seu atual marido, Marcelo, sem oficializar a união, mais dois anos, quando se conheceram e foram morar juntos em uma república de estudantes. Antes disso, na adolescência, Ruth teve um relacionamento fixo com um namorado dessa fase que durou cinco anos e, nesse período, morou em sua casa durante um tempo e depois voltou para a casa dos pais, sendo que ele costumava freqüentar e dormir lá também, sem interferência dos pais de ambos.

Formou-se em História há dez anos pela PUC/SP e defendeu sua tese de mestrado em História na mesma universidade, há um ano. Pretendia prestar exame para o doutorado em História também na PUC, no segundo semestre do ano 2000.

Atualmente, é professora de História na faculdade Anhembi/Morumbi, trabalhando ainda como coordenadora de projetos de pesquisa no Museu da Pessoa, instituição privada que realiza serviços de resgate histórico. Considera difícil definir sua carga horária de trabalho semanal, pois viaja muito pelo país, a serviço. Como referência, avalia trabalhar, em média, 45 horas por semana.

Ruth não tem nenhuma religião, mas diz acreditar em algo que transcende o homem, uma certa espiritualidade. Talvez por isso refira a influência do marido que costuma jogar I Ching e ler o Tarô para ela. Também costuma ir em uma mãe de santo uma vez ao ano e fazer seu mapa astral.

Marcelo, seu marido, é geógrafo formado, mas trabalha como bancário, há muitos anos. Foi militante de organizações de esquerda na época da ditadura tendo sido preso e torturado no período mais negro do autoritarismo político. Elegeu-se deputado estadual pelo PT, Partido dos Trabalhadores, por dois mandatos em defesa de causas ligadas ao meio ambiente. Hoje está afastado do banco pelo Sindicato dos Bancários, trabalhando na CUT - Central Única dos Trabalhadores, na assessoria à organização de comissões de meio ambiente. A renda familiar do casal, está em torno de 60 salários mínimos.

Marcelo também não participa de nenhuma religião mas, segundo a entrevistada, é profundamente místico. Tem um outro filho de um casamento anterior, hoje cursando uma faculdade. A relação de Ruth com esse rapaz e a ex-mulher de seu marido é amigável, embora já tenha havido conflitos, motivados por ciúmes de ambos os lados, no período em que Ruth engravidou. Seu depoimento sobre essa nova fase é interessante no sentido de mostrar como

jovens casais separados e com filhos, que efetuam novos casamentos, estão construindo essas relações.

“Meu filho é apaixonado pelo filho do Marcelo e eles se dão muito bem. Acho que essa fase ajudou a que o Marcelo começasse a ser mais paterno com seu filho, no sentido do afeto que antes era mais distante. Hoje ele não vem muito em casa, porque está na faculdade, começou a namorar, tem seus amigos. Mas eu ligo para ele, meu filho às vezes dorme lá.

É normal [a relação], a ex-mulher dele não é uma grande amiga minha, mas gosto dela, acho uma mulher interessante”.

Ruth e Marcelo têm dois filhos, um menino de seis anos que está na pré-escola, e uma menina de três anos, que frequenta o equivalente ao Jardim de Infância, ambas as instituições particulares. O menino faz natação, oficina de artes e música e frequenta escola de futebol.

A família reside em casa própria no bairro da Pompéia, com três dormitórios. O bairro localizado na região oeste da cidade de São Paulo, tradicionalmente residencial, vem sendo invadido nas últimas décadas pelo comércio de forma não planejada, o que se, de um lado, favorece a vida dos moradores, de outro, pela forma desordenada de sua ocupação, descaracteriza a região, criando um ambiente menos tranquilo. O casal possui dois telefones e um automóvel e conta com a ajuda de duas empregadas mensalistas.

O pai da entrevistada é natural de São Paulo, tem cinquenta e nove anos e cursou o 2º grau completo. Trabalha até hoje, no momento com representação de vendas. A mãe também é natural de São Paulo, tem cinquenta e cinco anos e cursou o 2º grau completo. Nunca trabalhou fora, é católica como o marido e tiveram dois filhos: Ruth e seu irmão, com o qual ela refere ter um ótimo relacionamento. Na adolescência, seu irmão teve vários problemas por uso de drogas, o que mexeu profundamente com Ruth, que chegou a sair de casa por não conseguir conviver com a situação. Há seis anos, ele largou as drogas e se formou, há dois anos, em computação. Ruth recorda o pior período e de como isso desestruturou a família na época:

“Eu procurava sempre ter muita atividade, ia para a escola, fazia balé, ia para o clube. Ficava o menos possível em casa. Falava: ‘Preciso sair daqui!’ Mas, mesmo assim, eu me dava super bem com meu irmão. Lembro que ele chegava mal em casa à noite e eu o apoiava. Mas foi um período terrível, tinham brigas violentas, porque isso dava uma desestruturada em casa, meus pais brigavam pela educação que tinham nos dado. Tinham idas e vindas, meu irmão piorava, melhorava, até que fui para o cursinho, arrumei um namorado fixo”.

Os nomes escolhidos têm, como todos os demais, uma história. O de Ruth é referência a um apelido que ganhou no período do cursinho de vestibular. Por fazer defesas veementes de suas idéias, um amigo passou a chamá-la assim, recordando a forma como a atriz Ruth Escobar aparecia em sua campanha eleitoral. O nome escolhido para o marido, Marcelo, se reporta ao nome que este utilizava no período da ditadura militar, pois pertencia a movimentos que estavam na clandestinidade, à época.

A apresentação das narradoras e de suas famílias procurou mostrar a riqueza de informações que o trabalho com História Oral permite coletar e conhecer, configurando a história familiar de pessoas que viveram e vivem experiências pessoais e coletivas em um período histórico e cultural de grandes transformações. A entrevista com História de Vida é um importante instrumento de coleta de dados, embora nos estudos sobre família apresente limitações na medida em que apreende apenas as narrativas de um membro do grupo, não podendo, assim, dar conta da dinâmica familiar.

A observação do cotidiano familiar seria indicada para dar conta da totalidade do grupo; contudo, esse recurso é extremamente difícil no universo estudado, face ao alto valor dado a privacidade e a disponibilidade de tempo das entrevistadas. Mesmo assim, procurei destacar nesta parte o perfil das entrevistadas e de suas famílias de origem e de constituição, recuperando fatos que foram muito significativos em suas vivências familiares, na configuração das primeiras imagens femininas desta pesquisa que serão melhor clarificadas nos demais capítulos.

Considero que minhas vivências como assistente social e pesquisadora ajudaram na preparação e condução das entrevistas, assim como no encaminhamento para a obtenção de bons depoimentos, procurando construir, junto às entrevistadas, um ambiente propício a desenvolverem o mínimo de auto-censura com o máximo de motivação na narrativa de suas experiências de vida. Entretanto, o alto nível intelectual das entrevistadas e o grande interesse demonstrado pelo tema foram fatores essenciais para os resultados alcançados. As entrevistadas avaliaram que esse momento foi particularmente importante para elas pela possibilidade que criou de refletirem sobre muitos aspectos de suas vidas, alguns dos quais muitas não haviam parado para pensar antes. Todas demonstraram de alguma maneira interesse em conhecer o resultado final da pesquisa para terem uma visão mais ampla das continuidades que ainda estão presentes na educação feminina na família e das mudanças que estão em andamento.

3. Análise dos dados

Das entrevistas realizadas, foram transcritas seis, totalizando cerca de noventa e seis horas de transcrição. Este cálculo tem por base a estimativa de vários pesquisadores que trabalham com gravações e pode ser mais ou um pouco menos, dependendo da qualidade da gravação. No processo de escuta, transcrição, leitura e releitura procurei preservar ao máximo a narrativa das entrevistadas, pois são elas as “donas” de suas recordações, que, como afirma Queiroz³⁰, devem ser colhidas segundo o seu próprio ritmo e orientação. Transcritas as fitas e, após autorização das narradoras, vários exercícios de análise de conteúdo foram feitos, procurando isolar ao máximo o que Queiroz denomina como nossos próprios vieses, oriundos de

³⁰ QUEIROZ, M. I. P. *Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva*. Op. Cit.

uma certa posição de superioridade que como cientistas tendemos a assumir, impondo censura, consciente ou inconsciente, a tudo que se oponha às nossas finalidades.

A primeira análise procurou investigar os núcleos temáticos que emergiam dos relatos em suas semelhanças e diferenças, detectando os temas mais importantes que emergiam de cada depoimento. A segunda buscou clarificar os temas gerais, as vivências comuns aos sujeitos entrevistados que possibilitavam um primeiro reconhecimento do período histórico estudado. A terceira efetuou uma fragmentação temática, conforme o período histórico, entre vivências do passado e do presente, constituindo uma quarta leitura que possibilitou ir com maior profundidade aos depoimentos. A quarta construção estudou comparativamente as vivências comuns no passado e no presente que apontavam para mudanças, as que mostravam continuidade no processo de socialização feminina e aquelas que se mantinham numa linha divisória, entre conservação e mudança, mas com perspectivas de modificações.

Os dados obtidos revelam como as histórias individuais e de famílias mesclam-se, em muitos pontos, com a própria história da sociedade, auxiliando na reconstituição de nossa história. As famílias de origem e de constituição foram igualmente destacadas pelas entrevistadas, confirmando a importância desses dois grupos em suas vidas: um que a memória mais distante recupera e que as auxilia a dar sentido ao presente e o outro que as narradoras vão construindo com suas ações no presente, sempre procurando tecer caminhos para o futuro. A família de origem dos cônjuges aparece pouco nas narrativas, servindo mais como elo para lembrar alguns acontecimentos que se referem à socialização do marido. Este fato pode estar associado a não ter sido pedido que falassem sobre esse grupo.

Alguns marcos são repletos de significados na vida das entrevistadas: a entrada na faculdade, que é datada por todas elas, teve grande repercussão em suas vidas na descoberta do que acontecia no país e na participação política que tiveram. É um acontecimento lembrado com orgulho hoje, porque foi definidor de sua própria condição feminina, quando a partir daí tornaram-se mais conscientes e libertas para escolherem seus caminhos por si mesmas. Também o casamento aparece como um marco e o foi de fato, na medida em que representou a entrada na vida adulta, conjugado para algumas das narradoras com o término da graduação e os novos projetos que passaram a elaborar para suas vidas.

A chegada dos filhos foi outro fato que teve significado importante. Pelos relatos é possível dizer que foi um momento vivido com prazer, mas também com certa angústia e medo pelo novo papel que tiveram que assumir. Mas, diferentemente da história de suas mães, a

maternidade não é encarada como limitação em suas vidas. Nenhuma das narradoras aceita abrir mão de seus projetos pessoais para cuidar da família, o que não significa exatamente uma grande transformação já que pagam um alto preço por esta opção, acoplando vida profissional, estudos, tarefas domésticas e cuidados dos filhos, além da atenção ao marido.

O marco mais destacado, contudo, foi a entrada no mercado de trabalho. A importância do trabalho em suas vidas já foi analisada anteriormente, cabe aqui apenas destacar que de todas as conquistas que recordaram, o ingresso no mundo do trabalho foi, sem dúvida, o que mais diretamente as emocionou em suas narrativas. Fundamental por isso mesmo é o desenvolvimento de estudos que se detenham mais nos conteúdos simbólicos que o trabalho adquiriu para as mulheres hoje.

Finalizando, me reporto mais uma vez aos ensinamentos de Portelli ao afirmar que,

“ É impossível exaurir a memória completa de um único informante, dados extraídos de cada entrevista são sempre resultado de uma seleção produzida pelo relacionamento mútuo. Pesquisa histórica com fontes orais, por isso, sempre tem a natureza inconclusa de um trabalho em andamento”³¹.

Na riqueza de suas histórias, as narradoras dessa pesquisa mostram exatamente isso, que suas identidades femininas estão em permanente construção, recebendo influências da classe social a que pertencem, mas também do gênero, da socialização da infância e das experiências da juventude, da formação acadêmica e das vivências no mercado de trabalho, das relações construídas em família e de suas experiências no contexto da realidade brasileira. Impossível esgotar recordações tão densas e cheias de significados. Mas, podemos aprender com esses relatos, colocando a identidade num plano social e interpessoal, investigando as referências comuns aos grupos que vivenciaram a mesma atmosfera, buscando os nexos que as ligam ao coletivo. Foi com essa percepção que procurei construir o estudo, sabendo que o conhecimento oscila sempre entre as partes e o todo que necessitam se esclarecer mutuamente para se revelarem ³².

³¹ PORTELLI, A. O que faz a História Oral diferente .In: *Revista Projeto História*, São Paulo, n.º 14, p. 25-39, fev/97.

³² Ver GOLDMANN, L. O todo e as partes. In: *Dialética e cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

CAPÍTULO II

VISITANDO O PASSADO A PARTIR DE MEMÓRIAS FEMININAS

1. O PERÍODO DE 1964 a 1973³³

“Mamãe nunca trabalhou fora. Tinha muita facilidade em aprender idiomas e fez um curso de francês, mas não continuou. Foi

³³ As fases históricas aqui apresentadas não obedecem à cronologia tradicionalmente proposta quando se trabalha com os períodos da ditadura militar (64/68, 69/73, 74/85). O interesse do presente estudo envolve o período político, mas também e, principalmente, o percurso do feminismo no Brasil e as transformações na educação feminina.

uma pena, porque poderia ter sido uma secretária bilingüe ou ter feito algo voltado para línguas [estrangeiras]. Ela adora enfermagem, gosta de se relacionar com médicos, de instrumentação cirúrgica. Na época, acho que não havia essa cultura de se apropriar dos dons naturais para a mulher ir à luta. Ela foi educada para ser mãe e cuidar dos afazeres domésticos e fazia isso muito bem. Acho que até estava satisfeita com esse papel...”

O depoimento de Laura sobre o cotidiano de sua mãe na décadas de 60 e 70, período em que era criança, descreve um momento da vida de muitas mulheres no Brasil, que viviam à margem do mercado de trabalho, sendo esta exclusão ancorada nas concepções tradicionais do papel feminino.

Em 1967, a revista REALIDADE³⁴ publicou uma pesquisa para a qual entrevistou mil e duzentas mulheres; cada uma respondendo a cento e dez perguntas sobre diversos assuntos que marcavam aquele momento histórico. A pesquisa, coordenada pelo INESE (Instituto Nacional de Estudos Sociais e Econômicos), abrangeu cinco capitais (Guanabara, atual Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre e Recife) além de cinco cidades do interior dos estados (Caxias-RS, Juiz de Fora-MG, Bragança e Jundiaí-SP e Caruaru-PE), permitindo delinear o pensamento da mulher brasileira desta época. Devido a relevância dos dados apresentados e a possibilidade de conhecer a cultura e o comportamento feminino de uma década é que algumas informações foram destacadas neste estudo. O quadro abaixo representa a forma como a pesquisa foi estruturada.

Classe Sócio-econômica	Idade	Grau de instrução	Estado civil	Religião	Trabalho	Local da Entrevista
Rica 10%	18 a 24 anos 25%	Analfabetas e c/ Primário 50%	Casadas 59%	Católicas 87%	Trabalham 37%	SP 26%
Média 39%	25 a 34 anos 30%	Curso Ginásial 27%	Solteiras 33%	Protest. 0,5%		GB 20%
Pobre 51%	35 a 50 anos 30%	Curso Colegial 17%	Viúvas 0,7%	Outras 0,6%		Outras
	50 anos ou + 15%	Curso Universitário 0,6%	Desquitadas 0,1%	Sem relig. 0,2%	Não Trabalham 63%	Capitais 26%
						Interior 28%

Os relatos da pesquisa a respeito do pensamento da mulher brasileira neste período traziam os seguintes dados:

³⁴ A revista REALIDADE, publicação da editora Abril, é lembrada por algumas das entrevistadas como veículo de informação importante que circulava entre as famílias, fornecendo informações sobre fatos que a censura freqüentemente coibia na imprensa. Entre eles está a revista REALIDADE n.º 10, que dedicou toda a edição à discussão de questões que se referiam à mulher. Esse número foi recolhido das bancas pela censura, embora a editora posteriormente tenha recorrido da sentença. Provavelmente, o motivo principal do ato foi a forma, avançada para os padrões da época, com que a revista abordava as questões ligadas à sexualidade feminina. A pesquisa é aqui lembrada, porque traça um perfil importante da mulher brasileira naquela década. “A mulher brasileira hoje”. In: Revista REALIDADE, edição especial, ano I, n.º 10, jan/1967, 198 p.

◆ **Sobre a relação entre a mulher e o homem**

A pesquisa revelava que apenas metade das entrevistadas achava que existia igualdade de direitos entre os sexos. Um terço delas seguia as instruções do marido na área política, mas 79% consideravam que a mulher poderia ter, no trabalho, o mesmo êxito que o homem, embora as mais pobres acreditassem menos nisto que as ricas e as de classe média.

◆ **Sobre a relação com os parentes**

A família de origem exercia grande influência na vida das mulheres. A prova disso está no fato de 56% admitirem que os pais tinham poder sobre suas vidas.

◆ **Sobre a relação com a religião**

A religião também era grande referência para as mulheres na década. A maioria, 97%, declarava acreditar em Deus, mas a pesquisa mostra que a fé aumentava com a idade e diminuía proporcionalmente a medida que havia uma subida na escala sócio-econômica. Os dados indicavam que quanto mais rica, mais jovem ou mais instruída a mulher, menor era sua dedicação religiosa (98% das pobres acreditavam em Deus, 97% das pertencentes às camadas médias e 93% entre as ricas), muito embora essa diferença fosse relativamente pequena, expressando mais a força da religião na vida da maioria das mulheres, independentemente da camada social a que pertenciam.

◆ **Sobre a relação com a política**

Embora todas as entrevistadas fossem maiores de dezoito anos, apenas dois terços eram eleitoras. Os maiores índices de mulheres votantes encontravam-se, como era previsível, entre aquelas que possuíam formação universitária, 92% e as ricas, 85%. Na pesquisa constata-se que as solteiras, 73%, votavam mais que as casadas, 69%, e as mulheres do interior, 76%, mais que as das capitais, 64%. Com relação à confiança nos governantes daquele momento, 51% confiavam, 48% diziam não confiar e 1% não respondeu. A confiança era ligeiramente maior entre mulheres das camadas médias 53%, as de meia idade 58%, as casadas 56% e as católicas 52%.

As respostas dadas para a pergunta se consideravam que o país iria melhor se fosse governado por mulheres ocorreram sendo que, 77% pensavam que o poder estando com os homens estava bom. Em plena vigência do regime autoritário, 53% achavam que vivíamos numa

democracia e 45% disseram que não. As mais pobres, 59%, as de meia idade, 58%, as analfabetas, 69%, as casadas, 58% e as católicas 55%, foram as que responderam sim à questão.

O fantasma do comunismo assustava a grande maioria das mulheres, mostrando a repercussão da propaganda oficial. A pergunta sobre se a entrevistada tinha medo do comunismo, 72% afirmaram ter medo. As que mais temiam eram as pobres, 75% e as analfabetas, 81%. Em relação à religião, as católicas, 73%, mostravam-se mais temerárias do que as protestantes, 67%, o que confirma a forte influência da Igreja neste período na doutrinação dos fiéis a favor da ideologia dominante.

◆ Com relação a preocupações com o corpo

As perguntas direcionadas para a prática de esportes mostram que a cultura do corpo trabalhado não era presente na década. Das entrevistadas, 85% não praticavam nenhum esporte, sendo que o índice maior se encontrava entre as ricas, 31% e de classe média 19%.

◆ Com relação a preocupações de ordem moral

Com relação à moral da época, um quarto das entrevistadas demonstrava vergonha de falar sobre sexo, aumentando o índice para 32% entre as com menor instrução e chegando a 50% entre as analfabetas. Pouco mais da maioria, 57%, porém, considerava que o sexo era a coisa mais importante na relação entre o homem e a mulher. Quanto menos culta, maior era a importância atribuída ao sexo pela mulher.

As mulheres já manifestavam a possibilidade de sentir desejo. Das entrevistadas, 70% concordavam que uma mulher decente pudesse gostar de sexo, embora isso não significasse o rompimento dos preconceitos, expressando mais a vontade de viver o prazer plenamente.

Esse fato é comprovado nas entrevistas, pois apenas 52% consideravam que as mulheres têm as mesmas necessidades sexuais que os homens. As opiniões permaneciam divididas, independentemente da idade, estado civil ou grau de instrução. As maiores diferenças foram encontradas entre as ricas, 63%, as universitárias, 68%, e as cariocas, 69%. Esses dados confirmavam a percepção de pouco mais de um quarto das entrevistadas sobre o papel da mulher na relação sexual, ainda visto como sendo apenas para dar satisfação ao marido.

Das entrevistadas, 56% acreditavam que receberam dos pais uma boa educação sexual, mas quanto maior a instrução, menor a certeza: apenas 24% das universitárias, contra 62% das com curso primário.

A pergunta sobre se justificariam a infidelidade feminina em alguns casos, 41% justificariam, sendo o número maior entre as que se declararam sem religião, 67%, embora também fosse significativo entre as católicas, 39%. Apenas 20% admitiam que um homem casado tivesse aventuras com outras mulheres.

A virgindade da mulher até o casamento mantinha-se como valor na década. Das entrevistadas, 67% continuavam achando que a mulher devia casar virgem, mas o número das que tinham essa opinião decresce com o grau de instrução: 81% entre as analfabetas e de 54% entre as que fizeram curso universitário. Como era de se esperar, a porcentagem de sim é maior no interior, 72%, do que nas capitais, 65%, entre as protestantes, 74%, do que entre as católicas, 68%. Mas a maioria, guiadas talvez pelo ideal do amor romântico, consideraram que o amor era mais importante do que as convenções sociais e não entenderam como justo casar sem amor, só para “reparar o mal”. Apenas 10% achavam que o casamento devia acontecer neste caso. Importante também observar que 93% consideraram que a sociedade devia amparar a mãe solteira.

O aborto, tema quase proibido neste período, foi aceito por quase dois terços das entrevistadas em casos extremos. Admitiam o aborto 80% das mulheres sem religião, 65% das católicas e apenas 41% das protestantes, o que mostra a força das doutrinas religiosas no período, mas indica mudanças na percepção das mulheres. As maiores diferenças de opinião continuavam a depender do grau de instrução: enquanto somente 34% de analfabetas admitiam o aborto em casos extremos, 73% das universitárias o achavam admissível.

Contudo, ao perguntar à entrevistada se já havia feito aborto, verifica-se a gravidade do problema: uma em cada quatro mulheres da pesquisa respondeu que já provocara aborto, sem serem observadas diferenças significativas entre as classes sociais. A incidência decresce com a instrução: 44% das analfabetas contra 11% das universitárias. Esse fator parece estar intimamente ligado ao emprego maior de métodos anticoncepcionais por parte das mulheres mais instruídas³⁵, que tinham acesso facilitado, face à disponibilidade de recursos e a possibilidade de informação.

³⁵ A pílula anticoncepcional foi lançada no mercado em 1960 e ajudou a promover a revolução sexual feminina na medida em que possibilitou à mulher o direito de fazer sexo sem risco de engravidar. É o contraceptivo mais

O direito de evitar filhos, aliás, só foi aceito em circunstâncias especiais por 87% das entrevistadas e, muito embora considerassem ter esse direito, apenas 46% das casadas declararam estar naquele momento evitando, sendo que a maior incidência permanecia na camada rica (41% contra 63% das pobres que não evitavam). A religião não aparece como fator preponderante (o índice iria para 45% se a Igreja autorizasse, mas 53% das católicas responderam que não usariam anticoncepcionais mesmo que a Igreja permitisse), parecendo indicar que a falta de informações (fortalecendo o preconceito) e de recursos eram os fatores mais impeditivos (somente 19% haviam tomado pílula e, destas, as que mais a utilizavam eram as mais jovens, 41%, entre 18 e 24 anos)

A homossexualidade era considerada por dois terços das entrevistadas como doença, o que estava de acordo com a visão médica deste período. A prostituição é vista sob um ângulo mais compreensivo, mas o preconceito permanece forte entre as analfabetas e mais pobres 31% e 23%, que consideram a prostituição um crime.

Com relação ao casamento, numa época em que o divórcio ainda não existia e o desquite sofria forte estigmatização na sociedade, as mulheres falavam sobre o arrependimento do casamento. As que mais se arrependeram foram as ricas, 25%, e as pobres, 21%, as protestantes, 29%, mais que as católicas, 17%, e as residentes nas capitais, 22%, mais do que as interioranas, 15%.

Apenas pouco mais da metade das mulheres considerava que o homem não devia interferir no modo de vestir da mulher, 51%, contra 49% que queriam a opinião do marido. Contraditoriamente à delegação desse poder ao homem, 78% preferiam o divórcio ao desquite³⁶, com um nítido aumento na medida em que o grau de instrução aumenta: 69% analfabetas e 92% das universitárias.

Outro dado interessante refere-se à educação dos filhos. A grande maioria, 90%, acreditava estar dando uma boa formação aos filhos, sendo as menos satisfeitas as pobres, 87%, e as jovens, 79%. As mudanças na relação familiar já aparecem na pesquisa na medida em que 87% consideravam que os pais não deviam escolher as carreiras dos filhos. Mais uma vez, é entre as camadas ricas (apenas 2%), médias (8%) e mais instruídas (34% das analfabetas consideravam que deviam escolher) que essa opção é mais forte.

utilizado no mundo – mais de 70 milhões de usuárias. Dados publicados na revista CLÁUDIA, encarte especial, “Nossas Mulheres”, São Paulo: Ed. Abril, n.º 463, abr/00, 30 p.

³⁶ O divórcio só foi aprovado no Brasil em 26/12/77, conforme a Lei n.º 6515, tendo sido o senador Nelson Carneiro autor do projeto e principal defensor. Com o divórcio, homens e mulheres puderam legitimar um novo casamento e regularizar a situação de filhos que nascessem de uma segunda união.

A educação mais rigorosa dos filhos era aprovada por 71% das pobres e 46% das ricas, mas a maior diferença está no grau de instrução: 66% das analfabetas aprovavam o rigor, contra 32% das universitárias. No total 61% das entrevistadas responderam afirmativamente. Outro dado de mudança: 86% consideravam que o pai era tão importante quanto a mãe na educação dos filhos.

◆ Sobre os ideais femininos

A cultura do corpo perfeito ainda não era tão massacrante. Das entrevistadas, 95% não consideraram que a mulher precisasse ser bonita para ser feliz. Contudo, a possibilidade de estudar aparece como valor importante para a mulher: 91% gostariam de ter estudado mais e mesmo entre as que concluíram o curso universitário isso é marcante, já que destas, 76% responderam positivamente.

Mais de três quartos das solteiras achavam que a mulher não precisava se casar, necessariamente, para ser feliz. Entre as mais pobres, 61%, e analfabetas, 56%, havia menos convicção do que entre as que apresentavam situação econômica melhor (81% das ricas) e maior instrução, (86% das universitárias).

Apesar disso, a independência econômica não era tão valorizada: só 32% das entrevistadas disseram que a mulher devia trabalhar, mesmo que não precisasse. As universitárias foram a exceção apresentando mais respostas positivas, 57%, do que negativas.

Por fim, há uma relativa permanência de valores quando se trata da realização plena da mulher. A grande maioria, 81%, considerou que para que a mulher se realizasse completamente, bastaria ser esposa, mãe e dona-de-casa. Mais uma vez, foram as mulheres mais pobres, 83%, e analfabetas, 75%, que apresentaram maiores certezas, mas as respostas totais indicaram que estas funções, na década de 60, eram percebidas como essenciais e aceitas com prazer, confirmando a concepção da época de que o destino da mulher era o casamento e a maternidade com pouca valorização da qualificação profissional feminina.

A análise dos dados permite o entendimento das mudanças que estavam lentamente ocorrendo no comportamento feminino naquele final de década. As mulheres entrevistadas ainda eram minoria no mercado de trabalho e na universidade, mas já começavam a ocupar mais esses espaços públicos e a ter mais acesso as informações, em especial, as dos segmentos médios. Essas novas possibilidades vão alterando suas percepções sobre seu papel na família, na sociedade e sobre elas mesmas.

Poucas pesquisas no período tratavam dessas questões e não havia indicadores de gênero que pudessem fornecer as dimensões concretas da situação da mulher. Contudo, os dados levantados pela pesquisa da revista permitem traçar um perfil muito próximo do comportamento e dos valores femininos da década, com informações importantes sobre o que pensavam as mulheres das diversas camadas sociais.

Ocupando o espaço público de forma muito restrita ainda, as mulheres, em sua maioria, demonstravam insegurança e pouco conhecimento ao falar sobre poder, política, direitos e mercado de trabalho. Esse era o mundo masculino, do qual pouco participavam e, muitas vezes, deixavam-se conduzir pelo saber de outros: pais, irmãos e maridos. Pouco conscientes das questões que envolviam a esfera pública, mostravam-se bastante conservadoras e presas a preconceitos em relação à política, mas também e, principalmente, no que se referia a sua própria identidade feminina.

Também no campo moral, as entrevistadas revelam os valores do seu tempo ao expor suas opiniões sobre a sexualidade feminina. Mesmo assim, é possível perceber um movimento de mudança já que, apesar dos medos, falam sobre desejos e fazem julgamentos sobre o privilégio do macho à liberdade sexual, não aceitando de forma tão passiva esse poder, até poucos anos antes tido como natural do homem. Mas, mantêm-se presas aos padrões de comportamento tradicionais no que se refere à virgindade feminina e ao aborto, apesar de, surpreendentemente, revelarem já terem provocado aborto. O alto índice de abortos (uma em cada quatro mulheres), aparece na pesquisa com pouca distinção entre as classes sociais, confirmando estudos que mostram que é um problema que atravessa todas as camadas sociais. Poucas ainda utilizavam a pílula, método contraceptivo de maior uso, provavelmente porque, além do preconceito, neste período, a pílula não era tão divulgada.

A educação dos filhos não aparece como fator de preocupação familiar na década e uma mudança importante começa a se delinear no que tange à maior liberdade que os filhos passam a gozar na família, em especial, os pertencentes às camadas média e alta. A grande maioria das mulheres considerou que os pais não deveriam intervir nas escolhas profissionais. Também se observa uma queda, mais acentuada nos segmentos médios e ricos, com relação a opção por uma educação mais imbuída de valores democráticos aos filhos. Outra alteração significativa foi o fato das entrevistadas, em sua maioria, considerarem a relevância do pai na educação dos filhos.

Com relação a preocupações consigo, as mulheres vão indicando novas mudanças na identidade feminina, menos preocupadas com a beleza física como valor e mais interessadas em investir no estudo. Contraditoriamente, a independência econômica não é tão valorizada (apenas entre as universitárias o trabalho feminino é considerado essencial) e as expectativas dos papéis tradicionalmente esperados são reproduzidas pela maioria das entrevistadas nos papéis de esposa, mãe e dona-de-casa.

Esse perfil de comportamentos, traçado pela referida pesquisa, pode ser útil para entender as transformações que já vinham ocorrendo nos padrões de comportamento feminino, influenciadas pelas mudanças que estavam sendo produzidas na sociedade. Contudo, é importante atentar para a diversidade de contextos em que são desempenhados os papéis de gênero, considerando, como destaca Velho³⁷, a gramática e lógica do comportamento individual, inclusive as possíveis incompatibilidades e contradições.

As famílias de origem das entrevistadas moravam, na década de 60, no interior de São Paulo (uma), em Recife(uma), e as demais na cidade de São Paulo. Com relação aos pais, nesse período, um estudou apenas até o 1º grau, sem concluí-lo, trabalhando por conta própria como técnico de televisão, dois tinham formação equivalente ao 2º grau sendo um comerciante, do ramo de alimentos e o outro militar, trabalhando na área pública e graduando-se, posteriormente, em advocacia. Os demais, tinham formação universitária, trabalhando como profissionais liberais. Dois deles têm origem estrangeira: italiana e chinesa/alemã; quatro nasceram em São Paulo e um em Pernambuco.

Em relação as mães das narradoras, duas terminaram o 1º grau, três concluíram o 2º grau e uma graduou-se em língua inglesa. Duas permaneceram no mercado de trabalho durante todo o período de casamento até se aposentarem, uma como funcionária pública, chegando inclusive a fazer carreira em sua profissão e a outra que trabalhou como comerciante, junto com o marido. Das mães que não trabalhavam, somente uma havia exercido profissão antes do casamento, retornando a esta quando as filhas saíram de casa e sua mãe, de quem cuidava, veio a falecer.

A maior parte dos casais tiveram dois filhos, prevalecendo um menino e uma menina, mas outras tiveram três, quatro e seis filhos, sendo a família mais extensa a que apresentou

maiores dificuldades financeiras no período da infância e adolescência da filha. Na avaliação da filha, sua família não foi considerada como pertencente a camada média, ao contrário das demais, com rendimentos maiores que, pelo estilo de vida narrado pelas entrevistadas, poderiam ser pensadas como parte deste segmento. Os pais e as mães das entrevistadas estão hoje na faixa etária de sessenta anos e desfrutam de uma vida financeira estável.

A religião dos pais é predominantemente católica, a exceção de um que não é adepto de nenhuma religião. No caso das mães, uma pertence a religião judaica, embora não seja considerada pela filha como praticante, e as demais são católicas.

O estilo de vida destas famílias, ancorado nos valores cristãos da religião católica, indica que, de forma geral, estavam inseridas na sociedade de acordo com a cultura da época. Esta apontava como modelo a família hierárquica, na qual o homem assumia, via de regra, a função de único provedor e, a mulher, as funções de mãe e dona-de-casa.

Para Figueira³⁸, a família hierárquica *“é relativamente organizada, ‘mapeada’(...). Homem e mulher se percebem intrinsecamente diferentes e esta diferença se cristaliza em sinais visíveis como o*

tipo de roupa, linguagem, comportamento e mesmo sentimento considerado próprio de cada sexo”. É deste modo que o poder do homem é representado como superior ao da esposa, fundado na sua relação com o trabalho fora de casa e na expectativa da monogamia só ser sustentável no homem em relação à mulher.

Das mães que estavam no mercado de trabalho apenas uma exerceu a profissão de forma independente, já que a outra trabalhava com o marido. Não obstante, quase todas tinham formação educacional igual a de seus maridos, não se justificando, pela formação, sua ausência no espaço público. Esta parece ter sido condicionada muito mais pelos valores da época que definiam o espaço privado como próprio da mulher casada, no qual era a responsável direta pelas tarefas domésticas e pelos cuidados da família.

Neste modelo, também tido como tradicional e ainda predominante na década, a identidade é, como afirma Figueira, posicional: *“todos tendem a ser definidos a partir da sua posição, sexo e idade”*. Há uma clara demarcação do que é ‘certo e errado’, existindo *“vários mecanismos sutis dentro e fora dos sujeitos para tentar suprimir ou controlar as várias formas de*

³⁷ VELHO, G. *Individualismo e cultura. Notas p/uma Antropologia da sociedade contemporânea*, 4ª ed., Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1997, p.31 .

'desvio' de comportamento, pensamento ou desejo"³⁹. Homem e mulher são percebidos como distintos e complementares, sendo as mulheres avaliadas por sua conduta moral e os homens pelo desempenho profissional.

Essa ação normativa sobre a família, na análise de Costa⁴⁰, se processa por meio da despolitização do cotidiano, inscrevendo-o nas micropreocupações em torno do corpo, do sexo e do intimismo psicológico. Conforme o autor, o machismo foi utilizado como bastião da estabilidade conjugal e como agente auxiliar na redução da mulher ao seu papel de mãe. Sem a "inferioridade da mulher", o machismo perderia parte do seu sentido. Para que o "machista" pudesse exercer com segurança a função repressivo-normalizadora que lhe foi delegada, a "inferioridade" da mulher tinha que continuar existindo. Foi desse modo que o amor materno cumpriu a função de revelar a mulher como esteio da família. A mãe amorosa conjugava sexo, estabilidade conjugal e responsabilidade com os filhos.

Guiddens considera que o complexo de idéias associadas ao amor romântico, que começou a marcar a sua presença a partir do século XVIII, possibilitou a divisão das esferas de ação, tornando a promoção do amor predominantemente tarefa das mulheres. As idéias do amor romântico *"estavam claramente associadas à subordinação da mulher ao lar e ao seu relativo isolamento do mundo exterior"*. Contudo, como destaca, *"o desenvolvimento de tais idéias foi também uma expressão do poder das mulheres, uma asserção contraditória da autonomia diante da privação"*⁴¹.

De fato, as lembranças das entrevistadas revelam que suas mães exerciam poder no espaço doméstico inibindo, em geral, as ações dos maridos no que se referia a ordenação do cotidiano doméstico e a educação dos filhos. Nos depoimentos de Gabriela e Ruth é possível perceber uma certa crítica ao modo como suas mães se posicionavam no espaço familiar, assumindo sempre todas as responsabilidades, ao mesmo tempo que avaliam que isto ocorria, em parte, como consequência de escolhas que suas mães faziam, preservando, assim, um certo poder sobre esse domínio.

"Eu percebo que essa história permanece[da divisão de tarefas], que o homem não faz. Foi transmitido pelos pais.

³⁸ FIGUEIRA, S. A. O "Moderno" e o "Arcaico" na nova família brasileira. In: *Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1987, p.15.

³⁹ Ibid, p.16.

⁴⁰ COSTA, J. F. *Ordem médica e norma familiar*, 3ª ed., 1989, Rio de Janeiro: Graal.

⁴¹ GUIDDENS, A. *A transformação da intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*, São Paulo: UNESP, 1993, p.54.

*Acho que para minha mãe era isso, nunca vi ela pedindo para o meu pai ajudar. Lembro que depois que atingiram uma certa idade, eu a vi questioná-lo sobre ajudar nos trabalhos de casa. Uma vez ela viajou e comentou que passou uns quinze dias fora e ele foi incapaz de lavar uma louça. Ele usou todas as louças da casa, sem lavar nada!” (Depoimento de **Gabriela**)*

*“A educação dos filhos ficava por conta da minha mãe. A tarefa doméstica que meu pai fazia era ir ao supermercado e me buscar eventualmente em alguma festa, mas todo o resto da educação e da casa era minha mãe a responsável. Acho que porque ela se colocou assim, se não quisesse não seria desse modo, mas meu pai era conivente com isso”. (Depoimento de **Ruth**)*

Para compreender as origens dessa forma de organização familiar, é importante lembrar que este modelo é parte do ideal de família “moderna” que já vinha sendo defendido desde o século XVII quando surgiu na Europa ocidental. Conforme Fonseca⁴², esse modelo é caracterizado pelos historiadores tendo os seguintes elementos como destaque:

1. livre escolha do cônjuge e incorporação do amor romântico ao laço conjugal;
2. aconchego da unidade doméstica que se torna refúgio contra as pressões do mundo público;
3. importância central dos filhos e da mãe enquanto sua principal socializadora.

Diferentemente dos séculos anteriores, a afeição entre os cônjuges e entre os pais e filhos passa a ser gradativamente incorporada como uma atribuição da família. Ariès⁴³ esclarece que, essa afeição vai se exprimir, de forma especial, através da importância que se passou a atribuir à educação e ao sentimento da infância. O amor e a liberdade passam, a partir daí, a ser vinculados, ambos sendo considerados como estados normativamente desejáveis. Guiddens avalia que, nas ligações de amor romântico, *“o elemento do amor sublime tende a predominar sobre aquele do ardor sexual. (...) A ‘virtude’ começa a assumir um novo sentido para ambos os sexos, não mais significando apenas inocência, mas qualidades de caráter que distinguem a outra pessoa como especial”*⁴⁴

Os ideais do amor romântico influenciaram, durante os dois últimos séculos, como sustenta Guiddens, tanto os homens como as mulheres, porém de forma diferenciada. Desde o início das transformações que afetam o casamento e a vida pessoal os homens, de forma geral

⁴² FONSECA, C. Quando cada caso NÃO é um caso. Pesquisa etnográfica e educação. In: *Revista Brasileira de Educação*, n.º 10, São Paulo: ANPED, p.58-77, jan-abr/99.

⁴³ ARIÈS, P. *História social da criança e da família*, 2º ed., Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1981.

⁴⁴ *Ibid.*, p.51.

excluíram-se do desenvolvimento do domínio da intimidade, buscando obter a auto-identidade no trabalho. Já as mulheres foram profundamente tocadas com a representação de sua imagem associada ao papel de esposa e mãe, que reforçou um modelo de “dois sexos” das atividades e dos sentimentos. No dizer do autor, a novidade que esse modelo trazia como diferencial era a conjugação da maternidade com a feminilidade, como sendo qualidades da personalidade. Essa idealização da mãe foi parte integrante da moderna construção da maternidade e alimentou diretamente alguns dos valores do amor romântico propagados.

As ideologias permeadas pela divisão de papéis de gênero são nitidamente distintas no universo das camadas médias “tradicionais” e no dos “modernos”. Salem⁴⁵, analisando estudos sobre famílias de camadas médias verifica que, autores que elegeram como objeto de investigação as primeiras, descrevem o modo como aí estão presentes os atributos específicos a cada um dos sexos. Enquanto as mulheres são avaliadas em função de sua conduta moral, os homens o são com base no seu desempenho profissional.

Sarti⁴⁶ também constata em suas pesquisas sobre família que, por se tratar de um fenômeno universal, existiria uma tendência de “naturalizar” as relações familiares face a terem base biológica (como o nascimento, o crescimento, etc.), perdendo, desse modo, seu caráter de relações sociais, determinadas pela sociedade e pela temporalidade. As relações familiares transformam-se assim num “modelo” a ser seguido, fértil, em sua avaliação, para um discurso normativo.

As famílias de origem das entrevistadas receberam orientações culturais, derivadas de padrões ideológicos que norteavam comportamentos e condutas diferenciados, de acordo com o sexo. Essas influências serviram como parâmetro em muitos aspectos para a organização de seu cotidiano e para a expressão da afetividade no interior do grupo familiar. A escolha de estilos de vida relacionava-se com a camada social que pertenciam, determinando uma visão de mundo que estava diretamente vinculada ao momento histórico, econômico, político e cultural desse período.

Para melhor apreender o comportamento de mulheres e homens nas décadas de 60 e 70, será apresentada uma breve análise do quadro institucional do país neste período, assim

⁴⁵SALEM, T. Família em Camadas médias: uma perspectiva antropológica. In: *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais/ANPOCS*, n.º 21, Rio de Janeiro, 1/96, pp.25-39.

⁴⁶ SARTI, C. A Família e jovens- no horizonte das ações. In: *Revista Brasileira de Educação*, n.º 11, mai-ago/99, p.100.

como das transformações econômicas, sociais e culturais que estavam em curso mundialmente e que vão repercutir aqui de forma mais visível a partir de meados da década de 70.

O momento político no país neste período foi marcado pelo regime autoritário, implantado no Brasil a partir de 1964⁴⁷. De 1964 a 1967, o país teve o seu primeiro presidente militar após o golpe, general Humberto de Alencar Castelo Branco, que conduziu um programa de estabilização econômica, enfrentando ao mesmo tempo pressão da chamada “linha-dura” militar, que tinha por objetivo suspender as eleições e garantias constitucionais como forma de facilitar os expurgos e procedimentos arbitrários. Castelo Branco conteve os “linha-dura”, fazendo concessões como o prolongamento de seu mandato e assumindo poderes excepcionais por meio de “Atos Institucionais”. Realizou expurgos na burocracia, entre os militares, nas universidades e sindicatos, ao mesmo tempo que seus assessores principais trabalhavam numa nova constituição que lhe permitisse assumir o poder num regime institucional “normal”.

Em 1967, assume o poder o general Artur da Costa e Silva com o compromisso de “humanizar” a “Revolução” militar. O país começava a apresentar uma explosão do crescimento econômico, com uma média de 11% ao ano, no período que compreende os anos de 1968 a 1974. Em 1968, enormes manifestações estudantis e duas importantes greves (Contagem/MG e Osasco/SP) no setor industrial eclodem e o governo reage com medidas policiais altamente repressivas.

Em dezembro do mesmo ano, os militares enfureceram-se em virtude de uma votação no Congresso, que protegia o deputado Márcio Moreira Alves, a quem desejavam processar, em virtude de um discurso proferido na Câmara (setembro/68), em que acusava as Forças Armadas de terem se transformado em “valhacouto de torturadores”. Costa e Silva decreta o Ato Institucional n.º 5 (AI -5), autorizando com ele a suspensão dos direitos civis, tais como o *habeas-corporis*, justificando a medida como necessidade de proteger a segurança nacional. O AI-5 colocava o Congresso em recesso, permitia que o governo cassasse políticos, interviesse em Estados, censurasse e aposentasse funcionários públicos. Após seu falecimento, em decorrência de um derrame cerebral em 1969, seu sucessor, tido como o mais autoritário desde 1964, foi o general Emílio Garrastazu Médici, que permaneceu no governo até 1973.

⁴⁷ A experiência do novo autoritarismo no Brasil foi analisada em diversos textos. Dentre eles, destaca-se Thomas Skidmore com o volume *Authoritarian Brazil: origins, policies and future* de Alfred Stepan. Os acontecimentos políticos aqui retratados foram fundamentados no estudo do período realizado por Thomas Skidmore, por tratar-se de um teórico brasilianista clássico, que efetua análises importantes sobre o processo de redemocratização do país, apoiando seus estudos no comportamento das camadas médias urbanas e desenvolvendo uma análise do país na sua totalidade histórica. “A lenta via brasileira para a democratização: 1974-1985”. In: *Democratizando o Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

Embora o funcionamento do Congresso continuasse (com a suspensão de 1969 a 1971, quebrada apenas para confirmar a sucessão de Médici no começo de 1970) e as eleições permanecessem, o Brasil estava de fato sob controle das forças de segurança, que tinham como prioridade o aniquilamento dos vários pequenos grupos de guerrilha. Contudo, mesmo com a liquidação destes, os procedimentos arbitrários e as práticas ditatoriais continuaram. Apesar da forte repressão instalada no país, o presidente Médici tinha sua legitimidade reconhecida parcialmente pelos membros das classes médias e alta, face aos índices de crescimento econômico e ao estabelecimento da “lei e da ordem”.

As décadas de 60 e 70, marcadas pelo regime militar, foram períodos em que o medo e a alienação política permearam as relações sociais. Nos anos de terror implantado, principalmente após 1968, com a edição do AI-5, as famílias tendiam a se fechar no seu universo micro, com pouco contato com os acontecimentos sociais e políticos que ocorriam no país. As mulheres, em geral, encontravam-se mais alienadas dos problemas políticos, econômicos e sociais, face a sua maior vivência no espaço doméstico, tendendo a ser mais conservadoras e moralistas que os homens.

As narrativas das entrevistadas sobre esse período de vivência na família de origem revelam como os acontecimentos tinham pouca visibilidade para a maioria da população. Em casa, na escola, no trabalho, não se discutia o que ocorria no país. Os órgãos de imprensa estavam sob forte censura e tinham que realizar verdadeiros malabarismos para publicar alguma informação sobre os acontecimentos políticos. O sistema judiciário se anulou como poder independente e o Congresso, destituído de seus poderes e ameaçado por cassações, transformou-se em algo destituído de vida.

“A questão da ditadura era algo muito velado, não se discutia muito essa questão. Meus pais sempre diziam para tomar cuidado com os comunistas, subversão, movimento estudantil, com o que se falava. Mas não era nada discutido, era meio velado”. (Depoimento de **Gabriela**)

“Não se discutia política em casa. Eu fui me dar conta disso [da repressão política] no Bandeirantes [colégio], em 77, 78 e 79, porque os alunos começaram a discutir em sala de aula, junto com os professores e comecei a ler jornal”. (Depoimento de **Laura**)

“Meus pais nunca tiveram envolvimento político e em casa não aparecia nada do que acontecia politicamente no país”. (Depoimento de **Teresa Lobo**)

“Na minha época de infância, quando estava acontecendo uma revolução no país, em casa não se falava nada sobre isso. Nem em casa e nem na escola. Estudava em escola pública, portanto, não se discutia nada. O que aprendi na escola foi que os presidentes revolucionários eram maravilhosos, faziam tudo por nós”. (Depoimento de Carol)

“Acho que fui uma adolescente, uma menina muito alienada de todas essas mudanças [políticas, culturais e sociais que estavam ocorrendo nesse período]. Não tinha muita noção do que estava acontecendo no mundo. Meu pai veio de uma tradição muito fascista da Itália e minha mãe tinha ódio de comunista. Cresci ouvindo que comunista comia criança. Eu nasci em 59 e quando teve a revolução de 64, em todos os estados brasileiros houve manifestações. Lembro dessas manifestações nas ruas e em Recife aconteceu muita coisa. Pernambuco tinha Arraes [Miguel Arraes, governador na época], a luta pela terra. Em uma dessas vezes eu estava na rua, com minha mãe, e de repente começaram a jogar bombas e tive que me esconder com ela. Fiquei muito apavorada e perguntava o que estava acontecendo. Minha mãe dizia que eram os comunistas”. (Depoimento de Bárbara Ramos)

“Falava-se de política em casa, mas não do momento que o país vivia, contudo, havia referências. Meus pais liam muito, lembro de sempre ter livros em casa. Pegavam livros emprestado, eu via esse circuito em casa.

O que acontecia no país aparecia em casa através das revistas. Eles assinavam a revista REALIDADE, tínhamos toda a coleção. Eu lia sobre a ida do homem a lua, os Beatles, os festivais, me informava de tudo pela revista REALIDADE”. (Depoimento de Ruth)

Se a vida política da nação era duramente reprimida, o aparente sucesso no desenvolvimento econômico gerou intensa migração, urbanização acelerada, aumento no consumo, maior acesso à informação e à educação, produzindo mudanças na vida cotidiana e nos padrões culturais de comportamento, com ampliação da força de trabalho feminina. Mas o modelo de família tradicional, que tem o homem como provedor e a mulher voltada para as atividades domésticas e o cuidado dos filhos, se manteve.

A família idealizada, como declara Bassanezi⁴⁸, permanecia sendo branca, de classe média, nuclear, hierárquica e com papéis bem definidos. São essas representações que vão construir os valores de classe, raça e gênero dominantes na época. Assim, o homem desde cedo deveria se dirigir para fora de casa e, mesmo após o casamento, é fora do lar que vai exercer sua principal função. A maternidade e a vida doméstica eram a marca do ser feminino, enquanto

a iniciativa, a participação no mercado de trabalho, a força e o espírito de aventura, o do ser masculino. Esta segregação definia comportamentos e papéis sociais, ocupando a mulher um papel hierarquicamente inferior ao homem na família.

A participação da mulher no mercado de trabalho, contudo, aumentou na década 70, em especial nos serviços de consumo coletivo, em escritórios, no comércio e nos serviços públicos. Cresceram as oportunidades de emprego em profissões como enfermeiras, professoras, médicas, assistentes sociais e outras que exigiam maior qualificação. Para Bassanezi, *“essa tendência demandou uma maior escolaridade feminina e provocou, sem dúvida, mudanças no status social das mulheres”*. Mudanças que foram lentas, já que aquelas que buscavam ocupar esse espaço enfrentavam preconceitos na família e na sociedade e seu diferencial entre as mulheres tendia a ser percebido pelo negativo, como aquela que “abandonava” os cuidados da família e da casa.

O trabalho da mulher, embora cada vez mais freqüente, era visto, de forma geral, como ocupação transitória, a ser abandonado tão logo ela passasse a desempenhar sua verdadeira “missão” de esposa e mãe, ou como complementar ao trabalho do homem. Entretanto, não apenas a sociedade recebia com estranhamento e de forma bastante preconceituosa a entrada feminina no mercado de trabalho. A família também mostrava dificuldades em absorver esse comportamento na medida em que ele se confrontava com os padrões femininos da época. Os depoimentos de Gabriela e Bárbara falam sobre algumas das dificuldades vividas neste momento pelas mulheres.

“Quando minha mãe casou com meu pai, ele não queria que ela trabalhasse fora, mas ela insistiu, porque achava importante o dinheiro que ganharia, que poderia contribuir na casa, e de fato contribuiu muito para que tivéssemos um bom padrão de vida na época. Ela bateu o pé, ia escondido, forçava a barra, até que ele se acostumou quando viu que o dinheiro ia contribuir mesmo. Nós percebemos que no começo houve conflito. Ele morria de ciúmes, achava que mulher que trabalhava fora podia ‘pular a cerca’, esse tipo de coisa”. (Depoimento de **Gabriela**)

“Eu achava minha família muito esquisita, tinha um sentimento muito ambivalente nessa fase. Achava muito legal ter uma mãe que trabalhava tanto fora, porque nenhuma das minhas amigas tinha mãe que trabalhava fora, ainda mais no colégio de freiras daquela época, com uma classe bem dominante, católica. Por outro lado, eu invejava as meninas que tinham mãe em casa, porque iam

⁴⁸ BASSANEZI, C. Mulheres dos anos dourados. In: *História das mulheres no Brasil*, São Paulo: UNESP/Contexto, 1997.

*sempre para a escola com o lanche arrumadinho, feito pela mãe e quem fazia meu lanche era a empregada, porque minha mãe tinha que sair muito cedo para trabalhar. Eu não sabia muito bem o que era bom ou ruim. As mães das minhas amigas falavam muito mal das que trabalhavam fora, que eram vistas como mães que abandonavam os filhos". (Depoimento de **Bárbara Ramos**)*

Para Saffioti⁴⁹, o incremento na produção que vai ocorrer nas décadas de 1960 e 1970, com o grande surto industrial gerado no governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961), aumenta o nível de emprego nas áreas urbanas, mas não responde às necessidades do segmento de mulheres, que se mantém participando do mercado de trabalho de forma bastante inexpressiva⁵⁰.

Além disso, conciliar casamento e filhos com a atividade profissional era uma proposta inadmissível para os valores da época. Após o casamento ou a chegada dos filhos, em geral, as mulheres abandonavam seus empregos. O trabalho feminino fora de casa era aceito somente para as mais pobres, por necessidade econômica. Para muitas mulheres, mesmo participando do mundo do trabalho e obtendo sucesso profissionalmente, não apareciam questionamentos sobre seu papel no espaço doméstico. O trabalho da mulher, quando ocorria, tinha forte motivação econômica e era pensado como parte do projeto familiar.

Gabriela, lembrando sua infância, mostra a dimensão que tinha a vida familiar para as mulheres nesta época. Sua mãe trabalhava oito horas por dia como funcionária pública.

"Primeiro, ela trabalhou na Caixa Econômica Estadual e depois acabou optando por trabalhar na Secretaria da Fazenda do Estado, onde se aposentou. Lá, ela foi primeiro escriturária, depois foi assumindo outros cargos e subindo na carreira e aposentou como exatora que é um cargo abaixo de fiscal de rendas. Ela é muito inteligente".

Uma mulher que, pela descrição da filha, para os padrões da época, era dinâmica e destemida e soube enfrentar a intransigência do marido na luta por sua independência econômica. Avaliando o modo como homens e mulheres infringem as regras na sociedade Saffioti afirma que a transgressão feminina possui características muito diferentes da masculina já que,

⁴⁹ SAFFIOTI, H. I. B. *A mulher na sociedade de classes - mito e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976, p.242.

⁵⁰ A revista REALIDADE, informava, em 1967, que dos 49 milhões de brasileiros com mais de dez anos de idade em condições de trabalhar, 24.662.000 eram mulheres. Mas, enquanto 77% dos 24.139.458 homens trabalhavam, apenas 16% das mulheres exerciam uma profissão. O total de mulheres economicamente ativas

“O homem, quando transgride, descumpra a gramática sexual que ele próprio instituiu. Ora, a lei não vige para quem a faz, mas para seus subordinados. Assim, ultrapassar os limites fixados pelo gênero representa para o homem uma reafirmação de seu poder. Se a ordem social é falocêntrica, a transgressão masculina reforça o falo-logocentrismo. É, por via de consequência, conservadora. A transgressão da mulher, ao contrário, contesta a ordem social que a subalterniza. É, portanto, subversiva”⁵¹.

Contudo, essa mesma ousadia de transgredir as normas que controlavam a conduta feminina não foi observada por Gabriela no cotidiano doméstico de sua mãe.

“Em relação à divisão de papéis na família, eu percebo que a minha mãe ficava com a divisão tradicional da época, pois mesmo trabalhando fora, era ela quem tinha que administrar e cuidar da casa. Nunca vi meu pai lavar uma louça, fazer um café, almoço, nunca”.

No espaço da casa mantinha-se a divisão tradicional de papéis, mesmo para aquelas mulheres que conseguiam, com suas lutas e resistências, romper as barreiras criadas pela sociedade, participando do espaço público, ainda que este se restringisse apenas ao mundo do trabalho. Este comportamento das mulheres, presas a divisão sexual de papéis, seria, conforme Belotti⁵², consequência da educação recebida, pela qual, muitas vezes acabavam por não se oporem aos preconceitos que as afetavam. Interiorizando sentimentos de inferioridade e insegurança, convenciam-se da justeza da situação que, de fato, as oprimia na busca de segurança e consideração.

Lasch também destaca a importância da socialização na família na aquisição de hábitos que influirão profundamente na subjetividade dos indivíduos.

“Como principal agente da socialização, a família reproduz padrões culturais no indivíduo. Não só confere normas éticas, proporcionando à criança sua primeira instrução sobre as regras sociais predominantes, mas também molda profundamente seu caráter utilizando vias das quais nem sempre ela tem consciência. A família inculca modos de pensar e de atuar que se transformam em hábitos. Devido à sua enorme influência emocional, afeta toda a experiência anterior da criança”⁵³.

era de 4.054.100. “A mulher brasileira hoje”. In: *Revista REALIDADE. Edição especial*, São Paulo: Ed.Abril, ano I, n.º 10, jan/67, p.115.

⁵¹ SAFFIOTI, H. I.B. & ALMEIDA, S.S. *Violência de Gênero. Poder e impotência.*, Rio de Janeiro: Revinter, 1995, p. 130.

⁵² BELOTTI, E G. *O descondicionamento da mulher (do nascimento à adolescência)*, Petrópolis: Ed.Vozes, 1975.

⁵³ LASCH, C. *Refúgio num mundo sem coração. A família: santuário ou instituição sitiada?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p.25.

Se o ingresso da mulher no mundo do trabalho tinha a face de complementação do salário do marido, só sendo compreendido para as camadas mais pobres, face a necessidade econômica, o investimento feminino no estudo também tendia a não ser muito valorizado à época. O curso universitário, mesmo nas famílias pertencentes aos segmentos médios, não era considerado essencial para a mulher. Das seis mulheres que participaram da pesquisa, somente uma tem a mãe com instrução de nível superior (mãe de Teresa, filha de estrangeiros e com pai diplomata), ao contrário de seus pais em que de seis, três tinham curso universitário.

As narrativas nos fornecem pistas sobre o modo como a educação feminina nas décadas anteriores a 60 era direcionada apenas para o casamento e a maternidade, criando barreiras para as mulheres exercerem seu potencial criativo.

*"Ela fala [a mãe] que sempre quis estudar e o pai dela não deixou, porque achava que mulher não podia estudar. Podia estudar só até um certo ponto, ser professora, por exemplo, mas não mais que isso. Ela diz que sempre foi frustrada nisso, queria fazer uma faculdade e acho que ela transferiu esse desejo para nós, incentivando-nos". (Depoimento de **Gabriela**)*

*"Ela [mãe] estudara em uma escola em Natal que se chama Escola Doméstica, na época, só para meninas. Lá, as meninas aprendiam tudo que uma dona-de-casa precisa saber, aprendiam línguas também, mas aprendiam puericultura, cozinha, como servir uma mesa. Ela recebeu uma formação que, embora sendo de vanguarda para os costumes de lá, foi complementada com outra bastante doméstica". (Depoimento de **Bárbara Ramos**)*

*"Minha mãe tem um talento muito grande para desenho e pintura. Ela pinta, mas nunca trabalhou fora. Fez cursos no Liceu de Artes e Ofícios e, se tivesse continuado, poderia ter dado aulas lá. Ela e minhas tias estudaram no colégio Notre Dame, até os quinze, dezesseis anos. Era um colégio de elite em São Paulo. Ela tem essa formação de um colégio francês, não fez faculdade, mas era como se tivesse cursado faculdade de Letras ou Filosofia. Ela lê muito". (Depoimento de **Ruth**)*

Ser professora⁵⁴ ou aprender ofícios ligados ao mundo doméstico estava diretamente relacionado às expectativas da época que valorizavam a educação das jovens em cursos que as

⁵⁴Heleieth Saffioti, considera que, o desprestígio e a parca remuneração a que esteve sujeito o magistério primário desde seus inícios, aliados ao fato de considerar-se o ensino de crianças como um prolongamento das funções maternas, prenunciavam que o magistério elementar seria ocupação essencialmente feminina, chegando mesmo a constituir-se, durante muitos anos, na única profissão feminina plenamente aceita pela sociedade. A mulher na sociedade de classes. Mito e realidade. Rio de Janeiro: Vozes, 1976, p.194-195.

ajudassem, futuramente, a melhor administrar a casa e a educar os filhos, mesmo que tivessem tido a oportunidade de obter uma educação mais extensa.

Esse quadro se modifica nas décadas seguintes, com maior valorização da carreira profissional e independência financeira para a mulher, repercutindo, em especial, nas famílias das camadas médias que passam a ter como alto valor para os filhos e filhas o diploma universitário.

Com relação à sexualidade, a dimensão sexual da vida do casal nestas décadas, como nas anteriores, tendia a centrar-se na reprodução, sendo relativamente menor a expectativa de obter prazer a dois. A moral sexual dominante definia como padrão de virtude para as moças solteiras a virgindade, apreciada, de fato, por ambos os sexos. Para Guiddens⁵⁵, *“assim como a reputação das garotas estava apoiada em sua capacidade de resistir, ou conter, os avanços sexuais, a dos rapazes dependia das conquistas sexuais que poderiam realizar”*. A própria legislação em vigor, regulamentada pelo Código Civil, possibilitava a anulação do casamento se a noiva não fosse virgem. O controle da sexualidade feminina dessa forma era favorecido, mantendo a primazia do poder masculino na relação homem e mulher.

O casamento e a maternidade eram percebidos pela sociedade e mesmo por muitas mulheres como destinos naturais do feminino. O espaço doméstico era o seu domínio, devendo respeito e amor ao marido a quem estaria unida, em geral, até o final de sua vida. Badinter⁵⁶ afirma que o amor materno abrangia várias responsabilidades que exigiam devotamento integral da mulher, como forma de alcançar a felicidade. Por isso mesmo, o trabalho feminino era duramente criticado, já que prejudicaria a função essencial da natureza feminina: a maternidade. Na verdade, como afirma Saffioti⁵⁷, o trabalho da mulher foi colocado à margem do processo produtivo de bens e serviços com a justificativa ancorada nas concepções tradicionais do papel feminino, quando de fato era a economia nacional que não apresentava condições de absorver a totalidade da força de trabalho existente.

Para Lasch⁵⁸, *“a família burguesa simultaneamente degradou e exaltou a mulher”*. Por um lado, retirou-a de suas ocupações tradicionais, quando o lar deixou de ser um centro de produção, legando-lhe à criação dos filhos. Por outro, novas exigências relacionadas a educação dos filhos, num período em que as necessidades da criança passaram a demandar muita

⁵⁵ GUIDDENS, A. A transformação da intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas, São Paulo: UNESP, 1993, p.19.

⁵⁶ BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*, 8ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

⁵⁷ SAFFIOTI, H.I.B. *A mulher na sociedade de classes - mito e realidade*. Op. cit., p. 241.

atenção, criaram a necessidade de educar as mulheres para tarefas domésticas que incluíam o seu papel de mãe e de esposa. Muitas vezes essas opções conduziram a caminhos que as tornavam conservadoras e temerosas de mudanças. Nas lembranças das filhas, é possível observar o quanto a cultura da época influía nos padrões de comportamento feminino. Bárbara Ramos relata a vida de sua mãe antes de casar:

"Era curioso porque em Natal, uma cidade super pequena, ela era considerada para os padrões de mulher dessa época, uma pessoa de vanguarda. Ela foi a primeira na cidade a usar calça comprida, maiô, usava brincos, escrevia muito no jornal local, cantava e tinha muitos namorados. Era muito conhecida na cidade como sendo uma pessoa que estava sempre à frente do seu tempo. Isso não por tradição familiar, ela era assim, se destacava nessas atividades. Principalmente em assuntos ligados à escrita e por cantar no colégio".

E as mudanças que ocorreram em sua identidade depois do casamento e a vinda dos filhos:

"Não sei se por isso [o casamento, o trabalho e a vinda dos filhos], a vida da minha mãe mudou tanto. Aquela mulher que tinha uma certa independência, principalmente dos homens em relação às mulheres da época, que era uma exceção, mudou. Não sei se foi porque ela começou a trabalhar muito com meu pai e os dois construíram um patrimônio grande".

O que aconteceu não parece ter sido provocado pelo trabalho mais árduo que sua mãe teve que assumir, mas, sim ser uma consequência do novo "status" que ela adquiriu com o casamento e que orientava, pela cultura da época, o comportamento feminino na confirmação de um padrão no qual a mulher casada relegava a própria identidade e possibilidade de autonomia⁵⁹ para centrar-se no que considerava ser o bem-estar da família. É possível essa compreensão pela continuidade da narrativa de Bárbara, ao se referir a relação de sua mãe com seu pai que tinha por base os elementos que impregnavam o amor romântico:

"Minha mãe tinha um relacionamento com meu pai em que o centro da vida dela era ele. A mulher que falava do seu passado de vanguarda tinha uma vida [presente] de certa subserviência. Não que meu pai fosse machista ou exigisse que ela fizesse tudo por ele, pelo contrário, ele admirava muito a mulher que trabalhava, porque veio de uma família italiana em que as mulheres

⁵⁸ LASCH, C. *Refúgio num mundo sem coração*. A família: santuário ou instituição sitiada? Op. cit., p.25.

⁵⁹ Anthony Guiddens, falando sobre a questão da autonomia afirma que "autonomia significa a capacidade de auto-reflexão e autodeterminação dos indivíduos: deliberar, julgar, escolher e agir diante de diferentes cursos de ação possíveis" Op. cit., p.202.

todas trabalhavam muito junto aos seus maridos, mas sempre trabalhando muito. Para ele, isso era muito natural.

Ele até tinha uma visão de relacionamento mais independente do que minha mãe. Admirava que ela trabalhasse, mas ela tinha uma tal paixão por ele que tudo o que fazia na vida girava em torno dele. Com os filhos ela era muito cuidadosa e atenciosa, mas sentíamos que ela tinha que estar em torno dele. Por exemplo, ela tinha crises homéricas de ciúmes se tivesse que tirar uma semana de férias conosco longe dele. Adoecia, chorava, achava que ele ia arrumar outra, mas isso era uma coisa muito dela, não era compartilhado”.

Ruth apresenta uma imagem semelhante de sua mãe, porém, nela é mais visível a cultura machista que orientava a relação homem e mulher no casamento e o papel da mulher família:

“Minha mãe é uma pessoa extremamente machista. Ela vem de uma família libanesa em que as mulheres dizem amém e os homens mandam. Ela tem isso inculcado, é muito servidora. Se meu irmão está sentado, ela vai pegar o copo de água para ele, serve a comida para meu pai, faz o prato e leva para ele. Ela nos criou e viveu com meu pai assim, servindo, e continua fazendo o mesmo com meus filhos. Sempre se colocou assim e esse foi o grande conflito da minha adolescência, porque brigava muito com ela, não entendia porque ela era assim”.

Carmem Silva, refletindo sobre as representações que envolviam o feminino nessa época assim define a situação de muitas mulheres casadas: *“o casamento a converte em propriedade privada do homem (...). Se antes era um vir-a-ser, agora é um mero e precário ser-por-delegação”*⁶⁰. De fato, conforme os valores presentes na década, todas as ações da mulher deveriam convergir para a busca de harmonia e felicidade conjugal na família, sacrificando-se, se necessário, para a felicidade do grupo e era isso que muitas procuravam fazer, anulando-se enquanto pessoas.

Essas concepções confirmavam a segregação de papéis e influíam também na educação dos filhos, produzindo condicionamentos e expectativas de comportamentos que definiam, desde a infância, os espaços de cada um, de acordo com o sexo. Contudo, é possível perceber algumas modificações na educação feminina, entre os segmentos médios, neste período.

⁶⁰Carmem Silva, jornalista e psicóloga, escreveu para a revista CLÁUDIA durante muitos anos, respondendo a consultas de leitoras. Em 1967, realiza uma leitura de quinze mil cartas, dirigidas a três revistas femininas, traçando um perfil destas leitoras. Sua análise procurava decodificar as preocupações que envolviam muitas mulheres à época, buscando ajudá-las a ter um comportamento mais maduro e independente dos valores machistas presentes na sociedade. “A mulher brasileira hoje”. In: *Revista REALIDADE*, ano I, n.º 10, São Paulo: Ed. Abril, jan/67, 198 p.

Na pesquisa, aparecem dois aspectos que indicam mudanças importantes. O primeiro se refere a que, embora não existisse entre as mulheres expectativas de participação dos homens no universo doméstico, dada a segregação por gênero, nas famílias em que o marido tinha origem estrangeira houve uma participação mais igualitária nas tarefas domésticas, provavelmente devido a socialização diferenciada que estes tiveram em seus países de origem. Migrantes da Europa, Estados Unidos e China, conviveram com mudanças nas relações familiares, devido a 2ª Guerra Mundial, face ao ingresso das mulheres no mercado de trabalho, fato este que antecedeu o reflorescimento do movimento feminista.

O pai de Teresa Lobo tem nacionalidade chinesa e alemã e a mãe, nacionalidade americana e brasileira. Bárbara Ramos é filha de pai italiano e mãe brasileira. As duas relatam o cotidiano de seus pais:

“Essa diferença de gêneros, que a mulher faz tudo em casa e o marido não faz nada não tinha na minha casa. Sempre vi meu pai lavando roupa, louça, dividindo as tarefas de casa. Acho que ele dividia mais com a minha mãe do que meu marido comigo hoje. Nós esperaríamos o inverso, com a passagem de gerações, mas o Marcelo [marido] vem de família italiana/espanhola, a mãe dele teve muitos empregados e ele e os dois irmãos nunca foram acostumados a colaborar em casa. Não posso me queixar muito, ele colabora, mas não tem a mesma divisão de tarefas como tinha na casa dos meus pais.

A minha percepção do ambiente familiar dessa época é que era de uma família comum, mas de fato não era porque meu pai participava das tarefas domésticas e também porque tínhamos atividades diferentes de outras famílias”. (Depoimento de Teresa Lobo)

“Com relação às tarefas domésticas em casa era uma coisa muito estranha, para Recife e à época. Entre meus pais tudo era muito dividido. Nunca vi minha mãe só com a educação dos filhos. Os dois trabalhavam a mesma quantidade de horas, no mesmo lugar, se cansavam do mesmo modo. Por exemplo, quem me levava ao dentista não era minha mãe, era meu pai. Quando fiquei menstruada, falei para minha irmã, que tinha ficado antes de mim, e ela falou para meu pai, que falou para minha mãe.

Meu pai, na verdade, sempre foi muito maternal. Ele cozinhava para nós, ajudava. Nunca vivi essa questão de divisão de tarefas, se havia era muito implícito. Meu pai cozinhava aos domingos, inventava programas de pic-nic. Minha mãe cozinhava também, os dois arrumavam o carro juntos, descarregavam juntos. Tinham umas coisas que ficavam por conta da minha mãe, falar com a empregada, a arrumação dos quartos, mas era uma coisa natural. (Depoimento de Bárbara Ramos)

Já Laura, filha de pais brasileiros e Ruth, filha de pai brasileiro e mãe de origem libanesa, ambas as culturas perpassadas por valores conservadores nesta época, nos falam do modelo tradicional de família, com papéis bem delimitados:

*“Não sei se meu pai era machista, mas era comodista. Ele sempre valorizou muito minha mãe, mas deixava a maioria das responsabilidades da casa por conta dela. Como morávamos junto com meus avós, o papel que ele deveria assumir em casa, acabava sendo cumprido pelo meu avô. Meu avô era quem ajudava minha mãe [nas tarefas da casa], muito mais que meu pai. Meu pai era aquele [da casa] que vinha para participar da festa. Fazer a coisa chata não era com ele não. (Depoimento de **Laura**)*

*“Em termos dos papéis diferenciados [por gênero], em casa tinha o homem que trabalhava e a dona-de-casa, mas não era machismo. Era muito mais por opção [da mãe]. Acho inclusive que o fato da minha mãe nunca ter trabalhado fora era algo que incomodava meu pai. Eu tinha uma imagem assim, ele como dinâmico e ela caseira, mas não sentia isso como machismo”.(Depoimento de **Ruth**)*

O ideal de família, com papéis rigidamente definidos, não foi incorporado de igual forma pela população brasileira. A própria divisão da sociedade em classes supõe múltiplas formas de organização e uma diversidade de arranjos familiares. Por isso, estão presentes histórias como a de Carol, filha de pais brasileiros pobres, com a mãe apresentando um quadro de doença severo durante parte de sua infância e da adolescência. Nas vivências familiares, as tarefas domésticas assumem aqui outra ordenação que não se reporta somente a gênero, mas tem na situação social apresentada, a predominância da classe a que pertencia.

“Sendo a filha mais velha, com oito anos tinha que ajudar minha mãe nos trabalhos de casa, os meninos não muito. Ela, às vezes, os colocava para ajudá-la também, mas era muito difícil. Eu ajudei a criar os irmãos menores quando já estava maior. Cuidava de tudo, dos estudos, dava banho, fazia comida, arrumava a casa. Foi um período da vida de minha mãe em que ela ficou depressiva, ficava só deitada, tomava remédios e sobrou toda a responsabilidade da casa para mim. Foram muitos anos assim e foi muito ruim para ela.

Eu tinha onze anos de idade na ocasião e durou quase até o fim da minha adolescência. Meu pai começou a ajudar em casa também, passou a atender com sua oficina em casa, para poder ficar perto dela e tomar conta. Quando comecei a trabalhar, com dezessete anos, meu pai assumiu as tarefas e meus irmãos começaram a ter que ajudar também. Todos sabem lavar, passar, cozinhar. Hoje eles fazem todo o serviço em suas casas com suas famílias. Meu irmão mais velho é quem assume tudo em sua casa e no cuidado dos filhos e até hoje meu pai é quem cuida da maior parte das coisas de casa”.

Na família de Carol, o fato de sua mãe ter estado doente durante muitos anos, acabou por modificar as relações familiares, não havendo, após seu adoecimento, a tradicional divisão do trabalho por sexo, já que a nova situação obrigou a que todos assumissem as tarefas de casa. O interessante em sua história foi a importância que adquiriu essa alteração nos padrões familiares para os membros do grupo, produzindo novos comportamentos masculinos e femininos muito positivos que, por terem sido apreendidos desde a infância, puderam mais facilmente ser incorporados, tornando-se o padrão familiar de vida a dois, com mais equidade entre os gêneros.

A família, como principal agente socializador, como afirma Sarti, seja como for composta, vivida e organizada, *"é o filtro através do qual se começa a ver e significar o mundo. Este processo que se inicia ao nascer prolonga-se ao longo de toda a vida, a partir dos diferentes lugares que se ocupa na família"*⁶¹. No caso da família de Carol esse foi sem dúvida um processo muito positivo na construção de uma nova forma de relacionamento entre os sexos.

Outro aspecto que reflete abertura para mudanças na educação feminina é a menor rigidez das mães, pertencentes aos segmentos médios, no que se refere à socialização das filhas para o aprendizado doméstico. As expectativas para o futuro dos filhos tinham o recorte diferencial de gênero, na preparação para o casamento e procriação, valores tidos como fundamentais para as filhas. Dificilmente se entenderia um homem só, mas muito menos uma mulher só, já que a sua razão de ser estava condicionada à reprodução e à união.

Porém, no espaço doméstico, parece haver uma diminuição das expectativas e condicionamentos para esse aprendizado, embora os valores da época, que construíam papéis diferenciados, de acordo com os gêneros, ainda fossem relevantes. Das seis entrevistadas, somente duas tiveram uma história familiar de educação feminina mais segregada no que se refere às tarefas domésticas. A vida em uma cidade do interior, mais sujeita à influência pela manutenção de papéis sociais tradicionais para homens e mulheres, no caso de Gabriela, pode ter contribuído para essa constância. No caso, de Carol, a classe social a que pertencia, na fase da infância e da adolescência, pode ter influenciado na forma mais conservadora com que sua mãe estabelecia as diferenças de papéis. Mas, o pertencimento a esta classe foi também fator impulsionador para mudanças nos papéis de gênero, quando pela necessidade, a família teve que criar estratégias de sobrevivência que modificaram os papéis de gênero.

⁶¹ SARTI, C. A Família e jovens- no horizonte das ações. In: *Revista Brasileira de Educação*, n.º 11, mai-ago/99, p.100

Lauretis afirma que, a diferença sexual não constitui unicamente o sujeito. Ele é engendrado “por meio de códigos lingüísticos e representações culturais nas relações de sexo, mas também de classe e raça”, o que o constitui um ser múltiplo e contraditório. Essa interpretação permite pensar na inserção do indivíduo na sociedade através de suas três identidades sociais. Estas são contraditórias e vinculam-se a um projeto hegemônico, mas nem sempre atuam no mesmo patamar, não significando que uma seja mais importante que a outra. Há um movimento permanente dessas identidades e a dinâmica dependerá do movimento histórico vivido⁶².

Saffioti confirma a coerência da análise de Lauretis sobre o sujeito múltiplo, que se transforma dentro destes limites. Conforme esclarece,

“Trata-se, em outros termos, de três faces, de três identidades sociais do sujeito, todas igualmente importantes para que ele atue na construção de uma sociedade sem desigualdades(...). As três identidades estão sempre presentes, embora não com o mesmo vigor. Dependendo da situação histórica vivenciada, uma delas pode apresentar mais relevo, e freqüentemente o faz”⁶³.

Gabriela, com uma vivência em cidade do interior paulista, conviveu na família com padrões mais tradicionais de papéis sociais:

“Em casa éramos três filhos: eu, a mais nova, minha irmã do meio e meu irmão mais velho. Meu irmão era livre dessas tarefas. Minha mãe sempre teve empregada mensalista, mas quando ela faltava, ou era mandada embora, éramos eu e minha irmã que tínhamos que fazer as coisas. Meu irmão nunca fazia nada e isto era uma coisa que eu questionava, ‘Porque ele não pode ajudar? Porque tem que ser sempre nós?’ A resposta era ‘Homem não faz essas coisas’. Meu pai também não fazia e não faz até hoje.

Tanto é que a gente [ela e a irmã] achava esquisito menino que trabalhava em casa. Eu lembro que um dia vi um menino cuidando de uma casa e achei estranho. Eu e minha irmã brigávamos muito na divisão de tarefas em casa porque quando a empregada faltava, a gente tinha que fazer mesmo”.

⁶² LAURETIS, T. A Tecnologia do Gênero. In: HOLLANDA, H.B. (org.) *Tendências e impasses. O feminismo como crítica da cultura*. Rocco: RJ, 1994, p.208.

⁶³ SAFFIOTI, H I.B. Violência de gênero: o lugar da práxis na construção da subjetividade. In: *Revista Lutas Sociais*, nº2, São Paulo: PEPGCS-PUC/SP, p. 59-79, jun/97.

Os papéis, entretanto, são negociados sendo que, no caso das mulheres, como destaca Saffioti⁶⁴, isso é uma constante em suas vidas, o que não significa que abdicuem de suas identidades, mas que constroem estratégias para melhor enfrentar os mecanismos de controle sexual que se produzem na sociedade. Refere-se *“à própria sobrevivência das mulheres em sociedades falo-logo-cêntricas”* e, embora a reprodução prolongada de certos papéis possa ocasionar transformações na identidade, estas não dependem somente da repetição continuada de certos papéis. A história de vida de Gabriela mostra que essas experiências serviram como fator positivo na construção de sua identidade feminina, já que, mais tarde, ao constituir família, rejeitou a divisão tradicional de papéis e passou a exigir uma relação com o marido baseada na partilha e na igualdade de condições.

Carol, na fase da infância e da adolescência, pertencia a uma camada social mais empobrecida, respondendo desde muito cedo pelos cuidados da casa e dos irmãos e tendo que trabalhar fora para ajudar no sustento da família. Essas experiências na família, marcadas por dificuldades financeiras, tornaram o fator econômico mais relevante do que as questões que envolvem gênero.

“Não cresci vendo que era a mulher que devia fazer tudo, porque meus irmãos faziam também. A minha irmã menor, que agora está com vinte e um anos, não pegou essa fase e não sabe fazer nada em casa. Quem ajuda em casa é meu pai.

Quando comecei a trabalhar ficou um pouco pior, porque passei a sustentar a casa também. Meu pai estava ganhando muito pouco, não conseguia sustentar todos os filhos e era eu quem cobria aluguel e outras coisas. Depois que me formei, com vinte e três anos, aí ficava tudo por minha conta mesmo. Como era eu quem geria a questão financeira todo mundo me obedecia”.

Dependendo da condição histórica vivida, uma das identidades sociais vai apresentar maior relevo, sendo a classe a qual Carol pertencia nesse período, o fator mais marcante na construção das relações familiares.

Porém, mesmo nos segmentos médios urbanos, as mudanças se processavam de forma contraditória, pela proeminência de valores tradicionais na sociedade. Teresa Lobo ao lembrar a educação transmitida por sua mãe considera que, de fato, não foi tão igualitária como lhe parecia no período da infância e da adolescência.

⁶⁴ Ibid.

“Minha mãe achava que mulher deve trabalhar, não nos criou para ficar tomando conta de casa,. Mas hoje eu percebo que quando ela me vê trabalhando muito volta-se para valores como fazer uma atividade, mas desde que a carreira venha em segundo lugar. Eu viajo muito, faço muitas coisas e percebo que ela não desaprova, mas também não apoia, ao contrário, se tenho alguma reclamação com relação ao meu marido ou as crianças ela não ajuda.

Meus pais nunca passaram para nós uma educação diferenciada por sexo. Entre eles as decisões eram partilhadas, mas acho que existia sim essa diferença. Eu percebia às vezes minha mãe falando para meu pai: ‘Você tem que tomar a decisão, afinal você não é o homem da casa?’ Coisas meio típicas, mais com relação a ela, porque para ele, talvez por conta de seus relacionamentos familiares, não sei se essa definição de papéis era tão clara. No caso de minha mãe sim, e acho que ela cobrava mais dele”.

Laura também confirma essas contradições ao falar de suas experiências em família lembrando que, se sua presença nas tarefas da casa não era muito exigida, inexistia cobrança para que o irmão assumisse qualquer atividade doméstica porque era menino.

“Como morávamos numa casa grande, sempre tivemos emprada, quando éramos pequenos [ela e o irmão], tínhamos até duas empregadas. Nunca precisamos ajudar e acho que começamos a ter a percepção de que isso era importante quando fomos para um acampamento [de crianças]. Foi mais uma percepção vinda de fora do que de dentro. Fomos com onze e doze anos e lá tínhamos que arrumar a cama, lavar roupas e quando voltei comecei a achar que tinha que ajudar mais [em casa]. Meu irmão não, sempre foi acomodado e também nunca foi cobrado de ajudar porque era menino. Isso sempre tem, não adianta, nós [ela e o marido] tentamos mudar com o nosso filho, incentivando que ele ajude”.

Essa diferenciação entre os sexos, nas responsabilidades das tarefas domésticas, era uma constante, mesmo nas famílias em que se exigia a ajuda dos meninos em alguns serviços. Como afirma Belotti⁶⁵, estes, em geral, tendem a ser selecionados entre os considerados mais adequados aos homens e pedidos com menos frequência. Caso os meninos se recusem a fazê-los também não sofrem discriminação, nem são estigmatizados como as meninas.

Entretanto, as contradições faziam parte do processo de transformação da sociedade já em curso, estando presentes, em maior ou menor grau, de acordo com a classe social e o estilo de vida do grupo familiar. Talvez por isso, Bárbara Ramos e Ruth, ambas pertencentes às camadas médias urbanas, recordem que, nas suas famílias, esta questão não era tida como um valor feminino importante de ser aprendido.

⁶⁵Ibid.

“A educação que tanto eu quanto minha irmã tivemos não foi muito rígida no sentido de valores muito divididos, do que é de menino e do que é de menina. Não aprendi a cozinhar em casa, embora minha mãe fosse uma exímia cozinheira. Não era algo cultivado, exigido, mas era muito exigido que aprendêssemos a trabalhar para ganhar dinheiro. Eu digo sempre que tive uma educação mais masculina do que feminina, no sentido que estávamos muito mais voltadas nesse contexto todo para o mundo público, da rua, do que para o dentro de casa”. (Depoimento de Bárbara Ramos)

“Não era cobrado que eu assumisse as tarefas domésticas, mas eu assumi. Minha mãe passava muito tempo com minha avó [materna] no hospital, quando ela ficou doente. Com doze anos de idade, quando ela saía, eu cozinava, arrumava a casa para ela, porque sabia que ela ia voltar cansada do hospital. Eu fazia quando precisava, mas, se ela estivesse em casa, ajudava pouco”. (Depoimento de Ruth)

A família, de forma especial, desempenha a função no cotidiano e nas biografias de reproduzir normas e regras bastante estritas, carregadas de forte controle social sobre o comportamento dos indivíduos, atualizando o que Velho⁶⁶ denomina “*código de emoções*”. Por isso sua centralidade e seu caráter de foco legitimador de sociabilidade.

No desempenho dos papéis familiares a mulher, de forma geral, encontrava-se mais presa ao mundo doméstico e a educação dos filhos, enquanto o homem, pela educação que recebera voltada para o mundo da rua, pouco participava desta, já que era uma função considerada como de responsabilidade da mãe. Seu trabalho para o sustento da família era para ele a maneira de provar sua “superioridade” sobre a mulher. Para Costa,

“o script sexual desenvolvido na adolescência prossegue no casamento. As relações insatisfatórias e apressadas são comuns. Os problemas do dia-a-dia e o stress resultante das expectativas ou incertezas sócio-profissionais tornam o homem mais preocupado e ansioso. Escondem suas dificuldades na área profissional ou financeira para não serem vistos como incapazes ou fracos”⁶⁷.

Esse perfil do homem brasileiro, mais racional, angustiado com sua sexualidade e com os problemas cotidianos, pouco presente na educação dos filhos, se comparado às lembranças das filhas sobre seus pais no período da infância e da adolescência, pode soar como inverossímil. As narrativas sugerem que de fato, a segmentação de papéis estava presente no

⁶⁶ VELHO, G. *Individualismo e cultura. Notas para uma Antropologia da sociedade contemporânea*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1997.

espaço doméstico, mas a afetividade paterna também era sentida, sendo os valores transmitidos pelos pais mais progressistas, se comparados à educação materna.

Teresa Lobo, lembrando de suas vivências com o pai, nos fala de uma figura amiga e estimuladora da arte:

“Ele nunca foi um pai autoritário, como eu via serem os de meus amigos, era super compreensivo. Às vezes um pouco ausente, mas super amigo, do tipo que se pode falar coisas que jamais se pensaria em falar com um pai.

Um dado importantíssimo na minha vida é que meu pai é um cinéfilo. A brincadeira era de boneca, porque inventávamos os roteiros, os filmes, desde muito cedo. Íamos muito ao cinema, depois começamos a pegar filmes para assistir em vídeo. Minha irmã veio recentemente da França e ficou na casa de meus pais e para conversar sobre o meu avô assistiam filmes. Líamos muito também”.

Meu pai gostava de contar histórias para nós, de inventá-las. Isso até hoje é assim”.

Laura nos fala de um pai que “soube viver a vida”, mas que também se preocupou com a família. Um pai que viveu uma experiência política em sua juventude, transmitida aos filhos com orgulho. Certamente sua postura influenciou na vida da filha e, embora relate que ele não falava muito de política, suas recordações ajudam a perceber o quanto de política havia na vida familiar e na postura de seu pai frente as questões que então se colocavam.

“Papai era advogado e trabalhou um pouco em empresa, mas depois passou a atender só em seu escritório. Quando ficou doente, acho que perdeu um pouco o eixo. Fez radioterapia, quimioterapia, mas naquela época não tinha tanta técnica, a evolução da medicina era muito embrionária [nesse campo]. Acho que ele se entregou [à doença]. Mas teve sua formação, sua vida e sempre gozou do jeito que quis. Carregava minha mãe para tudo e, como casaram cedo, viveram. Viajavam sozinhos, depois quando ficamos maiores nos levavam também”.

Nossa educação ele assumia, decidiam juntos o que fazer. Papai sempre foi mais político conosco, não era muito severo, mas muito generoso. Meu irmão levava muitas broncas do meu pai, ao contrário de mim. Acho que porque ele era muito quietinho e meu pai não admitia e ficava pegando no pé para que ele fizesse esportes. Mas não adiantava, porque o que ele gostava mesmo era de ler, estudar, era outro perfil, não o que meu pai gostaria que fosse”.

Meu pai vinha do Movimento Democrata Cristão, da JUC, Juventude Universitária Católica, porque ele fez Direito na PUC. Depois foi simpatizante do MDB, era super montorista, como todo mundo ligado à área de Direito. Ligado ao José Carlos Dias, ao

⁶⁷ COSTA, M. Sexualidade, In: *Macho, masculino, homem. A sexualidade, o machismo e a crise de identidade do homem brasileiro*. São Paulo: L&PM, 1986, p.46.

peçoal dos direitos humanos, ao Dallari. Ele era amigo desse pessoal na época que fez universidade.

Só que ao mesmo tempo que ele era assim, quando começou a revolução de 64, ficou com medo e se afastou totalmente. Não sei se afastou-se das pessoas, porque elas acabaram saindo do país. Talvez no fundo ele tivesse medo de eventualmente pingar nele alguma coisa, mas nunca houve nada. Ele não era militante, mas simpatizante e por ter estudado na Católica, tinha isso. Ele nunca foi um marxista, nem um cara de esquerda, era um social democrata. Hoje, seria um pessedebista, talvez como Covas ou mais conservador, não sei. Não consigo ter essa dimensão, porque quando eu comecei a me empolgar com política, ele morreu [em 1983].

Meu pai odiava o Maluf, era anti-malufista até o último fio de cabelo! Dizia que tinha falcatrua, etc. Quer dizer, mesmo que fosse velada, havia discussão política em casa, tanto que meu pai sempre votou no MDB, votou no Jânio, embora na época todo mundo tenha se arrependido. Mas ele não era janista, foi o voto que era possível na época, era Jânio e João Goulart. Ele sempre foi ligado à Juventude Católica e tinha esse perfil de amigos. Foi uma pena, porque na época que esse pessoal estava voltando e de novo rearticulando um espaço, papai morreu. Talvez ele tivesse até ido por esse caminho também. Ele, como eu, era muito falante, super dado, eu tenho muito da personalidade dele”.

Que valores implicitamente estavam sendo repassados aos filhos por esse pai? Recentemente, Lafer escreveu sobre as concepções que nortearam a vida política do senador Franco Montoro. Para ele, Montoro guiava-se por uma concepção comunicativa, no sentido descrito por Jaspers e Habermas. Suas afirmações centravam-se em valores cuja origem estavam no seu catolicismo. Participou da criação do Partido Democrata Cristão, impregnado pelo pensamento de Jacques Maritain, fundador de uma nova visão cristã, não sectária, menos “sacra” e mais “laica”, porque aberta às necessidades e aos valores do mundo moderno. Segundo Lafer, Montoro foi conscientemente fiel a esse núcleo básico de valores inspirados por Maritain e

“esse lastro teórico fez dele um democrata convicto, adepto da participação, e um defensor dos direitos humanos que, não apenas na oposição, mas também no governo e no exercício do poder, tinha da política uma perspectiva ‘ex parti populi’ e não ‘ex parte principis’. Essa foi assim durante o regime militar e no processo de redemocratização do Brasil a linha diretiva de sua atuação no MDB e depois no PMDB”⁶⁸.

⁶⁸ Celso Lafer, professor titular da Faculdade de Direito da USP. Foi Ministro das Relações Exteriores (1992) e do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (1999), além de Embaixador do Brasil junto à OMC (Org. Mundial do Comércio) e à ONU em Genebra (1995-1998). Publicou recentemente texto, parte de um livro, em homenagem a André Franco Montoro. Ética e Política em Franco Montoro, Caderno Mais!, jornal *Folha de São Paulo*, São Paulo, mai/00, p. 17-19.

Como afirma Lafer, Montoro não era um utilitarista, mas um republicano. Para ele, os direitos eram uma questão em si, não passíveis de instrumentação em termos de utilidade. Esses valores foram assimilados por muitos brasileiros, como o pai de Laura que, apesar do medo, face ao regime autoritário vigente, em casa, a seu modo, incentivava o debate sobre o momento político. Defendendo suas posições contra a direita, tendo o político Paulo Maluf como expoente desta, fazia a defesa veemente da democracia, aliando-se aos ideais de um segmento político que representava seus princípios.

Carol registrou, em suas recordações, o pai participativo no espaço doméstico, pouco ligado a questões financeiras, menos rigoroso na educação dos filhos que a mãe, tendo exercido, com seus princípios, grande influência em sua vida.

"Meu pai ajuda nas tarefas de casa e nesse ponto é muito tranquilo. Na vida ele é assim, não tem muita ambição, não se desespera por dinheiro. Ganhando para viver, está bom para ele. Nunca pensou no futuro, em sua aposentadoria, vai vivendo. Nunca pensou, como nós, no futuro dos filhos e não pensa sobre isso.

...quando eu era pequena, era mais rígido [o pai] com a educação feminina. Achava que meu irmão podia sair sem problemas e eu não. Mesmo assim, era mais brando do que minha mãe.

Os valores, princípios, o modo de me portar na vida, vem tudo do meu pai. Ele é cheio de princípios, não faz nada errado e passou isso para todos os filhos".

Bárbara conserva na memória os diálogos com seu pai carregados de valores positivos para que se constituísse enquanto sujeito de direitos, valorizando o feminino e construindo uma carreira de modo a tornar-se independente financeiramente. Lembra também do afeto sempre presente na relação entre pai e filhas e de toda a influência que o pai exerceu em sua identidade.

"Eu não vivi essa divisão de tarefas [por papéis de gênero], nem vi meu pai colocando os homens como mais fortes ou como tendo mais direitos do que as mulheres. Nunca tive uma experiência pessoal de me sentir inferior ao homem, no colégio, na faculdade ou no trabalho. Não tive essa vivência.

Se meu pai tinha que vir para São Paulo fazer um curso de ovos de páscoa, vínhamos junto, ficávamos no quarto do hotel, sob os cuidados dos funcionários e eles iam fazer o curso.

Acho que havia uma preocupação maior conosco por sermos meninas. Meu pai era muito apegado a nós, não gostava muito de se separar.

Meu pai sempre falava: Quando você tiver seu namorado, tem que ser independente, quando tiver seu marido tem que ser independente'. Eu tinha dez anos de idade, era muito pequena, mas ele falava isso, 'Nunca dependa de homem nenhum'. Ele falava e minha mãe concordava. Ela chegava a dizer 'Quando tiver qualquer dinheiro, nunca conte para seu marido quanto tem, não dê para ele'.

Eu sempre digo que meu pai, em comparação a minha mãe, estava dez anos na frente dela. Era mais tranquilo, embora compartilhasse de algumas coisas [refere-se à questão do controle da sexualidade feminina].

Acho que a pessoa que mais influenciou na minha identidade foi meu pai, que foi muito importante para mim, em termos profissionais e de me ensinar a crescer sem ter medo [da vida] por ser mulher. Ele dizia que eu não deveria me intimidar por ser uma mulher, que isso não era uma condição desfavorável. Isso foi uma coisa muito forte para mim, até na relação com homens”.

As percepções de Ruth com relação às vivências com o pai remetem a um pai alegre, com idéias libertárias, afetivo e apoiando suas opções, embora com dificuldades em ocupar o espaço doméstico e assumir a educação dos filhos.

“Meu pai sempre foi muito individualista, auto-centrado. Mas gostava de fazer programas com a família, é uma pessoa muito divertida, ‘o querido da família’, que faz piadas, uma pessoa de quem todos gostam. Adorava crianças, mas conosco tinha uma relação complicada, não conseguia ser pai. Não perguntava sobre a escola, o que fazíamos, nunca o senti presente. Sempre trabalhou muito.

Meus pais, embora não nos acompanhassem, davam muita liberdade para escolhermos os nossos caminhos. Nisso acho que teve um pouco do meu pai porque apesar de ter tido menos estudo que minha mãe, era mais libertário. Vivia muito, saía, conversava com pessoas. A vida social em casa era pautada pela vida do meu pai, que tinha uma grande diversidade de amigos.

Quando não tinha programa de domingo, eu falava para meu pai, ‘Vamos dar uma volta de carro pelo centro?’ Eu adorava passear no centro [de São Paulo]. Vamos tomar café no Aeroporto, sempre adorei sair. Foi uma fase muito livre”

Meu pai pagava a minha faculdade e o cursinho de pré-vestibular. Eles são bacanas nesse sentido, a faculdade era muito cara, mas meu pai pagava para que eu pudesse escolher.

Tive várias influências na minha identidade, (...), meu pai pelo seu humor. Ele é muito despojado para falar, essa minha desinibição vem um pouco dele”

Apesar da afetividade, do lúdico, dos valores mais progressistas repassados, de se mostrarem menos repressivos no controle da sexualidade das filhas e menos moralistas que suas esposas, os pais das entrevistadas não eram diretamente responsáveis pela criação e educação dos filhos. Assumiam o papel de colaboradores e sua participação tinha um caráter mais acessório. Badinter esclarece em sua análise sobre o mito do amor materno, que esse novo papel imposto ao pai remonta ao século XIX, quando o Estado que até então defendera o seu papel de autoridade, afirmando seus direitos, modifica sua atitude, adotando outra política.

Sua função passa a ser o de mantenedor do lar, responsável pelo conforto da família, respondendo somente de forma indireta na questão da educação dos filhos. *“Reconhecendo-lhe (a ele exclusivamente) tão somente uma função econômica, distanciaram-no progressivamente, no sentido literal e figurado, de seu filho”*⁶⁹. Também Guiddens falando da função afetiva do pai esclarece que,

*“Os manuais de educação infantil publicados no início do século aconselhavam os pais a não serem amigáveis demais com seus filhos porque a sua autoridade ficaria enfraquecida. Posteriormente foi desenvolvida a opinião de que os pais deveriam procurar criar laços emocionais íntimos com seus filhos, mas também dar o devido reconhecimento à autonomia do filho”*⁷⁰.

Talvez pelo afastamento afetivo que foi imposto aos pais pela normatização de comportamentos, estes sejam representados nas lembranças das filhas de forma mais idealizada, como aqueles que dominavam as coisas do mundo público, ou pelo menos dele estavam mais informados, sendo mais flexíveis no trato familiar e menos conservadores com as questões ligadas a moral e aos costumes.

Distante do cotidiano doméstico entediante, em casa, o pai é percebido como uma pessoa que tende a ser tranqüila, alegre e bom leitor de jornais e revistas que trazem os assuntos do mundo, embora reconhecidamente menos envolvido com a educação dos filhos. Pela “ordem natural das coisas”, não cabe a ele estas questões, oficialmente atribuídas à mulher, que assumirá como sua função tudo que se reporta à maternagem.

Bourdieu considera que,

“Tendo sido enfocadas pela taxinomia oficial, no lado do interior, do úmido, do baixo, do curvo, do contínuo, as mulheres vêem atribuir a elas todos os trabalhos domésticos, isto é, os trabalhos privados e escondidos e até mesmo invisíveis ou vergonhosos, como a criação das crianças e dos animais, e uma boa parte dos trabalhos exteriores, principalmente aqueles referentes à água, às plantas, ao verde (como a capina e a jardinagem), ao leite, à madeira, e, muito especialmente, os mais sujos (como o transporte de estrume), os mais monótonos, os mais penosos e os mais humildes. Quanto aos homens, estando situados no lado do exterior, do oficial, do público, do direito, do seco, do alto, do descontínuo, eles se arrogam todos os atos ao mesmo tempo breves, perigosos e espetaculares que (...)”

⁶⁹ BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*, 8ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p.237-294.

⁷⁰GUIDDENS, A. *A transformação da intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993, p.111.

marcam rupturas no curso comum da vida e fazem intervir instrumentos fabricados pelo fogo”⁷¹.

Conforme Bourdieu, a visão dominante masculina com relação à divisão sexual do trabalho vai se expressar nos diferentes discursos como os ditados, provérbios, os enigmas, os cantos, os poemas, e também nas representações gráficas como as decorações murais, os motivos das cerâmicas ou os tecidos. Seus significados vão estar contidos nos objetos técnicos e nas práticas, como na estrutura do espaço, e, em especial nas divisões interiores da casa ou na oposição entre a casa e o campo, na organização do tempo, e, mais amplamente, em todas as práticas e muito especialmente nas técnicas do corpo, posturas e maneiras.

Os homens são retratados na literatura e na arte, freqüentemente, como aqueles que dominam e as mulheres como passivas, incluindo livros e textos direcionados às crianças. Belotti⁷² apresenta em seu estudo, uma pesquisa realizada por feministas americanas em 1971, a qual analisou, durante um ano, quinze coleções de livros infantis e cento e quarenta e quatro textos de leitura adotados em escolas elementares. O estudo mostrou que os meninos são protagonistas em oitocentos e oitenta e uma histórias e as meninas em trezentas e quarenta e quatro. Enquanto os meninos aparecem fazendo “camping”, construindo casas em árvores, explorando cavernas, as meninas sorriem, brincam com bonecas e gatinhos e cozinham. As mães, na mesma pesquisa, aparecem, em geral, na cozinha, embora fosse cada vez maior o número de mães americanas que trabalhavam fora.

Os estereótipos sexistas têm a função social de justificar a manutenção das mulheres em situação de inferioridade (econômica, cultural, social, política, etc.) e são consequência de uma situação de opressão e exploração, que tem suas raízes na história. Trata-se sempre de legitimar, aceitar e justificar a situação de dependência, subordinação e desigualdade das mulheres na sociedade. Assim, o trabalho do homem é valorizado, porque ele contribui com dinheiro; o trabalho doméstico da mulher é desvalorizado, porque apesar de ser dedicado ao bem-estar da família, inexistente remuneração.

A criança vai assimilando esses estereótipos, o pai sendo visto como superior e a mãe como inferior. Sua observação da divisão do trabalho entre os pais: que o lugar do pai é o espaço público e que cabe à mãe cuidar da casa e dos filhos, influirá mais tarde na construção da identidade pessoal, tanto para o menino como para a menina. Mas, essas não são as únicas

⁷¹ BOURDIEU, P. *La domination masculine*. Tradução: Guacira Lopes Louro, Grupo de Estudos de Relações de Gênero e Educação, Faculdade de Educação – UFRS, Porto Alegre, 1992. (Relatório)

⁷² BELOTTI, E. G. *O descondicionamento da mulher (do nascimento à adolescência)*, Petrópolis: Vozes, 1975.

formas de se apresentarem estereótipos sexistas na família. Também as atitudes, comportamentos e emoções dos pais em relação às crianças são diferenciadas pelo sexo. Nas experiências vividas pelas entrevistadas estas questões estão presentes e analisá-las é fundamental para a compreensão do olhar diferenciado que lançam sobre a vida de seus pais e mães.

As mães são lembradas de modo recorrente no seu cotidiano doméstico, mesmo no caso daquelas que trabalhavam fora. Este espaço da micropolítica constituiu o *locus* privilegiado dessas mulheres e por isso foi confirmado pelas filhas. Na história da vida privada são as mulheres que vão costurando com seus saberes a educação dos filhos, no *habitus*, onde essa divisão funciona como um princípio universal, como um sistema de categorias de percepção de pensamento e ação. O *habitus*, como afirma Bourdieu⁷³, é o princípio gerador que vai dar a unidade do estilo de vida. O indivíduo, a partir de sua condição de classe absorve, pela socialização, esse estilo: pela família, pela educação formal, pela trajetória profissional.

Excluída da estrutura do mercado formal de trabalho, ou ocupando espaços que não comprometessem o poder já ocupado pelo homem, a mulher acabava por exercer seu poder no espaço doméstico, em especial, como principal responsável pela educação dos filhos. Vivendo mais no espaço privado absorvia, muitas vezes, valores que a definiam como mantenedora da ordem estabelecida, defensora da organização familiar e da ordem moral. As narrativas das filhas vão explicitando o modo como suas mães lidavam com seu pequenos poderes na família.

“Acho que minha mãe tinha poder de decisão igual ao meu pai, até porque ela trabalhava fora. Acredito que ela era muito independente em relação às mulheres daquela época. As mães das minhas amigas eram mulheres muito submissas, esperavam o marido para ele tomar as decisões e minha mãe não agia assim.

Meu pai era militar, mas eu não o via como pessoa autoritária na família, talvez o fosse no trabalho. Acho que minha mãe foi até mais que ele”. (Depoimento de Gabriela)

“Questões ligadas ao estudo, a ensinar, eram mais com minha mãe, mas às vezes meu pai ajudava. Acho que as broncas do dia a dia ficavam mais por conta dela.

Minha mãe não trabalhou durante muitos anos, mas depois que crescemos, ela de vez em quando fazia alguma coisa. Ela é professora de inglês, dava aulas particulares. Antes de casar foi professora e trabalhava fora o dia inteiro, depois do casamento parou, ficou grávida de mim e passou a trabalhar esporadicamente. Depois

⁷³ BOURDIEU, P. La marca del tiempo. In: *La distincion-critérios y bases sociales del gusto*. Paris: Taurus, 1992.

que saímos de casa e minha avó faleceu, ela voltou a trabalhar [porque cuidava da mãe], e hoje dá muitas aulas. Mas na época da nossa infância e adolescência não lembro de vê-la fora de casa trabalhando. Lembro dela nos levando para os lugares, assistindo sessão da tarde". (Depoimento de **Teresa Lobo**)

"O Colégio Bandeirantes foi um trauma para mim, porque eu vinha de um colégio no qual me dava super bem, que tinha um ambiente ótimo e onde conhecia todo mundo. No Bandeirantes, não conhecia ninguém, era aquela coisa de números, classificações que era horrível, odiei. Meu pai, vendo minha angústia, pensou em me mudar de escola, mas aí já era tarde, porque já estava às vésperas do vestibular e ninguém ia tirar uma menina que ia bem e eu ia bem. Talvez ele até tivesse a percepção, mas por ser acomodado nessa questão da casa, acabava achando melhor se ausentar e deixar para a mamãe. Ela acabava liderando nas decisões sobre o que fazer e como conduzir e ele só dava o aval financeiro ou o apoio.

Nas questões ligadas a nossa formação acho que meu pai se importava, mas para não criar conflitos, deixava mais com a mamãe. Ela tomava as rédeas do que fazer, embora ele sempre estivesse acompanhando". (Depoimento de **Laura**)

"Com relação a educação dos filhos, minha mãe sempre deu a palavra final. Na relação com meu pai é ela sempre quem decide tudo. Meu pai até foi meio omissivo, sempre deixando para ela [a responsabilidade], para não brigar". (Depoimento de **Carol**)

"A rigidez da minha educação, não sei nem se foi rigidez exatamente, mas no sentido da sexualidade aparecia mais na diferença entre o homem e a mulher. Na questão do trabalho não, éramos todos iguais. Na questão da sexualidade tinha uma coisa assim, que mulher não deve ser fácil, não deve demonstrar que gosta de namorar, tem que ser fiel, só ter um namorado. Minha mãe mais do que meu pai falava isso. Eu sempre digo que meu pai, em comparação a minha mãe, estava dez anos na frente dela.

Durante a semana nós brincávamos de casinha, boneca, brincadeiras de menina e em casa, porque minha mãe era uma mulher extremamente medrosa em relação ao que poderia acontecer conosco. Nunca nos deixou andar de bicicleta, porque temia que caíssemos e quebrássemos o braço. Ela sempre pensava no pior". (Depoimento de **Bárbara Ramos**)

"Tínhamos uma vida legal, éramos de classe média alta, fazíamos uns programas bacanas, mas eu sentia que entre meus pais havia uma diferença de nível intelectual. Achava minha mãe super refinada e meu pai um 'casca-grossa' em algumas coisas. Não no sentido intelectual, mas porque ele era muito menos carinhoso. A vida inteira vi minha mãe gostando de coisas diferentes dele.

Desde pequena lembro que era assim, minha mãe a dona-de-casa e ele saindo [para trabalhar], mas isso era uma opção dela.

Minha mãe sempre falou em trabalhar fora, mas não trabalhava, porque dizia que a casa não deixava". (Depoimento de **Ruth**)

Por apresentarem semelhanças importantes, as lembranças das filhas, sobre as vivências com suas mães, foi disposta de acordo com a forma que narraram, sem uma análise de cada história. Essa escolha está diretamente relacionada ao olhar que as entrevistadas lançam sobre o poder que suas mães exerciam no espaço íntimo, assim como de suas percepções sobre as dificuldades que seus pais tiveram em se posicionar nele, face a demarcação nítida de papéis, oriundos de experiências socializadoras diversas a que são submetidos homens e mulheres.

A concepção de poder formulada por Foucault⁷⁴ é importante na compreensão desses micro poderes exercidos pelas mulheres. Sua análise considera como fundamental no estudo do poder, captá-lo em suas extremidades, até onde ele chega, como atinge as pessoas e organizações, partindo do micro para o macro. Saffioti também avalia que trabalhar apenas com poderes derivados da estrutura social limita a análise, pois se perde *“a malha fina em cujo seio se tramam e implementam estratégias de apropriação de parcelas significativas de poder, capazes de produzir transformações notáveis na estrutura econômico-política”*. Conforme a autora, *“ao poder estruturalmente determinado junta-se o que é tomado nas relações cotidianas”*⁷⁵.

Contrapondo-se à vivência feminina da intimidade no mundo doméstico, havia o distanciamento masculino, resultado de condicionamentos na educação, mas sempre reatualizado no cotidiano familiar e pela sociedade. Assim, as decisões sobre a educação dos filhos, a organização do cotidiano familiar e a ordem moral tendiam a ficar a cargo das mulheres que se apropriavam desses poderes. Contudo, não era apenas pela autoridade que as mães cumpriam suas funções de maternagem. Suas práticas estavam impregnadas por uma afetividade que nem sempre era possível de ser observada no comportamento dos pais, mais afastados desse espaço.

O relacionamento entre pais e filhos nestas famílias estava também baseado no poder, na idéia de “diferenças intrínsecas”. O adulto ocupava uma posição de mando, aquele que sabe “mais e melhor” e exerce seu poder disciplinador sobre os filhos. A divisão de papéis na família

⁷⁴Conforme Roberto Machado, Foucault desenvolveu várias análises sobre os poderes, demonstrando em seus estudos que não estariam localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. Os poderes funcionam com uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, a que não existe exterior possível, limites ou fronteiras. Em sua concepção, não existe de um lado os que têm o poder e de outro aqueles que se encontram dele alijados. Para Foucault, o poder não existe; existem práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. “Introdução”. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*, 11ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1993, p. XIV.

⁷⁵ SAFFIOTI, H. I. B. O estatuto teórico da violência de gênero. In: SANTOS, J. V. T. (org.) *Violência em tempo de globalização*. São Paulo: Hucitec, 1999, p.150.

podia ser estendida à participação dos filhos nas decisões familiares. Embora nos segmentos médios entrevistados não se apresentasse grande rigidez, é possível observar certa segregação entre adultos e crianças, cada um com seu mundo próprio, nas narrativas de quem viveu distante dos centros urbanos ou no nordeste do país. Em ambos os casos, valores ligados à tradição e aos costumes são muito mais difíceis de serem modificados.

Gabriela, a mais nova dos filhos, tendo vivido no interior de São Paulo, lembra que havia uma clara delimitação de espaços em sua família:

“Pela educação que minha mãe recebeu, filho não tinha muito esse espaço na família. Tinha que ficar quieto quando chegava uma visita. Não podia ficar interferindo na conversa de adulto. Eu lembro que ficava horas só ouvindo e hoje é diferente, as crianças interrompem até demais, invadem o nosso espaço”.

Bárbara Ramos, filha de mãe nordestina e pai italiano, passou sua infância e a adolescência em Recife e também se recorda de ter recebido uma educação mais rigorosa, pelo relacionamento que havia entre adultos e crianças.

“No período da infância/adolescência as decisões que meus pais tomavam, fossem quais fossem, nós não tomávamos parte, não tínhamos participação ativa. Ouvíamos tudo, mas não era pedido que opinássemos. Mas não me lembro de ter tido vontade de opinar e ter sido reprimida”.

Nos grandes centros urbanos, contudo, a incorporação de novos valores parece ter facilitado a aproximação entre pais e filhos em um ambiente no qual a família nuclear vai se sobrepor à extensa, tendo sido mais aceita a participação de todos os membros do grupo nas decisões que afetavam a família.

“Por sermos uma família muito pequena, as decisões na época [da infância/adolescência] eram conjuntas, todos acabavam participando e nós [ela e o irmão] também. Eu como sou sempre falante, metida, acabava sempre opinando sobre tudo, às vezes levando bronca e outras não, mas estava sempre presente”.
(Depoimento de **Laura**)

Contudo, mais do que a mera incorporação de novos valores, o que aqui se apresenta são decisões diretamente ligadas ao estilo de vida que cada uma dessas famílias desenvolveu,

produzindo um modo de vida, na cidade pequena ou no nordeste do país, mais propenso a se referenciar na tradição e nos costumes preservados e, no caso da metrópole, mais determinados pela sociedade em constante mudança nas áreas urbanas. Esse estilo de vida metropolitano, como afirma Simmel⁷⁶, não é uma dissociação da realidade, mas uma das formas de socialização.

Com relação ao ensino formal dos filhos, este tendeu a não apresentar-se como preocupação preponderante dos pais na infância e na adolescência das entrevistadas. O ensino público, considerado então como de qualidade, ou o ensino em colégios religiosos, costumavam ser as opções familiares. Estes últimos, em especial, para as meninas, já que respondia a inquietações de gênero, fornecendo aos pais uma certa tranquilidade pela socialização segregada.

Os depoimentos das entrevistadas convergem nas lembranças desse período, revelando a prevalência da identidade social de gênero no processo educacional pensado pelos pais e, de modo especial, pelas mães, sobre qualquer outro fator.

“Eu percebo que hoje, em relação ao estudo, as mães ficam desesperadas com os filhos, no sentido de ter que acompanhá-los e minha mãe nunca nos fiscalizou e nem eu dava problema. Sempre fui uma aluna interessada, gostava de estudar. Era uma coisa independente, a gente tinha uma certa liberdade, baseada na confiança que minha mãe tinha em nós”. (Depoimento de Gabriela)

“Sempre fui falante em casa, mais extrovertida do que meu irmão que sempre foi mais quieto. Então, na hora de decidirem onde estudaríamos, minha mãe me matriculou num Colégio de Freiras, que era perto e muito bom e meu irmão foi para um grupo escolar. Porque como ele era quietinho achavam que tinha que ser mais estabonado, porque menino é mais estabonado. Mas, nunca inverteram-se os papéis, eu continuei sendo mais falante, tomava a iniciativa mais do que ele e ele continuou sendo quietinho, o intelectual, que gostava de ler, de ficar no canto dele, não se misturava muito. Então tinha essa visão: eu era inquieta e tinha que me enquadrar, meu irmão, ao contrário, era muito quieto e tinha que ir para um grupo escolar para se soltar”. (Depoimento de Laura)

“Minha mãe sendo rígida, no primeiro momento, achou que eu deveria fazer as coisas de casa. Tendo me criado, como ela mesma diz, para casar, ficou muito irritada no início por eu não ter seguido só esse caminho.

Acho que sua posição não foi tanto por achar que o papel da mulher deveria ser só de casar, mas porque, como ela não teve

⁷⁶ SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O G. (org.) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

instrução, talvez tivesse ficado com receio de que eu, ao me formar, a tratasse mal ou a deixasse de lado, excluída das minhas relações.

Ela tinha muito esse medo e quando me formei e ela viu que não era assim, ficou mais tranqüila inclusive com os meus irmãos e irmãs, embora não incentive o estudo até hoje". (Depoimento de Carol)

"No colegial, quando eu quis ir para um colégio mais forte, e este era de meninos e meninas, meus pais não queriam. Queriam que eu estudasse num colégio só de meninas, mesmo que fosse fraco, porque consideravam que a educação era melhor, que o que valia eram os valores éticos, morais. Eles não eram muito atentos para o fato do filho ter uma capacidade maior do que a escola escolhida pudesse dar e que deviam investir nisso. Não era nem o fato de separar por gênero. Em casa sempre foi muito exigido de mim e de minha irmã, que trabalhássemos até mais do que de meus irmãos". (Depoimento de Bárbara Ramos)

O estudo dos filhos não costumava ser fonte de grandes preocupações nesse momento, na medida em que não se apresentava como real ameaça ao projeto familiar, não significando que não fosse considerado importante pela família, já que era através dele que o projeto familiar era pensado como tendo continuidade futura. Como declara Velho, *"o projeto individual propriamente dito constrói-se através de uma idéia mais ou menos elaborada de biografia, de uma História de Vida"*⁷⁷. As famílias das narradoras, pertencentes aos segmentos médios, tinham um projeto em que a ascensão social era o valor básico. Mesmo no caso de Carol, em que o discurso de sua mãe afirmava o casamento como a grande possibilidade feminina, é possível compreender esse desejo como sendo o seu projeto de ascensão social para as filhas, já que, para ela, a classe e o gênero aos quais pertenciam, inibiam qualquer outra possibilidade de ascensão.

Embora o gênero fosse o fator demarcador nas aspirações de seus pais, em especial nas de suas mães, no que se refere a escolha de escolas "próprias" para meninas, havia expectativas e um projeto claro que estendiam a seus filhos. Como as narrativas mostrarão mais à frente, estes esperavam que a família continuasse ascendendo socialmente, aumentando seu status. Esse processo estava relacionado a uma conjuntura histórica que incentivava o projeto individualizante de família nuclear, com ampla veiculação de uma propaganda que enfatizava o consumo e o sucesso material⁷⁸.

⁷⁷ VELHO, G. *Individualismo e cultura. Notas p/uma Antropologia da sociedade contemporânea*, 4ª ed., Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1997, p. 69.

⁷⁸ Gilberto Velho, em sua pesquisa com famílias de camadas médias urbanas, também constatou esse mesmo projeto individualizante voltado para ascensão social do grupo familiar. Op.cit.

No que se refere a religiosidade, esta teve um peso significativo para a população brasileira neste período, em especial a religião católica, predominante no país. Segundo Sanchis⁷⁹, em 1980, 88% da população se declarava católica. Pertencer a uma religião, mesmo sem partilhar de seus dogmas, era um traço muito comum nas famílias empobrecidas e dos segmentos médios. A formação religiosa dos filhos, quando havia, costumava ficar a cargo das mães, responsáveis pela transmissão dos valores religiosos, embora se observe também a influência de grupos ligados a Igreja Católica neste período, como as JOC (Juventude Operária Católica), JUC (Juventude Universitária Católica), entre outros, que também exerciam influência sobre a população.

“Eu não tinha essa questão presente na infância. Só no colegial é que conheci umas meninas que eram muito ligadas a grupos de jovens da Igreja Católica e acabei sendo influenciada por eles, mas também foi um momento pessoal. Eu me considerava atéia até aquele momento, mas neste período eu tive um problema de saúde e me apeguei a Deus. Achei que ia morrer e queria que ele me curasse. Foi o momento que comecei a participar da igreja, ir em grupos de jovens”. (Depoimento de Gabriela)

“Meus pais são católicos e minha mãe nos passou isso, mas não íamos na igreja sempre. Isso influiu [a religiosidade], porque eu sempre me interessei por questões ligadas à religião, lia a Bíblia sozinha para conhecer. Mas não foi algo que meus pais passaram de uma forma rígida, por exemplo, não fizemos 1ª comunhão. Meu avô já dizia que não acreditava em Deus, mas todos falavam que, quando ele ficava doente, chamava por Deus. Na fase da adolescência lembro que essa questão religiosa era mais voltada para a fé, conversava com Deus como um amigo, rezava toda a noite”. (Depoimento de Carol)

Também o lazer aparece como referência importante na vida das famílias das camadas médias, como espaço de encontro coletivo entre parentes e amigos. Viagens, passeios pela cidade, visita a familiares e amigos, ou mesmo o compromisso religioso aos domingos, eram investimentos comuns a muitas famílias com o objetivo de descanso, encontro e diversão coletiva.

“No final de semana, no domingo, obrigatoriamente fazíamos um programa. Tinha que ir para a missa pela manhã, ou íamos no sábado e aí tinham umas coisas muito gostosas que meu pai inventava. No sábado, por exemplo, era o dia de tomar Coca-Cola. Ele saía, como era italiano gostava muito de comer coisas diferentes e

⁷⁹ Pierre. Sanchis é doutor em sociologia e especialista em antropologia da religião. Investigou a dimensão mítica e política do catolicismo e as manifestações religiosas no Brasil. “Catolicismo perde espaço”. In: *Revista CIÊNCIA HOJE*, vol.27, n.º 159, Minas Gerais: SBPC, p.07-10, abril/00.

nos fazia comer tudo que era diferente. Aquilo para nós era o momento da brincadeira com ele e no domingo íamos para alguma praia, porque eles adoravam praia. Era o dia de fazermos pic-nic, sempre inventavam algum lugar para irmos. O final de semana era muito dedicado aos filhos, principalmente eu e minha irmã porque éramos pequenas e foi uma época que eles não tinham a condição financeira que tiveram depois, quando meus irmãos nasceram".
(Depoimento de **Bárbara Ramos**)

"A religião era assim, eu sabia que éramos maronitas e o significado histórico-religioso disso. Eles têm o hábito de ir à igreja todo dia, minhas tias faziam isso, mas nós íamos só aos domingos na igreja. Eu ia como uma coisa de lazer, não prestava atenção. Ia para poder ir à pé, comer doces na padaria. A imagem que eu tinha (acho que mesmo minha mãe) é que era um encontro social, achava bonito. Achava a missa Gregoriana maravilhosa, uma festa, como um ritual artístico. Mas não me confortava, não via pelo lado de Deus".
(Depoimento de **Ruth**)

Esses foram alguns aspectos políticos, econômicos e culturais significativos que marcaram o cotidiano das famílias pertencentes aos segmentos médios urbanos no país e indicam que a história deste período não foi uma simples sucessão de acontecimentos, mas que representou o modo de ser de experiências vividas por indivíduos, grupos e coletividades, constituindo-se em novas concepções de pensar e viver.

Chauí⁸⁰, nos fala sobre o modo como Foucault descreve as tentativas do homem para capturar o tempo e fisgar, de alguma maneira, sua finitude, na tentativa de identificar a cronologia das coisas e de si mesmo. O homem contemporâneo faz-se produto do que constrói: a linguagem, o trabalho, os bens, as ciências, as artes, - o mundo cultural. A cultura se torna assim, a apreensão mais perfeita do tempo e da história, submetendo o fluxo temporal das coisas à ação dos homens, autores de sua própria história, ainda que não o saibam e em condições que não escolheram. Essa configuração não é a apropriação de um indivíduo, mas provém de experiências compartilhadas nas relações sociais. Corresponde não apenas às relações entre os seres humanos e suas formas de organização, mas também aos modelos gerais dessas relações e aos padrões esperados de comportamento das pessoas em sua inter-relação com as outras pessoas, aos seus papéis definidos na sociedade.

As histórias narradas até este momento permitem visualizar os modelos e os valores que norteavam as famílias nestas décadas. Estes, hoje, podem ser considerados arcaicos e ultrapassados, pelo ritmo das mudanças que se processaram desde então. Porém, de fato, o arcaico e o moderno permanecem convivendo em muitos aspectos da vida atual nas famílias

brasileiras. Em parte isto é o resultado do processo de socialização no qual, como esclarece Ciampa, *“o conhecimento de si é dado pelo reconhecimento recíproco dos indivíduos identificados através de um determinado grupo social que existe objetivamente, com sua história, suas tradições, suas normas, seus interesses, dentre outros”*⁸¹.

A família é o agente social, que mais diretamente irá reproduzir a cultura de cada época, de modo a que esta seja incorporada a personalidade dos indivíduos por meio da socialização. As experiências mais marcantes de vida vão acontecer nesse espaço como a descoberta do afeto, da sexualidade, a aquisição de valores éticos e religiosos, a formação das subjetividades, na relação permanente com o espaço público da exterioridade.

O modelo de família hierárquica se sobrepunha no período examinado, com papéis claramente delimitados, sendo a mulher aquela que exercia maior poder na intimidade. Cabia a ela a responsabilidade pela educação dos filhos na transmissão de valores, crenças e comportamentos que eram diferenciados pelo sexo, tendendo a ser mais opressores para as meninas na medida em que reafirmavam a inferioridade da mulher frente ao homem.

As mães, até por sua presença mais marcante no mundo da casa e pelos papéis que cumpriam, aparecem nos relatos das filhas como mais alienadas do mundo público, conservadoras e autoritárias na relação familiar, se comparadas aos pais. As representações destes tendem a retratá-los como mais livres de preconceitos sendo de certo modo idealizadas, o que pode ser considerado como natural, já que estes, além de estarem à margem do espaço doméstico, exercendo a função de educadores apenas complementar às mães, viviam mais envolvidos com o mundo da rua podendo, assim, ter um conhecimento maior de muitos aspectos da vida do país, os quais às mães não chegavam, em geral, a ter acesso.

Como afirma Saffioti, o gênero, *“assim como a classe social e a raça/etnia, condiciona a percepção do mundo circundante e o pensamento. Funciona, assim, como um crivo através do qual o mundo é apreendido pelo sujeito. Logo, a atuação deste sujeito sobre o mundo deriva de sua maneira específica de compreendê-lo”*⁸². As mães e os pais das entrevistadas foram representados pelas filhas e se auto-representaram de acordo com as diferentes tecnologias de gênero, circulando pelas diversas matrizes possíveis naquele período histórico, nem sempre

⁸⁰ CHAUI, M. *Cultura e democracia*, 5ª ed., São Paulo, Cortez, 1990, p.132.

⁸¹ CIAMPA, A C. Identidade. In: LANE, S.T.M. & CODD, W. (org.) *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p.64.

⁸² SAFFIOTI, H. I.B. & ALMEIDA, S. S. *Violência de Gênero. Poder e impotência*. Rio de Janeiro: Revinter, 1995, p. 23.

cumprindo o padrão esperado para cada sexo, já que estavam em curso transformações na vida econômica, política e social que afetavam as subjetividades e a família.

A realidade da época indicava uma participação feminina ainda tímida no espaço público, sendo o trabalho da mulher percebido como ocupação transitória ou complementar ao do homem, exercendo profissões menos valorizadas e estudando em cursos que, com certa frequência, voltavam-se para o ensino de conhecimentos que melhor servissem para serem aplicados no lar, como o aprimoramento da educação dos filhos e a organização doméstica.

A tendência dominante era o abandono do emprego após o casamento e a chegada dos filhos, dada a naturalização do espaço doméstico como sendo próprio do feminino, com grande valorização do papel de esposa e mãe, centrado no bem-estar da família. Com a segregação de papéis, a educação dos filhos, em geral a cargo das mulheres, tendia a reproduzir os mesmos condicionamentos e a diferenciação por sexo, inclusive na segregação das meninas no ensino formal. Contudo, não é possível dizer que o poder feminino inexistia, pois, embora em grau muito menor que o do homem, no micro espaço das ações cotidianas, a mulher exercia poder junto à família.

Apesar disso, as mudanças que já se delineavam neste momento mostram que, embora com dificuldades, as mulheres ocupavam mais o mercado de trabalho e, pelo menos no que se refere aos segmentos médios urbanos, começavam a ter mais acesso a informações. Por isso também a educação feminina começa a ser mais valorizada dentro do projeto familiar nestes segmentos, já que as famílias refletiam o estilo de vida das camadas a que pertenciam, recebendo influências dos três eixos principais que estruturam a sociedade brasileira: o gênero, a raça/etnia e a classe social, destacando-se que estas contradições se inter-relacionam.

A educação feminina na família começa a mudar lentamente, com maior flexibilização no processo de socialização, no que se refere ao aprendizado doméstico e maior liberdade que os filhos passam a desfrutar no interior do grupo familiar. Pode-se verificar ainda que a ausência do pai na educação dos filhos já não é tão aceita, havendo uma tendência feminina a cobrar maior participação paterna, apesar de não abrirem mão do papel de principais educadoras dos filhos.

Assim, a aquisição cultural, pela socialização na família, vai fornecer parte importante do capital cultural que os indivíduos vão adquirir, na concepção e percepção de mundo, predispondo-os a determinadas escolhas. Além disso, outros agentes vão estar presentes nesse processo como a escola, o trabalho, os grupos de amigos e a Igreja. Também os movimentos

sociais, culturais e políticos que o novo período anuncia, influenciarão na construção da subjetividade feminina, assim como nas alterações que ocorrerão no interior da família.

2. O PERÍODO DE 1974 a 1988

A sucessão presidencial, via Colégio Eleitoral, ocorreu em janeiro de 74, seguindo a opinião militar que elegeu o general Ernesto Geisel, presidente da Petrobrás e irmão do ministro do exército. A escolha de Geisel representava, para duas facções militares que apoiaram a sua escolha⁸³, a possibilidade de pôr em execução a liberalização do regime. Conforme Sallum Júnior, *“o objetivo da mudança política pretendida era atingir a ‘normalização institucional’*:

⁸³ A aliança das duas facções militares vinculava militares “liberais”, simpáticos à orientação do primeiro presidente militar, general Castello Branco à corrente “profissionalizante” das Forças Armadas, interessada em controlar a atuação dos órgãos de segurança e informação.

*liberar o regime não para superar a ordem autoritária, mas para institucionalizá-la*⁸⁴. Dessa maneira, o projeto de liberalização controlada foi, antes de tudo, um projeto de consolidação do domínio político.

A melhor distribuição da renda era a preocupação principal, já que entre 1960 e 1970 os 10% mais ricos da população, tinham aumentado sua parcela de renda de 40% para 47%, enquanto a parcela dos 50% mais pobres tinha caído de 17% para 15%. Sustentado por empréstimos estrangeiros, o governo Geisel decide manter os enormes projetos de investimento estatal que havia herdado e cria novos projetos que exigiram mais investimento, duplicando a dívida externa, na tentativa de aumentar a capacidade interna de bens de capital e matérias-primas básicas⁸⁵.

Alguns estudiosos do período consideram que os anos compreendidos no período entre 1970 e 1980 são os que mais se aproximaram da constituição da democracia como valor geral. A expectativa dos setores progressistas, de esquerda e da elite brasileira concentrava-se na esperança de que Geisel conseguisse manter o aparato repressivo sob controle, acabando especialmente com a tortura. O otimismo cresceu quando Geisel expressou seu desejo de realizar uma redemocratização gradual, iniciando com uma "distensão". Pouco tempo depois, restabeleceu a disciplina nas Forças Armadas, começando pelo princípio da soberania presidencial sobre as Forças Armadas o que, nas circunstâncias de 1974, significava restaurar o Estado. Mas, a efetivação do projeto de liberalização não foi gradual como havia explicitado o governo, envolvendo muita experimentação no período Geisel.

Para as oposições, o que precisava ser feito era restabelecer não apenas o Estado, mas o estado de direito, ou seja, tratava-se de criar as condições para que a sociedade civil pudesse exercer algum controle sobre o governo. Para Geisel, tratava-se de criar condições em que o governo fosse capaz de governar. Em comum, ambos se colocavam contra o terror de Estado instaurado.

A continuidade de atos terroristas promovidos pela direita, como a tortura e o desaparecimento de pessoas consideradas como inimigos do Estado, mobilizou a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro), partido autorizado de oposição ao regime, pelo esclarecimento dos fatos. Em novembro de 1974 a oposição obtém sua primeira vitória eleitoral, tendo o MDB ampliado significativamente sua representação na

⁸⁴ SALLUM JR., B. Transição política e crise do Estado. In: *Revista Lua Nova*, n.º 32, São Paulo: CEDEC, p.133-167, 1994.

Câmara dos Deputados, centrando sua campanha em três temas: justiça social, liberdades civis e desnacionalização. Esse resultado, estimulado pela redução do crescimento econômico a partir de 1974, mostrava o descontentamento geral.

Em fevereiro de 1975, a oposição novamente fazia pressões a favor dos prisioneiros políticos. O MDB e setores progressistas da Igreja Católica renovam seus pedidos de esclarecimentos sobre os “desaparecidos” e protestam contra a tortura imposta aos presos políticos. A morte de Vladimir Herzog, importante jornalista, anunciada pelo comando do Exército como suicídio, nas dependências de um quartel militar, precipitou uma onda de protestos. Na USP, os estudantes entraram em greve, a OAB publica uma declaração acusando o governo de tortura e quarenta e dois bispos assinaram uma declaração denunciando a violência governamental.

No começo de janeiro de 1976, o Segundo Exército prende o operário metalúrgico Manoel Fiel Filho, ativista do Sindicato dos Metalúrgicos, e há o vazamento pela imprensa de sua morte, compreendida por todos como tendo sido sob tortura. Geisel demite o general “linhadura” que então comandava o aparato de segurança local, substituindo-o por um moderado. Apesar disso, o ano de 1976 é marcado por prisões de militantes de esquerda e o AI-5 é usado para cassar o mandato de dois deputados federais, acusados de terem recebido apoio comunista nas eleições. Em abril do mesmo ano, a censura que aparentemente abrandara havia pouco tempo, retira da televisão um programa que apresentava o Ballet Bolshoi. Em junho, o governo mostra-se temeroso dos meios de comunicação nas eleições municipais seguintes e consegue arrancar do Congresso uma lei (Lei Falcão, nome do Ministro da Justiça), restringindo o uso do rádio e da televisão apenas à apresentação de fotos dos candidatos com resumos de suas carreiras políticas.

Em abril de 1977, Geisel fecha o Congresso utilizando como pretexto a recusa do MDB em apoiar uma lei governamental para a reforma do Judiciário. Com os poderes do AI-5, anunciou uma série de medidas constitucionais maiores nomeadas como “Pacote de Abril” que visavam a fortalecer a ARENA, partido ligado ao governo, nas eleições futuras. Pressionado pelos protestos da oposição e pela imprensa, Geisel anunciou a reabertura do Congresso para quinze de abril. Manifestações estudantis antigovernamentais são reprimidas com a prisão de muitos estudantes. Enquanto isso, intelectuais protestavam contra a censura que permanecia principalmente no rádio e na televisão.

⁸⁵ A análise do período se apoia em Thomas Skidmore. A lenta via brasileira para a democratização: 1974-

No final de 1978, o país assiste a um novo contra-ataque do terrorismo de direita. Em setembro, explode uma bomba na Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no Rio de Janeiro, em outubro atentados à bomba e ameaças telefônicas têm como alvos os padres que criticavam o governo. Os responsáveis provavelmente foram contidos por seus superiores. Mas os fatos mais marcantes se desenrolaram com as eleições municipais em novembro com a vitória da oposição nos grandes centros urbanos. Ainda no mesmo ano, Geisel torna pública a escolha de seu sucessor, o candidato general João Baptista Figueiredo que, embora provocando descontentamento entre a chamada "linha-dura", é eleito pelo Colégio Eleitoral, em outubro.

A edição do "Pacote de Abril" consegue evitar que o MDB vença e alcance maioria no Congresso, em novembro de 1978, mantendo a ARENA com o controle da Câmara dos Deputados e do Senado, mas a tendência dos votos, pela eleição direta, demonstrava que o controle governamental estava fadado a perder seu peso. No final de 1978, Geisel cumpre sua promessa de afastar figuras importantes que ocupavam a estrutura autoritária, propõe uma nova versão da Lei de Segurança Nacional e revoga ordens de expulsão de mais de cento e vinte exilados políticos. Em setembro, o Congresso aprovou um conjunto de reformas, sendo a mais importante dessas medidas a abolição do AI-5, privando o presidente de usar de sua autoridade para legalizar o arbítrio político. Também houve a restituição do *habeas-corpus* para os presos políticos e a suspensão da censura prévia. Contudo, Geisel termina seu mandato deixando o enorme aparato de segurança praticamente intocado.

Neste cenário, a atividade política se encontrava restrita para a sociedade civil a atividades promovidas pela igreja, os partidos políticos permitidos e as organizações clandestinas de esquerda, ou ao que havia sobrevivido a repressão política instalada. Os dissidentes políticos haviam sido assassinados, ou se encontravam no exílio e os direitos humanos não eram levados em consideração pelo governo.

Contudo, algumas mudanças que começavam a despontar no início da década de 70 afetarão profundamente o comportamento feminino. Surgem as primeiras publicações de revistas na perspectiva de gênero e a imprensa, principalmente a chamada "imprensa alternativa", abre espaço para os artigos e reportagens sobre o tema. Mira⁸⁶ observa que, a partir da década de 70, as revistas de fotonovela, que fizeram grande sucesso e marcaram o público

1975. In: STEPAN, A. (org.) *Democratizando o Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

⁸⁶ Maria Celeste Mira, estudou as revistas da Editora Abril, investigando, entre outros aspectos, o modo como a editora, através do acompanhamento do perfil das leitoras nas décadas e atenta às transformações culturais que aconteciam no mundo, ia produzindo revistas voltadas p/mulheres, sempre de olho nas novas tendências, na

feminino na primeira metade do século, entraram em declínio, sendo substituídas por publicações mais especializadas. Já na década de 60, foram criadas revistas mais direcionadas para mulheres dos segmentos médios, mais receptivas às mudanças de comportamento, que começavam a agitar o mundo ocidental. As revistas introduzem temas polêmicos para a época, utilizando uma “linguagem mais feminista” para abordar suas leitoras. Além dos temas tradicionais, como casamento, família, filhos, incluem pouco a pouco novos temas como o trabalho, a vida sexual, dentro e fora do lar, o aborto e a pílula anticoncepcional, o tabu da virgindade e até a política.

Além do “discurso feminista” em algumas publicações de revistas e em artigos de jornais, na área acadêmica surgem os primeiros estudos com enfoque de gênero, sendo Heleieth Saffioti⁸⁷ uma das pioneiras na abordagem sócio-histórica da situação da mulher no Brasil. A Igreja Católica também contribuiu, embora sem ter optado por esse caminho, com as primeiras organizações de mulheres. Ainda na década de 60, os Clubes de Mães a ela ligados, tornaram-se espaços de prática organizativa de mulheres por reivindicações de direitos sociais e políticos. Apesar disso, serviram também no reforço ao papel tradicional da mulher, enquanto mãe devotada e esposa submissa.

O reflorescimento dos movimentos feministas no mundo ocorre a partir de 1960, iniciando nos Estados Unidos e expandindo-se rapidamente pelo ocidente⁸⁸. No Brasil, ganha força e visibilidade a partir de 1975, quando as primeiras manifestações de mulheres acontecem, estimuladas pela institucionalização do ANO INTERNACIONAL DA MULHER, definido pela ONU – Organização das Nações Unidas, que reuniu neste ano, na cidade do México, mulheres de diversos países para começar um amplo debate sobre seus problemas específicos. Esse encontro gerou um compromisso com todos os países signatários da Convenção da ONU em assumirem ações com a finalidade de eliminar as discriminações que as mulheres sofriam em diversas áreas em seus países de origem. Também nesse encontro viabiliza-se o início da Década da

geração e na classe social de suas leitoras. In: *O leitor e a banca de revistas. O caso da Editora Abril*. Tese de doutorado em Sociologia, Campinas: UNICAMP, 1997.

⁸⁷ Sua tese de livre docência, posteriormente editada em livro, foi um dos primeiros trabalhos acadêmicos de pesquisa sobre a mulher: *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. Op.cit.

⁸⁸ As primeiras manifestações feministas ocorreram no Brasil no início do século XX, na luta pelo direito ao voto. Conquistado a princípio em alguns estados, o direito ao voto das mulheres foi consagrado pelo Código Eleitoral, promulgado por Getúlio Vargas em 1932. Contudo, só em 1934, com a nova Constituição, cujo anteprojeto contou com a colaboração da deputada Carlota Pereira de Queiroz e Bertha Lutz é que o direito foi consagrado definitivamente. Outras manifestações feministas por uma legislação trabalhista adequada ao trabalho feminino, de proteção à maternidade e à infância e pelo acesso à educação também ocorreram no período. Com o totalitarismo implantado no país nos anos 30 e a Segunda Guerra Mundial, houve um refluxo do movimento mas, apesar disso, as mulheres participaram de forma significativa de diversas campanhas nacionais, embora sem conotação feminista.

Mulher, quando se esperava que os países membros envidassem esforços para superar as desigualdades existentes.

O movimento de mulheres no Brasil teve características próprias, face à especificidade da sociedade brasileira. Aqui, como lembra Sarti⁸⁹, a composição heterogênea estava diretamente relacionada à natureza da sociedade, à sua forte pluralidade interna e ao contexto político daquele momento. Tendo se iniciado entre mulheres pertencentes às camadas médias urbanas, mais abertas a inovações culturais e a ideologias individualistas, repercutiu diretamente na vida privada e no cotidiano da família, embora seja necessário considerar as particularidades regionais e a heterogeneidade da mulher brasileira nesta década.

O ano de 1975 no país é marcado pelo “Seminário sobre a Mulher”, realizado no Rio de Janeiro, que contou com a ajuda do Centro de Informação da ONU e apoio da ABI (Associação Brasileira de Imprensa) e finalizou com a proposta de se refletir sobre a situação da mulher brasileira no contexto vivido, muito embora reconhecesse que a posição da mulher brasileira não estava apenas referendada nas condições sócio-políticas e econômicas, mas continha outros aspectos. Desse encontro foi fundado, no mesmo ano, o Centro da Mulher Brasileira no Rio de Janeiro e o Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira, em São Paulo.

Em São Paulo, no mesmo ano, o encontro das SABs (Sociedades de Amigos de Bairros), elege uma comissão que realiza, com o apoio da Cúria Metropolitana e do Centro de Informações da ONU, o “Encontro para o Diagnóstico da Mulher Paulista”, com a presença de representantes sindicais, dos partidos políticos existentes (ARENA e MDB), da Igreja e de feministas. O encontro elabora a “Carta Proposta da Mulher Paulista” que, entre outras coisas, reconhece a necessidade da criação de uma entidade que congregue mulheres interessadas em *“melhor conhecer, debater e divulgar a situação da mulher brasileira, em especial, a de São Paulo”*. Ainda em 1975, mulheres que participavam da luta pela Anistia organizam o “Movimento Feminino pela Anistia”. Como afirma Bastos,

“Vai ficando evidente que o ano de 1975, instituído como ANO INTERNACIONAL DA MULHER, não foi o início do movimento de mulheres feministas. Discussões em torno da situação da mulher já ocorriam há algum tempo, sendo que o estabelecimento de um ano dedicado a suas questões proporcionou impulso, para que seus debates e problematizações do social viessem a público. (...) não foi um espaço usado somente por mulheres que discutiam assuntos ligados à emancipação feminina, mas também um espaço que, por

⁸⁹ SARTI, C. Feminismo no Brasil: uma trajetória particular. *Cadernos de pesquisas*, São Paulo: FCC, (64): 38-47, fev/88.

*intermédio da mulher, proporcionou uma disseminação da discussão política, que interessava aos grupos de esquerda, os quais, nessa época, tinham perdido seus canais de atuação e estavam na clandestinidade*⁹⁰.

Essa forma peculiar de organização das feministas brasileiras, diretamente vinculada à situação de autoritarismo político, favorecia a criação no seio do movimento de um espaço de discussões amplas, não percebidas no primeiro momento pelos militares como “questões políticas”, aglutinando não apenas mulheres preocupadas com questões de gênero, mas também ativistas liberais e de esquerda e associando o movimento à luta pela democracia. Mas as feministas não só se articularam em torno dos segmentos médios e intelectualizados, como também buscaram aproximação com as mulheres das camadas mais empobrecidas, influenciando no seu comportamento e recebendo influências de suas demandas.

Para as mulheres pobres, as questões colocadas pelo movimento tinham sentidos muito diversos em suas vidas. O trabalho remunerado tinha um peso muito menor, por exemplo, do que o trabalho doméstico e o cuidado das crianças, na construção de sua identidade social. Já para as feministas, pertencentes aos segmentos médios, com curso superior e formação profissional, o trabalho doméstico era percebido como opressor, em geral delegado a empregadas domésticas, profissionais passíveis de serem contratadas, pelos segmentos médios. Assim, o significado que o trabalho remunerado assume nas diferentes camadas sociais é diverso para quem pode escolher sua profissão e a vive como realização de um projeto individual e para aquela que não pode optar, tendo seu ingresso no mundo do trabalho condicionado a profissões desqualificadas e desvalorizadas socialmente.

Realidades tão diversas mostravam que, para a mulher da periferia dos grandes centros, as reivindicações passavam por problemas que envolviam o bem-estar de toda a família e da coletividade como creches para seus filhos, escolas, luz e esgoto para o bairro. A instituição mais próxima dessas mulheres, que atuava nos bairros pobres das cidades era a Igreja Católica, que através de sua ala progressista, desenvolvia trabalhos comunitários, a partir da década de 70, através das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). É por elas que as primeiras organizações de mulheres, nos bairros pobres, ganham força e legitimidade. A articulação entre feministas e Igreja foi possível, contudo, evitando-se os pontos divergentes como a questão do aborto, da sexualidade e do planejamento familiar na luta comum contra o regime autoritário.

⁹⁰ BASTOS, M. B. *Outras palavras, outras imagens: movimentos feministas na cidade de São Paulo nos anos 70/80*. Dissertação de Mestrado em História, São Paulo, PUC, 1992, p.31.

Os movimentos sociais urbanos que surgem em 1970 e se expandiram na década seguinte têm como forte característica reivindicações direcionadas à melhoria de equipamentos de infra-estrutura urbana e de bens de consumo coletivos. Neles, a participação militante das mulheres das camadas mais pobres foi sempre preponderante e, muito vezes, motivadora para que assumissem outros projetos, ligados a partidos ou às reivindicações feministas. Entretanto, essa forma de inserção feminina estava diretamente relacionada às suas condições de vida e de sua família, agregada à própria identidade tradicional feminina, na luta pela melhoria das condições de vida do grupo familiar.

Os grupos feministas estiveram presentes nessas manifestações populares, nos Clubes de Mães, nas Associações de Donas-de-Casa, nos grupos de convivência e nas mobilizações mais gerais, contra a alta do custo dos alimentos e nos movimentos de saúde. Também participavam das organizações sindicais junto às mulheres sindicalizadas que, no período entre 1970 e 1978, aumentaram em 176%, enquanto a PEA (População Economicamente Ativa) feminina urbana cresceu em 123%⁹¹. Essa militância refletiu positivamente no atual sindicalismo na medida em que chamou a atenção para a condição da mulher trabalhadora, em especial a partir de Congressos e Encontros de mulheres de categorias profissionais específicas⁹².

A partir de 1975 têm início, ainda, as comemorações do 8 de março, Dia Internacional da Mulher, consagrado, em vários países, e que tem sua origem em homenagem proposta pela feminista socialista Clara Zetkin, durante a Conferência Internacional das Mulheres, realizada em Copenhague, no ano de 1910. A data é uma referência ao ano de 1857, quando operárias têxteis, em Nova Iorque, desencadearam a primeira greve conduzida unicamente por mulheres e foram duramente reprimidas pelos patrões e a polícia, muitas delas vindo a falecer por esse motivo. Os eventos que marcaram a comemoração da data foram inicialmente unificados pelos vários núcleos de mulheres e repercutiram positivamente, principalmente no Rio de Janeiro e São Paulo, dando maior visibilidade ao movimento e às suas reivindicações.

Esse conjunto de manifestações fortaleceu as lutas feministas, embora nem sempre fosse compreendido pelo conjunto da sociedade, apresentando-se para alguns segmentos como contrário ao homem, perigoso, imoral ou como reformismo burguês. Pelo próprio cenário político do momento, inicialmente, o movimento acabou por priorizar as “questões gerais” da sociedade

⁹¹ Dados apresentados por GITAHY et alli, apud SARTI, C. Op. Cit., p.38-47.

⁹² Os Congressos da Mulher Metalúrgica aconteceram em 1979 em São Paulo e São Bernardo do Campo (SP), reflexo das greves operárias de 1978. Em 1985, é organizado o 2º Congresso da Mulher Metalúrgica em São Paulo e, em 1986, o I Congresso Nacional da Mulher Trabalhadora que conta com a participação de trabalhadoras rurais e urbanas de todo o país, com a presença de mais de 4 mil participantes. SARTI, C., Op.cit.

em detrimento dos “problemas específicos” das mulheres. Em especial, a esquerda marxista argumentava contrariamente por considerar que a luta específica da mulher dividia a luta maior dos trabalhadores, sendo uma questão secundária frente à necessidade urgente de mudanças estruturais, políticas e econômicas.

As lutas feministas, se não tiveram grande visibilidade para o conjunto da sociedade, demarcaram, nitidamente, as transformações no comportamento feminino e na forma como a sociedade passa a re-pensar o papel da mulher. O ressurgimento do feminismo, à ampliação da força de trabalho feminina, sobretudo nas áreas urbanas, na década de 70 e o maior acesso ao ensino superior, produziram alterações importantes nas relações sociais que as mulheres passaram a estabelecer, tanto no espaço público, como no doméstico.

A necessidade econômica, intensificada com a deterioração dos salários, poderia ter levado muitas mulheres das camadas mais empobrecidas a buscar complementar a renda familiar. Porém, Bruschini⁹³ afirma que os dados concernentes à década mostraram que não foram estas as que entraram no mercado de forma significativa e sim as mais instruídas e das camadas médias. Outras causas, portanto, vão explicar esse novo comportamento feminino. Para as mulheres desse segmento, as questões referentes à liberdade e à autonomia e a ter seu próprio projeto individual aparecem nesse momento, influenciadas pelas idéias feministas e pelo maior acesso ao estudo. Também expectativas de consumo, frente ao aumento de novos produtos redefiniram o conceito de necessidade econômica. A renda da mulher passa a ser parte integrante do orçamento familiar, tanto nas camadas médias como nas de baixa renda, não apenas porque a nova conjuntura econômica comprimia os salários, mas também porque aumentavam as aspirações de consumo.

A expansão da economia, a crescente urbanização e o ritmo acelerado da industrialização, configuram um momento de grande crescimento econômico, favorável à incorporação de novos trabalhadores, inclusive mulheres. Outro aspecto importante foi a queda da fecundidade, com redução no número de filhos por mulher, favorecido pelo advento da pílula anticoncepcional, liberando-a para o trabalho. Esses fatores associados, como refere Bruschini, provocaram mudanças nos padrões de comportamento e explicam a persistência da atividade feminina na década de 80 que, ao contrário da anterior, teve como marca registrada a crise econômica, a inflação e o desemprego. Também foi relevante neste aspecto a divisão sexual do

⁹³ O texto *O trabalho da mulher no Brasil: comparações regionais e considerações sobre o Mercosul*, foi apresentado por Cristina Bruschini no Seminário Muyer y Mercosur, realizado em São Paulo, jul/ago-95. (Relatório)

trabalho que provocou a concentração de trabalhadoras em determinados guetos ocupacionais, fato importante que explica a persistência da atividade feminina apesar da crise deste momento.

Contraditoriamente, nas famílias das narradoras, as mudanças que estavam ocorrendo neste período nos planos social, econômico, cultural e político, não parecem ter gerado inseguranças com relação às expectativas que envolvessem projetos sobre o futuro dos filhos. Nestas famílias que pertenciam aos segmentos médios, com pais com maior grau de instrução, parece ter existido uma certa confiança na possibilidade de garantir maior investimento na educação das filhas, o que difere das décadas anteriores. A posse do diploma universitário, contudo, era considerada suficiente para alcançar a independência financeira, algo profundamente cultivado nas famílias dessa geração.

A escolha das profissões para as filhas também apresenta modificações, tanto no que se refere à menor ingerência familiar como na abertura para carreiras não feminizadas, com maior preocupação por escolhas que pudessem garantir, no futuro, status e ganho financeiro. A importância atribuída à carreira aparece tão forte quanto o casamento e a constituição da família, no projeto pensado para as filhas. Nas narrativas das entrevistadas, é possível perceber essas mudanças de comportamento:

“Os dois sempre incentivaram que tivéssemos carreira, que escolhêssemos o que realmente teríamos vontade de fazer, não o que fosse supostamente mais importante, mas que fosse uma coisa que nos desse prazer, que fosse proveitoso na nossa vida, sem muita restrição. Eles sempre conversaram conosco nesse sentido, “se casar, tiver filhos, ótimo, mas inúmeras pessoas não se casam e nem têm filhos e nem por isso levam uma vida infeliz”. (Depoimento de Teresa Lobo)

“Nesse aspecto da educação, meus pais nunca fizeram diferença, pelo contrário, achavam que tanto eu, como meu irmão tínhamos que seguir uma carreira, sermos independente financeiramente. Colocavam os dois na aula de inglês, na natação. Acho que, do ponto de vista da formação escolar e acadêmica, eles sempre valorizaram os dois. Tanto é que uma das frustrações do meu pai foi que eu não segui Engenharia, porque ele achava que um filho tinha que ser médico e o outro engenheiro.

Acho que o modelo de família para meus pais não era muito o tradicional. Eles tinham uma visão de que eu tinha que casar, mas deveria ter minha profissão, principalmente minha mãe e é aí que eu vejo a contradição. Porque ela achava que eu não deveria depender de ninguém, que era importante eu ter a minha vida, mas ao mesmo tempo passava a idéia de que era bom eu casar, ter minha família. O que eu tenho hoje, era o ideal da minha mãe e de alguma forma ela achou que eu consegui e é verdade”. (Depoimento de Laura)

A carreira podia não ser tão relevante como projeto futuro para as filhas quando os pais tinham pouca formação educacional:

*“Minha irmã, que é onze anos mais nova que eu, foi incentivada por mim, paguei seus estudos e a menor que não quer saber de estudar, minha mãe não se preocupa com isso. Meu pai, embora sem uma preocupação extrema, era mais preocupado, gostava mais de ver a gente estudando. Ele estudou mais que minha mãe, tem o colegial, e incentivava um pouco mais. Minha mãe achava impossível eu ser advogada algum dia, talvez tivesse medo de que eu não conseguisse”. (Depoimento de **Carol**)*

*“Meus pais não tiveram muita instrução, minha mãe fez o ginásio, meu pai o primário, eram comerciantes, não tinham nenhum tipo de formação intelectual, cultural, mas isso não era tão valorizado. Valorizavam que fôssemos bem na escola, faziam questão que estudássemos em colégios muito bons, mas tirar boas notas não era algo muito estimulado. Era importante passar para ter uma profissão, trabalhar e ganhar dinheiro. Isso sim, a ponta da cadeia era o que era mais importante, estudar para ganhar dinheiro. Não era assim: ‘Faça aquilo que você gosta’, mas ‘Faça aquilo que você gosta para ganhar dinheiro’”. (Depoimento de **Bárbara Ramos**)*

*“...ao mesmo tempo nunca tive um direcionamento do que fazer. Por exemplo, durante muito tempo fiz inglês, balé, dança. Escrevia e tinha facilidade de me comunicar e as pessoas achavam que faria Jornalismo. Mas eu queria fazer Biologia, porque adorava e cheguei no cursinho sem definição para que iria prestar. Resolvi fazer História, porque tive um ótimo professor no cursinho, que me influenciou”. (Depoimento de **Ruth**)*

Velho, confirma o significado da importância da família na elaboração de projetos individuais para seus filhos, mesmo quando não há visibilidade de sua interferência ou há uma tendência a apresentarem-se como mais conservadores.

“O projeto não é um fenômeno puramente interno, subjetivo. Formula-se e é elaborado dentro de um campo de possibilidades circunscrito histórica e culturalmente, tanto em termos da própria noção de indivíduo como de temas, prioridades e paradigmas culturais existentes. Em qualquer cultura há um repertório limitado de preocupações e problemas centrais ou dominantes.

Sua matéria-prima é cultural, e, em alguma medida, tem de ‘fazer sentido’, num processo de interação com os contemporâneos, mesmo que seja rejeitado.

O ‘mundo’ dos projetos é essencialmente dinâmico, na medida em que os atores têm um biografia, isto é, vivem no tempo e

*na sociedade, ou seja, sujeitos à ação de outros atores e às mudanças sócio-históricas*⁹⁴.

É dessa forma que a carreira e a independência financeira dos filhos estavam diretamente relacionadas às representações familiares das camadas a que pertenciam. Nos segmentos médios, há um grande investimento no estudo com o objetivo de ascensão social e possibilidade futura de obter prestígio profissional, o que garantiria o status do grupo. Já para as camadas mais empobrecidas, por não haver a mesma certeza da possibilidade de ascender pelo estudo, as expectativas para as filhas não passavam necessariamente pela independência financeira, provavelmente pela percepção das barreiras que se colocavam para esta camada, principalmente quando dois eixos que estruturam a sociedade se cruzavam: a classe e o gênero. Mais próximo das experiências familiares, o casamento, se apresentava para muitas dessas famílias como uma garantia mais factível para suas filhas de um futuro estável.

As mudanças nas expectativas dos pais sobre o futuro das filhas mostrou maior visibilidade nas famílias dos segmentos médios, com a valorização da carreira feminina, vista como estratégia para que estas obtivessem independência financeira e prestígio⁹⁵. Assim, as representações das gerações das décadas anteriores quanto ao futuro da mulher como mera reprodução da vida de sua mãe, não se mostra mais de forma contundente neste segmento. Contudo, o projeto feminino pensado associa a qualificação profissional com o que ainda era considerado natural para a mulher, o casamento e a procriação.

O casamento das filhas é incluído como parte fundamental do projeto familiar, independente da camada a que pertenciam as narradoras. Como afirma Velho, *“por mais que o casamento, a união entre dois parceiros, esteja envolvido por um forte halo de escolha, de opção, de liberdade, fica claro que está fortemente vinculado e ancorado a um conjunto mais abrangente, que é legitimado por valores e representações em que o indivíduo está longe de ser a força-motor ou o ponto nodal”*⁹⁶.

A educação diferenciada por gênero parece ter permanecido mais forte nos condicionamentos familiares que definiam a divisão sexual do trabalho no espaço doméstico, face a expectativa de preparação da mulher para o casamento, com mais avanços no espaço

⁹⁴ VELHO, G. *Individualismo e cultura. Notas p/uma Antropologia da sociedade contemporânea*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1997, p.27.

⁹⁵ Gilberto Velho esclarece que, prestígio está associado a uma situação mais tradicional, de certa estabilidade. As regras, valores e modelos estão relativamente claros e os indivíduos agentes empíricos são avaliados e situados dentro de um modelo hierarquizante com categorias, em princípio, bem definidas. A ascensão, por sua vez, estaria associada à mudança, transformação, tanto em termos de trajetória individual como de contexto social. In: *Individualismo e cultura*. Op.cit., p.50.

público, pelo investimento dos pais na carreira profissional e na independência econômica das filhas. Por isso mesmo, o controle da sexualidade feminina se apresentava como importante, embora o comportamento feminino já estivesse sendo influenciado por novos valores, mais “libertários”, referenciados nos ideais feministas e nas idéias que permearam a chamada revolução cultural.

Hobsbawm⁹⁷ analisando o movimento de maio de 1968, em Paris, considera que este repercutiu mundialmente, com sua essência carregada de subjetivismo. Por meio dele, o desejo de liberação pessoal e a liberação social se uniram, rejeitando os valores das gerações paternas, entre os jovens, e a ordenação histórica estabelecida das relações humanas em sociedade, que as convenções e proibições sociais expressavam, sancionavam ou mesmo simbolizavam.

No Brasil, porém, o contexto social e político de 1970, revelava um cenário bem diverso da Europa e Estados Unidos o que demandou um outro comportamento, mesmo entre a esquerda que absorveu as tendências mais individuais, de forma menos radical e com ações coletivas mais voltadas para o plano político, no embate com o regime autoritário. Nas famílias pertencentes as camadas médias essas influências eram percebidas com certo temor, construído pela ideologia dominante, extremamente conservadora nos padrões morais e avessa à aceitação de novos valores vindos de fora. Dessa forma, muito embora os “ventos feministas” se fizessem presentes, havia uma grande continuidade no comportamento familiar com relação ao padrão moral de educação sexual das filhas.

Bárbara Ramos recorda que na fase da adolescência sua mãe tentava exercer controle sobre a sexualidade das filhas, reproduzindo o padrão esperado de “guardiã” dos valores morais da família e da sociedade.

“Ela [a mãe] tinha uma coisa (talvez de projeção dos desejos dela) de que, se está namorando, não pode transar. Mas não falava sobre isso, não sentava com as filhas e orientava. Nunca me explicou nada sobre menstruação, nada, mas ficava um clima. Se eu estava com namorado, ela ficava por perto ou se eu sentava mais próximo ela me olhava e eu já adivinhava que era para me afastar. Era desagradável, mas não era falado, discutido. Ela sempre controlava muito isso. Nesse sentido tivemos uma educação muito da menina, da coisa proibida, embora minha mãe não tenha sido nada disso quando era solteira. Mas ela fazia discursos sobre a mulher tipo: ‘A mulher tem que ser difícil, não pode se vulgarizar, não pode aceitar logo o

⁹⁶ VELHO, G. *Subjetividade e sociedade. Uma experiência de geração*, 2ª edição, Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1986, p. 38.

⁹⁷ HOBBSAWM, E. *Era dos Extremos – o breve século XX (1914-1991)*, 2º ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

namoro, só pode namorar com um'. Tanto que me casei com dezoito anos, super menina".

Mas, outras formas aconteciam também, nem sempre tão conservadoras. Ruth relata uma outra maneira de educar em sua família, que não se estabelecia pelo controle, mas pela liberdade total de escolha:

"Eu tive uma educação completamente livre, não tinha horário para voltar para casa, podia sair com minhas amigas, só tinha que avisar com quem estava e com quem voltaria para casa. Quando saía, voltava de ônibus sozinha, com minhas amigas. Meus pais nunca foram assustados com isso, com assalto. Com quatorze anos, ia em bailes de carnaval e comecei a namorar. Não tive uma educação repressora".

Gabriela e Teresa Lobo recordam que tiveram uma educação mais independente, baseada na confiança que os pais tinham nos filhos, embora o mesmo não ocorresse quando se tratava da questão da sexualidade, pouco discutida na família.

"Já na questão sexual, transa, não se tocava nesse assunto com nenhum de nós, era uma coisa muito velada com os filhos".
(Depoimento de **Gabriela**)

"A discussão [sobre sexualidade] não tinha em casa. Aparentemente, sempre foi uma relação aberta, liberal, mas eu tive que colocar à prova quando fiz um aborto. Era uma coisa mais do discurso, na hora de encarar mesmo era diferente. Isso foi colocado à prova muitas vezes na minha casa, quando fiz o aborto, depois quando resolvi não casar. Aí surgiram muitos problemas que eu achava que jamais apareceriam, por conta do discurso que não era esse". (Depoimento de **Teresa Lobo**)

O aborto apresentava-se com forte componente impeditivo, dada a valorização da maternidade e a importância atribuída à mulher no seu papel de reprodutora na sociedade. Os valores vigentes ancoravam-se na influência da Igreja que exercia forte pressão na forma de viver da família e nos preconceitos em relação à mulher, tendo impacto profundo nas opções do casal e de forma mais direta sobre a mulher que, como hoje, era criminalizada pela sociedade. Os estudos de Linhares⁹⁸ sobre a história da luta pelo direito ao aborto no Brasil, mostram como o movimento feminista construiu suas alianças com setores da Igreja Católica. A necessidade dessa aliança acabou por colocar limites nas reivindicações das mulheres, nas definições dos

⁹⁸ LINHARES, L. apud NUNES, M. J. F. R. O tratamento do aborto pela Igreja Católica. In: *Revista Estudos Feministas*, vol. 5, n.º 2, Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, 1997.

temas a serem abordados no movimento, embora o poder e a influência da Igreja na sociedade tivesse auxiliado em certos momentos no aumento da repercussão das lutas feministas.

Foi possível ao feminismo obter apoio da Igreja nas mobilizações por creches, contra a alta do custo de vida e a favor dos presos políticos, entre outras questões. Porém, no momento em que as feministas, nos anos 80, passaram a incluir, de forma explícita, a defesa do direito das mulheres ao controle da própria sexualidade, inclusive na decisão sobre a interrupção de uma gravidez indesejada, a reação da Igreja foi imediata e a partir daí o conflito se estabeleceu.

As mudanças no comportamento feminino contaram com relativo apoio de um agente socializador fundamental: a escola, através do ensino formal. Algumas instituições particulares começaram, no período estudado, a incorporar novas modalidades de ensino, numa relação pedagógica mais voltada para o diálogo entre professores e alunos, dando ênfase a informação sobre temas polêmicos para a juventude da época (principalmente sobre sexualidade) e apresentando certa preocupação em evitar a discriminação por gênero. Laura lembra sua experiência de aprendizado sobre sexualidade na escola, algo que era novidade no currículo escolar, embora sua narrativa mostre o quanto de conservador havia no significado da proposta, mesmo que representasse um avanço naquela década.

"Para se ter uma idéia, eu tive aulas de orientação sexual num Colégio de Freiras na 5ª série. Não que eles incentivassem [a relação sexual], muito pelo contrário, eles davam aulas para alertar para não fazermos. Tinha uma formação mínima muito legal, davam orientação aos pais sobre como tratar a questão sexual. Havia uma preocupação que acho que muitos colégios hoje ainda não têm e isso na década de 70!"

Embora alvo de controle, o comportamento feminino desta geração, na adolescência, era mais voltado para os novos valores que aqui começavam a florescer. De forma gradual, modifica-se o modo feminino de inserção na família e a busca de espaço na sociedade. As mudanças estão presentes na preocupação com a aparência, identificada com um padrão mais despojado e colorido no vestir, na participação em manifestações estudantis e nas lutas pela redemocratização do país, no modo como passam a viver a sexualidade e como constroem o relacionamento a dois, nas percepções passam a ter de si, como portadoras de direitos e na construção mais individualizada de seus projetos de vida.

No Brasil, a visibilidade dessas transformações e sua amplitude podia ser melhor percebida nos grandes centros urbanos, principalmente na região sudeste do país. Nas demais regiões e nas cidades do interior do país, essas alterações, embora presentes, tiveram menos

intensidade, provavelmente dada a predominância de um estilo de vida menos aberto à mudanças culturais e mais voltado para a manutenção de valores tradicionais. Nessas coletividades, que se organizam em torno de costumes mais tradicionais, a identidade pessoal tende a ser construída com base num modelo que se reporta à tradição local, na qual a consciência individual e coletiva estão mais próximas.

Talvez por isso, Gabriela, que morou em uma cidade do interior paulista até ingressar na faculdade, e Bárbara Ramos, que residiu em Recife até casar-se, narrem a pouca visibilidade que os movimentos culturais e políticos tiveram em suas vidas, marcadas por outros valores, expressos por suas famílias e pela sociedade local.

"Com relação às mudanças culturais, também não havia muita visibilidade. Nós éramos do interior, morávamos em uma cidade pequena, onde as pessoas têm uma vida muito disciplinada, pacata. Essas coisas não apareciam para nós, não se tinha muito conhecimento sobre os movimentos. Pelo menos para mim, isso não aparecia muito, o que sabíamos era muito superficial". (Depoimento de Gabriela)

"Lembro que ficávamos assistindo aos festivais de música popular brasileira pela televisão e na época que o Caetano Veloso foi exilado, perguntava para meus pais o que estava acontecendo e eles diziam assim: 'Você não fale isso por aí, não pergunte essas coisas. Só pode falar conosco porque eles são comunistas!' Então eu cresci nesse terror, de que se fala pouco e se pergunta pouco. Não tinha a menor noção do que acontecia na adolescência. Eu via um Woodstock na televisão e minha mãe dizia: 'Bando de gente imunda, suja, os hippies, os maconheiros'. Tinha muito a questão dos maconheiros, que 'essa pessoa é maconheira, tome cuidado'". (Depoimento de Bárbara Ramos)

Já para as jovens e suas famílias, com vivências nos grandes centros urbanos, onde as mudanças culturais e os conflitos políticos estavam mais em evidência, as alterações de comportamento e o contato com a realidade do país eram mais presentes, tendendo a ser assimilados de forma mais rápida.

"Acho que as mudanças que aconteciam na sociedade apareciam na minha adolescência através das roupas, das aulas que fazia. Eu, por exemplo, não fazia balé, mas dança contemporânea. Então tinham questões que apareciam que provavelmente não haviam aparecido na geração anterior. Hoje posso ver as coisas de forma diferente do que via antes, mas não era algo explícito [os acontecimentos políticos, culturais]. Mexeu com meu comportamento,

mas são sutilezas, não nos dávamos conta que eram diferentes [os comportamentos], parecia natural". (Depoimento de Teresa Lobo)

"Do ponto de vista das mudanças sociais que vivenciei, pude percebê-las muito mais quando entrei no Bandeirantes, porque havia professores lá que eram da USP, que tinham amigos que estavam exilados, ou foram cassados. Entrei lá em 1977 e havia essa discussão em sala de aula, que eu não tinha muito em casa.

Acho que eu tive a influência do colégio. Não que se falasse da ditadura, ou sobre o exército nas ruas lá, eu tive essa percepção só de 80 para frente. Mas o Bandeirantes já dera os 'insights' da ditadura, da diferença, do que estava acontecendo, de que tinha gente fugindo. Eu tinha um amigo no Bandeirantes que tinha um primo que era médico da Santa Casa e que foi torturado e ele contava das torturas que o primo havia sofrido. A gente ficava com os cabelos em pé, tínhamos quinze, dezesseis anos e falávamos: 'Mas como que pode, nas nossas barbas e não percebermos nada, não sabemos nada do que está acontecendo!'

Eu tive um namorado na época do Bandeirantes, quando comecei a entrar em contradição, porque no primeiro ano eu questionava a prática política e tinha esse namorado que era mais conservador. Foi a minha fase mais de conflito que minha mãe diz que era a fase de 'bicho-grilo'. Eu comecei a tentar mostrar que estava incomodada com alguma coisa. Fiz permanente no cabelo, usava batonas e me separei dele, não tinha sentido. Mas ia na igreja com ele". (Depoimentos de Laura)

"Eu saía bastante [infância e adolescência], ia muito a festinhas de amigos, sempre fazia festas no meu aniversário. Ia em shows com amigas, em bares no Bexiga, ao cinema com minha mãe aos finais de semana, saía muito. Meus pais sempre foram de sair muito, iam a restaurantes, casas de amigos, parentes".

Lembro que minha mãe sempre falava que gostava da música 'A Banda', do Chico Buarque e meu pai da música 'Disparada'. Uma vez um tio meu levou em nossa casa um livro do Gabeira [Fernando Gabeira, atualmente deputado federal pelo Partido Verde] e aí eu soube quem era o Gabeira por um comentário de família.

Quando tinha doze anos, assisti uma discussão de família entre os que eram ARENA [partido que apoiava o regime militar] e os que apoiavam o MDB [partido de oposição ao regime]. A família da minha mãe era ARENA, imagina, eram libaneses (por parte de pai)! Eu perguntei para minha mãe: 'Mas o que você é mãe?' E ela respondeu: 'ARENA'. Aquele dia fiquei com uma imagem de que quem era da ARENA era mais fino, porque achava ela super fina, embora achasse mais divertidos aqueles que apoiavam o MDB". (Depoimento de Ruth)

As histórias de vida vão se entrelaçando com a história da sociedade. De acordo com as narrativas vai-se percebendo uma multiplicidade de pontos de vista, de significados atribuídos que, no entanto, convergem na imagem de que o país estava mudando. O que começa a transparecer nessas lembranças é um estilo de vida urbano que, a partir de finais da década de

70, tem a marca de novos valores, entre eles a democracia que ressurge como um valor geral a ser reconquistado. Os relatos quase nos fazem ouvir as canções dos compositores que incorporaram a denúncia, via códigos cifrados pela música, como estratégia de resistência e de expansão da consciência do que acontecia naquele momento histórico.

Também mostram que em diversos ambientes as pessoas vão perdendo o medo, que antes paralisara a sociedade, de falar sobre o que estava acontecendo. Para os mais jovens as notícias surgem com um grande impacto: como desconheciam o que acontecia no país? Como era possível o terror de Estado ter se instalado tão sorrateiramente na sociedade? Pelo depoimento de Laura, é quase possível ouvir as falas assustadas e cheias de revolta destes jovens estudantes que iniciam seu aprendizado político. É possível compreender a inocência de Ruth diante do debate familiar sobre política, e como sua admiração pela mãe a fez optar por um partido sobre o qual não tinha o menor conhecimento até então, porque somente em fins de 1970 é que se começa a falar sobre política. As músicas, um modo novo de dançar, as roupas, o penteado mais ousado, a liberdade que os jovens, inclusive as moças, passavam a gozar são “sutilezas”, como nos fala Teresa Lobo, mas que vão explicitando as transformações da vida urbana que, gradativamente, se expandem por todo o país.

O comportamento sexual vai se modificando entre as mulheres, em especial, entre as mais jovens e pertencentes as camadas médias, consequência da maior liberdade que os jovens desfrutam no período frente as mudanças culturais que estão ocorrendo na sociedade, apesar do controle e do desejo dos pais de que a virgindade das filhas fosse mantida até o casamento. Entretanto, essa alteração no comportamento feminino é assimilada com muita dificuldade pela socialização que receberam, fazendo com que exercer a sexualidade fora do casamento seja vivido muitas vezes por meio de um caminho tortuoso. Esse fato tornava o ato sexual repleto de simbolismos, alimentado pela falta de orientação familiar na maior parte das famílias, pelos preconceitos enraizados na sociedade e pela idealização, oriunda da própria história das mulheres, do amor romântico. As lembranças das entrevistadas tornam perceptíveis essas contradições:

“Foi nessa época de adolescente que começamos a levantar a hipótese de que podíamos dormir com o namorado, transar com ele, mas não era algo tão simples, pensávamos muito. Percebo, desde a época que trabalhei na revista Capricho, que as meninas de quatorze, quinze anos já estavam prontíssimas para transar, às vezes nem tão prontas assim, mas cogitavam. Eu demorei um pouco mais, mas essa movimentação já tinha no colégio, com as amigas. Minha mãe, por exemplo não tinha [esse questionamento], casou virgem. Ocorreram

mudanças, mas eu não saberia dizer a maneira como elas aconteceram". (Depoimento de Teresa Lobo)

"Como a minha formação, embora tenha sido progressista, era muito conservadora com relação a sexo (tinha toda a discussão, mas o objetivo era para que não fizéssemos), fui perder a virgindade só com vinte e cinco anos e com o Júlio [marido]. Isso era algo que me incomodava, eu fazia de conta para ninguém saber muito como era, deixava meio velada a coisa.

Quando o conheci, minha mãe foi comigo no ginecologista, comecei a tomar pílula, mas não foi começar a tomar a pílula e pronto. Demorou muito para tomar a decisão de transar, foi muito complicado. Isso atrapalhava muito nossa relação porque eu tinha medo de transar (não de perder a virgindade). Eu só consegui transar quando ele foi para a Europa para estudar e eu fui logo em seguida e aí foi possível. Precisou estar num ambiente totalmente diferente, vivendo uma relação a dois, na mesma casa, como marido e mulher, para eu ter a certeza de que era esse o cara". (Depoimento de Laura)

"Lembro que, com dezesseis, dezessete anos, nunca tinha pensado alguma coisa com namorado além de beijar. Achava que namoro era só isso, porque era o que minha mãe passava para nós. 'Colocar a mão no seio já fica logo falada', era o que ela dizia. Eu não questionava muito isso.

Uma amiga veio e me provocou: 'Como, você nunca pensou nisso? Não questiona se sua mãe está certa ou errada?'. Ela tinha uma vida diferente da minha. Chegava em casa de madrugada, com essa idade e foi me dando toques sobre a sexualidade. Comecei a pensar nisso por causa dela, de que havia alguma coisa diferente do que minha mãe passava". (Depoimento de Carol)

"Quando tinha quatorze anos, fui brincar o carnaval no Clube Juventus e arrumei um namorado. Ele tinha dezenove anos, fazia Direito na PUC e saímos durante um mês. Um dia, quando eu já estava com quinze anos, ele falou: 'Vamos transar?' E eu falei: 'Não posso'. Ele nunca mais apareceu! Aquilo me deixou mal porque não me passou pela cabeça transar com ele. Fui transar pela primeira vez com dezessete anos, com o meu namorado do cursinho. Foi uma delícia! Lembro que nesse dia cheguei em casa, íamos jantar com meus pais, e minha mãe falou assim: 'Nossa, você está tão bonita, com um olhar tão interessante!' Eu pensei: 'Está vendo, faltava isso na minha vida!'" (Depoimento de Ruth)

O homossexualismo feminino não tinha visibilidade na sociedade e muito embora o homossexualismo masculino fosse alvo de preconceitos, visto como anomalia, assumia-se que este existia, mesmo que na forma negativa da discriminação. No caso feminino, a resistência em perceber a mulher como sujeito, portadora de direitos sobre sua sexualidade, funcionava como

impedimento a qualquer aproximação ao tema⁹⁹.

Contraditoriamente a sexualidade feminina era valorizada, por um lado, por meio dos padrões de beleza fornecidos nos concursos bastante estimulados de misses. Esse padrão feminino se revelava no corpo dócil, na delicadeza das formas e no semblante suave das candidatas, sempre associado a suas falas, em geral, distanciadas da realidade, mas centradas na aspiração de um futuro promissor por meio de um “bom casamento”.

Por outro lado, as idéias feministas incentivavam o nascimento de uma mulher mais agressiva e independente, menos presa aos padrões estabelecidos pela sociedade. Os padrões de beleza, contudo, não chegavam a provocar um abalo tão violento sobre o corpo e a identidade femininos, mais observados a partir de finais da década de 80, com intensificação na década posterior. Teresa Lobo, professora de Corpo e Dança atualmente, fala sobre essa tendência que ocorre mais acentuadamente,

“...desde as décadas de 70, 80, quando começou a onda da aeróbica, de moldar o corpo, da mulher malhada [acontecendo] uma série de massacres físicos, porque se faz muita besteira nas academias, até coisas que ferem a individualidade da mulher. Você é obrigada a se encaixar num modelo que as pessoas te mostram como pronto e se não está nele e quer fugir disso é difícil”.

Essa busca por incorporar os sinais que definem “estar dentro”, ser aceita no grupo de pares, aparece entre as entrevistadas na adolescência, período em que o corpo tem um lugar de destaque, face às modificações que nele vão ocorrendo, despertando as jovens para a possibilidade de moldá-lo, “controlá-lo”, exercer com ele sua forma de ser no mundo. A disponibilidade do corpo feminino ao olhar público e a necessidade que as mulheres experimentam de aprovação em nossa sociedade passam invariavelmente pelo ideal de beleza feminino. Para Kaufman¹⁰⁰, a forma como a sociedade ocidental valoriza a estética feminina, criando padrões de beleza, acaba por oprimir a mulher. Assim, se homens gordos podem ser “perdoados” e aceitos por ocuparem uma boa posição profissional, sócio-econômica, ou por serem inteligentes, na mulher gorda nada é perdoado, tudo é motivo para críticas depreciativas.

⁹⁹ Para Luiz Mott, professor titular de antropologia da UFB e secretário de Direitos Humanos da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis, *as causas da homofobia – intolerância à homossexualidade, são: a mentalidade machista, herança da ideologia judaico-cristã, que confere apenas ao “sexo forte” a hegemonia social, relegando para a condição de cidadãos de segunda classe quem não é macho: as mulheres, tornadas “sexo frágil”, e os gays, apelidados de “terceiro sexo”*. Orgulho gay e consciência homossexual. In: *Jornal Folha de São Paulo*, São Paulo, 28/06/00, Caderno Opinião, p.A-3.

¹⁰⁰ KAUFMAN, A. Obesidade feminina e sexualidade. In: *Fome de cão: quando o medo de ficar gordo vira doença*. São Paulo: Maltese, 1993.

Na fase da adolescência, as meninas, muito mais que os meninos, vão estar direcionadas para o corpo, a aparência, que lhes dará o “mérito” de serem aceitas. Nos depoimentos das entrevistadas é possível perceber o conflito vivido na juventude e uma certa recusa hoje em admitir a preocupação com a imagem corporal naquele momento. A necessidade que sentiam do corpo magro não é associada às exigências da sociedade, mas compreendida por outros fatores como ter saúde, insegurança, ou busca de prazer.

“Na adolescência eu não namorava muito. Fui ter meu primeiro namorado quando estava fazendo Serviço Social, com dezoito anos. Eu paquerava, mas nunca dava certo. Acho que me sentia um pouco insegura, feia, não me sentia procurada. Não havia proibição dos meus pais, era uma questão minha”. (Depoimento de Gabriela)

“Desde pequena fui preocupada com essa coisa do corpo. Não fazia regime, mas chegava até a tomar remédio, porque era mais gordinha. Com o tempo, foi passando e fui me desencanando mais e percebendo que nunca vou ser uma pessoa magra porque tenho uma estrutura grande”.

Na adolescência era mais forte [a preocupação com o corpo], porque sinto que as mulheres, de uma forma geral, vão ficando mais bonitas quando envelhecem, vão ganhando auto-estima. Na minha adolescência, me achava muito mais “patinho feio” e fazia de tudo para ficar bonitinha”. (Depoimentos de Laura)

“...sempre tive a preocupação de fazer algo com o corpo, joguei vôlei quatro anos na adolescência, fiz dois anos de balé. Fazia isso não pensando esteticamente, mas porque as atividades me davam prazer, me sentia bem. Quando me separei [do] namorado, pensei que não estava fazendo mais nada com meu corpo, me preocupava com celulite, gordurinhas. Mas sempre fazia coisas esparsas, ia na academia porque achava que tinha que ser mais magra”. (Depoimento de Ruth)

Se as mudanças no comportamento feminino começavam a sofrer alterações em vários aspectos, do lado masculino o mesmo não ocorreu tão intensamente. Para a maioria dos rapazes, a perda da virgindade continuava sendo vista como um ganho, uma adição, sem qualquer conotação com o amor romântico e a distinção entre “garota decente/vadia”, que norteava a ética masculina e repercutia no feminino¹⁰¹. Os homens tendiam a acompanhar as lutas das mulheres e as transformações no comportamento feminino meio atônitos. Algumas vezes, eram solidários, mas, em outras, competiam fortemente pela manutenção de seus privilégios e pelo medo da perda de espaços já confirmados.

Apesar das dificuldades que as mulheres enfrentam no espaço público ainda hoje pelo

¹⁰¹ Ver GUIDDENS, A A *transformação da intimidade*. São Paulo: UNESP, 1993.

reconhecimento de seus direitos, parece ter havido neste melhor assimilação de algumas propostas feministas em relação a equidade de gênero do que no espaço doméstico, no qual o homem permaneceu detendo a autoridade de chefe da família, com pouca ou nenhuma participação na divisão de tarefas.

No espaço familiar, as mudanças se processaram de forma mais lenta e mesmo assim, com predominância entre os segmentos médios, no modo como as jovens mulheres começavam a exercer seus direitos de optarem por um projeto de vida próprio. Suas escolhas profissionais tiveram relativa independência dos desejos dos pais. Embora estes procurassem influir em seus planos futuros, não houve, pelas biografias das entrevistadas, um impedimento a sua individualidade, mas o desejo de mobilidade social para os filhos e filhas.

Essa nova postura familiar parece estar associada as alterações que começavam a se processar no comportamento paterno, entre os segmentos médios, mais flexível na forma de educar e mais preocupado com a qualidade da relação afetiva com os filhos. Romanelli¹⁰² observa que as mudanças mais significativas que vão repercutir na família, com relação à autoridade e ao poder no interior do grupo, são as que envolverão o relacionamento entre o genitor e seus filhos. Para ele, a relação com as mães não se modifica tanto porque, de fato, já era mais próxima e carregada de afetividade, enquanto o pai ocupava um outro espaço e suas relações com os filhos eram mediadas pela afetividade materna. Estas mudanças são em parte resultado do questionamento da postura masculina feito pelo movimento de mulheres, promovendo efeitos bastante positivos sobre a sociabilidade entre pai e filhos, melhor percebidos nas décadas seguintes.

Gabriela e Teresa Lobo falam da influência que tiveram na formação de suas identidades femininas pela forma como foram educadas pelos pais, menos rígida, sendo mais livres para exercer suas escolhas.

“Acho que a forma que meus pais me educaram foi importante. Eu sempre tive muito claro que os meus projetos eram independentes da minha família. Não escolhi fazer advocacia por causa do meu pai. Ele queria que eu fizesse medicina e eu descartei, quando vi que não tinha a ver comigo. Nunca pensei em seguir uma profissão ou namorar alguém para satisfazer minha família. Mesmo meus amigos, acho que minha mãe queria outras pessoas como amigas minhas, mas não havia interferência direta. Eu ficava chateada

¹⁰² ROMANELLI, G. Autoridade e poder na família. In: CARVALHO, M.C.B. (org.) *A família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC/Cortez, 1995.

por não haver harmonia de objetivos, mas tinha clareza do que queria e não abria mão. Eu não fui rebelde na adolescência e nem tinha porque o ser. Meus pais não eram autoritários e me davam liberdade. Talvez porque minha irmã abriu caminhos. Era rebelde no sentido de, mesmo sem brigar, fazer o queria". (Depoimento de Gabriela)

"Acho que tudo isso me influenciou, a abertura [dos pais] para estar escolhendo o que tinha vontade de fazer, tanto que trabalho com uma coisa que é efetivamente o que gosto. Não é um fardo o meu trabalho para mim. O fato de ter escolhido o homem com quem queria casar, viver com ele e a maneira como fiz isso [sem casar oficialmente], sem ter que obedecer a todos os protocolos. Foi uma conjunção de fatores". (Depoimento de Teresa Lobo)

Laura recorda a intervenção do pai na escolha da sua profissão sem que este fato significasse fator impeditivo. A preocupação paterna é presente no sentido de ajudá-la a definir caminhos e não escolher carreiras desvalorizadas socialmente, o que incluía o desejo manifesto de que não optasse por profissões feminizadas.

"Como eu tinha muita facilidade com matemática, meu pai achava que eu devia ser engenheira. Só que eu odiava química e física e falei que então ia ser professora de matemática. Ele disse: 'Nem pensar, vai morrer de fome! Então pelo menos Economia'.

Na época Economia era 'o bom', hoje estamos numa crise econômica do ponto de vista do curso, perdendo alunos para Administração, Atuariais, Contabilidade, devido ao perfil do economista que mudou muito, não existe mais aquele economista de planejamento estratégico, existe aquele para micro, para empresa. Mas, na época, Economia era muito legal e eu, como tinha facilidade para falar, resolvi fazer. Aí meu pai ficou satisfeito e falou: 'Bom, pelo menos vai ganhar dinheiro!' Então, essa coisa [segregação por gênero] acho que não tinha muito, pelo menos em casa, ao contrário de antigamente que sempre consideravam para as mulheres cursos como Pedagogia ou outros tidos como mais femininos".

Bárbara Ramos lembra do orgulho paterno ao ingressar na faculdade de medicina. A medicina foi e ainda é um curso altamente valorizado pelas famílias dos segmentos médios que, em suas representações, a consideram como garantia de prestígio e futuro promissor. Mais tarde, Bárbara abandonou o curso, devido à mudança para São Paulo, e ingressou na faculdade de Psicologia. Apesar de fazer um curso universitário menos valorizado socialmente, não aparece, em suas narrativas, questionamentos dos pais. O importante para eles era que tivesse uma profissão e ganhasse dinheiro para ser independente financeiramente.

"Na minha casa, só se falava de trabalho, desde a hora em que acordávamos, à hora em que dormíamos, de segunda a segunda.

Não existiam momentos de conversarmos outras coisas, só se falava de trabalho, de ganho de dinheiro, o tempo inteiro. Eu cresci num ambiente de muito trabalho, visto como algo que dignifica o homem.

Na época que casei, eu tinha feito o vestibular para Medicina e estava cursando o primeiro ano e isso para o meu pai era a glória. Acho que ele considerava que uma mulher que fazia Medicina era meio homem, tinha uma coisa de força, de ser bem sucedida”.

Ruth fala da dificuldade de escolher a profissão, pela falta de apoio familiar na escolha da carreira futura. Do seu ponto de vista, sua educação foi tão livre que algumas vezes era difícil optar, por não ter ainda a maturidade necessária.

“Prestei vestibular para a faculdade de Educação Física e passei, direto do colegial. Fiz o curso por dois meses, mas não sabia se era aquilo que queria. Meu pai pagava a minha faculdade e o cursinho de pré-vestibular. Eles são bacanas nesse sentido, a faculdade era muito cara, mas meu pai pagava para que eu pudesse escolher. Mas, ao mesmo tempo, nunca tive um direcionamento do que fazer. Por exemplo, durante muito tempo, fiz inglês, balé, dança. Escrevia e tinha facilidade de me comunicar e as pessoas achavam que faria Jornalismo. Mas eu queria fazer Biologia, porque adorava e cheguei no cursinho sem definição para que iria prestar. Resolvi fazer História porque tive um ótimo professor no cursinho que me influenciou”.

Carol recorda-se de uma situação diversa das demais entrevistadas, porque sua vivência na família de origem foi marcada pela classe social a que pertenciam. Membro de uma camada social mais pobre, tendo seus pais estudado pouco e enfrentando a luta pela sobrevivência, não aparece em sua história incentivo destes para que curse uma universidade, algo muito distante de seus sonhos para os filhos. Por isso e por ser a filha mais velha, teve que lutar muito sozinha para se graduar, enfrentando forte resistência da mãe que não considerava ser possível essa perspectiva.

“Estudei sempre em escola pública. Meus pais não tinham dinheiro para pagar escola particular, mas nesse período a escola pública ainda era boa, tanto que consegui entrar na PUC.

Eu queria estudar, ter minha profissão e fui procurar sozinha. Tive que fazer o vestibular para a PUC escondido, porque ela [a mãe] achava que eu deveria fazer só o vestibular para a USP, não podia tentar outras faculdades. Quando entrei na PUC, ela não gostou e brigamos os cinco anos de faculdade.

É uma visão dela, com relação à mulher. Minha irmã mais nova não gosta de estudar e minha mãe acha que está bom assim. Mas, ao mesmo tempo que tinha essa visão, sempre me deu uma noção da vida que se queremos fazer alguma coisa, devemos ir atrás.

Meus pais nunca nos deixaram ser muito dependentes deles.

Talvez por conta de terem tantos filhos, não puderam dar toda essa proteção que vemos os pais dando aos filhos. Fomos criados cada um fazendo por si, aprendi assim e toda a minha vida é assim, vou à luta, batalho e faço”.

Os relatos vão dando visibilidade as mudanças que estavam ocorrendo na família brasileira no final da década de 70. Muito embora a educação feminina fosse alvo de controle no que se refere a sexualidade, estas jovens, nascidas em um período de grande efervescência cultural, encontravam formas de transgredir as normas familiares, influenciadas pelas alterações de comportamento que tinham por base os movimentos sociais que aconteciam dentro e fora do país. Dentre eles, o mais significativo na liberalização da conduta feminina foi sem dúvida o movimento de mulheres, mesmo que a incorporação de seu ideário não fosse percebida como tal.

Mas, as transformações também estavam acontecendo nos papéis familiares, na maior proximidade afetiva do pai em relação aos filhos, na menor rigidez na educação familiar, menos presa aos padrões morais conservadores e mais aberta ao diálogo, em especial, no respeito as opções dos filhos na construção de projetos de vida futuros. Porém, os projetos vão ser elaborados e construídos em função de experiências sócio-culturais, de um código, de vivências e interações interpretadas. Como declara Velho, *“o projeto, enquanto conjunto de idéias, e a conduta estão sempre referidos a outros projetos e condutas localizáveis no tempo e no espaço. Por isso é fundamental entender a natureza e o grau maior ou menor de abertura ou fechamento das redes sociais em que se movem os atores”*¹⁰³.

A classe que pertenciam demarcava o estilo de vida dessas famílias, influenciando na maior ou menor preocupação que tiveram com a ascensão social do grupo, projetada no futuro dos filhos. Conforme Bourdieu¹⁰⁴, o *habitus*, como princípio gerador que vai dar unidade do estilo de vida, conforma a concepção e percepção de mundo, predispondo o indivíduo a determinadas estruturas estéticas, existindo uma afinidade nas escolhas que faz. O gosto das camadas médias procura se aproximar do gosto das elites. Por isso Bourdieu o considera um gosto “adquirido”, forçado, havendo uma constante insegurança e ansiedade frente ao medo de errar. Já nas camadas populares, a própria situação cotidiana de luta pela sobrevivência e busca de satisfação de suas necessidades básicas, torna seu gosto mais “ingênuo”.

¹⁰³ VELHO, G. *Individualismo e cultura. Notas p/uma Antropologia da sociedade contemporânea*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1997, p.28.

¹⁰⁴ BOURDIEU, P. La marca del tiempo. In: *La distincion – critérios y bases sociales del gusto*. Paris: Les Editons de Minuit, 1992.

As narrativas mostram que as escolhas das filhas foram feitas tendo como referência uma história familiar, construída de acordo com a camada social a qual pertenciam, sendo que a aspiração de mobilidade social e prestígio esteve sempre presente nas famílias pertencentes aos segmentos médios, influenciando nas suas opções. No caso de Carol, como já foi explicitado, a vivência familiar também foi importante em sua luta por ascender socialmente, mesmo que essa perspectiva não tenha sido colocada por seus pais por traçarem objetivos mais próximos de sua realidade para os filhos. Para a filha, contudo, a experiência na família indicava a importância de construir novos caminhos que se pautaram na possibilidade de mobilidade social.

As transformações na sociedade brasileira continuavam ocorrendo em todas as instâncias. No plano político institucional, o ano de 1979 teve como marca a posse do novo presidente, sucessor de Geisel, desconhecido no espaço político. João Baptista Figueiredo toma posse em março com uma inflação que chegava a mais de 40% ao mês, além de várias greves no setor metalúrgico, que tiveram início com a greve dos trabalhadores das indústrias automobilísticas no ABC/SP, em 1978, lideradas pelo então presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, Luiz Inácio Lula da Silva. A Igreja, com o cardeal Arns à frente, fornecia ajuda moral e material aos grevistas, depois que o governo ocupou a sede dos sindicatos. O crescimento da inflação, aliado ao surgimento de uma nova liderança sindical, não mais atrelada ao governo, as negociações entre empresários e trabalhadores, sem mediadores, e a solidariedade crescente de diversos setores da sociedade civil tornava os protestos operários verdadeira questão nacional¹⁰⁵.

Para as entrevistadas, esse foi um momento de revelação no plano social e político do que acontecia no país, na medida em que constituíam novas redes de relações, recebendo influência de outros agentes socializadores, além da família.

Laura narra suas primeiras experiências de participação política, por meio das mobilizações promovidas pela Igreja e pelo colégio que estudava. Em seu depoimento, é possível observar que, embora não houvesse um discurso explícito contra o governo, talvez pelo ambiente político da época, a mobilização dos fiéis, pela ala progressista da Igreja Católica, e dos estudantes, por alguns colégios com posições políticas mais avançadas (ou de seu grupo de professores), ocorria num momento em que o cenário institucional do país se modificava.

¹⁰⁵ A análise do período se apoia no estudo de Thomas Skidmore. A lenta via brasileira para a democratização: 1974-1985. In: *Democratizando o Brasil*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. Ver também SALLUM JR., B. Transição Política e crise do Estado. In: *Revista Lua Nova*, São Paulo, n.º 32, p.133-167,1994.

“Tive também formação católica, fazia retiros. Eu gostava de fazer, refletir sobre a questão religiosa, embora [a formação religiosa] fosse mais das vivências sobre as condições de diferença de classe, sobre as desigualdades e o que podíamos fazer para amenizá-las. Era um discurso muito progressista. A minha igreja era muito ligada à CNBB, que, na época, teve um papel muito importante em todo o movimento popular. Não que eu fosse de Comunidades de Base, essas fui conhecer na PUC, na década de 80. Mas nessa fase, a minha formação religiosa era voltada para a questão da pobreza. Hoje eu sei que [o discurso] era sobre a luta de classes, mas naquela época era muito sutil. Por isso que eu acabei virando uma pessoa de esquerda. Já meu irmão, que estudou no Santa Teresinha, teve outra formação, o colégio era super conservador.

Como eu freqüentava a Igreja, sabia dos Movimentos Contra a Carestia e participava levando mantimentos na Igreja. Outra coisa que eu participei foi ajudando o movimento sindical nas greves. Na greve do ABC em 79, por exemplo, a escola arrecadava mantimentos para levar para os grevistas. É engraçado porque o Colégio Bandeirantes sempre se caracterizou por ser muito conservador, mas havia a preocupação de colocar professores de primeira linha, muitos vindo da USP. Eu tive professores de esquerda que eram muito bons e traziam informações que iam me influenciando”.

A esse novo cenário político era acrescido o fato do Congresso ter aprovado, em agosto de 1979, a anistia para todos os presos ou exilados por crimes políticos desde 1961, excluídos os considerados culpados por “crimes de sangue”, durante a resistência armada. A lei também restabelecia os direitos políticos para aqueles que os tinham perdido em razão dos Atos Institucionais. Além disso, a liberdade de expressão dos órgãos de imprensa foi restabelecida, permitindo respirar-se um ar mais próximo da democracia, apesar do regime militar permanecer controlando os meios de comunicação e haver tentativas de fechamento de jornais e revistas que apresentassem reportagens que desagradassem o meio militar.

A importância do Movimento pela Anistia, ao recuperar a memória do país no período mais negro dos anos militares, para além da luta em defesa dos presos, desaparecidos e exilados políticos, foi fundamental na tomada de consciência de diversos segmentos da sociedade civil, na compreensão do significado histórico e político do golpe militar. Teresa Lobo recorda a resistência de sua mãe em relação a sua participação política e de como esta modificou sua conduta ao tomar conhecimento, pelo movimento, do que acontecera no país.

“Quando estava no primeiro ano de Direito, aconteceu o encontro no SESC do Movimento pela Anistia em que compareceram os pais dos desaparecidos [políticos]. Convidei minha mãe para ir, porque ela percebia que tinha alguma coisa, mas achava que eu estava numa fase comunista, no Jornalismo, falando besteira. Ela ficou impressionada, porque ali compareceram pessoas com faixas,

fotos [dos filhos, parentes desaparecidos], eram os pais que estavam lá!"

A anistia propiciou o retorno das exiladas preocupadas com a questão de gênero, influenciadas pela mobilização de feministas na Europa e nos Estados Unidos, contribuindo para o fortalecimento da tendência feminista dentro do movimento de mulheres. As várias tendências se reencontraram, no primeiro momento, no compromisso com a democratização do país e na prioridade de atingir as bases populares.

O ano de 1979 foi também marcado por uma reorganização do sistema político partidário, numa tentativa do governo de manter sua hegemonia com a multiplicação de legendas partidárias, visando assim, a formar alianças pontuais. A novidade foi o surgimento do PT, Partido dos Trabalhadores, mais à esquerda do que os partidos formados à época e aglutinando em seu interior o novo sindicalismo, a esquerda de origem católica, intelectuais e representantes de importantes segmentos considerados minorias como mulheres, negros, setores ligados a causa do meio ambiente e trabalhadores rurais.

Sallum Junior¹⁰⁶, em sua análise do período, avalia que o ano de 1980 vai marcar a política brasileira pelo esgotamento de dois projetos políticos: o projeto de construção de um capitalismo industrial autárquico e com grande autonomia em relação aos processos de transnacionalização do capital, que passaram progressivamente a dominar a cena internacional e o esgotamento do projeto de liberalização do regime autoritário. Este projeto de mudança política foi superado pela própria dinâmica do processo de liberalização que acabou por desencadear. Parte da cúpula militar mostrava forte resistência à despolitização de suas ações e à restrição das atividades da “comunidade de segurança e informações”.

No ano de 1980 e início de 1981, várias ações violentas, vinculadas à direita, ocorreram no país, como as ameaças e explosões em bancas de jornais que vendessem publicações consideradas “esquerdistas”, a explosão de uma bomba na sede da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), que ocasionou a morte de uma pessoa e o incidente no estacionamento do teatro do Riocentro, no Rio de Janeiro, onde ocorria um concerto em benefício de causas ligadas à esquerda, no qual uma bomba explodiu no carro em que estavam os responsáveis militares pelo atentado que terminou por não acontecer. Este último incidente acabou por facilitar a abertura política, devido ao desenrolar das ações que o sucederam.

A regulamentação das eleições de 1982 repolarizou, em termos de regime/anti-regime, o

¹⁰⁶ Ibid.

novo sistema partidário. Pela primeira vez, desde 1965, haveria eleições diretas para governadores em novembro e o eleitor teria que escolher candidatos em todos os níveis, à exceção de presidente. A campanha mobilizou todas as forças da sociedade civil, principalmente nos grandes centros urbanos, envolvendo todas as questões em pauta no país, inclusive as reivindicações do movimento de mulheres. A oposição ganhou o governo de nove Estados, os mais populosos e industrializados, incluindo Estados importantes no jogo político como São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paraná, embora a maior parte dos governadores eleitos fossem identificados como centristas do PMDB.

Laura viveu intensamente esse processo com sua família e narra a importância política desse momento, vivido com entusiasmo e conflito, dadas as diversas posições políticas que começavam a se apresentar na sociedade.

“Na época, quando Fernando Henrique saiu para senador, foi o último voto obrigatório da minha avó que votou nele. Meu pai até debochava que iam pegar ela por isso. Meu pai votou no Montoro, foi o último voto dele. Eu votei no Lula. Meu pai achava um absurdo perder o voto, dizia que o Lula não tinha chance. Eu falava: ‘Mas pai, eu vou votar no que eu acho, no que acredito’. E ele dizia, ‘Montoro tem muito mais chance, porque você não vota nele? É um voto a mais!’”

Na esteira das mudanças, o feminismo também se expandia e foi sendo melhor absorvido pela sociedade, ganhando espaço no momento de abertura política que se consolidava no país. Tanto as reivindicações feministas como o aprofundamento da reflexão sobre a condição da mulher começavam a adquirir maior visibilidade. Na mídia, a imprensa passava a dar destaque nos jornais a colunas escritas por feministas como Irede Cardoso e a psicóloga Marta Suplicy, que discutiam temas ligados à condição feminina. Nos programas de rádio e na televisão também surgiam reportagens sobre a questão já em finais da década de 70. A televisão, em especial, passa a investir nesses programas pelo interesse que vinham despertando.

Bastos relembra, em seu estudo, os diversos programas que foram criados no período como: Programa Mulheres, na TV-Tupi, organizado por diversas feministas, um programa de consultas dedicado a mulheres na TV-Record, o Programa TV-Mulher, na Rede Globo, apresentado por Marília Gabriela que também contava com várias feministas que respondiam a dúvidas sobre direitos da mulher, com Marta Suplicy que apresentava pela primeira vez na televisão brasileira a discussão sobre sexualidade. Também a TV-Manchete, criou no começo dos anos 80, um programa específico, o Mulher-80. No dizer de Bastos,

“...o certo é que eles representavam fontes para ampliar as formas de compreensão social daquele momento.

Esses programas(...) foram, sem dúvida, respostas a questões colocadas pelos movimentos feministas. Mostrando diferentes tipos de comportamentos, possibilitaram a muitas mulheres a percepção de posturas femininas que recriavam ou fugiam de antigos padrões¹⁰⁷”.

Também desta época foi o seriado criado pela Rede Globo de Televisão, com a atriz Regina Duarte, “Malu Mulher”, em que se mostrava a imagem de uma “nova” mulher, mais liberta dos valores tradicionais femininos. Esse programa teve uma ampla aceitação no segmento feminino mais jovem das camadas médias, que via na personagem representada pela atriz e nas questões que eram abordadas, problemas e dúvidas comuns, com os quais se defrontavam no seu cotidiano. Laura lembra que o programa a ajudava a dialogar com sua mãe sobre questões relacionadas à mulher, servindo de referência, para a mãe, na forma de pensar a educação da filha.

“Eu assistia ao programa “Malu Mulher” e achava bárbaro, porque discutiam coisas que eu questionava. Abordavam aspectos que eu considerava importante minha mãe estar vendo e assistíamos juntas. Com minha mãe tinha um pouco de diálogo, mas não era tão aberto, embora ela nunca tenha me podado muito.

Acho que esses programas mexiam de alguma forma com ela, mas as mudanças eram pensadas para mim. Ela nunca se questionou muito, acho que pensava: ‘Minha vida já passou, minha formação era aquela, mas com certeza é isso que quero para minha filha’. Não sei, não conversávamos sobre isso, talvez eu falasse o que achava, mas ela não. Hoje, ela fala: ‘Está vendo, foi bom você ter tido sua profissão, ser independente’”.

Várias organizações autônomas de mulheres foram formadas e passaram a desenvolver atividades como grupos de trabalho, pesquisas, debates, cursos e publicações, participando ainda de campanhas que conduziram milhares de mulheres às ruas por suas reivindicações. As reivindicações se agrupavam nos temas: sexualidade e violência, saúde, ideologia, formação profissional e mercado de trabalho¹⁰⁸, que se desdobrava em várias bandeiras de luta, ligadas aos temas gerais. Multiplicaram-se também nestas décadas os jornais e revistas, panfletos e outras publicações feministas que procuravam, nesse momento, tornar as mulheres mais

¹⁰⁷ BASTOS, M. B. *Outras palavras, outras imagens: movimentos feministas na cidade de São Paulo nos anos 70/80*. São Paulo, 1992, vol. 2, (Dissertação de Mestrado), Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC/SP, p.124-126.

¹⁰⁸ Ver ALVES, B. M. & PITANGUY, J. *O que é feminismo*. 8ª ed., Coleção Primeiros Passos, São Paulo: Brasiliense, 1991.

conscientes de seus direitos.

As questões que mais ganharam força no movimento foram as ligadas ao trabalho da mulher. Essa ênfase na mulher trabalhadora, segundo Sarti¹⁰⁹, vinha de uma tendência predominante no movimento feminista, que via nesse segmento maior possibilidade de transformação pela ligação das categorias classe e gênero. Esse fato pode ser melhor entendido quando se reporta à origem do movimento no Brasil, fundamentada na ideologia marxista da esquerda e na concepção do feminismo liberal que via no trabalho remunerado importante instrumento de libertação da dona-de-casa.

Duas grandes mobilizações específicas acontecem nesta década, unificando o movimento: a luta por creches, que aglutinou trabalhadoras, mulheres da periferia e feministas (vindas das camadas médias), com o objetivo de criar condições para a participação da mulher no mercado de trabalho e a luta contra a violência doméstica. Essas lutas obtiveram resultados significativos, com o crescimento do número de creches em bairros periféricos, assumidas pelo município, e a criação das Delegacias Especiais de Atendimento à Mulher (DEAMs), assumidas pelo Estado, a partir de 1985¹¹⁰.

Contudo, as repercussões das lutas e mobilizações feministas não entusiasmavam todas as mulheres, havendo um número reduzido que militava no movimento e mesmo de mulheres conscientes dos problemas ligados à condição feminina. Os depoimentos das entrevistadas revelam a distância entre o discurso, por vezes incompreensivo das feministas e sua lenta repercussão no segmento feminino das camadas médias.

Para Gabriela, que assistiu às lutas travadas por sua mãe, na relação com seu pai, para ocupar o mercado de trabalho, conseguindo fazer carreira na área pública, o movimento de mulheres pode ter sido um fator detonador de sua independência.

“Pode ser que ela tivesse essa postura por influência dos

¹⁰⁹ SARTI, C. Feminismo no Brasil: uma trajetória particular. *Cadernos de pesquisa*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n.º 64, p.38-47, fev/88.

¹¹⁰ A primeira Delegacia da Mulher foi criada em São Paulo em 1985. Na capital, o contingente de mulheres que procuraram as delegacias de defesa da mulher subiu de 33.343, em 1997, para 54.803, 2000. Hoje, essas delegacias são 125 no Estado, 9 na capital paulista, 12 na Grande São Paulo e 104 no interior do Estado. No Brasil, há 307 delegacias especiais de atendimento à mulher. Dados publicados no jornal Folha de São Paulo, que utilizou como fonte o Conselho Estadual da Condição Feminina. “Número de denúncias de violência contra a mulher sobe 170% em São Paulo”. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 09/03/01, Caderno Cotidiano, p. C-9. Para Saffioti, a *criação das Delegacias da Mulher, ao contrário do que se pretendia, não foi um fator inibidor da violência*. Como afirma, *enquanto não houver uma mudança na política de atendimento à mulher, em situação de violência, buscando a modificação dos padrões de atendimento judiciário às vítimas e criando-se serviços de apoio, como abrigos, creches públicas, entre outros, as medidas não passarão de atendimento emergencial, sem combater de fato a violência que está presente nas relações de gênero*. In: SAFFIOTI, H. I.B. & ALMEIDA, S.S. *Violência de Gênero. Poder e impotência*. Rio de Janeiro: Revinter, 1995, p.205-207.

movimentos da época”.

Teresa Lobo lembra que não se sentia motivada pela discussão feminista, mas muito mais por outros movimentos que afluíam naquele momento e nos quais gênero também estava presente.

“Eu participei pouco [do Movimento de Mulheres], me interessava mais pela discussão social em outros sentidos. Atuava junto à Pastoral, dando aulas de dança em favela. Indiretamente, tinha uma preocupação com gênero, porque havia muitas alunas e me impressionava muito o desconhecimento que tinham do corpo. Às vezes, até já tinham um vida sexual ativa, mas desconheciam o corpo. Com a aula de dança, havia o toque e tudo era uma novidade muito grande para elas. Trabalhei lá por três anos.”

Bárbara Ramos passou por uma experiência, no período da faculdade, em que a discussão sobre a mulher era muito presente, o que não foi suficiente para que se sentisse motivada a participar do movimento.

“Acho que a questão da mulher foi a mais discutida no meu período de faculdade. As eleições também, mas nunca participei de nenhum movimento, porque ficava tão impressionada com aquele monte de informações! Passei muito tempo sem conseguir entender muita coisa, fiquei realmente em crise. Eu tinha a impressão que não tinha vivido a vida, que não tinha participado”.

Ruth fala também desse desconhecimento sobre o movimento e do pouco interesse que lhe causou, o que mostra que, ao contrário do que algumas feministas pensavam, no Brasil, o movimento não tinha a compreensão que se julgava ter entre as mulheres.

“O Movimento de Mulheres não chegou a me influenciar, mas eu tive um pouco de contato com as militantes. Comecei a entender que tinha movimento feminista um dia, voltando da Praça da Sé, quando estava acontecendo uma manifestação contra o Lindomar Castilho, marido da Eliane de Grammont. Aquilo me chamou a atenção, porque eram denúncias sérias e me identifiquei porque lembrava da minha mãe, pensava que ela deveria participar. Quando estava no básico da faculdade, tinha uma professora que também falava do movimento e tive contato assim, mas sem militância”.

Embora atingissem muitas mulheres de forma transversa, as lutas e mobilizações feministas adquiriram um novo caráter a partir das eleições de 1982 devido as divergências internas do próprio movimento. A heterogeneidade social e as diferentes tendências político-partidárias acentuaram os conflitos com a entrada do movimento homossexual e o movimento

negro que trouxeram para o movimento de mulheres suas reivindicações. O movimento se fracionou em grupos que não tinham mais o caráter genérico em suas concepções e passaram a se organizar em torno de questões específicas. Problemas ligados à saúde, à reprodução e à sexualidade foram bastante favorecidos nesse momento com experiências bem sucedidas de atendimento à mulheres e uma crítica à política de saúde governamental, que ignorava a mulher, o que acabou por criar uma pressão positiva sobre o Estado, na implementação de políticas de assistência à saúde da mulher.

Feministas acadêmicas passaram a investir de forma mais acentuada em pesquisas sobre a mulher, criando núcleos de estudos de gênero em diversas universidades, havendo uma verdadeira expansão, no mercado editorial de livros sobre o tema. Também foram criados centros de documentação que passaram a organizar informações sobre a mulher. No plano jurídico, articulou-se um espetáculo organizado por feministas, o “Tribunal Bertha Lutz”, em São Paulo, como forma de mostrar a discriminação da mulher no trabalho. Em setembro do mesmo ano, também em São Paulo, realizou-se o “Festival Nacional de Mulheres nas Artes”, expondo a criação feminina nos seguintes segmentos artísticos: cinema, teatro, literatura, música, dança e artes plásticas¹¹¹.

Para as mulheres entrevistadas, esse foi um momento de grandes descobertas e, por meio de suas narrativas, é possível perceber que a entrada na universidade representou um divisor importante em suas biografias, devido as possibilidades que foram se descortinando, ao tomarem conhecimento do que se passava no país e ao interagir neste contexto, construindo novas redes sociais que foram fundamentais no desenrolar de seus projetos futuros. Pelo significado que esse acontecimento teve em suas subjetividades ele aparece datado em suas lembranças.

“Quando entrei na faculdade de Jornalismo na Cásper Líbero, em 1979, havia muito movimento lá e peguei a rebarba de tudo. Na mesma época, entrei na faculdade de Direito, no Largo de São Francisco, porque queria fazer Jornalismo político.

Na época da faculdade, conversei com meus pais e eles contaram que durante muito tempo sabiam que acontecia alguma coisa no país, mas não sabiam exatamente o quê. Só quando meu pai encontrou uma amiga que estava sendo perseguida foi que tiveram mais consciência do que estava ocorrendo”. (Depoimento de Teresa Lobo)

¹¹¹ Informações sobre a produção feminista desse período podem ser encontradas em SARTI, C. Feminismo no Brasil: uma trajetória particular. *Cadernos de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas*, São Paulo: Cortez, p.38-47, fev/88.

“Só quando entrei na faculdade, com dezoito anos, em 1979, foi que descobri que tinham prisioneiros políticos e exilados que estavam voltando. Ouvi falar da ditadura nessa época, até então não tinha ouvido nada. No colegial, eu tinha uma professora de Cultura Contemporânea que até queria falar alguma coisa. Lembro que ela abria a porta da sala, olhava para fora para ver se tinha alguém e falava alguma coisa, mas era muito por cima, nem entendíamos bem o que ela estava falando.

Meus pais não sabiam de nada da época, estavam alienados mesmo, não falavam, não porque tivessem algum medo ou não defendessem aquela ideologia, mas porque não sabiam. Ainda hoje, acho que não dão muita atenção para isso. Meu pai se interessa um pouco mais, mas minha mãe não dá nenhuma atenção”. (Depoimento de **Carol**)

“Eu entrei na faculdade em 1980 e saí em 1984, período do retorno dos exilados para sala de aula e a PUC recebeu muitos deles, que depois saíram para a USP. Tive aulas com professores muito bons e lá havia o básico que juntava, no primeiro ano, alunos de várias áreas”. (Depoimento de **Laura**)

Bárbara Ramos também lembra o papel que as universidades tiveram nesse período para os jovens, na formação de uma consciência crítica. Ao mesmo tempo, revela como a censura, que havia se instalado nos piores momentos da ditadura, produziu seus efeitos na alienação de toda uma geração nascida sob o golpe militar. Pelo significado de suas lembranças sobre esse momento é que sua narrativa foi reproduzida de forma mais extensa.

“Toda vez que assisto um filme americano, da década de 60, com aquelas famílias bem americanas e burguesas, vejo que era como aquela família. O que interessava era a vida da gente, o trabalho. Fui saber o que tinha acontecido quando entrei na faculdade de Psicologia em 1979 e estava com dezenove anos. Passei três anos na faculdade em crise total. Dizia, ‘Meu Deus, onde estava com a cabeça!’ Eu não sabia de nada! Não sabia o que era a geração sessenta. Estudava Antropologia, Sociologia e ficava maluca com aquilo, porque nunca tinha ouvido falar nada. Não sabia o que era comunismo, capitalismo e o que os militares tinham feito. Me lembro quando Costa e Silva morreu [presidente militar da época], vendo a notícia no jornal e minha mãe dizendo: ‘Pronto, agora os comunistas vão invadir!’ E eu apavorada, com medo, porque ela dizia que se os comunistas invadissem, a casa da gente ia ser toda dividida, com gente dentro. Eu cresci assim”.

“Não sabia que a pílula estava sendo lançada, que as mulheres estavam lutando, nada. Fui saber na faculdade de Psicologia que foi o lugar onde me inteirei do mundo em termos políticos e sociais. Na época que fiz o primeiro ano de Medicina em Recife, tinham umas amigas do curso que eram extremamente politizadas. Elas falavam: ‘Vamos participar do Grêmio’, e eu dizia

'Não quero saber disso'. Eu era vista na faculdade como uma burguezinha, que hoje seria uma 'Patricinha', alienada. As colegas morriam de rir comigo diziam: 'Você é uma burra, só sabe estudar, não sabe o que acontece no mundo'. Me sentia tão inferiorizada, com vergonha. Tinha vergonha porque as minhas amigas da faculdade, da minha idade, eram pessoas politizadas e eu não sabia discutir nada de política".

Ruth inicia sua participação no movimento estudantil com a entrada na faculdade, por meio da qual vai exercer a militância política, sempre de forma bastante crítica e coerente com seus ideais de liberdade.

"Entre na PUC em 1985 e comecei a entender [de política]. Logo nas primeiras semanas, entrei em uma chapa [do Diretório Acadêmico], ligada à LIBELU [Liberdade e Luta, tendência de esquerda]. Não sabia nem o que era, mas era a chapa mais de esquerda que tinha. Mas também tinha amigos em outra chapa com a qual fui me identificando logo no começo do curso. Eles eram ligados a chapa 'Auto Gestão', pessoal que fez a 'Rádio Chilique', uma rádio amadora. Depois saí dessa chapa, entrei porque entendia que era um movimento que se propunha a ser antropofágico, engolindo as tendências existentes para fazer alguma coisa nova. Percebi, porém, que não era essa a proposta".

A entrada na faculdade foi um marco em suas vidas, porque representou uma fase claramente diversa de tudo que até então viviam. Jovens oriundas de famílias mais voltadas para o micro cotidiano doméstico, sem contato com o que acontecia no país e no mundo, pela censura aqui instaurada, súbito começaram a interagir em uma realidade em transformação acelerada, face as alterações que estavam sendo engendradas no plano político e cultural e que influíram diretamente em suas identidades. A vida até então vivida como que se rompe frente ao novo, que vai sendo incorporado, via participação estudantil, no aprendizado político e pelas novas relações travadas.

Esse distanciamento entre as experiências anteriores em família e o que se passava no contexto maior é explicado por Velho ao analisar a questão das ideologias individualistas. Para ele, ideologias de diferentes matizes, dominam de modo significativo, a visão de mundo de boa parte das categorias sociais. Isto fica particularmente evidente em camadas médias intelectualizadas, embora haja variações no próprio universo de camadas médias.

Conforme o autor, a predominância de uma ideologia individualista neste segmento pode trazer em sua constituição uma conotação hedonista e/ou narcísica. A extrema valorização do privado, em detrimento do público, parece estar vinculada a uma conjuntura histórica que

acentuou essas tendências¹¹². No caso das famílias das narradoras, o investimento existencial teve como centro a esfera privada, em um momento particular do país, com o estabelecimento da ditadura militar que vetou, de forma radical a participação política, gerando o alheamento pelo medo e a alienação pelo desconhecimento, produzindo uma elaboração particular da subjetividade.

“As grandes mudanças foram a partir desses ambientes que me envolvi: a faculdade de Jornalismo, depois a Semiótica, trazendo um outro olhar para ver o mundo, para entender as coisas como aconteciam. Poder perceber que nunca uma coisa estava separada da outra, que não é uma relação de causa e efeito, mas de como acabam se auto-organizando, que não exercemos controle sobre tudo e que por mais que se queira controlar todas as situações, as coisas acabam se ajeitando por si mesmas. Foram descobertas importantes para mim, porque acabei absorvendo para minha vida, não ficando só na teoria, foi uma mudança”. (Depoimento de **Teresa Lobo**)

“Na faculdade, eu me senti um pouco lesada, como se tivesse um buraco [com relação ao tempo histórico], que não participei daquele mundo naquela época. Lembro que fiquei revoltadíssima nessa fase e mudei radicalmente. Virei esquerdista, queria ler tudo, saber de tudo, comprei todos os livros da época. Fiquei quase todo o tempo da faculdade assim, radical”. (Depoimento de **Carol**)

Para Bárbara Ramos, se o período foi um fantástico momento de descobertas, isso não acarretou um engajamento político, face à socialização impregnada pelo medo que recebera. O temor do que podia lhe acontecer, caso viesse a ter uma participação maior nos movimentos da época, não impedia, contudo, que fosse descobrir fascinada, nas lembranças dos exilados, aquele momento que não viveu.

“Não participei de nada no período da faculdade, porque tinha muito medo e acho que se tivesse tido informações na década de sessenta também não participaria porque tenho muito medo. Teria medo de ser presa, torturada, porque fui criada com medo. Entrei na faculdade em 1979 e a década de 80 foi, do meu ponto de vista, muito morna, não tinham grandes movimentos.

Fui a algumas festas de deputados que estavam chegando do exílio. Tinha a Anistia, festas para arrecadar fundos para essas pessoas serem eleitas. Eu achava aquilo incrível, ter contato com pessoas que eu nunca tivera. Até o modo de se vestirem, de conversarem era diferente. Eram pessoas que viveram muito tempo fora. Nisso eu participava, mas sem entender o sentido. Ia meio fascinada com as pessoas. As mulheres que conheci falavam muito bem, eram bem sucedidas, tinham morado em vários lugares.

¹¹² VELHO, G. *Subjetividade e sociedade. Uma experiência de geração*, 2ª edição, Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1986.

Demorei um tempo para poder me posicionar no meio disso, me atraía, mas não tinha conhecimento profundo”.

A narrativa de Bárbara mostra o quanto o medo, representado no imaginário de sua família pelo comunismo, esteve presente em suas vivências, constituindo parte importante de sua identidade, embora esse sentimento fosse freqüente, em maior ou menor grau, em todas as famílias, dada a violenta repressão política instalada. Velho, chama a atenção para a importância de saber identificar determinadas conjunturas em que certas crenças, princípios, dogmas, têm uma aceitação maior, não podendo ser explicados apenas por meio de mecanismos de coerção física material ou de “manipulação ideológica”. *“Há certos símbolos ou conjuntos de símbolos que têm maior eficácia e que apresentam maior capacidade homogeneizadora ou aglutinadora”*¹¹³.

No caso de Bárbara, o medo relacionava-se a imagens recorrentes da infância que associavam participação política com comunismo e subversão, profundamente condenados por seus pais. A análise de Velho sobre esses símbolos ajuda na compreensão do peso que estes tiveram na vida de Bárbara, ao esclarecer que, *“o subversivo não traz apenas o mal em si, através de suas hipotéticas ligações com forças malignas externas à sociedade; de certa forma ele é visto como possuído por ideologias estranhas, enfeitado por seres desumanos por suas iniquidade e vileza”*. Por isso, como afirma, estamos lidando aqui com uma categoria de acusação totalizadora que ataca a identidade do acusado de forma radical¹¹⁴.

Apesar do fascínio de Bárbara por todos aqueles que lutaram, foram presos, exilados e retornavam ao país cheios de idéias “revolucionárias”, sua participação se dava mais pelas bordas dos acontecimentos, era mais um querer saber, numa atitude contemplativa de quem começava a descobrir a história real do país nos anos de repressão. A família, lugar dos primeiros aprendizados sobre a vida que possibilitam construir a auto-imagem e a imagem do mundo exterior, tinha deixado profundas marcas nesse processo.

O ingresso na universidade foi fundamental para todas as narradoras, em suas trajetórias futuras. Considerando que a participação feminina na vida pública, na geração anterior, era extremamente limitada representou um sinal de libertação para estas mulheres, já que podia também aparecer como estratégia privilegiada de reconstrução das subjetividades de pessoas, cuja realização plena, ainda era vista como ocorrendo na vida íntima, afetiva, sexual,

¹¹³ VELHO, G. Individualismo e cultura. Notas p/uma Antropologia da sociedade contemporânea. 4ª ed., Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1997, p.59.

¹¹⁴ Ibid, p.60.

amorosa. O depoimento de Ruth, que hoje é historiadora, fala o quanto esse encontro com a efervescência política da década influenciou em sua trajetória de vida, na construção de sua identidade.

“Aos poucos, fui me entrosando, comecei a entender a diferença entre os PCs [Partidos Comunistas], me sentia muito à vontade nesses engajamentos políticos que ia fazendo. É como se eu já tivesse tido uma vivência nisso. Me identificava com discutir política, entender o país, os partidos, e foi um período de grande efervescência para mim, porque ali, no primeiro ano de faculdade, eu realmente comecei a aprender.

Isso me deixou muito feliz, porque foi como se eu tivesse matado uma charada anterior de alguma coisa que sentia. Porque era um vazio, nós somos filhos de um vazio, a década de setenta foi de um vazio absurdo para nós que tínhamos nascido em sessenta. Era a idéia do Fantástico [programa dominical produzido pela Rede Globo de Televisão], era isso”.

A PUC- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, surge nas lembranças das ex-alunas com muita intensidade, pelo papel fundamental que representou na década. Por estabelecer um espaço democrático e sempre aberto a todas as tendências, ali as manifestações eram permanentes em favor dos presos políticos, do movimento sindical e dos movimentos sociais. A universidade trouxe para as salas de aula o debate sobre os acontecimentos que marcavam o país, contando em seus quadros com professores que voltavam do exílio e que traziam em sua bagagem novas informações sobre o mundo.

Essas experiências são narradas por Laura que recorda o orgulho paterno por ter ingressado na universidade que ele também havia estudado anos antes.

“A família questionava as minhas posições [políticas], mas não vetava minha participação. Ao contrário, todas as escolas em que estudei foram opções deles e isso é sinal que, de alguma forma, também eram progressistas e queriam que eu tivesse uma formação mais humana, democrática. Talvez mais o meu pai, porque ele já tinha tido essa vivência. Quando entrei na PUC, ele achou bárbaro, sempre quis que eu estudasse lá. Acho que ele quis passar aquilo que ele teve para um dos filhos.

Acho que o que mais marcou a minha identidade de mulher foi a minha formação na escola, tenho um saldo positivo dos colégios. A PUC teve um papel fundamental, obviamente, pois tudo que eu já questionava veio à tona.

Havia as disciplinas básicas e as específicas. Essas disciplinas completaram a minha formação humanística e me deram a abertura para perceber que estava no caminho certo”.

Carol lembra das freqüentes mobilizações organizadas na universidade e de sua participação junto à população empobrecida, resultado do sentido político e humano que se buscava criar na consciência de seus alunos.

“A PUC era muito efervescente. Comecei a participar de grupos de estudo, de discussões sobre a realidade, fui muito em passeatas, mas minha participação foi mais dentro da PUC mesmo. Hoje em dia, as coisas já não são assim. Por exemplo, se tinha greve de bancários, a PUC fazia greve também. Discutíamos muito tudo dentro da própria universidade.

Minha participação foi no departamento jurídico da própria faculdade que atendia o pessoal carente na periferia. Íamos até as favelas, verificar as demandas com relação aos direitos e entravamos com os processos. Isso era bancado pelo Centro Acadêmico 22 de Agosto. Trabalhei uns três anos nisso, não como advogada, mas atendíamos a população, encaminhávamos os processos e os advogados assinavam.

Não tive um engajamento político maior, além de participar dos movimentos que aconteciam dentro da PUC. Mas era muito radical no sentido de que me recusava a ver novela, só assistia filme político, ficou uma coisa muito radical, fui muito crítica ao governo”.

Mas, não era apenas a PUC que, naquele momento, voltava-se para questões que eram o centro do debate nacional. De forma geral, as universidades, nos grandes centros urbanos, se preocupavam em manter o espaço aberto para a participação dos alunos e professores em debates sobre o que acontecia no país. Bárbara Ramos recorda que em sua universidade, o Objetivo (atual UNIP), embora sem o engajamento político da PUC, o debate também acontecia.

“A minha faculdade não foi de grandes movimentos, mas falava, tinham palestras, discutíamos muito. Tive professores muito bons de Sociologia, que trouxeram muitas informações sobre a mudança para a democracia, a questão das Diretas, as eleições”.

Além dos temas políticos que, neste período envolveram as entrevistadas motivando-as para a participação política e influenciando em suas subjetividades, interessava também conhecer o modo como esse grupo de mulheres escolheu a profissão. Os depoimentos informam que aumentou a preocupação familiar com a educação feminina, vista como possibilidade de ascensão social e independência financeira, em especial nos segmentos médios, onde a carreira profissional passa a adquirir alto valor para as mulheres, embora também indique que se concentravam em determinadas áreas profissionais. É o caso dos cursos nas áreas de Ciências

Humanas o que, conforme Bruschini¹¹⁵, demonstra que a “emancipação da mulher” que ocorreu nos últimos anos é muito parcial, pois, se possibilitou seu ingresso nas universidades, este tem prevalecido em áreas socialmente desprestigiadas ou de pouco interesse para os homens.

Na escolha da profissão encontram-se as variáveis que teriam influenciado suas escolhas pelo curso universitário. Para Gabriela, sua opção teve por base os valores religiosos com os quais se identificava, determinantes naquele momento da escolha profissional, impregnada de valores altruístas de “servir ao outro”, face a sua história de participação em movimentos ligados à Igreja.

“Fui fazer cursinho em Londrina e pude conhecer várias profissões e, quando conheci o Serviço Social, me encontrei e escolhi. Eu fiz Direito também, mas não conclui, pois já terminara Serviço Social e havia conseguido um emprego em Maringá [PR], não podendo conciliar com o curso. Eu tinha essa coisa meio messiânica, cristã, de ajudar as pessoas”.

Teresa Lobo conta que sua escolha inicial voltou-se para valores ético-políticos, quando escolheu cursar Jornalismo. Posteriormente, deixou o Jornalismo para estudar Corpo e Dança, aparecendo outra variável que pautou sua definição, referenciada nesse momento à cultura.

“A escolha profissional que fiz não está descolada da minha vida. Se fizer uma viagem de férias, vou fazer as mesmas coisas que faço trabalhando, vou assistir espetáculos que é o que gosto de fazer. Estava cansada da atividade jornalística, da superficialidade. Tinha trabalhado em diversas revistas da Abril, depois fui trabalhar em outra especializada em dança, que durou dez anos. Mas mesmo esse trabalho não me satisfazia, não que parasse de trabalhar porque comecei a ter filhos. Juntou a minha vontade de voltar a estudar, de refletir um pouco mais sobre o que estava fazendo. Percebi que não conhecia a história da dança, a relação do pensamento estético com o corpo e fiquei com vontade de estudar [refere-se ao seu ingresso na pós-graduação]”.

Os projetos em uma sociedade complexa e heterogênea não são absolutamente coerentes e monolíticos, como demonstra a história de Teresa. Diversos fatores vão interferir nas escolhas dos projetos originais podendo gerar contradições que vão modificá-los. Como afirma

¹¹⁵ BRUSCHINI, C. Mulher e Trabalho: engenheiras, enfermeiras e professoras. In: *Cadernos de Pesquisa*, n.º 27, São Paulo: FCC, p.5-17, dez/1978

Velho, “o sujeito do projeto pode conscientemente mudá-lo, renegociando a realidade, em confronto com outros sujeitos”¹¹⁶.

Laura relata uma escolha baseada em princípios ético-políticos, de interesse pela coisa pública como bem maior da coletividade e o desejo de contribuir para a melhoria das desigualdades sociais.

“...a minha formação de economista foi muito mais voltada para a área pública, de pesquisa e de planejamento. Eu considerava que assim poderia ajudar o país a ter políticas econômicas capazes de redistribuir melhor a renda e foi muito devido a essa formação. Então, foi muito mais a escolaridade que me deu essa visão do que os movimentos gerais ou a família em casa”.

Carol, Bárbara Ramos e Ruth enfatizam as dificuldades que os jovens enfrentam ao escolher uma profissão devido a pouca idade que têm ao se posicionar sobre a questão, em geral com dezessete, dezoito anos. A ajuda de um parente, amigo ou profissional por isso mesmo, foi fundamental para elas, no esclarecimento relacionado às profissões, influenciando na definição de suas carreiras.

“Na adolescência, eu sempre tinha presente o estudo, ter uma profissão. Nessa fase, queria ser jornalista. Mas fui mudando de idéia quando uma professora [do colegial], falando de profissões, citou o Direito e comecei a pensar em seguir uma das profissões do curso de Direito. Por isso, fiz o vestibular na USP para Nutrição (por influência dos colegas do curso de exatas) e na PUC prestei para Direito. Com dezessete anos não sabemos muito bem o queremos da vida”. (Depoimento de **Carol**)

“Eu terminei fazendo cursinho novamente e foi aí que resolvi fazer Psicologia. Estava difícil a transferência de Medicina...”

Tinham umas duas pessoas que já faziam Psicologia e começaram a me falar da faculdade. Eu me interessei e fui fazer Psicologia”. (Depoimento de **Bárbara Ramos**)

“Resolvi fazer História, porque tive um ótimo professor no cursinho que me influenciou.

Minha professora de História no colegial também influiu [na formação de sua identidade], embora fosse tradicional. No cursinho, eu tive um professor muito erudito de Literatura Portuguesa que me marcou profundamente e por isso fiquei em dúvida entre a faculdade de Letras e História. Amo Literatura Portuguesa devido a ele”. (Depoimento de **Ruth**)

¹¹⁶Ibid., p.108.

A entrada na universidade, a conscientização dos problemas do país e o engajamento político, vão indicando os novos atores que passaram a fazer parte do processo de aprendizado das entrevistadas. A cultura forneceu os elementos por meio dos quais este grupo foi definindo caminhos e construindo seus projetos, em constante interação com o mundo. No dizer de Velho, ela *“é algo que se manifesta em múltiplos planos e níveis de realidade distintos a que podem corresponder relevâncias e tipificações específicas”*. Significa que a pessoa vive em mundos, esferas paralelos, mas com características próprias que vão enfatizar valores diferentes e, muitas vezes, conflitivos. Entretanto,

“Nenhum indivíduo, muito menos um grupo, por mais monolítico ou homogêneo que seja, funciona apenas em um plano e/ou nível de realidade. Sua vida afetiva, emocional, suas experiências diferenciadas, contatos com atores particulares, estímulos variados, tudo isso concorrerá para a heterogeneização e ambigüidade de sua visão de mundo e avaliação da ‘realidade’, que não é uma mas são múltiplas a partir dessa perspectiva. As interpretações e definições de ‘realidade (s)’ e a expressão de sua experiência se darão através de um repertório simbólico mais ou menos amplo, diversificado, mas com limites e articulações ‘fazendo sentido’ de maneira mais ou menos evidente em relação a uma cultura específica”¹¹⁷.

Múltiplas realidades que vão sendo fornecidas pela nova conjuntura que o país vivia, em confronto com o ambiente mais intimista a que as narradoras estavam expostas até aquele momento. No cenário político, várias transformações ocorriam, expressas nas lutas travadas por diferentes movimentos sociais que se constituíam e por partidos de oposição ao regime que atuavam em defesa da democracia e dos direitos civis. No final de 1983, os governadores vinculados à oposição articulam-se pela mobilização da sociedade civil, em defesa de mudança nas regras do jogo eleitoral. Em São Paulo, a partir de janeiro de 1984, o movimento por eleições diretas transforma-se no maior movimento de massas que o país já vira, repercutindo em todos os estados brasileiros com grandes mobilizações. Contudo, a emenda que instituiu eleições diretas para presidente foi derrotada no Congresso.

Laura recorda as repercussões desse acontecimento na vida de sua família, com as mobilizações que aconteceram em torno do movimento “Diretas Já”, que aglutinou amplos setores da sociedade civil. Seu relato sobre a preponderância do papel que desempenhou na motivação familiar pelo engajamento no movimento é carregado de orgulho, porque foi aquela

¹¹⁷ Ibid.,p. 87-88.

que assumiu no grupo a função de articuladora entre o espaço doméstico, antes isolado da participação pública, e o político. O orgulho pode estar associado ainda ao fato de ter obtido êxito ao trazer as mulheres da casa, que sempre estiveram alheias as questões do mundo da rua, para a reflexão e ação sobre uma questão de interesse nacional, na qual o movimento de massas exerceu forte pressão com conseqüências positivas no processo eleitoral que estava em curso.

“No movimento das ‘Diretas Já’ fui eu também quem fui (meu pai já havia falecido). Na época, tinha um professor de história, que era de esquerda, e sua filha estava para nascer e então mandei minha avó fazer um macaquinho amarelinho, o símbolo das ‘Diretas Já’, para dar de presente a ele, essas coisas do movimento. Fomos em 84 ao panelaço, batemos panela, minha mãe, minha avó... Meu irmão estava em Ribeirão Preto na faculdade e, nessa época, era também de esquerda, embora nunca tenha sido de discutir muito em casa. Mas foi lá, deixou a barba e o cabelo crescerem, coisas normais que todo mundo fazia. Minha avó adorava o Lula, então tinha isso, mas porque eu trouxe”.

As mobilizações, embora sem alcançarem os resultados esperados, tiveram ao menos o mérito de reforçar questões ligadas aos direitos civis, repercutindo no processo de democratização que estava em andamento no país. A luta pela sucessão presidencial prosseguiu com a derrota do candidato do governo, Paulo Maluf, e a eleição, via Congresso Nacional, de Tancredo Neves, candidato da Aliança Democrática, formada por uma coalizão política ampla. Tancredo faleceu antes de tomar posse, assumindo seu vice, José Sarney, iniciando o que se nomeou por Nova República e finalizando, assim, o fim de vinte e um anos de regime militar.

Para Fernandes¹¹⁸, mais do que a eleição direta de um presidente, perdeu-se, nessa coalizão das classes dominantes, a oportunidade histórica única de usar o rancor contra a ditadura e a consciência geral da necessidade de *“mudar profundamente”* a possibilidade de iniciar uma transformação estrutural da sociedade civil e do Estado.

O ano de 1986 foi marcado por novas eleições parlamentares que assumiram grande importância, face à disputa pela escolha da nova Assembleia Constituinte, responsável por redigir a nova Constituição do país. Vários segmentos e categorias sociais procuraram influir neste espaço, na tentativa de garantir direitos e eliminar discriminações. Dentre estes estavam

¹¹⁸ Florestan Fernandes tece uma importante análise ao recuperar o período histórico que culminou com a eleição, via Colégio Eleitoral, de Tancredo Neves. Embora reconhecendo a relevância de sua contribuição para a investigação histórica das últimas décadas, seu ponto de vista foi aqui apenas indicado, porque o autor priorizou a cultura sob o ponto de vista dos segmentos proletários, que não foram alvo dessa pesquisa. *Nova República?*, 3ª ed., Coleção Brasil: Os anos de autoritarismo, Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

as mulheres que haviam conseguido eleger vinte e seis mulheres e obtiveram vitórias em votações importantes com relação aos seus direitos. Para Sarti¹¹⁹, a eleição de mulheres não foi o resultado de sua atuação no cenário político. Algumas eram militantes partidárias ou feministas, mas outras foram eleitas devido ao prestígio político de seus pais ou maridos. Apesar disso, o significado da presença feminina no Congresso foi revelador da força que as mulheres demonstravam com suas lutas e contribuiu para o avanço do debate em relação as bandeiras feministas.

Estas, aliadas aos movimentos em defesa da criança e do adolescente, colaboraram com propostas para o avanço dos direitos humanos. Como resultado das lutas feministas tem-se hoje na Nova Carta Magna, aprovada em 1988, uma nova definição constitucional da família abrangente; a igualdade de direitos e deveres entre homem e mulher na sociedade conjugal; a consagração do divórcio; a afirmação do planejamento familiar como livre decisão do casal e a previsão da criação de dispositivos para coibir a violência na família.

Em relação as questões referentes ao trabalho das mulheres, a Constituição apresentou os seguintes pontos: eliminação de mecanismos que geram discriminação, como a proibição do trabalho noturno, perigoso e insalubre; extensão dos direitos trabalhistas as empregadas domésticas; entender a maternidade como função social, ampliando a licença-maternidade, criação da licença-paternidade e extensão do direito de creche aos filhos de trabalhadores de ambos os sexos e por último, considerando a discriminação, propor estratégias para promover a proteção à mulher no mercado de trabalho. Para Bruschini, algumas dessas conquistas, apesar dos protestos de setores empresariais, vem sendo implantadas, como a licença-maternidade de cento e vinte dias. Outras, como a proteção no mercado de trabalho, sequer foram analisadas com maior profundidade¹²⁰. Apesar das conquistas constitucionais as mulheres permanecem ganhando ainda hoje menos do que os homens para desempenhar as mesmas tarefas.

Para as narradoras, esses foram anos que representaram também a entrada no mercado de trabalho, embora a maioria ainda ocupasse esse espaço na condição de estagiárias, assumindo, posteriormente, como profissionais. A entrada no mercado de trabalho foi para elas muito significativa, em um período marcado por descobertas e definição de projetos futuros.

Gabriela e Laura só começaram a trabalhar no período dos estágios, porque o projeto familiar pensado para os filhos incluía a dependência financeira da família até que estes

¹¹⁹ SARTI, C. *Feminismo no Brasil: uma trajetória particular*. Cadernos de pesquisa. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n.º 64, p.38-47, fev/88.

estivessem formados, mesmo que isso ocasionasse sacrifícios para os membros do grupo, compreendidos como necessários para que os filhos pudessem melhor se dedicar à construção de suas carreiras.

“Eu só fui trabalhar depois de formada e me arrependo por isso, pois amadureci muito quando fui trabalhar. Acho que o trabalho traz responsabilidade, dá uma outra visão da vida. Nenhum dos meus irmãos trabalhou enquanto fazia faculdade. Meus pais cobriam os gastos, era uma vida bem sacrificada, não havia muito dinheiro, mas cobriam os gastos”. (Depoimento de Gabriela)

“Na adolescência eu só fui trabalhar com dezenove anos, como estagiária e dando monitoria na PUC. Meu pai me sustentou todo o tempo, dando mesada ou pagando minhas contas, nunca tive problema. Quando ele faltou é que fui procurar estágio e depois de formada, quando fiz o mestrado ganhei bolsa e com esse dinheiro me sustentava porque morava com minha família”. (Depoimento de Laura)

Carol teve que trabalhar desde muito jovem, para ajudar a família e, embora tenha constituído família com o casamento este apoio permanece até o momento.

“Quando comecei a trabalhar ficou um pouco pior, porque passei a sustentar a casa também. Meu pai estava ganhando muito pouco, não conseguia sustentar todos os filhos e era eu quem cobria aluguel e outras coisas. Depois que me formei, com vinte e três anos, aí ficava tudo por minha conta mesmo. Como era eu quem geria a questão financeira todo mundo me obedecia. Depois que me casei, continuamos [ela e o marido] ajudando e acabamos mantendo essa posição.

Meu dinheiro era primeiro para pagar a faculdade e com o que sobrava fazia as outras coisas. Também sustentava a casa e penso que hoje em dia não daria para fazer isso. A PUC era uma das faculdades mais baratas, então dava para pagar tudo e eu tinha um pouco de bolsa de estudo. Trabalhava no estágio o dia inteiro e o salário era bom. Comecei a trabalhar com dezessete anos no comércio e depois fui para o Banco Central, mas não era funcionária do banco. Ganhava muito bem, não era como hoje”.

A família de Ruth, em sua juventude, enfrentou uma queda no padrão de vida, devido a diminuição da renda familiar, quando seu pai precisou fechar a fábrica que pertencia à família. Mas, diferente de Carol, ingressou no mercado de trabalho via estágios e seu dinheiro foi utilizado apenas para cobrir seus gastos pessoais.

¹²⁰ BRUSCHINI, C. O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes. In: *Revista Estudos Feministas*, n.º especial, Rio de Janeiro: CIEC/ECO/UFRRJ, p.179-199, out/94.

“Comecei a trabalhar no primeiro ano da faculdade, porque a situação financeira piorou em casa. Meu pai teve que fechar a fábrica, precisou vender metade dos imóveis da minha mãe e estava tentando abrir outro negócio. Ele pagava a faculdade com certa dificuldade e eu garantia o dinheiro para sair. Arrumei um estágio na CET (Companhia de Engenharia de Tráfego) em pesquisa. Meu namorado trabalhava lá e fiquei um ano.

Depois, fui dar aulas em supletivo e mais tarde no Objetivo. Trabalhei na Fundação Data Folha em pesquisa de campo, tabulação, coordenação de pesquisadores. No fim da faculdade, larguei as aulas do Objetivo e fui trabalhar como estagiária no Departamento do Patrimônio Histórico, em 1989, quando entrou a Luiza Erundina [Prefeita no período]. Trabalhei como estagiária da Maria Célia Paoli que foi para o Departamento Histórico implantar o projeto de memória oral”.

A origem social e problemas decorrentes da perda de parentes, ou gerados por questões econômicas, interferiu na maneira como foram ingressando no mercado de trabalho, porém, os vínculos que passaram a estabelecer como trabalhadoras criou a possibilidade de maior independência financeira, aumentando suas experiências de participação na vida pública e ampliando seu poder de decisão, tanto no interior do grupo como na condição de trabalhadoras assalariadas. Carol viveu essa nova situação de forma mais drástica, na medida em que desde muito jovem passou a ser a principal provedora do grupo familiar. Mas, as dificuldades que enfrentou acabaram por propiciar uma alteração de papéis na família, com maior valorização do feminino, no reconhecimento de suas aptidões para manter e cuidar da família.

“...como eu tive que assumir a maior parte das coisas da casa e em relação aos meus irmãos, fiquei numa posição meio que de mando.

...sempre tive e tenho uma posição em casa, que até hoje me incomoda um pouco, como se fosse a chefe da casa, porque assumi todos os cuidados dos meus irmãos. Meus irmãos acabavam me respeitando e me ouvindo mais do que a minha mãe. Fora o meu irmão mais velho, com o qual a nossa relação é mais ou menos de iguais, houve essa diferenciação. Mas as decisões sempre foram compartilhadas em casa”.

O trabalho para estas mulheres teve um grande significado, independente da classe social a que pertenciam. Contudo, esta valorização parece estar relacionada a possibilidade que todas tiveram de ingressar na universidade, incorporando um novo comportamento feminino que via o trabalho não como complementação da renda familiar, a ser abandonado após o casamento, mas representando simbolicamente a possibilidade de realização de um projeto individual. Este tinha como meta a carreira profissional, o que não excluía que estivesse

articulado a uma pluralidade de outros motivos. O fato das pessoas terem comportamentos que se referenciem pelos seus próprios interesses não quer dizer que sempre ajam de forma exclusivamente egoísta. Conforme Sen,

“...o contraste não se estabelece necessariamente entre o interesse próprio, de um lado, e algum tipo de consideração geral por todos os demais, de outro. A dicotomia tradicional entre ‘egoísmo’ e ‘altruísmo’(...) leva a erros de vários tipos, inclusive o de não considerar o fato de que grupos intermediários entre o indivíduo e todos os demais – tais como as classes, as comunidades ou grupos profissionais – constituem referência de muitas ações envolvendo um comportamento comprometido¹²¹.”

O projeto familiar também foi parte inerente das escolhas das narradoras, mesmo para aquelas que consideraram ter traçado seus caminhos de forma mais independente e sem apoio do grupo. Para uma família, como a de Carol, que viveu uma situação de instabilidade econômica durante toda a sua infância e adolescência, podia ser relativamente pouco importante seus sonhos de ascensão social, frente aos problemas que enfrentavam no cotidiano. Contudo, na vivência das camadas médias, com claro projeto de ascensão social, o investimento no estudo dos filhos relacionava-se com a própria identidade do grupo. Para este segmento, como declara Velho¹²², “*projetos individuais*” são reconhecidos como legítimos e “*naturais*”, adquirindo grande significado na percepção do indivíduo, como portador de um conjunto de potencialidades peculiares que constituem sua marca, sendo sua biografia a atualização mais ou menos bem-sucedida daquelas.

Porém, independente dos valores e expectativas que norteavam as famílias neste momento, a negação do trabalho feminino começava a diminuir. O aumento da participação da mulher no mercado de trabalho foi mais significativo no setor terciário que, conforme Miranda¹²³, abrangia 70% da população feminina economicamente ativa em 1970. Também se observa o crescimento nas atividades de serviços pessoais, nos quais estão presentes ocupações marginais como o serviço doméstico, assim como atividades de consumo coletivo. Entre eles estão os serviços de administração pública, atividades sociais, educação, saúde e previdência social. A expansão do emprego feminino ocorre na década, em ocupações femininas tradicionais, percebidas como prolongamento das atividades domésticas.

¹²¹ SEN, A. Comportamento Econômico e sentimentos morais. In: *Ética, Política e Gestão Econômica- Revista Lua Nova*, n.º 25, 1992, São Paulo: CEDEC, 1992, p. 118.

¹²² VELHO, G. *Individualismo e cultura. Notas p/uma Antropologia da sociedade contemporânea*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1997.

Nos primeiros anos da década de 80, o aprofundamento da recessão econômica, conforme Bruschini¹²⁴, ampliou as taxas de desemprego e modificou a distribuição da população economicamente ativa, que se deslocou do setor industrial para ocupações no setor informal, aumentando o número de autônomos e de pessoas vivendo do subemprego. O setor terciário, na primeira metade de 1980 e principalmente em 1983, foi aquele que ajudou a evitar maiores quedas no nível de emprego, à medida que a prestação de serviços, o comércio, as atividades sociais, a administração pública e as instituições financeiras, entre outros, promoveram a geração de emprego.

A partir de 1984, segundo Gomes, há uma retomada do crescimento econômico, graças sobretudo, ao aumento das exportações, apresentando uma taxa de crescimento de 5,7%, ampliada no ano seguinte para 8,3%¹²⁵. No governo do presidente José Sarney, em 1986, foi lançado o plano econômico Cruzado, que estimulou o consumo, embora tenha fracassado em pouco tempo, provocando o agravamento da recessão. No período de 1987 a 1989 aprofundou-se a instabilidade inflacionária e permaneceram as flutuações na área da produção e do emprego.

Houve uma deterioração das condições gerais do mercado urbano, em relação ao emprego e à renda, na década, considerando-se o ritmo lento de oferta de emprego, o crescimento de assalariados sem contrato de trabalho formal, a redução nos níveis de salário real e a corrosão do poder de compra dos salários, como resultado das altas taxas de inflação, levando a que a década fosse conhecida como a *"década perdida"*¹²⁶. Apesar disso, um dos fatos mais importantes do período, refletindo o quadro já apresentado a partir da década anterior, foi o aumento do ingresso feminino no mercado de trabalho. Como afirma Bruschini, esse fato não se deveu apenas a necessidades econômicas e oportunidades oferecidas em conjunturas específicas, mas foi o resultado das transformações demográficas, culturais e sociais que estavam ocorrendo no país e que vinham afetando as mulheres e as famílias brasileiras.

A queda da fecundidade das brasileiras teve início a partir da metade dos anos 60 e se intensificou na década de 70, reduzindo o número de filhos por mulher, em especial, nas áreas urbanas mais desenvolvidas do país, o que ajudou na sua liberação para o trabalho. Também foi

¹²³ MIRANDA, apud BRUSCHINI, C. Op.cit., 1978, p.6.

¹²⁴ Cristina Bruschini elaborou no ano de 1997, relatório para a OIT(Organização Internacional do Trabalho), sobre o trabalho das mulheres no Brasil entre 1985 e 1995. Vários dados desta pesquisa serão utilizados para o entendimento das mudanças que ocorreram no mercado de trabalho e seu significado para as mulheres. In: *Trabalho das mulheres no Brasil- continuidades e mudanças no período de 1985-1995*. São Paulo: FCC, p.02-66, nov/97.

¹²⁵ GOMES, apud BRUSCHINI, C. Op. Cit., 1997, p.7.

significativa a expansão da escolaridade feminina e o acesso às universidades, ampliando as oportunidades de trabalho.

Como vem sendo ressaltado neste estudo, as mudanças nos padrões culturais e nos valores relativos ao papel social da mulher ganharam força com as mobilizações do movimento feminista a partir da década de 70, trazendo a mulher para o espaço público e modificando sua identidade feminina que passa a estar mais direcionada para o mundo do trabalho. Porém, é necessário afirmar que a divisão sexual do trabalho tem resultado na concentração das trabalhadoras em determinados nichos ocupacionais em expansão, apesar da crise econômica da década, sendo, como afirma Bruschini¹²⁷ uma das mais importantes razões para explicar a manutenção da atividade feminina, embora de modo segregado.

Além do crescimento do número de mulheres no mercado de trabalho, houve alterações no perfil da mão-de-obra feminina. Bruschini declara que até o final dos anos 70, as trabalhadoras eram, em sua maioria, jovens, solteiras e sem filhos. Esse quadro se alterou na década seguinte quando mulheres mais velhas, casadas e mães permaneceram trabalhando ou ingressaram no mercado, intensificando-se na década de 90.

Em relação as áreas de maior concentração das trabalhadoras, estas permaneceram nesse período, na prestação de serviços, no setor social, na agricultura, no comércio e na indústria. O Estado foi o grande empregador nos primeiros anos da década de 80 e conforme Spindel¹²⁸, o emprego de mulheres na administração pública cresceu quase 33% em um ano, enquanto o dos homens aumentou 18%. A concentração das trabalhadoras no setor terciário foi o que acabou por protegê-las durante a crise dos anos 80, pois este foi o setor que mais cresceu.

A PNAD (Pesquisa Nacional de Amostragem de Domicílios) detectou, ainda que, um número muito mais elevado de mulheres do que de homens trabalhava em sua moradia, podendo-se supor que entre elas se encontravam as empregadas domésticas, assim como as trabalhadoras domiciliares autônomas ou subcontratadas para a indústria¹²⁹. Com relação a salários, parece ter havido um ganho salarial para as trabalhadoras, já que, como afirma Bruschini, entre 1981 e 1990, diminuiu o percentual de mulheres nas faixas mais baixas de

¹²⁶ A análise se apoia em dados de LOPES & GOTTSCHALK, apresentados por BRUSCHINI, C. Op.cit, 1997, p.7.

¹²⁷ BRUSCHINI, C. O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes. In: *Revista Estudos Feministas*, n.º especial, Rio de Janeiro: CIEC/ECO/UFRJ, p. 179-199, out/94.

¹²⁸ A análise de SPINDEL, C. R., foi apresentada por BRUSCHINI, C. O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes. Op. cit.

renda, aumentando consideravelmente o rendimento das que ganhavam de dois a cinco salários mínimos e também nas faixas salariais mais altas.

Os dados dos anos 80 revelam que, apesar do crescimento da participação feminina em ocupações de maior prestígio, manteve-se a concentração ocupacional e a segregação, o que necessariamente não indicava que esse quadro se mantivesse, com a ampliação da força de trabalho feminina e o maior acesso à educação. Entretanto, dois fatores vão influir nesse processo, possibilitando sua manutenção: a socialização feminina através da família, da escola e dos meios de comunicação que orientam na direção de profissões consideradas mais apropriadas para as mulheres e uma consciência adquirida pelas próprias mulheres, por suas experiências de vida, de que, para poderem conciliar suas atividades profissionais com a família, deverão se encaminhar para áreas que sejam compatíveis com essa situação.

As mudanças também aconteceram em outros campos que interessavam diretamente as mulheres. Na década de 80, o movimento de mulheres passou a rejeitar o feminismo radical, avançando de uma análise inicial centrada na questão da desigualdade sexual, para outra que tem por base as relações de gênero, permanecendo o foco nos direitos da mulher à igualdade e à cidadania.

Este novo enfoque possibilitou a adoção de uma nova perspectiva, já que gênero é um conceito que se refere a um sistema de papéis e de relações entre mulheres e homens, não determinados pela biologia, mas pelo contexto social, político e econômico. Scott¹³⁰, chama a atenção em seus estudos para a construção social dos sexos, a qualidade "*fundamentalmente social*" das distinções baseadas no sexo. O termo gênero indica uma rejeição das interpretações biologistas, implícitas no uso de palavras como "*sexo*" ou "*diferença sexual*". Contrapondo-se a uma posição que atribuía ao determinismo biológico a delegação aos homens da esfera pública e às mulheres da esfera privada, é que as feministas americanas, conforme Scott, passam a investir no estudo de gênero, realçando ainda o caráter relacional, já que homens e mulheres são definidos em termos de reciprocidade e a compreensão de qualquer um necessita estar relacionada ao outro.

Gênero também é associado às categorias classe e raça pelo seu caráter social, já que, embora apresentando naturezas distintas e especificidades, são parte constituinte dos sujeitos, que vão atuar na sociedade recebendo e respondendo às determinações e contradições sociais

¹²⁹ Dados da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Síntese de Indicadores 1989-1990. PNAD. In: BRUSCHINI, C. *O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes*. Op. Cit.

no movimento de construção de suas identidades através das práticas sociais.

Esta mudança de percepção modificou substancialmente as ações do movimento, com maior envolvimento das feministas em estudos e pesquisas sobre o tema. Novas ordenações via ONGs também passam a ser construídas, como trabalhos de assessoria técnica junto à entidades sindicais e movimentos sociais, serviços assistenciais à mulher, principalmente nos campos da saúde e jurídico, formação e capacitação de lideranças comunitárias, entre outros. As atividades que incluíam grandes mobilizações e tinham o caráter mais panfletário, no sentido de tornar visível o movimento e suas bandeiras, quase que desapareceram, devido a fragmentação do movimento e ao novo direcionamento que as feministas, divididas em diversas organizações, passam a dar as suas ações.

Finalizando esse período histórico, é importante destacar que na Nova República os partidos políticos acabaram por se posicionar no centro da política de transição, dissolvendo as demandas específicas dos movimentos sociais ou integrando suas lideranças ao aparelho do Estado. Como afirma Souza¹³¹, logo após a posse do presidente da República, os “atores políticos” passaram a ter maior relevância do que os “atores sociais”. A liberdade de organização partidária e a convocação de uma Assembléia Constituinte transferiram para os canais propriamente políticos as reivindicações de amplos setores que até então haviam participado da sociedade civil. Aliado a este fator, houve a perda de impacto de certas demandas, num cenário de abertura política que, pelo menos simbolicamente, a elas respondia, e a institucionalização dos movimentos sociais no país, o que explica o refluxo da maior parte deles ou o declínio de sua visibilidade.

Para as entrevistadas, o final da década representou o início da realização de dois projetos pessoais: a finalização do curso universitário, com o ingresso no primeiro emprego como profissionais liberais e a perspectiva de constituição de suas famílias, projeto que já era presente em suas vidas, pelo namoro mais sério, com perspectivas de união do casal para breve, ou pelo casamento já consumado ou em vias de consumação.

Gabriela formou-se em 1988 e se casou com Pedro em 1992. Conheceu o marido no período em que estudava Serviço Social em Londrina e, segundo conta, enfrentou certa resistência na família por preconceitos raciais, superados posteriormente com o casamento e maior aproximação do casal com a família de origem de Gabriela.

¹³⁰ SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. *Caderno do SOS Corpo*, 2ª ed., Recife: SOS Corpo, p.1-19,1995.

“Meus pais não aceitaram muito o Pedro [marido], na época do namoro. No início, achava que era porque ele é negro, mas depois eu comecei a achar que não era só isso. Acho que por ser a filha mais nova tinha uma expectativa de que eu cuidasse deles na velhice. Minha mãe falava claramente que achava que ele não era uma pessoa para mim, que era negro, que não ia dar certo, que nossos filhos iriam sofrer discriminação e eu também. Mas eu gostava muito dele e fui em frente. Quando perceberam que eu não iria terminar o namoro, não tocaram mais no assunto e eu também não podia falar sobre isso. Ninguém me perguntava nada, até que um dia eu disse :‘Vou casar’ e tiveram que aceitar, conversar e hoje acho que a relação mudou bastante. A família do meu marido aceitou muito bem, sem problemas. Acho que meus pais já superaram as barreiras, mas havia um pouco de racismo na postura deles e também uma preocupação com o racismo que existe na sociedade”.

Teresa Lobo formou-se em Jornalismo em 1982 e vive em união consensual com Marcelo, por escolha de ambos, desde 1985. Enfrentou problemas na família por essa opção, mas resolveu fazer o que considerava o melhor para si. Mais tarde, ao cursar o pós-graduação, deixou o Jornalismo para investir na área de Comunicação e Dança, área em que trabalha hoje.

“Conheci o Marcelo [marido] muito cedo, quando tinha quatorze anos. Ele era meu vizinho e começamos a namorar nessa época. Depois rompemos e nos encontramos bem mais tarde, mas ele também fez parte da minha adolescência, foi o meu primeiro namorado”.

Laura cursou Economia e formou-se em 1984, vindo a se casar com Júlio em 1987. Falando sobre seu comportamento em relação aos valores familiares, considera que acabou por repetir o padrão materno, mantendo a virgindade até ir morar junto com Júlio na Europa, por alguns meses. Mesmo tendo vivido juntos, ao retornar, voltou a viver com sua família de origem, obedecendo à imposição da avó materna e casou-se com ele em pouco tempo.

“Conheci o Júlio na faculdade, ele fazia Direito e eu, Economia. Ele morava numa república com mais quatro rapazes, dois deles faziam Economia na PUC e me conheciam e aí fui apresentada ao Júlio, mas era só amiga dele”

Esse meu comportamento foi influência da minha avó, não tanto da minha mãe. E era incoerente com as minhas atitudes, porque eu era toda falante, mas nessa questão travava. Segui o padrão da minha mãe, casei, embora tenha transado antes e vivido com meu marido por oito meses na Europa. Meu pai já tinha morrido e acho que

¹³¹ SOUZA, M.C.C. A Nova República brasileira: sob a espada de Dâmocles. In: STEPAN. A (org.) *Democratizando o Brasil*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

isso favoreceu essa minha atitude. Minha mãe sempre foi mais progressista nesse aspecto, nunca conversou sobre sexo, mas sempre foi mais de nos deixar fazer as coisas do nosso jeito, sem procurar influenciar(...) ela foi sempre muito legal, até ajudou financeiramente na minha viagem para a Europa. Minha avó também ajudou, mas, quando voltei, não queria que eu ficasse na casa dele. Fui para a casa da minha mãe e aí casamos em um mês e meio. Hoje, eu fico pensando: 'Que tonta que eu fui, fiz o jogo da minha avó'. Então, eu reproduzi mesmo a minha mãe".

Carol formou-se em Direito em 1985 e casou-se com Luís em 1991. A opção do casamento, segundo relata, foi uma atitude madura do casal, pois já namoravam há muitos anos e tinham experiências de vida bastante individualizadas. Para ela, o casamento significou assumirem um outro estágio em suas vidas, partilhando responsabilidades na constituição de uma nova família.

"Eu me casei com trinta anos, meu marido tinha trinta e dois. Quando nos casamos, sabíamos exatamente o que queríamos: casar, ter os filhos e cuidar da família. Passei o período de faculdade e depois, namorando com ele, sempre pensando em outras coisas. Farreei muito, viajei e, quando me casei, já estava grávida e tinha feito tudo que queria. Ele também já estava maduro. Na época de faculdade, namorei muito, mas nunca pensando em casar.

Com meu marido, eu já o amava e foi sempre muito bom [a relação sexual]. Eu o conheci com vinte e cinco anos, na faculdade, e namoramos seis anos, até casarmos. Ele era meu colega de classe, mas não namoramos nessa época. Quando acabou a faculdade, os colegas achavam que a turma não ia se separar nunca e fazíamos jantares uma vez por mês. Foi aí que começamos a conversar mais e fui vendo que tínhamos muito em comum".

Bárbara Ramos formou-se em Psicologia em 1984 e casou-se com Pedro Paulo em 1979. De um namoro pautado em valores conservadores, presentes nos padrões da sociedade pernambucana da época, Bárbara assume um modo de ser mais independente ao ingressar na faculdade de Medicina (primeira que cursou em Recife por um ano). Redefine a relação a dois com o então namorado e estabelece as condições do casamento. Conforme narra, essas definições prévias permitiram que o casamento fosse construído, desde o início, com base em relações mais igualitárias. O casamento teve para ela um caráter libertador, face à educação mais rígida que teve na família, que a impedia de usufruir de um grau de independência maior. A distância física da família de origem e a fixação de residência em um grande centro urbano, como a cidade de São Paulo, acabaram por criar novas condições de vida, mais livre do controle exercido por sua família, o que parece ter fortalecido sua auto-estima.

“Eu tive um namoro muito diferente do meu casamento. Meu casamento é melhor do que foi o namoro, porque, quando namorava, era tudo bem tradicional. Meu marido era ultra ciumento, eu não usava biquini na praia, não saía sozinha. Era uma vida de mosteiro, namorando. Quando fiz vestibular para Medicina e entrei na faculdade, resolvi cortar com tudo isso e foi quando terminamos.

Depois de uns meses ele me ligou querendo voltar e me propôs o casamento. Disse para ele que nunca mais iria ter uma relação naqueles moldes, porque não queria mais aquilo para mim. A faculdade de Medicina era um lugar muito agitado, lá conheci pessoas muito interessantes e tudo aquilo mexeu muito comigo. Resolvemos nos casar e combinei com meu marido que nunca deixaria de fazer o que fosse importante para mim em termos profissionais. Eu ressaltava isso porque viria para São Paulo, onde mora uma parte da família dele”.

O casamento foi para mim um grito de liberdade, me libertou. Não tenho uma experiência do casamento como algo que me prendeu. Eu podia sair, aprender a andar de bicicleta, chegar em casa a hora que queria. Meu marido sempre foi uma pessoa liberal em muitas coisas. Eu não sabia dirigir e ele me obrigou a aprender, porque tinha que aprender a andar sozinha. São Paulo foi para mim como se eu tivesse ido para a Europa, Estados Unidos. As minhas amigas fizeram intercâmbio e eu vim para São Paulo! Era fascinante. Não tinha saudades de casa, mas tinha que aprender os hábitos daqui e foi difícil. São coisas que ficam muito enraizadas”.

Ruth formou-se em História em 1990 e passou por uma experiência de vida a dois bem diversa das entrevistadas. Ainda na adolescência, viveu por quase cinco anos uma experiência de vida a dois com um namorado, embora essa vivência fosse complexa, pois morava um pouco na casa dos pais e um pouco na casa dele. Mais tarde, morou com seu atual marido, Marcelo, em uma república e optaram por viverem juntos, o que durou dois anos. Em 1992 resolveram casar, quando Ruth engravidou e compraram um imóvel. Marcelo foi deputado estadual pelo PT por dois mandatos consecutivos e quando conheceu Ruth concorria ao terceiro, mas não se reelegeu e desistiu deste projeto.

1º Casamento:

“Vivi durante cinco anos com um namorado meu da adolescência [período do cursinho]. Morava um tempo na casa dele, depois voltava para minha casa e passava uns dias. Não era um casamento, mas durou cinco anos. Ele dormia junto comigo na minha casa também. Meus pais não se intrometiam na nossa vida. Separamos quando entrei na PUC”.

2º Casamento:

“Comecei a namorar o Marcelo e isso transformou minha vida substancialmente. Eu falava: “Tudo que não vivi nos anos setenta,

estou vivendo agora". Transformou no sentido de conhecer pessoas que fizeram parte de um momento histórico importante. Eu tinha inveja do que elas eram, pensavam, da coletividade do grupo, dessa vivência. Não de terem sido contra a ditadura, o aspecto político, eu tinha inveja da parte social. A questão do coletivo me animava.

Quando fui morar com Marcelo, fomos para a república que ele já morava com um outro amigo. Ele já estava no segundo casamento e moramos um ano lá. Muita gente de esquerda, que tinha tido participação política importante, havia morado nessa república. Eu me sentia muito bem lá. Saímos quando passou a eleição, a casa estava muito destruída e decidimos comprar uma para nós.

Como Marcelo não se reelegeu e era bancário, entrou para a chapa dos bancários ligada à CUT [Central Única dos Trabalhadores], e foi liberado para montar comissões de meio ambiente em todo o país. Eu pensei: 'Era melhor ser deputado, porque agora ele não vai parar aqui'. Comecei a viajar, a tocar minha vida e o casamento ficou estranho. Mas ele me propôs morar junto e eu topei.

Estamos juntos há dez anos e casados há oito. Casamos um mês antes do meu filho nascer. Marcelo era casado oficialmente com outra mulher, estávamos comprando uma casa juntos, ele tinha outro filho e eu precisava de convênio médico. O modo que eu tinha de regularizar tudo isso era casando mesmo e falei isso para ele, que concordou".

Todas as entrevistadas falam do casamento como modelo a ser seguido, de acordo com as expectativas familiares. Gabriela enfrentou problemas de rejeição familiar ao seu atual marido no período de namoro. Segundo conta, isto ocorreu devido ao preconceito racial dos pais, mas ao comunicar sua decisão de casar houve aceitação familiar, o que parece indicar que este fato teve preponderância em termos de valores cultivados pelo grupo. Teresa Lobo viveu conflitos com os pais pela opção de viver junto sem casar, mas a constituição de sua nova família e a chegada dos filhos, acabou por criar um ambiente propício a aceitação de sua escolha.

Laura, Carol e Bárbara Ramos não chegaram a enfrentar estes problemas, já que nunca houve entre elas e seus familiares conflitos gerados por escolhas diversas ao comportamento esperado, nem no que se refere ao ideal do casamento para as mulheres, nem com relação a escolha dos parceiros, todos correspondendo as expectativas familiares. Apesar disso, observa-se que as mudanças que vinham afetando os relacionamentos entre homens e mulheres influíam em seus comportamentos. Laura rompe com o tabu da virgindade fora do casamento, embora isto tenha sido um ato extremamente difícil para ela. Carol opta por "viver a vida" antes de estabelecer um relacionamento mais duradouro, casando-se numa faixa de idade que não era tão comum nesta época, uma vez que a tendência ainda era das jovens constituírem família mais cedo. Bárbara estabelece limites na relação que ia constituir com o namorado, exigindo

respeito a seus projetos individuais.

Ruth sempre gozou de uma vida mais livre na família e sua transgressão as normas sociais nunca chegou a gerar conflitos familiares. Embora venha de uma família em que seus pais apresentavam clara segregação de papéis, este modelo parece não ter sido esperado para os filhos. De forma contraditória, ambos tendiam a apoiar suas decisões, por mais ousadas que fossem, em um período em que esse padrão não era comum. Assim, vive uma relação a dois ainda muito jovem, em que não segue o padrão esperado. Nem foi um morar junto, mas um estar junto, com idas e vindas em que a casa dos pais era um dos espaços de convivência do casal. Mais tarde foi morar com o atual marido em uma república por dois anos, também sem contestação de seus pais. Entretanto, quando o relacionamento se torna mais sério, Ruth opta por casar, reproduzindo o modelo familiar.

Essa persistência na adesão ao modelo de relação a dois esteve presente em todas as histórias indicando, conforme Lasch, que *“a revolução sexual, o renascimento do feminismo, a emergência da contracultura e a crescente tolerância a ‘estilos de vida alternativos’ não alteraram os argumentos em favor do casamento ou as estratégias destinadas a torná-lo mais atraente e duradouro, que permaneceram essencialmente inalterados nos últimos cinquenta anos”*¹³².

As famílias de origem das narradoras viveram em um período histórico rico em alterações culturais, algumas sendo melhor absorvidas, como a igualdade entre os sexos no que se refere a valorização do curso universitário, pelo desejo de ascensão social para o grupo. Outras, como os chamados “relacionamentos alternativos” enfrentaram maior resistência pela forma contraditória como se processou a liberalização da mulher. A modernização da família, como afirma Figueira, *“é um processo complexo que resulta da modernização dos ideais e das identificações, da dissolução e da criação de categorias classificatórias, da plurificação das aparências e da psicologização dos discursos”*¹³³. Esse processo não é linear e seus resultados são por isso complexos, como bem demonstram as histórias das entrevistadas.

É possível visualizar transformações importantes na conduta feminina pela influência dos fatores indicados anteriormente. O trabalho da mulher cresce nestas décadas, com a participação significativa no setor terciário e em atividades de serviço, embora a expansão do emprego feminino na década de 70, tenha ocorrido mais acentuadamente em ocupações

¹³² LASCH, C. *Refúgio num mundo sem coração. A família: santuário ou instituição sitiada?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p.183.

tradicionais. Na década seguinte, apesar do aprofundamento da recessão no país, produzindo aumento do desemprego, há uma ampliação da participação das mulheres no mercado de trabalho, não apenas devido a necessidades econômicas e novas oportunidades criadas, mas principalmente como resultado das mudanças culturais, demográficas e sociais que estavam acontecendo. Contudo, a concentração do trabalho feminino permanece em nichos ocupacionais em expansão no período.

Mudou também o perfil da mão-de-obra feminina que, diferentemente dos anos anteriores, quando era composta em sua maioria por jovens, solteiras e sem filhos, passou a ter um contingente de mulheres mais velhas, casadas e mães que permaneceram no trabalho ou ingressaram no mercado, havendo intensificação desse perfil nos anos 90. Em relação aos salários, na década de 80, diminuiu o número de mulheres nas faixas mais baixas de renda, e houve aumento das que ganhavam de dois a cinco salários mínimos e nas faixas salariais mais altas. Apesar disso, verifica-se que houve uma tendência feminina em escolher áreas de trabalho nas quais pudessem conciliar as atividades domésticas e o que parece estar relacionado a socialização feminina, por meio dos diversos agentes como a família e a escola, que orientavam na direção de profissões consideradas mais apropriadas a mulher.

Entre permanecer e mudar, as narradoras foram organizando seus projetos de vida, incluindo a carreira profissional que parece ter representado a possibilidade maior de individualização. O ingresso no ensino superior foi o caminho trilhado por todas para atingir este objetivo. Nele conviveram com as mudanças que estavam ocorrendo e que influíram diretamente na percepção que passaram a ter sobre a realidade do país. Recebendo influências dos diversos movimentos que naquele momento estavam em efervescência, não chegaram a se empolgar pelas bandeiras feministas, embora de muitas maneiras as incorporassem nas suas subjetividades. Os movimentos sociais e políticos foram aqueles que mais lhes chamaram a atenção, participando deles numa postura de contestação ao regime autoritário então vigente.

Este período encerrou o momento que foi denominado transição política brasileira, com a primeira eleição direta para presidente, depois do golpe militar. Dois candidatos à presidência se destacaram em 1989 e lutaram pelo direito de dirigir o país no começo dos anos 90. Fernando Collor de Mello, que, em seu projeto político, indicava a integração do Brasil com o Primeiro Mundo e Luiz Inácio Lula da Silva, que tinha como principal proposta a quebra dos padrões de

¹³³ FIGUEIRA, S. A. O “Moderno” e o “Arcaico” na nova família brasileira. In: Figueira, S.A. (org.) *Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1987, p.21.

exclusão social do velho Estado e da sociedade em que se inseria.

Para fins de análise histórica, o próximo capítulo tratará do momento atual da vida das entrevistadas, relacionando os acontecimentos da vida pública e do espaço doméstico no qual estão inseridas suas famílias.

CAPÍTULO III

DESVELANDO O PRESENTE PELO OLHAR FEMININO

1. O PERÍODO DE 1989 a 1999

“ Estou com o Pedro não porque casei e agora vou ter que ir até o fim. Sinto que é um pacto que estamos fazendo e se quebrar esse pacto, não tenho porque continuar com ele.

Casamento para mim é isso, eu sinto que eu sou sócia, é partilhar. Nós estamos juntos numa luta, numa conquista e um precisa do outro. No caso dos meus pais, eu não acho que era assim. Talvez um precisasse do outro, mas não tinham tanta afinidade, comunhão, harmonia.

Eu comentei com a minha mãe que se fosse ela teria me separado do meu pai há muito mais tempo. Eles se separaram há pouco tempo. Meu pai teve AVC, está péssimo e ela não agüentou e separou-se, porque a relação ficou pior. Antes, cada um tinha a sua vida e dava para ir levando, mas a partir do momento que ele ficou dependente dela, numa relação que já estava desgastada, não deu mais. Eu não quero isso para mim, se tiver que não dar certo quero que sejamos muito honestos um com o outro e não havendo mais confiança, amor, partilha, o gozo de estar junto, não tem porque manter o casamento”.

A narrativa de Gabriela revela uma percepção de relacionamento a dois que só se torna possível frente as mudanças que estão ocorrendo na sociedade brasileira. Nas famílias constituídas por esta geração de mulheres, pertencentes aos segmentos médios, há uma busca em libertar-se dos padrões de vida que suas mães tiveram, não vinculando amor e casamento com um estágio final de suas vidas. Guiddens chama essa nova relação de *“relacionamento puro”*. Nele, o casal está junto apenas pela própria relação, pelo ganho que cada pessoa pode ter na manutenção de uma associação com a outra e o relacionamento só se mantém enquanto for satisfatório para ambas as partes. O casamento, para muitos casais, tem se voltado cada vez mais para a forma de relacionamento puro, gerando outras conseqüências. Conforme Guiddens, *“é parte de uma reestruturação genérica da intimidade”*¹³⁴.

Esse aspecto será examinado adiante, mas interessa reter aqui que as mudanças que se sucederam nas décadas anteriores a 90, repercutiram profundamente no comportamento feminino e que as famílias que se constituem nesse momento terão outra conformação, orientadas também pela classe a que pertencem. As transformações que incidiram no plano político, econômico e cultural, nas últimas décadas, afetaram diretamente a família, não sendo possível definir um único modelo ou estilo de vida familiar, já que múltiplas formas de se viver família estarão presentes, desaparecendo a rigidez do modelo tradicional anterior, pelo menos nos segmentos médios.

Diversos estudos sobre famílias de camadas médias vêm destacando essa diversidade. Salem¹³⁵ ao analisar as pesquisas realizadas neste segmento, comenta a diversidade de *ethos*¹³⁶ existente no interior dessas camadas, bem como sua condição plural, ancorada na idéia de que uma das peculiaridades simbólicas definidoras das sociedades modernas (ou da vida metropolitana) é a coexistência, bem como a produção por parte dos agentes sociais nelas inseridas, de múltiplos códigos culturais. Simmel¹³⁷ sugere que, os mesmos fatores que convertem os centros urbanos em núcleos da mais alta impessoalidade promovem igualmente uma subjetividade altamente pessoal. Velho da mesma forma avalia que,

¹³⁴ GUIDDENS, A. *A transformação da Intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993, p.69.

¹³⁵ SALEM, T. Família em Camadas médias: um perspectiva antropológica, In: *Boletim Informativo e Bibliográfico de C. Sociais/ANPOCS*, n.º 21, Rio de Janeiro, p.25-39, 1/96..

¹³⁶ Gilberto Velho esclarece que, *ethos* refere-se a estilo de vida, sentimentos afetos, estética e etiqueta predominantemente, enquanto *eidos* e/ou visão de mundo, as formas de padronização dos aspectos cognitivos da personalidade dos indivíduos. In: *Individualismo e cultura. Notas p/uma Antropologia da sociedade contemporânea*, 4ª ed., Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1997.

¹³⁷ SIMMEL, G A metrópole e a vida mental. In: Velho, O G. (org.) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

“Uma das características básicas para a definição da sociedade complexa moderna é a existência de múltiplos domínios, que, embora coexistam relacionados, apresentam especificidade e relativa autonomia. Em outras palavras, há diferentes códigos operando em função das diferenças de domínio. (...) a especificidade desses domínios está associada a diferenças de ethos e representações do próprio indivíduo gerando algumas das características mais marcantes e dramáticas da nossa sociedade”¹³⁸.

Para as entrevistadas este é um momento particularmente complexo em suas vidas, já que estão tentando concretizar múltiplos projetos. Terminada a graduação, permaneceram investindo em suas carreiras, por meio de cursos de pós-graduação, trabalham em mais de um emprego, sendo pelo menos um deles, à época da pesquisa, ligado ao ensino; estão casadas há alguns anos e têm entre dois e três filhos, a maior parte ainda crianças. Convivem, desse modo, em diferentes contextos como o da família atual e o universo de parentes de suas famílias e de seus parceiros, com o trabalho em entidades públicas ou privadas e com o espaço educacional em que atuam como professoras. Estudam e se relacionam com pessoas diversas em grupos de amizade e em espaços de lazer, entre outros. Em cada uma dessas esferas têm que se posicionar de forma diferente e, embora estas se interpenetrem, podem entrar em conflito em determinados momentos.

Para melhor apreender os fatores culturais que fundamentaram o estilo de vida das narradoras e de suas famílias de constituição, será feita uma breve reconstituição do contexto político e social no qual estamos vivendo, procurando dar visibilidade as inter-relações que acontecem no macro e microssocial. No plano político, Collor vence as eleições no segundo turno, depois de derrotar Lula numa eleição polarizada pelas forças mais conservadoras que temiam um candidato identificado com um projeto tido como socialista e a mudança de rumos que, acreditavam, prejudicaria o projeto neoliberal em curso. Em outro pólo, estavam as forças mais progressistas que viam em Lula a possibilidade de, pela primeira vez na história do país, ter um presidente identificado com mudanças que se propunham a beneficiar a maioria da população.

Em março de 1990, o novo presidente toma posse e *“implanta o Plano Brasil Novo, o qual, de imediato, provoca queda brusca na inflação, retração nos setores mais organizados da*

¹³⁸VELHO, G. *Subjetividade e sociedade. Uma experiência de geração*. 2ª edição, Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1986, p.39.

*economia e novo ciclo recessivo*¹³⁹. Collor introduziu um programa de privatização, aprovado pelo Congresso e promoveu um abrupta abertura do mercado nacional aos produtos importados, que, mediante a crise econômica desencadeada e as incertezas na economia, acelerou o ritmo de introdução de mudanças tecnológicas e organizacionais. Apesar da produtividade manter-se alta, houve a queda do nível de emprego industrial, com efeitos nos demais setores da economia.

Logo no primeiro ano do mandato Collor, o governo é alvo de denúncias sobre improbidade administrativa, corrupção, autoritarismo e escândalos amorosos de seus Ministros. No primeiro semestre de 1992, Pedro Collor, irmão do presidente, revela na imprensa esquemas de corrupção no governo e, no segundo semestre, manifestações populares de repúdio ao presidente ocorreram em diversos Estados. Em dezembro do mesmo ano, após a Câmara autorizar o Senado a abrir processo contra Collor por crime de responsabilidade, ele renuncia, assumindo seu vice, Itamar Franco. Após o *impeachment* de Collor houve, como afirma Bruschini, uma recuperação de postos de trabalho da indústria, embora sem retornar aos patamares de 1990. Itamar permanece no cargo até o final de 1994, quando Fernando Henrique Cardoso se elege presidente.

O movimento de mulheres, nesse momento, se encontra fragmentado em diversas entidades governamentais e, em maior número, em Organizações Não Governamentais (ONGs). Os conflitos internos ocasionados pelas divergências políticas entre tendências, além de mudanças no cenário político-social deflagraram novas demandas, exigindo outras respostas do movimento. Mesmo assim, algumas vezes suas ações têm convergido para o alcance de objetivos comuns, embora não exista mais a força política que o movimento tinha outrora. As feministas permanecem desenvolvendo estudos e pesquisas na área Acadêmica, atuando nas ONGs e nas centrais sindicais, nos partidos políticos, nas entidades autônomas de mulheres negras, nos clubes de mães das periferias das cidades e em outros espaços.

Hoje, a maioria das ONGs vem desenvolvendo trabalhos na área da saúde, sexualidade e direitos reprodutivos. Uma parcela das feministas tem investido em reformas das políticas públicas e contra a violência doméstica, com pequenos resultados pela pouca capacidade de pressão que o movimento tem neste momento. Uma tendência nova no movimento é o Ecofeminismo, que considera as mulheres *“qualitativamente diferentes dos homens, valorizando*

¹³⁹ Ver BRUSCHINI, C. Trabalho das Mulheres no Brasil .Continuidades e mudanças no período de 1985-1995.

*sua capacidade reprodutiva e a relação harmônica com o meio ambiente e a humanidade*¹⁴⁰. Dirigentes sindicais feministas estão mais presentes nas centrais sindicais e sindicatos, buscando transformar as relações de gênero em seu interior, além de incluírem nas pautas de negociações coletivas as reivindicações do movimento para a mulher trabalhadora. Conforme Blaker & Reichmann, duas escolas sindicais possuem inclusive linhas de formação em gênero: o “Instituto Cajamar” e o “13 de Maio”.

As lutas do movimento e suas conquistas refletiram-se de vários modos na vida das mulheres brasileiras, com repercussão, em menor ou maior grau, em todos os segmentos sociais. Elas estão presentes na memória de quase todas as entrevistadas, assim como no reconhecimento de sua importância. Apesar das narradoras não se considerarem feministas e nem terem participado das lutas travadas pela equidade de gênero, os resultados alcançados são compreendidos como fundamentais para a mulher, embora as vitórias obtidas nem sempre sejam visíveis, nem seja clara a percepção de que estas tiveram influência em suas subjetividades.

Gabriela, viveu a infância e a adolescência em uma cidade pequena e, talvez por isso, não considere que o movimento de mulheres foi o grande detonador das mudanças no comportamento feminino, atribuindo os resultados a ampliação do ingresso da mulher no mercado de trabalho.

“Não considero que foi o movimento de mulheres que levou as mulheres a mudarem, mas sim a entrada delas no mercado de trabalho que permitiu que ampliassem seus horizontes e passassem a lutar por seus direitos, através dos movimentos populares, sociais. O movimento social é uma consequência da valorização da mulher, da sua identidade”.

Teresa Lobo, sempre morou na cidade de São Paulo e chegou a envolver-se mais diretamente com os acontecimentos políticos e sociais na década de 80. Para ela, o movimento de mulheres teve grande significado na conquista de direitos para a mulher e na mudança dos comportamentos, mas não atribui a mesma importância a ele quando se trata da sua vida.

“Não participei muito do movimento de mulheres e acho que, para mim, diretamente, não houve influência nenhuma na minha vida por não ter participado. Socialmente, acredito que houve influência pelas bandeiras que o movimento trouxe, tem uma relação. Profissionalmente, acho complicado trabalhar com mulher.

Cadernos da Fundação Carlos Chagas, São Paulo: FCC, 1998, p.7.

¹⁴⁰ BLAKER, C. & REICHEMANN, R. Avaliação de Gênero (1990-1993), Recife: Oxfam, mai/94.

O movimento de mulheres conseguiu uma coisa única que foi levantar bandeiras e tocar para frente, embora eu não perceba uma união entre as mulheres. Existe muita rivalidade, percebo mais companheirismo entre os homens, no dia a dia. Acho o movimento importantíssimo na sociedade por estar averiguando as coisas, questionando. Se não falamos nada, parece que está tudo em ordem.

Como palpite, me parece que o movimento tem uma importância grande na mudança de comportamento de homens e mulheres, mas como nunca me envolvi e nem acompanho não sei dizer se os questionamentos efetivamente tiveram resultado. Percebo que há mudanças, mas não sei o peso do movimento nisso”.

Laura também sempre residiu em São Paulo, participando de alguns movimentos sociais no período da adolescência. Embora, conforme relata, sem muita consciência política naquele momento, foi influenciada por valores humanistas, originários da religião a que pertence e pela própria socialização na família, já que foi educada com base nestes valores. Na faculdade, já tendo um conhecimento maior sobre política e maior clareza dos acontecimentos, conheceu um pouco das lutas feministas. Sua percepção é que o movimento teve e tem grande influência nas mudanças culturais, modificando comportamentos de mulheres e homens.

“Acho que o Movimento de Mulheres ajudou muito porque garantiu creches para nós. Não dá para negar que tem mais creches, dentro das empresas e que restituem um pouco o que gastamos com creche e isso é um ganho que não tinha antigamente. Por mais que haja comentários negativos no trabalho, sinto que as pessoas são mais solidárias, tentam ajudar e se não tivesse tido a valorização do trabalho feminino, teríamos continuado como era. Ao mesmo tempo que isso acontece, acho que está mudando um pouco o comportamento das mulheres. Antigamente, era muito assim: ‘temos que ser iguais aos homens’ e o discurso mudou. As pessoas não colocam mais assim. É mais, temos que somar aos homens, ser parceiros. Tem saído várias notícias que os homens estão tentando aprender com essa nova mulher, porque ela está questionando os valores masculinos, tentando aflorar também o lado feminino dos homens”.

Carol, Bárbara e Ruth também tiveram a experiência de viver em grandes centros urbanos, residindo em São Paulo. Bárbara, porém, durante a infância e a adolescência morou em Recife e aos dezenove anos, ao se casar, mudou-se para São Paulo. Todas cursaram faculdades em São Paulo e conviveram intensamente com pessoas que militavam em movimentos sociais, partidos e tendências de esquerda, foram exilados e retornavam ao país com idéias novas e ousadas, inclusive sobre comportamentos sexuais.

"Acho que o Movimento de Mulheres teve um papel importante em relação à situação que a mulher está hoje. Os costumes foram mudando. Por exemplo, a questão que surgiu há pouco tempo nas praias do Rio sobre o uso do topless, embora não considere tão importante mostrar os seios, foi uma conquista. Aquilo foi um meio de tornar o fato público e a sociedade acabou por concordar e talvez há um tempo atrás não aceitasse. (Depoimento de Carol)

"Para mim, as idéias do Movimento Feminista influenciaram bastante. Fico sempre com uma idéia de que esses movimentos tiveram um papel super importante, porque alguém tinha que gritar por isso e tinham que ser as próprias mulheres. Houve um momento de uma certa radicalização assim, 'tudo igual' e não acho que é tudo igual, porque o ser humano não é igual. Hoje, o movimento já nem pensa assim, tem diferenças, biologicamente somos diferentes. Mas foram esse movimentos que deram o grito de alerta, embora em algumas culturas isso só esteja começando agora". (Depoimento de Bárbara Ramos)

"Acho que o Movimento de Mulheres teve um papel fundamental nessas transformações. Na Prefeitura, em 1989, organizamos um Seminário, 'Mulher, mito e realidade' e pude ter contato com vários movimentos. Particpei das reuniões e vi, no nível micro, a prestação de serviços que era dada para algumas mulheres, desde orientação sexual, apoio contra a violência doméstica e isso é impulsionador para a mulher mudar alguma coisa em sua casa. Mesmo que seja uma pequena abrangência, se pensarmos em termos da população brasileira e no número de mulheres que o movimento atinge, são grandes transformações. No macro, em termos nacionais, elas [as feministas] impulsionaram várias coisas. O movimento de aleitamento materno, creches são conquistas do Movimento. Creches, o que não abriu para as mulheres poderem ir trabalhar! Ainda bem que ele existe!" (Depoimento de Ruth)

Os depoimentos de pessoas que não estiveram diretamente ligadas ao feminismo são importantes, porque revelam a forma como as idéias libertárias, trazidas pelo movimento, foram apreendidas ao mesmo tempo que torna visível às ações desencadeadas.

Recuperando o passado, foi possível mostrar a importância do movimento nas transformações culturais que ocorreram. As idéias feministas repercutiram na construção de novas identidades, tanto masculinas como femininas, menos presas hoje a padrões conservadores; influenciou nos papéis familiares e no desenvolvimento de relações mais igualitárias no interior do grupo familiar; abriu o debate sobre temas polêmicos como o aborto, o tabu da virgindade feminina, a educação dos filhos e muitos outros temas. Conseguiu ainda avançar na discussão sobre a modificação de leis discriminatórias contra a mulher e motivou o homem a repensar seu comportamento afetivo.

Entretanto, as mudanças não são tão claras, como evidencia a fala de Teresa Lobo: *“percebo que há mudanças, mas não sei o peso do movimento nisso”*. Gabriela também desconhece a influência do movimento, indicando a entrada da mulher no mundo do trabalho como a grande mudança que favoreceu outras. O crescimento do número de mulheres no mercado de trabalho foi sem dúvida um fator fundamental no despertar de muitas mudanças, contribuindo para ampliar sua visão de mundo, ao mesmo tempo que favoreceu sua independência financeira, significativa como começo para a “emancipação” da mulher. Cabe ressaltar, contudo, que se este fato foi fruto do intenso processo de modernização pelo qual o país passou, foi também o resultado de mudanças culturais produzidas a partir da década de 70.

A questão, entretanto, é que este, como outros movimentos da época, não conseguiu organizar um contingente maior de mulheres em torno de suas propostas. A radicalização do movimento na sua fase inicial, com um discurso que parecia colocar o homem como principal inimigo, o discurso intelectualizado de esquerda, muitas vezes incompreensível para um segmento que vinha de uma experiência pouco politizada e vivendo sob um regime ditatorial, além dos conflitos internos, gerados por discordâncias nas estratégias a seguir, afastaram ou não entusiasmaram uma grande parcela de mulheres.

Ficaram, aos olhos das entrevistadas e da população, de forma geral, as conquistas mais nítidas do movimento: as creches, por exemplo, que se tornaram mais visíveis pelo movimento de massas que na época as feministas e as mulheres da periferia conseguiram mobilizar. Mas, estas também são mais perceptíveis porque as entrevistadas são mães trabalhadoras e, como muitas mães que se mobilizaram na década de 80, sabem o significado de não ter ambientes adequados para que seus filhos sejam cuidados quando estão trabalhando. Outro aspecto ressaltado que está diretamente relacionado às suas vivências de trabalhadoras é a maior solidariedade com as mães trabalhadoras, pela valorização do trabalho feminino. Porém, essa valorização a que Laura se refere parece estar mais vinculada às relações pessoais que se constroem neste espaço, e não a uma visão mais equânime por parte do empregador. As dificuldades permanecem, em especial, para as mulheres que têm filhos, pela escassez de creches e como afirma Bruschini¹⁴¹, pela pouca mudança na vida cotidiana familiar, já que não houve diminuição dos deveres femininos na reprodução.

O movimento também é apreciado por questionar valores instituídos e lutar por

¹⁴¹BRUSCHINI, C. Maternidade e trabalho feminino: sinalizando tendências. Projeto de Estudos da mulher: Brasil-reflexões sobre gênero e fecundidade no Brasil. In: *Cadernos da Fundação Carlos Chagas*, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, p.29-41, out/95.

bandeiras essenciais para a melhoria da condição feminina. Suas vitórias são percebidas nas conquistas que as mulheres obtiveram em diversos campos, repercutindo também em mudanças no comportamento de ambos os sexos. Analisando as narrativas, contudo, chama a atenção a forma como foram absorvidos os ideais feministas neste grupo, parecendo ter ocorrido uma certa transversalidade nesta incorporação, na medida em que não há menção de sua influência em suas subjetividades. A incorporação das propostas do movimento parece ter ocorrido de forma seletiva, de acordo com os valores mais próximos do *ethos* da camada média a que pertencem.

Outros agentes também lhes serviram de referência e, por meio da sociedade ou da cultura, exerceram influência no modo como foram sendo socializadas e em suas subjetividades, conforme modelos e representações produzidos que não correspondiam necessariamente aos valores defendidos pelas feministas. Figueira lembra que no Brasil, *“a dimensão sociocultural (...) parece ser menos resistente à mudança do que a dimensão da subjetividade”*¹⁴². Para o autor, esta é a área de maior inércia no processo de mudança social na qual, provavelmente, esse processo ocorra com um número maior de dificuldades. Por isso acredita que, tudo só muda rapidamente na superfície, o novo e moderno convivem com o arcaico e o antiquado.

Socializadas principalmente pela família, por meio de discursos e atitudes mais tradicionais, as narradoras receberam desde muito jovens uma educação segregada por sexo, reproduzidas nas brincadeiras de infância, nas quais exerciam, simbolicamente, a maternagem. Aprendiam, assim, por meio do lúdico e dos comportamentos e falas familiares, que a educação e os cuidados dos filhos é responsabilidade feminina.

“As minhas vivências eram típicas de uma menina do interior, com uma vida muito tranqüila. Eu me lembro que brincávamos muito. Eu brincava de casinha, adorava brincar de boneca, fazer roupinha, comidinha, era muito lúdico e gostoso, eu só brincava”. (Depoimento de **Gabriela**)

“Nós não tivemos uma infância de andar de patins, de bicicleta, como meus filhos têm. Não era proibido, mas não era incentivado também. Brincávamos muito de boneca”. (Depoimento de **Teresa Lobo**)

Se a responsabilidade pelos cuidados dos filhos foi assimilada como sendo função da mulher, pelo próprio processo de socialização na infância, a maternidade, pelo menos para

¹⁴² FIGUEIRA, S. A. (org.) O “moderno” e o “arcaico” na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. In: *Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*, Rio de Janeiro: Zahar, 1987, p.13.

grande parte dos segmentos pertencentes às camadas médias, tende a não ser mais encarada como destino e sim como opção, que deve ser prazerosa e não castradora. Mas, para a sociedade, na maior parte das vezes, a maternidade continua a ser naturalizada, sem que exista uma preparação para esse momento. As entrevistadas falam de suas angústias iniciais com a chegada dos filhos, seres humanos que são muito mais complexos do que o simbolismo contido nas brincadeiras de infância.

*“Acho que a gente mudou muito. Meu relacionamento com o Pedro deu uma esfriada no começo, sexualmente eu fiquei fria, porque eu não sei. Mudou muita coisa na minha cabeça. A gente brigou, teve uma crise séria, depois fomos reconstruindo. Mas, na ocasião, eu não tinha vontade de fazer amor, foi muito ruim no começo, mexeu muito comigo [o nascimento da 1ª filha]. Têm mulheres que passam pela maternidade tão tranquilas que eu invejo. Eu percebo que as mulheres que têm menos conhecimento, levam de uma forma mais 'light', não têm tantas exigências, talvez as expectativas sejam menores. Para mim, apesar de querer muito, foi muito estressante”. (Depoimento de **Gabriela**)*

*“Passamos por várias fases complicadas, porque não planejamos as coisas, os filhos. Eu casei cedo, com vinte e três anos, e tinha vontade de engravidar logo, talvez por causa do aborto que fiz. O aborto foi antes [dessa união] e não foi do meu marido. Ele sabe, aliás, foi no dia em que nos reencontramos e pouco tempo depois casamos. Quando meu filho tinha seis meses, engravidei de novo. Meu marido resolveu então fazer vasectomia, porque já tínhamos um casal na época, estávamos muito sem dinheiro e ele fez. Mas, quando foi fazer o retorno no médico já sabíamos que eu tinha engravidado um pouco antes. Acabamos tendo três filhos sem planejamento. Eu estava trocando pílulas, não me acertava com nenhuma, tinha dores de cabeça horríveis e até por isso ele resolveu [fazer vasectomia]”. (Depoimento de **Teresa Lobo**)*

*“Quando minha primeira filha nasceu, dois anos depois do casamento, eu estava na faculdade no segundo ano e continuei estudando. Eu a amamentei uns quinze dias só, porque fiquei muito ansiosa após o nascimento, não conseguia e passei para a mamadeira. Isso foi um episódio ruim da minha vida, não por mim, mas por tudo que isso representava no meio em que vivia. Sofri uma crítica muito grande por acharem que não era uma boa mãe, porque não tinha amamentado, porque deixava minha 'pobre filhinha' e ia para a faculdade e ela, 'coitada', não mamou no peito. Não dos meus pais, porque minha mãe achava tudo isso uma grande bobagem. Ela mesma dizia que não era esse sofrimento que ia determinar se eu ia ser ou não uma boa mãe”. (Depoimento de **Barbara Ramos**)*

As narrativas indicam os valores que ainda estão presentes na sociedade com relação à maternidade. Pelos padrões que servem de modelo, a mulher deve ter filhos jovem, sem levar-se em conta a necessária preparação que deveria receber para enfrentar essa nova fase. Além disso, faltam políticas de saúde que ajudem o casal a planejar a chegada dos filhos, a enfrentar os medos e angústias que gestar e criar um novo ser podem provocar e que orientem sobre a vida sexual e os métodos contraceptivos. A mulher ainda é percebida como única responsável, perante a família e a sociedade, pela concepção e contracepção, assim como pelos cuidados da prole, posterior ao nascimento. Lembrando Beauvoir¹⁴³, que declarava, sobre a importância das experiências vividas, que ninguém nasce mulher, mas torna-se mulher, pode-se afirmar também ninguém nasce sabendo ser mãe, mas torna-se mãe em um processo de aprendizagem nem sempre fácil, dadas as expectativas gerais sobre ser mãe como algo inerente à natureza feminina.

*“Eu mudei muito depois que tive a minha primeira filha, acho que sou outra pessoa, talvez dez anos mais velha. Eu sinto que envelheci, amadureci. A minha vida mudou muito depois que nasceram as filhas, porque você sente uma carga muito grande, talvez uma carga que a gente mesmo se coloca. Hoje eu percebo que não é tão pesada assim, mas com o primeiro filho muita gente vem falar: ‘faz isso, não faz aquilo’, então, você fica atordoada. Juntou que a gravidez e o parto foram meio traumáticos e eu fiquei com um sentimento de morte. Sentia uma certa tristeza, vontade de chorar e vim superar agora, na terceira filha. Na segunda, o parto também foi um horror, fiquei nervosa, chorava e nesse parto eu consegui me encontrar de novo”. (Depoimento de **Gabriela**)*

“Como não foram planejados [os filhos], teve uma parte bastante difícil. Quando nasceu a menor, o Marcelo levou um ano para pegá-la. Foi uma surpresa não bem-vinda e eu não tinha mais vontade de fazer aborto, então insisti e hoje acho que foi ótimo. Ela é uma graça, ele a adora e, com o passar do tempo, deu tudo certo, mas na época teve um período de crise bem difícil e resolvi mergulhar nessa crise.

*Essa época da criação dos filhos foi difícil com o Marcelo e com todo mundo. Quando contei para os meus pais que estava grávida pela terceira vez, eles desligaram o telefone na minha cara! Acho que ninguém me deu parabéns, talvez minha irmã. Todos achavam uma loucura, que não conseguiria terminar os trabalhos”. (Depoimento de **Teresa Lobo**)*

As representações que envolvem a maternidade e a culpabilização da mulher pelos eventos que ocorram com a criança são lembrados por Bárbara Ramos ao recordar algumas

¹⁴³ BEAUVOIR, S. *O segundo sexo – a experiência vivida*, vol. .II, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

críticas familiares que recebeu na sua primeira gravidez, quando decidiu permanecer cursando a faculdade. A forma como enfrentou essas reações e como geriu seu papel de mãe e mulher mostram as transformações que já estavam ocorrendo na família, face ao novo comportamento feminino.

“O problema [das críticas que recebia da família do marido por ir estudar e deixar a filha pequena e por não a ter amamentado] era somado ao que aprendia na faculdade de Psicologia. Em todas as teorias, a mãe é a responsável, a culpada por tudo. Se dá certo foi porque teve uma boa mãe e, se dá errado, também foi devido à mãe. Eu ficava pensando ‘Meu Deus, não amamentei minha filha, vou traumatizá-la para o resto da vida!’. Mas tinha uma coisa interessante, eu nunca tive conflitos em relação a ser mãe e fazer aquilo que era da minha profissão. Isso era uma coisa clara para mim. Eu pensava, ‘Bom, culpa eu vou sentir o resto da vida, não vai ter jeito, então, vou fazer [a faculdade], porque não vai adiantar ficar em casa’.

“Nunca tive vontade de ficar em casa cuidando da cria o tempo inteiro. Eu cuidava bem, fazia tudo que tinha que fazer, era muito próxima da minha filha, mas continuava fazendo as minhas coisas. Tinha uma pessoa comigo que foi um anjo e uma ‘mãe’ excelente para as minhas filhas [refere-se a uma empregada que a acompanha há muitos anos]. Ela é muito afetuosa, muito simples, não tentava ocupar o meu lugar e fizemos uma boa parceria”.

A literatura psicológica permanece em muitos aspectos trabalhando com a noção de uma família ideal, com pai, mãe e filhos, na qual a função psicológica do pai é muito menos significativa que a da mãe. Os argumentos, segundo Souza, buscam mostrar que,

“a relação mãe-criança tem base biológica, mas a relação pai-criança não,(...)o pai é pouco preparado para o papel parental porque aprendeu apenas que deve cumprir as responsabilidades econômicas do provedor(...) e(...)o sucesso paterno depende do vínculo com uma mulher”¹⁴⁴.

Os homens, perante a sociedade, estão, de certo modo, isentos das responsabilidades em relação aos filhos, já que estes são vistos como parte do domínio materno, permanecendo as mulheres com a responsabilidade pelos cuidados de assistência, médicos e escolares entre outros. A valorização da paternidade foi sendo assimilada pelo homem como forma de ganhar o respeito da sociedade, como meio de validar seu papel de macho. Hoje, essa valorização começa a conviver com outros aspectos que vêm se tornando mais evidentes, como os ligados à conquista do afeto dos filhos. Para Cuschinir¹⁴⁵, essa alteração no relacionamento entre pais e

¹⁴⁴ SOUZA, R. M. *Paternidade em transformação – o pai singular e sua família*. Doutorado em Psicologia Clínica, PUC/SP, São Paulo, 1994, p.5.

¹⁴⁵ CUSCHINIR, L. Entrevista. *Revista VEJA*. São Paulo: Abril, ed. 1644, ano 33, n.º 15, abril/00.

filhos foi fundamental para o masculino, já que é através da relação mais próxima com os filhos que o homem está obtendo a estabilidade emocional que tanto procura.

Essa nova atitude masculina, porém, não modificou a identificação tradicional do homem com o trabalho, nem com o papel de principal provedor, permanecendo a associação da figura materna à intimidade, vista como principal cuidadora. Esse pode ser um dos fatores que levam os homens a abdicar da guarda dos filhos nos casos de separação, reforçando a idéia de que a paternidade moderna refere-se muito mais ao eu masculino e não à relação com o filho. *“O homem sofre a perda, mas tende a não questionar a premissa básica de que as crianças são um domínio materno”*¹⁴⁶.

Para as mulheres, esta nova participação paterna é positiva, mas responde pouco às necessidades da vida íntima no cotidiano dos cuidados com os filhos e das tarefas domésticas. O espaço doméstico não ocasiona grandes modificações no trabalho masculino, já que este é percebido como parte de sua identidade, construída em relação ao papel de provedor. O homem teme delegar esse papel para a mulher e ser considerado incapaz. Já para a mulher que tem sua identidade formada em torno do mundo doméstico, o trabalho está condicionado a fatores que vão além de sua qualificação e acesso ao emprego.

Bruschini¹⁴⁷ considera que a constante necessidade de articular papéis familiares e profissionais vai limitar a disponibilidade das mulheres para o trabalho, que depende de uma complexa associação de características pessoais e familiares. Em suas escolhas e possibilidades vão estar presentes fatores como: o estado conjugal e a presença de filhos, agregados à idade e à escolaridade, as características do grupo familiar, como o ciclo de vida e a estrutura familiar, apesar de hoje a necessidade econômica e a existência de emprego terem papel fundamental nas suas decisões. Ainda hoje, ser profissional e dona-de-casa significa não apenas ter que cumprir uma dupla jornada, como a sobreposição de jornadas.

Há uma tendência de modificação desse quadro que pode ser observada nos segmentos médios femininos mais intelectualizados, à medida que essas mulheres começam a questionar a responsabilidade pelos cuidados da casa e dos filhos. Elas falam em partilha e não em colaboração e reconhecem que muitos aspectos tradicionais ainda estão presentes nesse espaço, em que as transformações estão ocorrendo de forma mais lenta. Os depoimentos das entrevistadas expressam essas persistências, oriundas da socialização e falam das preocupações com o acúmulo de tarefas que a mulher acaba por assumir.

¹⁴⁶ SOUZA, R. M. Op.cit., p.192.

“Tinha alguma ajuda em casa, mas a sensação era de que as coisas ficavam mais comigo. Eu fazia tanta coisa naquela casa! Era muito garota e saía muita besteira.

O Marcelo [marido] vem de uma família italiana/espanhola com uma mãe típica, eles [ele e os irmãos] nunca fizeram nada [em casa]. A mãe dele começou a trabalhar só depois da morte do pai dele. Entre os irmãos, acho que ele era o mais aberto a estar colaborando. Gosta de cozinhar, já teve um restaurante. Ele é uma pessoa que, de alguma forma, colaborava.

Não posso dizer que ele foi sempre ausente. Ajudava a trocar fraldas, fazia comida. Ajudava, mas era ajudar quando tinha vontade. Até converso com minha irmã, porque ela tem dois filhos e ela diz: ‘É curioso, porque o homem sempre fica assim: ajuda, é bom porque ajuda’. Mas não é uma questão de ajudar, porque na verdade é uma atividade que tinha que ser compartilhada entre todo mundo e não um ajuda e a responsabilidade é do outro. Mas ainda é muito assim”. (Depoimento de **Teresa Lobo**)

“Acho que no micro, no cotidiano da vida familiar, ainda tem muita continuidade nos papéis. Isso me dá aflição, essa tripla jornada que a mulher vive. Os filhos e a casa ficam muito ainda sob a responsabilidade da mulher. Eu vivencio um pouco isso e observo com minhas amigas.

Sinto que tenho uma carga maior que o Marcelo. Há uma cobrança dos filhos pela minha ausência, sou eu quem faço supermercado porque sei mais o que as crianças gostam. No micro eu sinto que, mesmo sem ter cobrança, existe uma sobrecarga maior da mulher, ela acumula mais coisas. Às vezes, eu penso: ‘Para que ser tão mulher!’ Os homens não mudaram tanto, quem mudou mais foram as mulheres que estão saindo mais, se colocando. Se os homens estivessem mudando, as mulheres teriam menos peso em casa, não teriam tantas coisas a fazer. Claro que os valores mudaram, mas as mulheres estão umas décadas à frente deles”. (Depoimento de **Ruth**)

Romanelli¹⁴⁸ em seu estudo sobre papéis familiares destaca que, embora a maternagem, que abrange os cuidados com os filhos e com sua socialização, esteja relacionada a cultura e fundamentada em parte nos aspectos biológicos da maternidade, dados etnográficos mostram que ela é preponderantemente uma atribuição feminina. Contudo, como afirma Saffioti, *“a maternagem precisa,(...), ser partilhada, inclusive para se melhorarem as condições da construção das identidades sociais dos filhos, particularmente a de gênero”*¹⁴⁹. Apesar de haver entre as mulheres, uma relativa concordância com essa afirmativa, assim como em relação a maior partilha das tarefas domésticas, mesmo nos segmentos médios, observa-se uma certa

¹⁴⁷ BRUSCHINI, C. Maternidade e trabalho feminino: sinalizando tendências, op. Cit.

¹⁴⁸ ROMANELLI, G. Papéis familiares e paternidade em famílias de camadas médias. In: ANPOCS, 1995, XIX Reunião Anual, Minas Gerais, p.1-21, 1995.

¹⁴⁹ SAFFIOTI, H.I.B & ALMEIDA, S. S. *Violência de Gênero. Poder e impotência*. Rio de Janeiro: Revinter, 1995, p.115.

resistência para modificar a relação entre pais e filhos e a responsabilidade pelos cuidados da casa. Algumas narradoras justificaram a ausência masculina neste espaço devido ao excesso de trabalho dos maridos na vida pública, ou por considerar que esse espaço lhes é naturalmente hostil, já que “pertence” ao feminino.

“Meu horário no escritório gira em função dos filhos. Se eles têm provas ou outras atividades, eu e meu marido nos dividimos para levá-los. O escritório me permite essa flexibilidade.

*Meu marido teve uma educação diferente da minha, tudo para ele foi sempre levado. Só começou a trabalhar no período do estágio, não precisou trabalhar para pagar faculdade, nada. Ele não gosta muito de ajudar em casa, mas, quando precisa, ajuda. As coisas da casa, geralmente ficam por minha conta e as coisas de banco, por exemplo, ficam por conta dele. Eu não entendo nada de banco e ele é quem faz tudo. Ele participa mais na educação das crianças, é muito presente, gosta de brincar com eles”. (Depoimento de **Carol**)*

“Júlio, talvez por ter visto o pai muito omissos na educação dos filhos, é super presente. Na medida do possível, concordamos com o que tem que ser feito neste aspecto. Talvez ele seja mais ausente devido ao fato de hoje trabalhar muito mais do que eu.

*Por isso, às vezes, eu acabo ficando mais sobrecarregada em casa, mas quando ele pode, ajuda. Quando meu filho era pequeno, as pessoas até brincavam, dizendo que quando ele crescesse iria perguntar quem eu era, porque era o Júlio que cuidava dele por ser uma época mais tranquila para ele. Ele curtiu muito o nosso filho, já a menina eu sinto que ele não é tão presente devido ao seu trabalho. Agora, ele diminuiu um pouco o ritmo e está mais presente. É o contrário de nossos pais, que eram muito mais ausentes. Ele é muito presente e acredita que é essa a forma correta de um núcleo familiar. No meu caso pelo menos existe essa divisão de tarefas, discutimos e participamos de tudo juntos”. (Depoimento de **Laura**)*

*“Quanto às tarefas da casa, têm algumas questões domésticas que são por minha conta porque existem coisas que faço questão que seja eu. Eu gosto de sentir que sou eu quem controla minha casa e que tenho o domínio dessas coisas, mesmo estando muito tempo fora de casa. Por exemplo, se a empregada faz algo de errado, e meu marido está sozinho tudo bem [que ele reclame com ela], mas se estamos nós dois e ele vai reclamar, é uma coisa que me incomoda. É como se ele estivesse se metendo numa coisa que não é para ele. Até porque eu acho que a própria empregada não gosta. Algumas empregadas não gostam que o patrão dê as ordens. Minha experiência tem sido assim e eu também não gosto. Mas é mais nisso, porque têm umas coisas que eu gosto de fazer. Gosto de receber as pessoas em casa, de dar um jantar, oferecer um bom ambiente. É uma coisa muito feminina isso, do meu feminino. É algo que me agrada muito”. (Depoimento de **Bárbara Ramos**)*

Com uma compreensão diferente das demais, Gabriela considera que os cuidados com os filhos e a responsabilidade da casa são tarefas do casal, devendo ser vividos no plano concreto e não apenas no desejo feminino.

“Na minha casa, tudo funciona com os dois, meu marido toma conta das crianças, passa, lava, faz tudo. Não existe uma coisa que se diga ‘Isso homem não faz’. Como os dois trabalham e temos empregada, ele não precisa fazer tantas coisas, mas, se precisar, ele faz. Mas eu não sei se isso é dele [algo que ele trouxe, aprendido], ou é dele também, porque eu não aceito de forma diferente.

Nunca me passou pela cabeça que mulher tem que ter dupla jornada, então, eu sempre exigi isso [divisão de tarefas] dele no sentido de ser importante para mim e sinto que para ele também é. Ele diz que questionava o fato do pai dele não fazer nada em casa e até hoje, embora os pais dele já tenham uma certa idade e a mãe dele ter conseguido um emprego, quando chega em casa tem que lavar, cozinhar, tudo. O pai dele põe a mesa, mas a gente vê que ele faz por obrigação, faz errado. Para nós, isso é normal, não temos esse tipo de conversa com nossas filhas, de que mulher faz isso, homem não faz”.

As narrativas indicam vários fatores que estão interagindo nas dificuldades em modificar os papéis no espaço doméstico, não sendo apenas a socialização masculina o impedimento para que o homem ocupe esse lugar em igualdade com a mulher. Há maior preocupação dos pais em tornarem-se mais próximos afetivamente dos filhos e isso envolve maior proximidade ao seu cotidiano, assumindo tarefas que se referem aos cuidados e maior assistência. Em algumas famílias isto pode ser observado desde o nascimento da criança, mas muitas vezes ocorre mais tarde, quando a criança se torna mais independente da mãe.

Contudo, a relação parece ainda se manter mais no plano da “ajuda” e de participação nas coisas lúdicas, do que no conjunto do atendimento às necessidades da criança. Por isso e pela educação transmitida, as crianças acabam por cobrar mais a presença da mãe do que do pai. Entretanto, as mulheres, como analisa Saffioti¹⁵⁰, pela própria socialização, demonstram uma tendência de serem muito provedoras no campo afetivo, não significando que deixem de assumir as tarefas de ordem material, já que prover afetivamente engloba também o cuidar material. Velho¹⁵¹ também avalia que, mesmo ampliando-se a participação de mulheres que trabalham fora, com maior valorização do feminino na vida política, o espaço doméstico permanece tendo uma importância crucial para as mulheres, em especial, se houver filhos. Para os homens, a socialização que receberam favorece o processo de individuação, mas acaba por

¹⁵⁰ SAFFIOTI, H. I.B & ALMEIDA, S. S. Op. cit.

¹⁵¹ VELHO, G. *Subjetividade e sociedade. Uma experiência de geração*, 2ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

contribuir para que tenham maiores dificuldades de viver relacionamentos fundados na intimidade.

Talvez por isso o trabalho do homem, tido como inerente a sua identidade, foi mais valorizado por algumas esposas trabalhadoras, em detrimento do seu, visto como “menos árduo”, reproduzindo as representações que desvalorizam o trabalho feminino. Outro fator de permanência importante é a concepção do espaço doméstico como sendo da mulher, pela “incapacidade” do homem de ocupá-lo adequadamente. Parece haver um certo temor feminino de perda deste espaço, historicamente delegado à mulher, além de uma ocupação transversa do espaço público identificada na fala de Carol: *“Eu não entendo nada de banco e ele é quem faz tudo”*. Assumir o espaço público, na representação feminina, parece ainda se vincular mais ao mercado de trabalho do que a tudo que o envolve.

Concepções diferenciadas sobre o masculino e o feminino também foram constatadas por Abramo em seu estudo sobre as imagens de gênero¹⁵² na visão gerencial, sobre vários temas relacionados à mão-de-obra feminina em comparação ao conjunto do pessoal ocupado. A pesquisa mostrou que as representações construídas pelos empresários determinam, em grande parte, as oportunidades e as formas de inserção de homens e mulheres no mundo do trabalho. Entretanto, essas imagens não se constroem nesse momento, mas são anteriores a ele, pois fazem parte do processo de socialização inicial dos indivíduos, reproduzindo-se continuamente, também nesse espaço, o que reforça a divisão sexual do trabalho e a segmentação ocupacional.

No caso das imagens femininas, elas se apresentam marcadas por mitos e preconceitos como: associações a altas taxas de absenteísmo, impontualidade e rotatividade, sem comprovação empírica na maioria dos casos. Os dados da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais) de 1990 desmistificam essa representação, já que, no setor formal da economia, a incidência de mulheres com menos de três anos no mesmo emprego (49,9%) é inferior à de homens na mesma situação (56,2%)¹⁵³. No que se refere aos direitos das trabalhadoras, Abramo verificou que a maior parte dos custos relacionados à proteção da maternidade (licença-maternidade e horário de aleitamento materno), embora sejam de responsabilidade do Estado, são percebidos pelos empresários como aumento de custos com a mão-de-obra feminina. Este

¹⁵²As imagens de gênero referem-se a representações sobre a identidade feminina e masculina, produzidas social e culturalmente também pelos empresários que assim avaliam a força de trabalho. ABRAMO, L. Imagens de gênero e políticas de Recursos Humanos na modernização produtiva. In: *Revista São Paulo em Perspectiva*, vol., 11, n.º 1, São Paulo, Fundação SEADE, jan/mar-97, p.110-123.

¹⁵³Dados pesquisados por CACCIAMALI, apresentados por ABRAMO. Op.cit, p. 122.

raciocínio tem por base a visão que atribui à mulher todo o “custo” da maternidade e cuidado dos filhos, quando deveria ser compreendido como algo a ser compartilhado socialmente.

Também direitos relacionados à falta justificada por motivo de doença dos filhos e licença paternidade, embora legalmente reconhecidos, apresentam baixa frequência de aplicação. A creche, um dos serviços mais importantes para a inserção da mulher no mercado de trabalho, tem aplicação limitada nos locais de trabalho que foram pesquisados, havendo uma cobertura precária nos serviços públicos¹⁵⁴.

Esses dados demonstram que ao invés de criticar as mulheres por terem que escolher entre seu desejo de serem auto-suficientes economicamente e as necessidades de seus filhos, ou de culpar a família por esta situação, deveriam ser responsabilizadas, como afirma Lasch¹⁵⁵, as inflexíveis exigências do mercado em si. A saída passa necessariamente por humanizar o trabalho, criando condições para que às mulheres possam competir economicamente com os homens, com fiscalização do Estado no cumprimento dos direitos garantidos em lei e na construção de equipamentos sociais.

Apesar das discriminações presentes no mercado de trabalho, em 1990, observa-se o crescimento da força de trabalho feminina que atinge a cifra de 22,9 milhões, dos quais 18 milhões concentraram-se na área urbana. Estudos sobre o trabalho feminino¹⁵⁶ demonstram que são as mulheres dos segmentos médios e escolarizadas que têm ingressado em maior número no mercado de trabalho, confirmando o comportamento feminino que vem ocorrendo desde a década de 70, pela associação de fatores culturais, demográficos e econômicos.

Nos anos 70, fatores econômicos como a ampliação do mercado de trabalho pela expansão da economia, aliados à crescente urbanização e ao ritmo acelerado da industrialização, favoreceram a incorporação de novos trabalhadores, de ambos os sexos. Nos anos 80, apesar da recessão e do desemprego, os guetos ocupacionais em que as trabalhadoras se concentravam expandiram-se, mantendo a atividade feminina. Já em 1990, o significativo processo de terceirização da economia provoca a expansão da economia em atividades nas quais as mulheres sempre tiveram maior presença: a prestação de serviços, o

¹⁵⁴ Em 1989, apenas 5,1% das crianças brasileiras de 0 a 3 anos freqüentavam creches e 16,9% das de 0 a 6 anos freqüentavam creches ou pré-escolas. Dados do Ministério da Educação e do Desporto, coletados por BRUSCHINI, C. Trabalho das mulheres no Brasil: continuidades e mudanças no período de 1985-1995, *Cadernos da Fundação Carlos Chagas*, p.09-78, São Paulo: FCC, 1998.

¹⁵⁵ LASCH, C. *Refúgio num mundo sem coração*, São Paulo: Paz e Terra, 1991

¹⁵⁶ BRUSCHINI, C.. Maternidade e trabalho feminino: sinalizando tendências. Projeto de Estudos da mulher: Brasil-reflexões sobre gênero e fecundidade no Brasil. *Cadernos da Fundação Carlos Chagas*, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, p.29-41, out/95.

comércio, atividades administrativas e sociais e, especialmente, o emprego público, que ampliou a participação feminina.

A queda da fecundidade a partir da década de 70 em todas as regiões do país, também foi um fator importante para o aumento da força de trabalho feminina. Em 1970, conforme Bruschini, ela era mais intensa nas regiões mais desenvolvidas e nas camadas sociais médias e ricas, mas nos primeiros anos da década de 80, atingiu os grupos populacionais mais pobres e as regiões menos desenvolvidas do país. Além dos fatores econômicos, sociais e culturais, variáveis inibidoras são apontadas por estudiosos do assunto, como o conhecimento e o uso de anticoncepcionais, a incidência do aborto e a atuação de entidades dedicadas ao controle explícito da natalidade, principalmente nas regiões mais empobrecidas do país.

As mulheres apresentam hoje maior grau de escolarização, o que é compreendido como a possibilidade de maior escolha que estas passam a ter para ingressar em atividades mais gratificantes. Em 1990, quase 64% de mulheres com 9 anos ou mais de estudo, segundo Bruschini, trabalhavam fora. Essa combinação entre a escolaridade e o trabalho feminino é tão intensa que, mesmo entre as mulheres casadas, não tem significado muitos obstáculos a sua participação na atividade econômica.

As narrativas das entrevistadas confirmam essa tendência, tendo o trabalho um alto valor em suas representações. O trabalho é motivo de orgulho pela construção individual que exige, lugar de satisfação e realização, enquanto possibilidades que oferece. Por isso mesmo, o investimento na carreira é compreendido como intrínseco à vida familiar, destacando-se, de certo modo, do projeto coletivo da família já que a profissionalização é encarada como fundamental para o seu desenvolvimento pessoal. Pelo alto valor que possui é que as mulheres dessa camada não aceitam abrir mão de suas conquistas em prol dos cuidados da casa e dos filhos.

Gabriela tem três filhas pequenas, com idades entre 6 anos e três meses, e trabalha em dois empregos: uma instituição privada, em que atua como assistente social, e como professora em uma universidade. Sua narrativa mostra o valor do trabalho em sua vida.

“ Nunca passou pela minha cabeça deixar o meu trabalho porque tenho filhas. Até hoje, mulheres da nossa geração, que cursaram uma faculdade, quando têm o primeiro filho, ficam baratinadas. Eu nunca tive essa dúvida. Sempre achei que meu trabalho é importante, nunca conseguiria ficar em casa, só cuidando de filhos. Os filhos para mim são um tesouro, uma coisa muito importante. Adoro minhas filhas, são uma realização, sempre estou olhando para elas e me vendo nelas. É uma coisa de reprodução, de ver a minha humanidade nelas, muito lindo. Mas, ao mesmo tempo,

eu tenho meus projetos pessoais. Eu quero continuar trabalhando, tenho vontade de fazer Direito ainda. Tem várias coisas que eu gostaria de fazer e que são independentes da minha família”.

Teresa Lobo passou por uma experiência profissional em que teve que morar sozinha, em outro país, já casada e com três filhos: um menino e duas meninas, com idades hoje entre 12 e 11 anos. Enfrentou diversos problemas na família por isso, mas não abriu mão de sua carreira. Trabalha como professora em vários lugares, dá palestras, colabora em periódicos (jornais e revistas) e é consultora para festivais de dança. Também leciona em um curso de especialização em uma universidade em Santa Catarina.

“...em 95, teve uma mudança mais radical que foi a experiência de morar sozinha no Japão. Foi um período muito difícil, quando houve terremoto lá, os atentados do pessoal da máfia do Japão e no meio dessa confusão eu ganhei uma bolsa de artista para ficar lá três meses. Minha filha menor tinha quatro anos, mas, se eu recusasse, estaria fechando a porta para sempre. Acabei tomando a decisão de ir e foi muito difícil. Foi a primeira vez que morei sozinha, pois casei com vinte e três anos.

A criançada ficou meio revoltada comigo, pior ficou o meu marido, mas todos sobreviveram e eu não imagino minha vida sem ter tido essa experiência. Para dar uma idéia, este ano publico meu segundo livro sobre este estudo, montei um Centro de Estudos Japonês na PUC depois que voltei e este virou a linha de pesquisa do trabalho que faço”.

Laura lembra da vida de sua mãe, sempre cuidando da família e sem um projeto profissional. Avalia que isso se reflete na forma angustiada em que a mãe se coloca hoje e considera impossível ter a mesma vida que ela. Laura tem dois filhos, um menino de 6 anos e uma menina de quatro meses, e trabalha em dois empregos: em uma Fundação do Estado e como professora em uma universidade, na qual é também coordenadora do Departamento de Economia. Para ela, seu projeto profissional é muito importante.

“Quando perdeu meu pai, minha mãe tinha 42 anos. Eu não me vejo nessa situação, tendo que dar conta da faculdade do meu irmão e da minha, com o pouco que meu pai tinha deixado de dinheiro e administrando tudo sozinha. Se ela tivesse uma profissão, teria sido mais fácil, não só do ponto de vista financeiro, mas para ela, enquanto projeto de vida.

Hoje, eu sinto que ela é uma pessoa mais angustiada, agitada e imagino que é porque não teve essa vida fora, fora da casa. Ela viveu muito em função de nós, embora sejamos muito presentes hoje na sua vida, tanto eu, como meu irmão. Ela mora aqui pertinho e vem aqui todo dia, à tarde fica com meu filho, enquanto não chego.

Ela dá um bom apoio, mas eu sinto que, para ela, isso hoje é insuficiente.

Eu não me vejo ficando assim. Adoro minha licença gestante, curto, mas acho que pelo menos meio período estaria na rua, para ter esse outro lado e ela não, vivia conosco para cima e para baixo. Era horário de aula de inglês, escola, coisa que eu não faço. Não levo meu filho à escola, ele vai de perua. A gente já administra a vida de outra forma, embora eu tire proveito dela para levar meu filho nas suas atividades”.

Carol tem três filhos, dois meninos e uma menina com idades entre 8 e 4 anos, trabalha em três lugares: como professora em duas universidades e como advogada em seu escritório. Cursa o doutorado, no momento, e, apesar de contar com o apoio da mãe e do marido, tem uma vida muito estressante, face ao conjunto das atividades que desenvolve.

“O mestrado eu comecei enquanto era solteira, depois que casei, defendi a tese, tendo o primeiro filho. Já no doutorado, iniciei tendo os três filhos, mas meu marido me ajudou muito. Eu nem olhava para as crianças e eles até cobravam um pouco minha presença. Agora, só falta defender a tese, o projeto já está meio pronto, precisando apenas complementar para entregar. Mas tudo isso eu consigo fazer porque meu marido dá muita força.

Nenhum dos meus filhos foi planejado, o primeiro, acho que fiquei grávida na lua-de-mel. Não tivemos um tempo de vida de casados só para nós. O segundo também não foi planejado e o terceiro muito menos. Com este eu tinha acabado de prestar o concurso para professora na PUC. Fiquei grávida já começando as aulas com uma turma complicada e só falei para eles quando já estava com uns seis meses. Mas não deixei de dar duas aulas e, apesar do bebê pequeno, continuei. Minha mãe e meu marido me ajudam muito desde que nasceram os filhos”.

Bárbara fala do imenso valor que o trabalho tem em sua vida, fruto de sua socialização, mas também parte das mudanças que estão ocorrendo desde a década de 70, pela valorização do trabalho, em especial, entre as mulheres dos segmentos médios. Suas três filhas têm hoje idades que variam entre 18 e 14 anos e Bárbara trabalha em dois lugares: como psicanalista, atendendo em seu consultório, e como professora em uma universidade e no momento acaba de retomar seu mestrado.

“Isso era uma coisa entre eu e meu marido, que eu colocava em primeiro lugar, meu trabalho e minha profissão. Eu dizia para ele: ‘Não vai dar certo se eu não puder ter a minha profissão e trabalhar como qualquer outra pessoa. Não trabalho porque não tenho o que fazer. Trabalho porque gosto, me sinto bem trabalhando. Você pode ser uma pessoa com todas as condições financeiras, mas o trabalho para mim

é uma necessidade. Não é o não ter nada para fazer, quero ser uma profissional no que faço'. Ele concordou".

As minhas filhas têm muito claro isso, da mãe que trabalha. Nós conversamos muito sobre isso e parece que é uma coisa muito tranquila para elas. Não é estranho, porque a maior parte das mães fazem isso [hoje], não tem diferença nenhuma".

Ruth tem dois filhos, um menino de 6 anos e uma menina de 3 anos, trabalha em dois lugares, como professora em uma universidade e como pesquisadora em uma instituição privada. Neste serviço viaja muito, permanecendo dias fora de casa. Pretendia retomar o curso de pós-graduação no segundo semestre de 2000 para fazer o doutorado. Sua narrativa revela como, mesmo acarretando um afastamento maior da família, o trabalho é valorizado pela satisfação que proporciona à mulher em relação à sua identidade social, o que nem sempre é entendido pela família.

"Eu explico para eles porque preciso viajar, que estou trabalhando, que precisamos de dinheiro. Independente dos problemas, gosto do meu trabalho, me deixa feliz. Um dia, meu filho disse: 'Vou começar a trabalhar logo e ganhar dinheiro, porque assim você trabalha menos' Eu pensei: 'Estou fazendo um discurso errado', não é só o dinheiro, eu gosto desse trabalho. Falo para eles, 'Sou muito mais feliz e vou estar melhor com vocês fazendo uma coisa que gosto'. O tempo que temos deve ser medido pela qualidade do momento e eles precisam ter um aprendizado sobre isso. Não comprometo o afeto, falo para eles que os amo muito e por isso volto para casa e estou com eles".

Para Sen, quando se concebe a vida como *um conjunto de "atividades e modos de ser que são valiosos, a avaliação da qualidade de vida toma a forma de uma avaliação dessas efetivações e da capacidade de efetua-las"*. As efetivações são constitutivas do ser de uma pessoa e uma avaliação do seu bem-estar deve ser feita pela avaliação dos elementos que a constituem. Contudo, esta deve levar em conta não apenas as mercadorias ou rendimentos que auxiliam no desempenho daquelas atividades e na aquisição daquelas capacidades. Essa forma de avaliação, baseada em mercadorias, mostra-se inadequada, segundo o autor, porque estas são apenas meios para a obtenção de bem-estar e liberdade, não refletindo a natureza das vidas que as pessoas envolvidas podem levar. Segundo Sen, *"as efetivações terão, elas próprias, de ser examinadas e a capacidade da pessoa de realizá-las terá de ser apropriadamente avaliada"*¹⁵⁷. Significa que, por este enfoque, a avaliação não pode ser plenamente realizada

¹⁵⁷ SEN, A. O desenvolvimento como expansão de capacidades. In: *Estado, reformas e desenvolvimento*. Revista Lua Nova, n.º 28/29, São Paulo: CEDEC, p. 317-318, 1993.

sem que se enfrentem explicitamente questões sobre quais sejam as conquistas e liberdades valiosas e quais não o sejam.

Para as narradoras, assim como para muitas mulheres hoje, a carreira faz parte inconteste daquilo que Sen denomina efetivações. Ela é percebida como uma conquista, parte fundamental de um projeto de vida que foi engendrado na socialização familiar, em especial, entre os segmentos médios, pelo desejo de mobilidade social para os filhos. Não é o único projeto das entrevistadas, mas está intrinsecamente relacionada a qualidade de vida que sonham para si e para a família. Representa ainda um ganho em relação a auto-estima, já que as possibilidades que a participação no mercado de trabalho lhes oferece, pode incluir a valorização de suas capacidades, associando independência financeira, reconhecimento e prestígio.

Esta liberdade, porém, não é tão livre, pois, como afirma Velho¹⁵⁸, a "*dimensão consciente da ação*" em que o sujeito se organiza para a realização de seus objetivos, está de acordo com possibilidades sócio-culturais determinadas. Por esta razão, a idéia de projeto apresenta uma margem relativa na escolha que indivíduos e grupos têm em determinado momento histórico de uma sociedade. A escolha individual é, de fato, o elemento decisivo para a compreensão de processos globais de transformação da sociedade.

As mudanças produzidas pelo renascimento do feminismo, associadas a outras, nos campos político, econômico e social, favoreceram a incorporação de novos valores entre as mulheres, com maior repercussão nos segmentos médios. O trabalho e o investimento intelectual na carreira, foram eleitos como sendo aqueles nos quais as entrevistadas têm encontrado grande realização pessoal, enquanto projetos especiais, pelos ganhos que podem trazer e que vão além dos aspectos materiais, tendo relação com valores sociais e projetos de melhoria da qualidade de vida para o grupo familiar. A participação profissional decorre assim, do interesse pela profissão e de satisfações que parecem obter com ela, apesar das dificuldades que enfrentam no cotidiano para conciliar o trabalho e os cuidados com os filhos. Todas as narradoras vêm procurando especializar-se, por meio de cursos de pós-graduação, participando de eventos em suas áreas, além das leituras a que se dedicam para atingirem seus objetivos .

"Leio jornais, não tudo porque nem dá tempo, mas o que mais me interessa. Leio livros que necessito para o meu trabalho e

¹⁵⁸ VELHO, G. *Individualismo e cultura. Notas p/uma Antropologia da sociedade contemporânea*, 4ª ed., Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1997, p.107.

para preparar aulas. Também gosto de ler livros sobre ética e transcendência humana.

Gosto de participar de Congressos da categoria, no último até apresentei um trabalho. Acho excelente, porque você vê um pouco como está a profissão, as teses que foram de boa qualidade, dá para sentir que a categoria está crescendo. Os Congressos dão força para nos renovarmos, ampliarmos nosso trabalho. Acho que temos um amplo campo de trabalho". (Depoimento de **Gabriela**)

"Participo muito de Congressos de dança, sou bastante ativa, e vou tanto no Brasil, como no exterior. Estou sempre trocando idéias, pesquisando o que é interessante ensinar, como relacionar tudo.

Gosto de ler muita coisa, mas devido ao trabalho que faço, aos cursos que dou, acabo tendo que ler muitas coisas específicas sobre dança, teatro ou em relação as discussões sobre o corpo. Mas gosto de ler também sobre o Japão, biografias, romances." (Depoimento de **Teresa Lobo**)

"Eu acabo lendo muita coisa de Economia, infelizmente eu não leio muita literatura. Eu adoro Rubem Alves. Em Economia eu sempre estou atualizada, sempre que saí um livro eu ganho ou compro, vou atrás, leio. Do ponto de vista da minha área eu estou a par de tudo. Leio a GAZETA MERCANTIL que todo mundo odeia, mas eu acho tudo lá. Assino a FOLHA DE SÃO PAULO, mas leio mais os editoriais e o Caderno Brasil, para saber o que está acontecendo no governo e sobre política geral. Leio toda semana também a revista VEJA. Leio também muita coisa para preparar as aulas que dou. Eu fico tanto com a cabeça em Economia que só se o autor for muito bom é que leio outro assunto". (Depoimento de **Laura**)

"Congressos não tenho ido, vou em cursos que a Ordem [OAB], ou mesmo a Associação [dos Advogados] promovem, porque também não me sobra muito tempo e tenho que me preocupar com o doutorado.

"Meu marido brinca comigo que eu só leio temas sobre Direito. Leio muito sobre Direito, porque dou aulas, tem os casos do escritório e tenho que me preparar para o doutorado. Leio a Revista VEJA e o jornal FOLHA DE SÃO PAULO. Quando dá tempo, leio também literatura e livros espíritas, mas isso é muito pouco se comparado as minhas leituras sobre Direito que consomem 90% do meu tempo. Meu marido briga muito comigo neste aspecto, ele diz "Não dá para saber só do Direito". Muitas vezes fico sem saber das notícias devido as leituras do doutorado. Às vezes estou lendo algum outro tipo de livro e penso "Devia estar lendo textos sobre a minha tese". (Depoimento de **Carol**)

"...hoje estou fazendo um questionamento da psicanálise, dentro da universidade, da clínica escola. Me interessa perceber como a psicanálise é passada pelos professores, supervisores e como se atende a uma população com uma demanda tão urgente com conceitos psicanalíticos tão rígidos e de uma época tão antiga. Essa é a grande briga interna minha com a psicanálise.

“Tenho lido muito sobre a crise da psicanálise e outras coisas. Fora isso que é da tese, tenho lido coisas sobre budismo que gosto. Gosto de ler biografia, mas, atualmente meu tempo está todo tomado com as leituras da tese”. (Depoimento de Bárbara Ramos)

“Procuro hoje fazer uma leitura bem variada porque passei dois anos da tese só lendo coisas específicas. Minha tese foi sobre a história do lixo. Eu queria perceber permanências e transformações na história.

Quis mostrar que estudar o lixo foi um veículo condutor que abre portas para estudarmos várias histórias. A partir do lixo você pode estudar as estruturas de poder na cidade.

Vou tentar o doutorado esse ano e tenho como interesse a história da embalagem, como ela virou um corpo quase que independente do objeto. Me interessa muito a história dos objetos, pensar as relações sociais a partir dos objetos. Leio muitos livros que me ajudem a ampliar a visão de trabalhar a história dessa maneira. Estou lendo um muito interessante que se chama ‘História das coisas banais’”. (Depoimento de Ruth)

A busca constante pela especialização faz parte das sociedades modernas e, conforme Simmel, não se origina apenas da competição pelo ganho, mas também porque cria-se a necessidade de atender a novas demandas da população. Para responder as exigências da vida moderna, preservando seu espaço profissional, o indivíduo precisa especializar-se em sua função e, por meio das diferenças qualitativas, tenta se destacar no círculo social, explorando sua sensibilidade e diferenças. Simmel considera que a causa maior dessa procura permanente da individualização na metrópole está no desenvolvimento da cultura moderna, caracterizada pela supremacia do “espírito objetivo” sobre o “espírito subjetivo”. Não sendo capaz de absorver tudo que a cultura produziu durante séculos, o indivíduo passa a investir no aperfeiçoamento, como uma maneira de “ser diferente”, sobressair de forma notável e, assim, atrair atenção¹⁵⁹.

No caso das mulheres, apesar de existirem indicadores que evidenciam estarem vivendo situações piores que as dos homens no mercado de trabalho, com maiores exigências de qualificação, entre outros problemas, mantém-se na década de 90 o crescimento da força de trabalho feminina. Cada vez mais, no país, a força de trabalho feminina vem sendo constituída por mulheres com mais idade, escolarizadas e casadas, embora não haja dados que informem sobre a maternidade nestes casos. A PNAD (Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios), de 1990, informava que a porcentagem de mulheres casadas que integram a PEA (População Economicamente Ativa), está crescendo: de 20% passaram para 38%, entre 1980 e 1991, enquanto as mulheres chefes de família, que trabalham fora, passaram de 43% para 51% e as

¹⁵⁹ SIMMELI, G. A metrópole e a vida mental. In: Velho, G. O (org.) *O fenômeno urbano*. 3ª ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

solteiras de 27% para 36%¹⁶⁰. Bruschini declara que, diferentemente da inserção masculina, a entrada das mulheres nos diversos setores de atividade econômica é afetada por seu estado conjugal. A indústria prefere empregar mulheres jovens e solteiras, mas outros setores, como áreas de serviços, atividades sociais e administração pública, tendem a favorecer o ingresso de casadas e mais velhas.

Dados do IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística¹⁶¹, mostram que o crescimento de mulheres casadas no mercado de trabalho é maior em famílias que apresentam níveis mais altos de renda, principalmente na zona urbana, o que revela que também o empobrecimento da classe média e a necessidade de arcar com os custos da educação dos filhos e com a saúde dos familiares, face à precariedade da rede pública, são fatores que vêm impulsionando as mulheres para o trabalho, além de mudanças nos valores que se referem ao papel da mulher na sociedade. A presença dos filhos é o fator que mais interfere em relação à participação feminina no trabalho. Maiores responsáveis pela guarda, pelos cuidados e pela educação destes e vivendo a situação de insuficiência de equipamentos coletivos como as creches, as mulheres enfrentam limitações para o trabalho, principalmente se os ganhos financeiros não conseguem cobrir os custos com cuidados das crianças.

A atividade econômica feminina, por isso, usualmente declinava entre as mães. Bruschini afirma que, em 1990, enquanto quase 39% das brasileiras sem filhos trabalhavam fora, somente 30% das mulheres mantinham o emprego quando se tornavam mães. Mas, pressionadas pela necessidade econômica, as mulheres vêm buscando alternativas através das redes de parentesco ou vizinhança, especialmente nas famílias mais pobres, para não abandonar o trabalho. A mudança no perfil de idade da PEA feminina indica que, apesar das responsabilidades familiares, as casadas estão permanecendo no mercado de trabalho. Os fatores que provavelmente interferem nesta nova configuração são: a necessidade de complementar a renda familiar ou a escolaridade mais elevada, menor número de filhos, mudanças na identidade feminina e nas relações familiares. O quadro a seguir revela esta situação.

Taxas Femininas de Atividades segundo a posição na família Brasil

¹⁶⁰ Dados da PNUD (Programa das Nações Unidas p/o Desenvolvimento). Relatório sobre Desenvolvimento Humano no Brasil, 1996. (Relatório)

¹⁶¹ Os dados estão também em BRUSCHINI, C. Maternidade e trabalho feminino: sinalizando tendências. *Projeto de Estudos da Mulher: Brasil – reflexões sobre gênero e fecundidade no Brasil*, São Paulo: FCC, out/95.

POSIÇÃO NA FAMÍLIA	1985	1993
Chefes	50,0	57,3
Cônjuges	32,9	49,7
Filhos	36,8	39,1
Outros parentes	26,2	31,5
Sem parentesco	84,5	79,1
TOTAL	36,9	47,0

Fonte: FIBGE, PNADs 85,93 (tabulações especiais)

In: Bruschini, C. Trabalho das mulheres no Brasil, SP:FCC/97

Contudo, se as mulheres têm modificado sua forma de inserção no mercado de trabalho procurando investir na carreira e permanecendo no trabalho, mesmo após o casamento e a vinda dos filhos, a responsabilidade advinda das atividades domésticas, cuidados dos filhos e demais familiares não se modificou substancialmente, persistindo a tendência a ser a maior responsável pelas obrigações neste espaço, o que contribui para dificultar sua dedicação ao trabalho, pela sobrecarga a que estão expostas.

Teresa Lobo, entrevistada que apresenta a maior carga horária de trabalho fora de casa e tem três filhos, narra seu cotidiano.

“Percebo que acumulo funções na minha casa pelo fato de trabalhar bastante e ser um trabalho que não tem horário definido. Quando você é funcionário de determinada firma, com um horário de entrada e saída, fica mais fácil de certa forma, porque você organiza sua vida e quando chega em casa acabou, está disponível para a família, para suas coisas. O tipo de atividade que faço não tem essa regularidade e acabo acumulando diversas coisas. Pego as crianças no colégio, às vezes tenho que pegar as meninas numa festa, depois o menino e, ao chegar em casa, tenho ainda um texto para escrever. Meu trabalho não é algo possível de se desligar. Estou lavando louça, preparando coisas, mas ainda tem uma série de outras para fazer. Essa divisão de tarefas não é ordenada, fica tudo convivendo junto”.

Esta multiplicidade de papéis que as mulheres exercem é destacada por Saffioti¹⁶² ao se referir as várias matrizes de gênero que estão presentes no contrato social heterossexual. Elas podem ser facilmente reconhecidas no caso das relações sociais, espaço no qual as mulheres circulam em distintas matrizes, muitas vezes contraditórias e apresentando contornos inconciliáveis. Na vida moderna, em especial nos centros urbanos, torna-se cada vez mais visível esse aspecto, na medida em que as mulheres têm que dar conta, cada vez mais e de forma acelerada, de diferentes papéis no espaço público e no doméstico.

¹⁶² SAFFIOTI, H. I. B. O estatuto teórico da violência de gênero. In: SANTOS, J. V. T. (org.) *Violência em tempo de globalização*. São Paulo: Hucitec, 1999.

Aspectos relacionados à educação e aos cuidados dos filhos, entretanto, vêm apresentando tendência, há alguns anos, de serem mais socializados com os pais, principalmente nos segmentos médios. Esta mudança reporta-se a um novo modelo mais democrático de relacionamento que presume igualdade nos recursos econômicos para homens e mulheres e nas responsabilidades em relação ao cuidado dos filhos e ao trabalho doméstico. Contudo, como declara Guiddens, o objetivo não seria necessariamente uma paridade completa, mas pelo menos um arranjo equitativo, negociado segundo o princípio da autonomia, como linha direcionadora. Para Guiddens, no espaço da vida pessoal, *“autonomia significa a realização bem-sucedida do projeto reflexivo do eu – a condição de se relacionar com outras pessoas de um modo igualitário”*¹⁶³.

Pode-se observar também uma maior valorização da infância e da adolescência e que ambos os pais procuram estar mais envolvidos afetivamente na vida dos filhos, o que nem sempre é possível, face às exigências da vida contemporânea. Os filhos passam a lidar desde cedo com situações novas e com um grande número de pessoas, adultos e crianças, através da socialização nos serviços sociais, públicos ou privados. Participam mais também das decisões familiares, já que há uma tendência nestes segmentos de relações mais democráticas no interior da família. Essa democratização da intimidade é um processo menos visível, em parte, segundo Guiddens, por não ocorrer na área pública, embora suas implicações sejam também muito profundas. Como afirma, *“é um processo em que, de longe, as mulheres desempenharam o papel principal, ainda que no fim os benefícios alcançados, assim como na esfera pública, estejam abertos a todos”*¹⁶⁴.

Esse processo de modernização da família parece estar ocorrendo de forma mais acelerada nas últimas décadas guiado pelo ideal de família “igualitária”. Figueira considera que, além das várias causas sociais e políticas por trás deste processo, *“além da nuclearização e privatização progressivas da família, é a ideologia do ‘igualitarismo’ que parece ter tido o maior impacto sobre as relações familiares”*¹⁶⁵. Essa ideologia, como declara, é que possibilitou a resolução de alguns conflitos do modelo anterior de família, engendrando uma situação

¹⁶³ GUIDDENS, A. *A transformação da intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993, p.206.

¹⁶⁴ Ibid, p. 201.

¹⁶⁵ FIGUEIRA, S. A (org.) O “Moderno” e o “Arcaico” na nova família brasileira.. In: *Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1987.p.16.

virtualmente instável com a igualdade formal entre pessoas diferentes que se relacionam tendo a igualdade como ideal regulador.

Principalmente as crianças e os adolescentes de camadas médias tendem a gozar hoje de uma variedade de estímulos e informações, antes inexistentes, face ao avanço de novas tecnologias e da informática. Além desses fatores, novos padrões pedagógicos procuram diversificar os instrumentos de educação, fornecendo aos alunos maiores possibilidades de desenvolver suas capacidades.

As entrevistadas, em suas narrativas sobre a educação dos filhos, mostram que esta tem sido alvo de constante preocupação e investimento familiar, já que é pelo capital cultural que planejam projetos futuros para os filhos. Angustiadadas com a insegurança econômica e social do presente, que têm suas raízes no quadro econômico atual, com o desaparecimento de milhares de postos de trabalho, procuram investir maciçamente na formação dos filhos, na posse de uma cultura múltipla que envolve a arte, a música e os esportes, entre outros aspectos. Os depoimentos falam do empenho familiar na formação dos filhos, refletindo as incertezas com relação ao país.

*“Eu gostaria de poder proporcionar um bom estudo para minhas filhas. Penso que é a única coisa que tenho que dar para minhas filhas é o estudo, porque é o que fica mesmo. Eu vejo por mim, se tem uma coisa que ninguém pode me tirar é o meu conhecimento. Dinheiro alguém pode tirar, saúde eu posso perder, mas meu conhecimento é uma coisa que permanece. É a única coisa que me preocupa, como vou pagar escola para três meninas. Eu até me submeto a algumas coisas, uma vida meio estressante, porque quero proporcionar isso para elas”. (Depoimento de **Gabriela**)*

*“Desde que meu filho era pequeno, procuramos escolas que fossem progressistas e que lhes dessem uma boa formação básica e queremos o mesmo para a nossa filha. Isso porque a competitividade está muito grande lá fora e se ele não for o melhor, tem que ser um dos melhores para poder concorrer. É muito com esse medo que estamos escolhendo a formação dele. Mas, ao mesmo tempo, não queremos um colégio em que ele só estude. Queremos que seja bom, mas dê uma boa visão cultural também”. (Depoimento de **Laura**)*

“Procuramos dar o máximo de informação com relação à cultura, incentivamos muito a leitura, nos preocupamos com o tipo de ensino que eles devem ter. Eles estudaram um tempo em uma escola que seguia o modelo construtivista, agora estão em outra que segue um modelo mais tradicional, mas que também está mudando. O construtivismo dá para a criança a chance de pensar sobre o conhecimento adquirido e agir sobre ele. Queríamos que a educação

deles fosse assim, mas, no fim, optamos por essa outra forma porque achei que essa, mesmo sendo tradicional, está dando um ensino melhor para eles". (Depoimento de Carol)

"Sempre acho que a inteligência nos ajuda muito e que não é algo para se desprezar. Se me perguntarem: 'O que você quer para suas filhas?' Eu diria que quero que sejam muito inteligentes, não no sentido de serem intelectuais, mas de serem pessoas inteligentes, que saibam aproveitar o melhor da vida. Por isso estimulo tanto, viajamos sempre que podemos com elas, sempre trazemos coisas diferentes, as colocamos em um colégio que tem uma visão pedagógica mais arrojada, puxa mais pelo lado crítico e é mais polêmico. Isso é o que me preocupa". (Depoimento de Bárbara Ramos)

"Eu procuro desde já ensiná-los a ter liberdade de escolha, mas acho que, diferente do que eu tive, têm que ter alguns referenciais que passam pela educação. Tento dar alguns incentivos, perceber as potencialidades deles e investir. Sentir-se acompanhado na primeira infância é fundamental, porque ela dá a base para a segurança que você vai ter na vida. Ela é formadora disso, passa menos pelo ensino formal, se foi excelente ou não". (Depoimento de Ruth)

Os depoimentos informam que, seja o ensino pautado em um modelo mais progressista ou tradicional, o que de fato essas mães procuram é a garantia de uma boa formação para os filhos, que lhes permita enfrentar as dificuldades que prevêm em relação ao futuro. Não pensam em um ensino baseado apenas na educação formal, mas querem propiciar amplo conhecimento cultural para que os filhos aprendam a desenvolver a capacidade reflexiva e crítica sobre a realidade. Buscam ainda complementar a educação dos filhos em outros aspectos, que atribuem à família a responsabilidade.

Laura e seu marido pensam numa gama de atividades para os filhos, que forneçam uma variedade de conhecimentos tidos como importantes na educação, incluindo a formação religiosa, que assumem como sendo responsabilidade dos pais.

"Então, existe a preocupação com a educação religiosa, com a formal e também com esportes, mas isso é um pouco pela característica do meu filho que gosta de tudo ligado a esportes e vai acrescentando atividades esportivas às que escolhemos. Também o colocamos em aula de música e no inglês. Os dias dele estão todos tomados e, se tentamos tirar alguma coisa, ele não aceita. Vamos ver quando começarem as aulas no 1º grau se não teremos que diminuir as atividades, por enquanto ele está no pré-escolar".

Carol investe no aprendizado da realidade junto aos filhos, pelas experiências de interação que procura proporcionar entre eles e pessoas de outros segmentos sociais mais

empobrecidos, mas se preocupa também com o aspecto espiritual, incentivando a incorporação dos princípios da religião que segue.

“Fora a educação escolar, em casa, orientamos para uma educação que se referenda na doutrina espírita, sempre vendo o sentido da vida pelo lado espiritual e não o material. Procuramos mostrar a eles que tem uma outra vida, que não é essa bonitinha que eles têm em casa, com tudo o que eles querem. Levo os três na creche onde vou e eles vêem como é a vida das crianças pobres. Temos a preocupação de mostrar para eles que existe uma outra realidade e que podemos ajudar também. Mostramos a vida da população de rua e eles começam a perceber que têm uma outra vida, uma outra realidade diferente da deles”.

Bárbara Ramos destaca o investimento dela e do marido no desenvolvimento da capacidade crítica das filhas, buscando proporcionar espaços de reflexão e debate, por meio de relações mais democráticas na família, além de se preocuparem em fornecer uma multiplicidade de estímulos para que melhor se capacitem para o futuro.

“A educação que damos às nossas filhas é completamente diferente da que recebi. Porque tem uma coisa na educação delas, que nunca houve na minha, que é a liberdade de falar, de se colocar, de brigar, de perguntar, de ter curiosidade. Sempre estimulamos muito isso. Eu ficava questionando: ‘Porque você está concordando com isso? Porque está abaixando a cabeça? Porque não vai lá e pergunta? Vai atrás!’

Sempre numa atitude de as colocar muito no mundo e elas agem assim, quase que naturalmente. É uma educação muito diferente da que tive. Tem a questão da liberdade de expressão e acho que elas são mais inteligentes do que eu fui. Tiveram estímulos que nunca tive”.

Ruth fala de sua preocupação com a qualidade de vida que os filhos irão ter, o que, para ela, envolve questões mais amplas do que os aspectos econômicos e culturais, pois também inclui aí a relação do homem com o meio ambiente, com a preservação da natureza, como legado para futuras gerações. Essa percepção tem suas raízes na própria história do casal, pois seu marido participa das lutas pela preservação do meio ambiente e também ela sente-se influenciada por essas questões, tendo participado de ações de proteção à natureza. A ampliação das relações pessoais e a busca de uma vida mais equilibrada, emocional e espiritualmente é o que procura transmitir aos filhos.

“Eu espero que eles se tornem independentes, mas, mais do que isso, queria que eles tocassem a vida de forma mais leve, percebendo que não é um absurdo viver e ser feliz. Não é tanto uma

preocupação com a carreira deles, com dinheiro, mas com a qualidade de vida, uma coisa interna.

Minha preocupação maior com esse mundo externo é se haverá uma guerra nuclear, uma coisa maior do que esse cenário. O mundo externo para mim é isso, se o oceano vai invadir, se vão começar a vir furacões, tragédias maiores. Acho que eles [as crianças da nova geração] vão fazer outra história. Com seis anos de idade, discutem os novos planetas que existem fora do sistema solar! É outra informação, não é possível que dê tudo muito errado”.

Uma coisa que quero passar para as crianças é sobre a importância de se conhecer muitas pessoas. Essa diversidade facilita viver em diversas situações, sem depender muito de uma só história”.

A preocupação com a educação dos filhos abrange várias áreas da vida contemporânea, sendo percebida como bastante complexa, o que difere radicalmente das experiências vividas por seus pais no passado, quando cursar uma universidade era uma boa perspectiva para os filhos terem um futuro promissor e estável. Hoje, planejar o futuro tornou-se uma tarefa bastante difícil em uma sociedade em constante crise. Contudo, reporta-se ao próprio estilo de vida dessas camadas e implica a escolha de caminhos nem sempre fáceis de definir, face aos novos rumos mundiais da economia que cria um permanente estado de insegurança com o futuro.

As preocupações referem-se à situação econômica, face à nova ordem mundial e a ineficiência de sua condução política no Brasil, mas acima de tudo estão voltadas para a qualidade de vida que, neste segmento, tem um significado mais amplo hoje, pois nela estão incluídas questões como o trabalho e a possibilidade de consumo, a natureza e a espiritualidade, a paz e a ética que dimensiona a própria vida humana. Por estes motivos buscam instrumentalizar os filhos, oferecendo várias opções, não se preocupando tanto com suas futuras escolhas profissionais, mas com as condições que podem lhes fornecer para construir no futuro seus projetos de vida.

Contudo, é importante destacar que nem todos os brasileiros dessa faixa etária apresentam a mesma visão de mundo das entrevistadas, em relação as suas representações sobre o futuro. O universo pesquisado situa-se entre as camadas médias da sociedade, com nível educacional elevado e com um estilo de vida mais sofisticado, característico de certos grupos intelectualizados das áreas urbanas do país. Neste universo, a educação dos filhos é algo profundamente valorizado e principal foco do investimento dos pais.

A educação, porém, não é compreendida apenas nos seus aspectos formais, englobando outras atividades como esporte, aprendizado de idiomas, artes, música e o ensino religioso que é transmitido especialmente pelas mães reproduzindo, neste aspecto, as

experiências maternas. Apesar de propiciarem uma vasta gama de atividades para aquisição de conhecimentos diversificados e buscarem transmitir valores que se guiam pela ética, é visível pelos depoimentos, que existem muitas incertezas quanto ao futuro. Estas relacionam-se a instabilidade gerada pela situação econômica, mas também é presente em outras áreas, nem sempre tão visíveis como o meio ambiente, as relações humanas e os valores mais ligados a ideologia do individualismo.

Em relação à educação diferenciada por gênero, esta não parece ser mais tão marcante como o foi no passado recente, já que outros valores estão sendo absorvidos nessas famílias, fruto das transformações que se processaram na sociedade. Nesses segmentos mais intelectualizados, isso pode ser melhor percebido pela forma que os casais vêm exercendo a socialização dos filhos, havendo uma preocupação das narradoras em não reproduzir a segregação de papéis e estimular o potencial criativo, independentemente do sexo dos filhos. Contudo, por viverem ainda situações contraditórias, que têm suas raízes na lenta mudança dos valores machistas, ainda vigentes na família, na sociedade e na herança materna e paterna, determinados valores se mantêm e são reproduzidos na educação dos filhos.

Laura relata sua preocupação em não diferenciar por gênero a educação dos filhos e o desejo de propiciar uma educação mais igualitária, mas, diante de um comportamento "diferente" do filho, se percebe insegura em como exercerá sua socialização.

"Com a minha filha vai ser igual, o que ela quiser fazer vamos colocar. Além do que, mulher tem que estar mais à frente, fazer um esforço redobrado para conseguir as posições que muitos homens, com menos agressividade, conseguem, porque a competição é mais acirrada para a mulherada.

Acho que tentamos reproduzir uma idéia mais liberal para nosso filho em casa, uma forma mais democrática de viver as posições entre os sexos, mas meu filho ainda é muito pequeno. Acho que na adolescência é que se travam mais as diferenças entre os sexos. Com certeza a formação na infância também é importante e, por isso, tentamos passar esses valores para ele. Mas é engraçado, porque, quando ele está brincando de casinha, ficamos super atentos para ver como ele brinca, se quer ser o menino ou a menina. Então, tem o lado da gente que se preocupa, mas, na medida do possível, vamos aprendendo com ele, porque se damos esse espaço é porque queremos que ele seja uma pessoa feliz".

Carol também fala sobre a vontade de propiciar uma educação baseada na equidade, sem diferenciar por gênero, mas seu relato mostra o quanto os valores tradicionais ainda são determinantes na educação transmitida aos filhos.

“Procuramos dar a mesma educação também com relação às tarefas de casa e cobro deles de igual forma. Mas a minha filha, por ela mesma, já tem uma postura muito feminina, gosta de cuidar dos irmãos. Sempre cuidou muito do menor, embora tenham apenas um ano de diferença.

Não faço diferenciação entre eles. O máximo que posso fazer é, por exemplo, se querem bater nela, falo: ‘Em mulher não se bate!’ Quando forem mais velhos, vou falar que não acho legal casarem cedo, que devem curtir bem a vida. Na questão da sexualidade, vou falar para minha filha que ela só deve transar quando amar a pessoa. E sempre pensar que ela deve fazer porque quer e não porque o rapaz quer muito, ou porque os amigos dizem que é legal. Ela sempre foi muito independente, talvez por ser a filha do meio. O mais velho requisita mais. Até hoje tenho que fazer o leitinho dele, não sabe se virar sozinho. Agora estou mandando ele fazer sozinho, mas ela acaba muitas vezes fazendo para ele”.

As mudanças parecem estar mais consolidadas no que se refere ao investimento na independência financeira das filhas, na construção de suas carreiras profissionais. Como afirma Saffioti, *“a subjetividade singular nega a subjetividade padronizada. Isto não impede, contudo, que uma mesma pessoa seja portadora de subjetividades maquinicamente produzidas e subjetividades singulares”*¹⁶⁶. Os depoimentos demonstram existir o desejo das narradoras em ultrapassar o modelo de educação fundado na segregação por gênero, mas o discurso da igualdade esbarra em condicionamentos adquiridos pela socialização e pelo próprio padrão atual de educação que permanece, em muitos aspectos, diferenciando por gênero, o que as leva a circular por matrizes contraditórias.

Apesar da persistência de alguns valores, a expectativa do casamento e da maternidade para as filhas parecem não apresentar mais a mesma intensidade para as jovens mães entrevistadas, embora se mantenham como valor para a mulher na sociedade, o que acaba por pressionar os padrões familiares pela adequação ao modelo. Entretanto, outras mudanças na educação feminina são ressaltadas pelas narradoras e sem dúvida também engendram transformações importantes na forma de viver de muitas mulheres, servindo como contraponto ao padrão tradicional.

As mudanças que estão se processando na família, com a construção de relações mais igualitárias, principalmente nos segmentos médios, vêm se refletindo positivamente na educação dos filhos, assim como a liberdade de escolha que os jovens passam a desfrutar para definir

¹⁶⁶ SAFFIOTI, H. I. B. .O estatuto teórico da violência de gênero. In: SANTOS, J. V. T. (org.) *Violência em tempo de globalização*. São Paulo: Hucitec, 1999, p.159.

caminhos, com menos interferência dos pais. Gabriela, fala da educação que ela e o marido procuram dar as filhas tendo por base esses valores.

“Nós ensinamos as nossas filhas a contribuir com as tarefas da casa. Não peço a ajuda delas porque são meninas, mas porque sinto que dar responsabilidade para as crianças é muito importante. Ensinar que as coisas não são fáceis, que têm que contribuir. Quando elas crescerem um pouco vão me ajudar muito.

O que queremos é que elas sejam felizes, pessoas maduras, que se encontrem, que consigam se expressar politicamente, que tenham projetos, prazer de viver, que sejam realizadas”.

Deixa de existir, como destaca Figueira¹⁶⁷, uma clara demarcação de “certo” e “errado”, assim como a noção de “desvio” de comportamento, pensamento ou desejo perde a nitidez, estabelecendo-se, aparentemente, o reino da pluralidade de escolhas, limitadas apenas pelo respeito à individualidade do outro. Esse novo tipo de família pressupõe uma nova forma de educar, com muito investimento dos pais, nem sempre obtendo êxito na eliminação das desigualdades, já que a sociedade mantém muitos valores machistas que estão presentes em todas as instituições socializadoras, além da família. É o que relata Teresa Lobo sobre a educação dos filhos, embora perceba que as mudanças estão ocorrendo, com melhor aceitação pela sociedade da participação feminina em espaços antes tidos como exclusivamente masculinos.

“A educação em casa ajuda, é possível trabalhar a questão de gênero, mas romper totalmente [com a cultura existente] é uma ilusão. Acho que para as meninas está mais fácil, percebo uma mudança muito grande no caso delas. Minhas filhas, por exemplo, não tiveram dificuldade em fazer Kung Fu ou qualquer outro tipo de atividade, tudo é encarado como normal. Somos sócios de um clube e lá têm várias meninas que jogam futebol. Acho que para as mulheres facilitou muito”.

Mas é o futuro profissional das filhas (e filhos), a possibilidade de tornarem-se independentes financeiramente que de forma mais persistente aparece como fonte de preocupação, guiando as escolhas dos pais na socialização dos filhos. Bárbara Ramos fala de suas angústias com relação a isso.

¹⁶⁷ Ver FIGUEIRA, S. A. (org.), O “moderno” e o “arcaico” na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. In: *Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987, p. 11-30

“Às vezes acho que tenho um projeto de vida para elas que é muito ambicioso. Eu quero muito que elas se sustentassem por si mesmas. Que casem, tenham filhos, tudo bem, mas elas precisam andar com as próprias pernas. Isso é algo que me preocupa muitíssimo. Não fico preocupada com namorado, mas com a carreira, com a independência financeira delas, porque acho que uma carreira que realize, trás junto uma porção de coisas boas. Aí você tem um ideal na vida, vai lutar por alguma coisa, desenvolver valores importantes”.

Dificuldades e contradições em relação à melhor maneira de educar os filhos estão presentes muitas vezes nessas famílias e fazem parte das tentativas que efetuam de construir formas de educar pautadas em novos valores. Mais abertas a inovações culturais e preocupadas em garantir um padrão de vida melhor aos filhos, sabem que isto envolve múltiplos fatores que estão em constante interação, não parecendo ter como centro de suas preocupações o gênero, mas o bem-estar presente e futuro dos filhos. Este para ser determinado, conforme Sen, tem que tomar a forma da avaliação dos elementos que o constituem. O “enfoque da capacidade” que utiliza, procura relacionar o julgamento sobre a qualidade da vida à avaliação da capacidade de funcionar ou desempenhar funções.

“O conjunto de capacidades representa a liberdade pessoal de realizar combinações de efetivações. Se a liberdade é intrinsecamente importante, as combinações disponíveis para a escolha são todas relevantes para se avaliar o que é vantajoso para uma pessoa, mesmo que ele ou ela escolha apenas uma alternativa. Nessa perspectiva, a escolha é, em si mesma, uma característica valiosa da vida de uma pessoa”¹⁶⁸.

Este parece ser o fio condutor na educação que essas famílias buscam fornecer aos filhos, ao instrumentalizá-los para disporem de maior liberdade de escolha no futuro, tanto no que se refere a carreira, como em outros aspectos da vida que associados resultem em seu bem-estar. Modificando, ou tentando modificar padrões e hábitos aprendidos, tentam criar novas opções para os membros do grupo. Tais escolhas, como esclarece Guiddens, “*não são apenas aspectos ‘externos’ ou marginais das atitudes do indivíduo, mas definem que o indivíduo ‘é’*”¹⁶⁹.

Significa que as escolhas envolvem um estilo de vida, do qual essas mulheres são portadoras, e vão constituir a narrativa reflexiva do eu, que pode ser emancipatório e constrangedor ao mesmo tempo. Emancipatório se ao exercerem sua função socializadora, conseguirem

¹⁶⁸ SEN, A. O desenvolvimento como expansão de capacidades –. In: *Estado, reformas e desenvolvimento-* Revista Lua Nova, n.º 28/29, São Paulo: CEDEC, 1993, p.324.

¹⁶⁹ GUIDDENS, A. *A transformação da intimidade*. São Paulo: UNESP, 1993, p.87.

reescrever sua história, reelaborando a narrativa do eu e a ela alinhar às práticas do estilo de vida. Laura, por exemplo, talvez enfrente no futuro uma situação em que seu filho opte, na brincadeira de casinha com as primas, por assumir o papel feminino tentando viver uma nova experiência. Carol pode se defrontar com uma filha na adolescência que se rebele contra os papéis que vem assumindo hoje, tidos como “próprios do feminino”. O modo como enfrentarão as situações cotidianas, realizando ou não uma revisão profunda de suas atitudes pedagógicas, é que definirá o grau de profundidade das mudanças na socialização feminina e masculina dos filhos.

Pode haver continuidade da tradição e do que foi há muito estabelecido e também sancionado como correto e adequado, o que seria apenas o seguimento de um determinado padrão social. Entretanto, essas mulheres foram socializadas por vários agentes e, se a maioria delas foi condicionada a um modelo mais conservador de segregação por sexo, viveram um período fértil em transformações culturais que modificaram comportamentos, influenciando em suas subjetividades. Como afirma Figueira, *“os sinais estereotipados da diferença homem/mulher tendem a desaparecer, se confundir ou se multiplicar, e os marcadores visíveis da diferença tendem, na medida do possível a ser expressões do gosto pessoal”*¹⁷⁰.

Esse processo de modernização da família e de transformação da subjetividade é abordado por Figueira¹⁷¹, entre outros autores, confirmando que, no Brasil, o moderno convive com o arcaico que não desapareceu totalmente com as mudanças que se deram na sociedade, embora nem sempre esteja tão visível para nós. Nesse espaço entre o novo e o tradicional se inclui a modernização “reativa”, ou falsa modernização, que seria uma tentativa de resolver os conflitos gerados pela modernização acelerada que vem ocorrendo. Figueira distingue dois tipos de regra presentes neste cenário: de primeiro grau e de segundo grau. Na regra de primeiro grau o sujeito obedece a uma autoridade exterior, mas que incide sobre ele vinda de fora por ter sido interiorizada, determinando de fora o que deve fazer. Essa regra define o conteúdo do comportamento do sujeito que tende a ser fixo. As regras de primeiro grau enfatizam os códigos e estão presentes na família hierárquica, manifestas no imaginário dicotômico e maniqueísta, com noções claras de certo e errado.

A regra de segundo grau origina-se do exterior do sujeito, mas não delimita o que ele deve fazer, definindo apenas que um procedimento ou mecanismo do qual é capaz, aja para decidir o caminho a seguir. Ela não determina um comportamento com conteúdo fixo e visível,

¹⁷⁰ FIGUEIRA, S. A. Op. cit., p.16.

mas reflete no sujeito, naquilo que é mais invisível, deixando-lhe o direito de optar, podendo levar a comportamentos com conteúdos muito variáveis. Figueira lembra Foucault, para quem as regras de segundo grau, ao enfatizarem o *"sujeito"* e não o *"código"*, são essenciais para o ideal da família igualitária, pois propiciam *"negociação, variação e, dentro de certos limites, relativização do desvio"*¹⁷².

É possível pensar que nesses segmentos que viveram experiências de mudanças culturais profundas na família e na sociedade, construindo suas subjetividades nesse processo, os valores tradicionais não venham a ter um peso tão significativo nas relações com os filhos, mesmo que existam desejos inconscientes, ou manifestos, de continuidade de determinados aspectos mais tradicionais adquiridos na socialização herdada.

A própria dimensão da vida contemporânea em seus diversos aspectos vai incidir no cotidiano do grupo familiar, fortalecendo outras práticas sociais. No caso desses segmentos médios mais intelectualizados, o fator cultural reforça a possibilidade de acesso a um grande número de informações, num mundo em que tudo se torna visível e de rápida assimilação e consumo. Para Guiddens, *"vivemos, em grande parte, em um mundo que é inteiramente constituído através de conhecimento reflexivamente aplicado, mas onde, ao mesmo tempo, não podemos nunca estar seguros de que qualquer elemento dado deste conhecimento não será revisado"*. Ao definir um conjunto de práticas sociais, o indivíduo as incorpora não apenas porque preenchem necessidades utilitárias, mas também porque dão forma material a uma narrativa particular da identidade pessoal. A materialização da narrativa pessoal vai dando coerência à vida de cada indivíduo e vai se objetivar na adoção de um estilo de vida, de hábitos que vão sendo construídos. Contudo, nenhum conhecimento nas condições da modernidade é conhecimento no sentido *"antigo"*, em que *"conhecer"* é estar certo¹⁷³.

O desejo de distinguir-se, do ponto de vista moral, das famílias de origem é uma tônica bastante presente nestas camadas e, freqüentemente, seus projetos alternativos são estruturados tomando, como modelo negativo, a moralidade prevalecente na geração parental.

¹⁷¹ Ibid.

¹⁷² Ibid., p.26.

¹⁷³ GUIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991, p. 46.

Salem¹⁷⁴ considera que, tanto quanto nas camadas médias “tradicionais”, a família consta como referência fundamental na construção de suas identidades só que, no caso dos segmentos individualistas, esta construção se verifica antes pelo contraste do que pela similaridade.

As transformações na intimidade podem ser melhor observadas no modo como os casais vêm estabelecendo a relação a dois. Na pesquisa realizada, os relacionamentos parecem indicar maior proximidade ao que Guiddens¹⁷⁵ nomeia de amor confluyente, que é o amor ativo, contingente, em confronto com as categorias “*para sempre*” e “*único*” da idéia do amor romântico. O amor confluyente ao se consolidar em uma possibilidade real afasta-se da busca da “*pessoa especial*” e o que mais passa a contar é o “*relacionamento especial*”. Presume igualdade na doação e no recebimento emocionais aproximando-se do modelo de relacionamento puro. Os ideais de amor romântico tendem a fragmentar-se pela pressão da emancipação e da autonomia feminina, conseqüência dos ideais feministas.

As narradoras ao exporem suas vivências conjugais, mostram que suas representações do casamento são bem diversas daquelas de seus pais. Nelas estão contidas a partilha de responsabilidades na educação dos filhos e nos cuidados da casa, o respeito aos projetos individuais de cada um, a busca do prazer a dois e a fidelidade na relação.

“Tenho muita preocupação, me dão muito nessa relação com o Pedro, o respeito demais e a nossa vida a dois e acho que ele tem essa mesma atitude. Mas, tenho medo que, de repente, ele ponha tudo a perder por uma vaidade. Isso me preocupa. Eu vivo falando para ele que podemos por tudo a perder por uma besteira, um relacionamento de passagem, algo assim. Para mim o amor é uma coisa muito forte e ao mesmo tempo muito frágil, porque basta uma coisinha para você destruir uma relação.

O Pedro respeita muito a minha profissão e facilita muito as coisas para mim. Ele apoia, às vezes eu preciso preparar uma aula e ele sai com as meninas. Eu sinto que ele tem muito orgulho do que eu faço, gosta que eu trabalhe, valoriza o dinheiro que eu trago. Ele acha fundamental meu trabalho, sabe que sem ele nós não teríamos o padrão de vida que temos. Ele sempre me apoia em qualquer decisão que eu tome em relação ao trabalho, tanto em ficar, como se eu pensar em sair de algum emprego”. (Depoimento de Gabriela)

“O mais difícil de gerir não são as minhas filhas. Elas são a parte mais fácil da minha vida no contato com meu trabalho. O mais difícil é a questão do casamento. Chego, de modo geral, muito tarde em casa, depois que meu marido chega. No final de semana me sento na frente do computador e vou escrever. Ele sente falta e reclama

¹⁷⁴ SALEM, T. Família em Camadas médias: um perspectiva antropológica, In: *Boletim Informativo e Bibliográfico de C. Sociais*. ANPOCS, n.º 21, Rio de Janeiro, p.25-39, 1/96.

¹⁷⁵ Ibid.

disso, que chego tarde, que trabalho e estudo muito, que não saio da frente do computador. Atualmente isso é o mais difícil.

Ele se preocupa quando não estou em casa, mas é para não ficar só. Se eu trabalhasse o dia inteiro, mas estivesse em casa no mesmo horário que ele, tudo bem, mas como os horários não batem, começa a se sentir só, acha que está desamparado". (Depoimento de Bárbara Ramos)

"Quando você volta da maternidade, entra em outro casamento. Quando cheguei da maternidade estava cheia de interrogações, era só mãe, vinte e quatro horas por dia e amava isso. Mas, no terceiro mês, começou a me dar uma aflição, porque entramos numa crise sexual no primeiro ano de casamento terrível. Isso abalou bem o casamento e nem pensei que fôssemos segurar. Na segunda gravidez eu levei de outra maneira, voltei para a terapia, porque achava que o Marcelo só me via como mãe. Não era só uma loucura minha, ele me via assim e isso ia reforçando mais ainda o meu lugar nesse papel.

Acho que o Marcelo está um pouco ressentido agora, porque estou muito fora, mas é o momento que estou passando. Ele saiu da política e voltou para o banco. Falo para ele fazer outras coisas, mas ele diz que está feliz assim, que está em outro momento da vida dele. Ele é quinze anos mais velho do que eu e acho interessante nesse sentido, porque com as experiências que acumulou, leva a vida de uma forma tranquila. Se fosse uma pessoa que tivesse a minha idade e não tivesse a vivência que ele teve, poderia ficar mais incomodado". (Depoimento de Ruth)

Embora, na relação a dois, nem sempre questões tidas como significativas para as entrevistadas tenham a mesma relevância para seus maridos, é inegável que a forma como conduzem o relacionamento está baseada no exercício de seus direitos e na equidade de gênero. Vincula-se aos ideais do relacionamento puro que podem ser explicitados no *"envolvimento dos indivíduos na determinação das condições de sua associação"*¹⁷⁶. O que implica não apenas em respeito pelo outro, mas em uma abertura em relação a essa pessoa. Essa mudança de comportamento se estende a crescente busca de igualdade sexual para ambos os sexos.

A maior parte dos homens e mulheres, chegam atualmente ao casamento trazendo uma reserva substancial de experiência e conhecimento sexual. Guiddens¹⁷⁷ avalia que, hoje as expectativas sexuais no casamento, tanto das mulheres como dos homens, são bem mais amplas do que era observado nas gerações anteriores. Para as mulheres desta geração é importante receber e proporcionar prazer sexual e para muitas ter uma vida sexual compensadora representa um requisito chave para um casamento satisfatório. Apesar do padrão

¹⁷⁶ GUIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991, p.207.

¹⁷⁷ *Ibid*, p.18-22.

duplo permanecer, *“as mulheres não são mais tolerantes diante da perspectiva de que – enquanto os homens necessitam de variedade e pode-se esperar que se envolvam em aventuras extraconjugais – elas não se comportem do mesmo modo”*. A vida pessoal tornou-se um projeto aberto, criando novas demandas e novas ansiedades.

A história de traição conjugal, no casamento de Bárbara Ramos, revela uma mudança significativa no modo como o casal viveu a situação e reconstruiu sua relação. Seu depoimento sobre a reação materna diante do fato é importante, porque se reporta aos valores femininos da geração anterior.

“Quando estava no último ano de faculdade, engravidei da minha segunda filha, com aproximadamente dois anos e meio de diferença (da primeira para a segunda). Esse período do seu nascimento foi de transformação do meu casamento. Eu tinha cinco anos de casada e houve uma ruptura grande. Nós quase nos separamos e a minha filha nasceu no meio disso. Meu marido estava numa crise muito grande comigo, com o casamento. Foi um período em que surgiram pessoas na vida dele. Depois, quando minha filha estava um pouco maior a situação repetiu-se. Eu havia me formado, tido minha segunda filha, estava com cinco anos de casada e ia entrar no mercado de trabalho. Era o momento da profissionalização real.

Foi uma reviravolta, não sabíamos mais se queríamos ficar casados. Eu estava com uma vida paralela, ele também, com duas crianças pequenas. Foi um período muito, muito difícil.

Nessa época meus pais também me ajudaram muito. Eu contava o que estava acontecendo conosco. Minha mãe tinha uma reação mais desesperada, porque meu marido era o genro que ela sempre sonhou ter. Minha mãe tem uma grande formação católica, mas é espírita também. Na época ela trabalhava com aquele Dr. Fritz, era braço direito dele. Ela me levou até ele, rezava.

Quando contei para ela [a mãe] que o problema não estava sendo mais meu marido, mas eu, porque comigo também estava acontecendo [envolvimento com outra pessoa], ela teve uma atitude desesperada. Dizia: ‘Mas como?. Acontecer isso com uma mulher casada, não pode!’ Meu pai não, quando vi que com ela estava assim, contei para ele que ajudou bastante.

Não mais admitindo o padrão duplo de vida sexual do marido, Bárbara rebela-se e acaba por envolver-se também com outra pessoa, criando uma situação em que ambos passaram a ter que lidar com as implicações desse fenômeno. A mudança no comportamento sexual feminino que busca o prazer, mesmo que esta procura ocorra fora do casamento, tem suas origens no que Guiddens¹⁷⁸ chama de sexualidade plástica, que é a sexualidade descentralizada, liberta das necessidades de reprodução e que foi fundamental como condição prévia da revolução sexual produzida nas últimas décadas. Refere-se também ao processo de individualização, ao

livre-arbítrio, proclamado pelos movimentos sociais da década de 60, mas como esclarece Velho, este processo não acontece fora das normas e padrões, por mais que a liberdade individual possa ser valorizada. *“Quando vai de encontro às fronteiras simbólicas de determinado universo cultural – ou as ultrapassa -, ter-se-á então, provavelmente, uma situação de desvio com acusações e, em certos casos, estigmatização”*¹⁷⁹.

Na representação materna estão expressos os valores morais femininos da geração anterior à década de 60, quando a traição masculina podia não ser aceita, mas era mais tolerada, ainda que fosse amparada na possibilidade de “ajuda do plano espiritual”. Porém, pode-se observar que quando a traição é feminina não há tanta indulgência por parte desta geração, embora não se perceba uma estigmatização, provavelmente pelo fato de existir o apoio paterno e por pertencerem a uma camada que convive melhor com as mudanças na relação familiar, mesmo que esse processo ocorra de forma mais lenta na família.

Contraopondo-se as mudanças no espaço íntimo que tendem a acontecer mais lentamente, no macrosocial as transformações têm ocorrido de forma acelerada nos últimos anos. No plano político-econômico, em meados da década de 90, ganha dimensão a hegemonia do liberalismo econômico, enquanto no plano geopolítico, há o avanço da ideologia neoliberal e a reorganização da supremacia norte-americana. No campo social, modifica-se a relação entre excluídos/incluídos, com a polarização entre países e classes, no que tange à distribuição da riqueza, da renda e do emprego. No caso brasileiro, experimentamos uma situação de país periférico e dependente em que,

*“...problemas como o desemprego e o subemprego, a desnacionalização da economia e a dependência de capitais externos, longe de constituírem a conseqüência irrecorrível de um processo global, resultam essencialmente de políticas adotadas no âmbito nacional, convenientemente dissimuladas pelo apelo à retórica da ‘globalização’. Refletem opções e omissões da política econômica nacional”*¹⁸⁰.

Em julho de 1994, é implantado no país o Plano Real, criado pela equipe de Fernando Henrique Cardoso, Ministro da Fazenda do governo Itamar Franco neste período, com o objetivo central de queda da inflação e estabilidade da moeda. Esse plano, que reduziu a inflação e

¹⁷⁸ Ibid.

¹⁷⁹ VELHO, G. Individualismo e cultura. Notas p/uma Antropologia da sociedade contemporânea. 4ª ed., Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1997, p.25.

¹⁸⁰ Os fatos e mitos sobre a globalização e suas conseqüências no Brasil são analisados por BATISTA JR., P. N. em Mitos da Globalização. In: *Revista Estudos Avançados da USP*, Coleção Documentos, n.º 52, São Paulo: IEA/USP, p. 1-53, set/97.

possibilitou maior poder de compra da população, provocou imensa euforia também entre os homens de negócios, face à garantia das privatizações e à manutenção dos seus fabulosos lucros financeiros, induzindo a obtenção de um resultado político-eleitoral que deu a vitória a Fernando Henrique, ainda no primeiro turno das eleições presidenciais em outubro do mesmo ano.

Fiori avalia que o Plano Real, além de sua originalidade operacional, é hereditário da grande família dos planos de estabilização analisados na reunião de Washington. O plano não teria como objetivo a eleição de Fernando Henrique, mas, *“na ordem inversa, a candidatura FHC é que teria sido gestada pelas novas elites dominantes para viabilizar, no Brasil, a coalizão de poder capaz de dar sustentação e permanência ao programa de estabilização hegemônico”*¹⁸¹.

Nesse processo considera que Fernando Henrique acabou por fazer uma nova opção ético-política ao abandonar o seu idealismo reformista para acompanhar a posição do seu objeto de estudo anterior, o empresário brasileiro, assumindo simultaneamente, como um fato irrecusável, as atuais relações de poder e dependência internacionais. Assim, a globalização da economia não é apenas resultado de uma nova forma de produzir, mas representa o resultado de decisões políticas e econômicas tomadas em termos globais e por diversos governos nacionais, não se tratando apenas de um processo de inovação tecnológica, de evolução competitiva dos mercados.

Também para Arrighi¹⁸², o caminho do Brasil que Fernando Henrique vem assumindo tem sido de cooperação submissa e permanente. Apostando num modelo de desenvolvimento que busca a modernização produtiva *“forçada”* – vinda de fora, induzida, e escolhendo a *“abertura”*, vem sucateando o nosso parque industrial. Combinado a esta política estaria a ausência de um projeto industrial de longo curso, que conectasse o país com a economia globalizada, protegendo seu futuro com investimentos maciços em pesquisa científico-tecnológica.

A opção pela dependência significa, segundo o autor, abrir mão de um projeto nacional próprio de integração, subordinando o futuro do país ao jogo cruel do capital financeiro: acumulação sem trabalho, concentração de riqueza sem produção e exclusão social sem retorno. Esse processo, entretanto, não se apresenta como consequência irrecorrível, mas é o

¹⁸¹ FIORI, J.L. Da dependência ao social-liberalismo: a bússola de Fernando Henrique. In: *Em busca do dissenso perdido*. São Paulo: Insight, 1995, p.236.

¹⁸² A análise reporta-se à resenha de Tarso Genro sobre o livro “A ilusão do desenvolvimento”, de Giovanni Arrighi. In: Resenha. *Jornal Folha de São Paulo*, São Paulo, 11/07/98, Jornal das Resenhas, p.9.

resultado de políticas adotadas no âmbito nacional, dissimuladas pelo apelo à “globalização”, sinalizando opções e omissões da política econômica nacional ¹⁸³.

Como resultado da política econômica adotada no país, em 1995, o número de ocupados na indústria de transformação apresentou queda, ficando em números absolutos igual a 1993. O maior empregador da população economicamente ativa permaneceu sendo o setor terciário. Conforme Camargo¹⁸⁴, o comércio e serviços substituíram os postos de trabalho perdidos na indústria, mas estes são em grande parte informais, com produtividade relativamente mais baixa e pagando salários menores.

Bruschini ressalta, com base nos dados do IPEA (Fundação Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), que até aquele momento ainda não havia ocorrido a explosão do desemprego, muito embora ele tivesse aumentado, mas o cenário econômico indicava, uma crescente precarização das relações de trabalho e o aumento do trabalho por conta própria¹⁸⁵. A partir do final de 1997, a deflagração da crise financeira internacional surte efeitos negativos sobre o mercado brasileiro, colocando em risco o Real. O governo brasileiro reage aumentando mais as taxas de juros e efetuando cortes orçamentários. Como resultado, as perspectivas passam a ser de crescimento da recessão e do desemprego, para manter a estabilidade da moeda e a queda da inflação.

No ano de 1995, encontravam-se no mercado de trabalho no Brasil 29.820.663 mulheres, representando 40,1% da força de trabalho brasileira. A presença feminina continuava concentrada nos setores tradicionalmente ocupados por mulheres: a maior parte, 29,8% ou cerca de 8 milhões, na prestação de serviços, 6 milhões na agricultura, 4,5 milhões nas atividades sociais e aproximadamente 3,5 milhões no comércio, segundo dados do IBGE. A indústria empregava 2,5 milhões de trabalhadoras. Em relação à ocupação, 59,1% das mulheres eram assalariadas do setor público e privado. Dos 16 milhões de assalariadas, cerca de 4,8 milhões eram trabalhadoras domésticas, representando cerca de 30% do trabalho assalariado ou quase 17% da ocupação das mulheres. Encontravam-se trabalhando por conta própria 16,6% mulheres e 13% trabalhavam sem remuneração financeira. Nas atividades de subsistência,

¹⁸³ Em recente estudo elaborado pelo IPEA (Fundação Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), órgão subordinado à Secretaria de Estado de Planejamento e Avaliação do Ministério da Fazenda, este evidenciou que a pobreza no Brasil é passível de ser erradicada, se houver transferência de renda que retire 8% dos rendimentos dos 10% mais ricos do país ou 5% dos 40% mais ricos. Para o diretor, Ricardo P.Barros, do ponto de vista técnico, os recursos estão disponíveis, mas a implantação de um programa depende das condições políticas para obter sua aprovação. Publicado no Caderno Brasil, p.1-15, jornal *Folha de São Paulo*, 13/06/99.

¹⁸⁴ A análise de José Márcio Camargo está em .BRUSCHINI C. Trabalho das Mulheres no Brasil: continuidades e mudanças no período de 1985-1995. In: *Cadernos da Fundação Carlos Chagas*, São Paulo: FCC, 1998.

permaneciam 9% de trabalhadoras, produzindo para seu próprio consumo, sem estarem incorporadas ao mercado de trabalho, formal ou informal. Somente 1,9% das mulheres eram empregadoras¹⁸⁶.

Embora as taxas de desemprego venham apresentando crescimento acentuado para ambos os sexos, com elevação mais intensa para os homens, dados da PED (Pesquisa de Emprego e Desemprego), relativos às regiões metropolitanas de São Paulo, Distrito Federal, Porto Alegre e Curitiba, demonstram que o desemprego feminino permanece maior. Esses dados mostram que os vínculos empregatícios das mulheres são mais frágeis e as condições de trabalho mais desfavoráveis que as dos homens. É importante destacar que, embora os estudos nesta área revelem que a tendência à precarização do trabalho está afetando de forma negativa a ambos os sexos, a maior inserção feminina no setor informal favorece maiores perdas para as mulheres. Bruschini avalia que isso ocorre porque o próprio tamanho do mercado informal parece estar restringindo suas atividades à medida que os homens, expulsos do formal, estão ocupando esse espaço.

Além disso, dados do IBGE, analisados pelo DIEESE, mostram que em 1995, 54% das mulheres assalariadas, excluídas as funcionárias públicas e militares, trabalhavam sem carteira de trabalho assinada. Nesse grupo, encontravam-se as empregadas domésticas, das quais somente 2,7% tinham registro em carteira. As informações da PED-SP apresentam semelhanças: somente 39% das mulheres trabalhavam com carteira assinada ou como funcionárias públicas, enquanto 61% dos homens estavam nesta condição.

No que tange à situação salarial, as análises do DIEESE também constataram que, independentemente da situação, as mulheres ganham menos que os homens. Em 1996, trabalhadoras do setor de serviços tinham remuneração média de R\$ 721,00, equivalendo a 70% dos rendimentos dos homens que era de R\$ 1.042,00. Na indústria, as diferenças são ainda maiores tendo o salário das mulheres a equivalência média de 56% do valor real pago aos homens. Na média geral, os rendimentos das trabalhadoras estão na faixa de R\$ 585,00, quase 60% dos R\$ 995,00 pagos aos homens na Grande São Paulo. O quadro a seguir mostra essa diferença salarial.

¹⁸⁵ Para o entendimento do período serão utilizadas algumas análises de BRUSCHINI, C. Trabalho das Mulheres no Brasil. Op. Cit.

¹⁸⁶ Dados coletados pelo DIEESE, publicado na Pesquisa DIEESE n.º 13, *Equidade de Gênero nas negociações coletivas – Cláusulas relativas ao trabalho da mulher no Brasil*. São Paulo: DIEESE, nov/97.

**Rendimento Médio Real dos Ocupados por Posição na Ocupação
Região Metropolitana de São Paulo – 1996**

Posição na Ocupação	Rendimentos em R\$		Relação Homem/Mulher (%)
	Mulheres	Homens	
Inserções formais	712	973	37
Setor privado – com carteira assinada	661	926	40
Setor público	855	1.304	53
Inserções precárias	415	746	80
Assalariado – sem carteira assinada	372	534	44
Autônomo que trabalha para empresa	518	1.024	98
Autônomo que trabalha para público	396	768	94
Empregador	1.616	2.458	52
Empregados Domésticos	276	Nd	Nd
Mensalista – com carteira assinada	330	Nd	Nd
Diarista – sem carteira assinada	254	Nd	Nd

Fonte: DIEESE /SEADE. PED/SP Pesquisa de emprego e desemprego

Obs.: a) Inflator utilizado: ICV do DIEESE. Valores em reais de dezembro de 1996.

b) nd: a amostra não comporta desagregação para esta categoria

c) Serviços domésticos são aqueles prestados a famílias e domicílios (inclusive jardinagem, segurança, condução de veículos).

Apesar das conquistas das últimas décadas, as mulheres, além de ganhar menos que os homens, ocupam lugares menos privilegiados na economia e têm condições de trabalho mais precárias. Em todas as situações, para atingir o ganho salarial masculino, precisam estudar mais. As informações do DIEESE indicam que completando o 2º grau, atingem em média, a remuneração de R\$ 4,00 a hora, a mesma quantia percebida pelos homens com o 1º grau completo.

Em relação à posição ocupada pelas trabalhadoras em 1996, somente 13% exerciam funções de direção e planejamento na região metropolitana de São Paulo, com os homens recebendo 60% a mais que as mulheres nestes postos. No que tange às demais trabalhadoras, 27% encontravam-se nas atividades de apoio (como serviços de escritório e serviços gerais) e a maior parte, 60%, estava trabalhando nas atividades de execução. Ocupando estes postos, recebiam R\$ 429,00 e os homens R\$ 728,00, significando que estes percebiam 70% a mais. Nas atividades de apoio aconteciam as menores diferenças, 20% entre os R\$ 516,00 das mulheres e os R\$ 617,00 dos homens.

Essas diferenças, como declara o DIEESE, são as mais visíveis e mensuráveis, apesar de nem sempre serem reconhecidas na sociedade. Entretanto, outros problemas menos visíveis ou passíveis de serem mensuráveis também estão presentes como os relacionados às relações de trabalho na interseção com a vida doméstica, a falta de infra-estrutura pública, a discriminação contra a trabalhadora e a segregação ocupacional. Estes fatores conjugados dificultam e criam impedimentos, exigindo esforço adicional das mulheres para manterem o emprego.

As narrativas das entrevistadas confirmam a relativa permanência dessas situações, mesmo para mulheres que fazem parte de um segmento mais privilegiado na sociedade pelo grau de instrução e pela classe a que pertencem:

“É um acúmulo muito grande, as conquistas que fizemos estão juntas com o ranço que caminha conosco. O parceiro pode ajudar ou não. Sinto que não tem uma mudança radical, vivemos em um momento de crise, em que convivem as continuidades e as mudanças. Continuidades do que trazemos da época de nossas mães, dessa divisão de tarefas em que o marido se encarrega mais do dinheiro e que é uma mentira. Eu vejo pela minha casa, ganhamos praticamente o mesmo salário e, durante anos, tive que sustentar a casa. É uma inverdade, mas ainda existe o modelão, um modelo vazio, mas que sobrevive. É uma situação de ficção científica, porque, na verdade, outras coisas aconteceram.

Não somos como nossas mães, mas trazemos alguma coisa de lá e que aponta para outra, mas não chegamos nessa ainda. Acho que é o momento desse tempo meio caótico em que temos todas essas informações diferentes convivendo, umas interferindo nas outras e não é à toa que vira e mexe entramos em crise, dá uma exaustão! Não queremos abrir mão das conquistas. Eu, por exemplo, por mais que em alguns momentos fique chateada com a situação, não vou deixar de trabalhar. Não vou abrir mão do que conquistei a duras penas”. (Depoimento de Teresa Lobo)

“É muito simples a minha percepção porque não estudo sobre isso [gênero], mas acho que hoje temos muito mais uma preocupação de tentar trazer para o ambiente feminino esse homem, resgatar valores femininos nele e sensibilizá-lo para o espaço que conquistamos, mostrando que dependemos dele também para criar uma sociedade melhor, mais igual. Acho que estamos conseguindo isso dentro de casa e menos no trabalho, porque falta conseguir os aspectos ligados a salário, a projeção do que fazemos, falamos. Às vezes no ambiente de trabalho as pessoas até acham isso, mas na hora de projetar isso muitas vezes sai à frente um assessor e perdemos espaço.

Ocupamos menos cargos de mando e acabamos ficando numa posição mais de execução”. (Depoimento de Laura)

“Vejo muitas vezes as mulheres falando que na questão do trabalho, sempre são prejudicadas em relação aos homens e que ganham menos por isso. Como sou autônoma e ganho pelo meu trabalho, não vivo muito isso. Não sinto preconceito dos clientes comigo por ser mulher. Até hoje só tive um cliente que fez isso, era uma investigação de paternidade e ele quis um homem. Acho até que os clientes preferem a mulher como advogada, porque ela é muitas vezes mais responsável, se preocupa mais com o caso do que o homem.

Na TV Bandeirantes eu vivi isso [discriminação por sexo] devido aos donos que eram machistas e levavam esse pensamento para a empresa deles. Muitas vezes, queriam que um homem atendesse e não podia ser eu por ser mulher. Lá tinha essa diferença, mas no meu escritório não. No estágio eles preferiam mulher, porque consideravam a mulher mais responsável. Os rapazes iam para o Fórum e paravam no bar para conversar e as mulheres não, iam direto para o escritório. Já formada, os chefes pediam para escolher mulher, tinham essa preferência. Mas não vi diferenciação entre os advogados, era tudo igual”. (Depoimento de Carol)

“Eu tive notícias de discriminação da mulher no mercado de trabalho, mas particularmente não vivi isso, por uma sorte absurda que tive. Quando engravidei do meu filho, tinha acabado o trabalho na Secretaria de Cultura [final do governo de Erundina] e, como era um cargo de confiança, tive que entregar o cargo. Não pensava em fazer diferente, estava trabalhando para aquela gestão. Fiquei desempregada e fui contratada com cinco meses de gravidez na Câmara Municipal [São Paulo].

Quando engravidei da minha filha, estava desempregada. Tinha entrado no mestrado, mas a bolsa não havia saído ainda. Estávamos vivendo uma situação financeira difícil e eu queria trabalhar. Abriu um concurso para o SESC, num processo que demorou oito meses e quando os selecionadores me viram na terceira etapa já estava com barriga. Achei que não me chamariam, mas me chamaram e passei em segundo lugar. Não fiquei porque o horário era muito puxado.

Tive essa sorte, mas sei que é uma exceção, sobretudo quando a mulher está grávida. Tem discriminação mesmo, vejo amigas que sofreram com isso, tenho uma amiga que está vivendo isso, consegue

*trabalho, mas quando sabem que ela tem filho pequeno dispensam.
Quanto a salários, não sei se existe tanto ainda [discriminação],
não passei por isso e não sei de relatos. Eu ganho tanto quanto os
homens que exercem a mesma função que eu, tanto como professora,
como no Museu da Pessoa e em outros cargos que exerci”.*
(Depoimento de **Ruth**)

As experiências de vida dessas trabalhadoras vão delineando um momento meio “caótico”, como relata Teresa Lobo, em que permanências e continuidades de valores estão convivendo lado a lado na vida de muitas mulheres. Há sobrecarga de tarefas para a mulher, que passou a ter que conciliar as atividades da casa e os filhos com o trabalho fora, com pouca ou nenhuma participação dos homens. Mas, tanto o fato de os homens não assumirem as tarefas domésticas e os cuidados com os filhos como a incorporação por parte das mulheres de que são elas as responsáveis por todas estas funções, estão diretamente ligados à socialização na família, às heranças materna e paterna, como bem lembra Teresa¹⁸⁷.

Teresa também destaca não ser verdade a afirmativa de que os homens são os responsáveis principais pelo provimento da família. De fato, nas últimas décadas principalmente, esse “modelo” vem perdendo força com o maior ingresso feminino no mercado de trabalho, mas também devido ao agravamento do desemprego, que ocasionou uma mudança forçada nos papéis familiares. Por isso, é significativa sua fala ao avaliar a situação e as mudanças que se produzem: *“não vou abrir mão do que conquistei a duras penas”*. As mulheres, de forma geral, não aceitam mais perder o espaço conquistado, porém, o preço que pagam por essa escolha tem sido bem alto pelo desgaste físico e emocional que enfrentam.

Laura indica uma possível saída para o impasse da dupla jornada: *“trazer o homem para o ambiente feminino”*, resgatando com ele os *“valores femininos”*, sensibilizando-o para o espaço que as mulheres conquistaram. Para ela, os problemas que envolvem o cotidiano feminino na esfera doméstica existem, mas não chegam a ser comparáveis com o maior problema que as mulheres enfrentam: o mercado de trabalho. Para ela, a alternativa neste espaço é tornar visível o trabalho feminino.

Carol é profissional liberal autônoma e leciona e provavelmente por isso não sente tanto a discriminação no mercado de trabalho já que, nestes espaços, os problemas que a mulher enfrenta têm sido menores. Destaca que os clientes preferem as mulheres na relação de

¹⁸⁷ Dados do PNUD/ONU- Programa das Nações Unidas p/o desenvolvimento, 1995, de 31 países mostram que enquanto os homens consomem 66% de seu tempo em atividades remuneradas e 34% em não-pagas, as mulheres gastam 66% do seu tempo em atividades não-remuneradas. A maior parte do trabalho das mulheres continua assim não-reconhecida e não-valorizada. Fonte: *Mulheres em Dados*, nº8, Fundação SEADE, out/97.

trabalho, por considerarem que são mais responsáveis, preocupadas e sensíveis. Esta mesma exigência vai existir na priorização de estagiárias, vistas como mais responsáveis, fato também confirmado por outras entrevistadas que supervisionam estágios. É importante observar esse aspecto de forma mais atenta, pois essa valorização de características femininas no mundo do trabalho hoje, é ressaltada em alguns estudos e confirmada em pesquisas voltadas para a seleção de profissionais. Negri considera que isso é uma novidade qualitativa, pois não é a *“feminização”* do *“trabalho masculino”*, mas o *“tornar-se mulher”* do trabalho em geral; não é que as mulheres estejam tomando os lugares dos homens, mas na produção contemporânea e nas formas eminentes de sua organização, trabalhar conjuga-se antes no feminino do que no masculino.

Negri destaca que, na organização pós-fordista do trabalho e da sociedade produtiva pós-moderna, a produção da riqueza depende cada vez mais da produção de conhecimentos, a produção de conhecimentos, da produção da subjetividade e esta, cada vez mais da reprodução social de processos vitais ricos em relações intelectuais e valores afetivos. Desta maneira, hoje, a sociedade mais rica e produtiva é aquela que consegue pôr no trabalho o mais rico e produtivo intercâmbio social e a mais rica e produtiva geração de subjetividade. No centro da reprodução social da vida, como afirma Negri, estão as mulheres, aquelas que são responsáveis, enquanto mães, por educar para os valores da vida relacional e afetiva, as mesmas que organizam os serviços da vida social.¹⁸⁸

Várias pesquisas vêm mostrando essa nova exigência no mundo do trabalho, o que não significa necessariamente a preferência por contratação de mulheres, mas sim que há uma maior valorização de determinadas características tidas como femininas neste espaço. O grupo Catho, empresa de São Paulo especializada em recrutamento de executivos, realizou um levantamento em 1.139 empresas, posicionadas entre as maiores de suas áreas no país, que informaram que, ao contratar, preferem candidatos que demonstrem algumas características femininas consideradas bem-vindas no mercado.

Também a multinacional Arthur Andersen, empresa de consultoria e planejamento, listou as principais características profissionais que diferenciam homens e mulheres. Três condutas femininas mais valorizadas se destacam orientando os recrutadores na hora de selecionar,

inclusive os homens: saber trabalhar em equipe, fazer planejamento de longo prazo e preocupar-se com detalhes¹⁸⁹.

No caso de Ruth, sua trajetória no mundo do trabalho tem ocorrido em empregos que estão inseridos na área pública e nos serviços sociais e nessas áreas todos os estudos indicam haver menor discriminação contra a mulher, se comparadas a outras, embora também estejam presentes, em maior ou menor grau, dificuldades de ascensão profissional, condições ambientais e de saúde adversas e o trabalho repetitivo e penoso. O ambiente e a relação de trabalho para as mulheres têm-se constituído em muitos locais em espaço de discriminação explícita ou implícita na contratação de trabalhadoras casadas, gestantes e com filhos, nas exigências de exames de gravidez antes da contratação; nos abusos e/ou discriminação por parte de chefias, encarregados e outros; no assédio sexual; nas punições por faltas e atrasos para o cuidados dos filhos, entre outras problemáticas.

Aspecto significativo que contribui para a dificuldade de percepção da discriminação das trabalhadoras, é o fato dos segmentos médios femininos intelectualizados apresentarem maior concentração em profissões liberais, exercendo funções, em sua maioria, como autônomas, funcionárias públicas e docentes. Nestas atividades, a discriminação é menos visível. Entretanto, o maior ingresso das mulheres na área pública e na docência não pode ser avaliado como positivo, já que essas duas áreas têm sido historicamente depreciadas pela política governamental, com a queda gradativa do valor dos salários e a desvalorização da profissão. Bruschini, analisando dados do Ministério do Trabalho, avalia que é possível afirmar que os chamados “*guetos femininos*”, ocupações com mais de 50% de mulheres, permaneceram praticamente sem alteração no período de 1988 a 1992. O quadro a seguir descreve essa situação.

Ocupações com maior representatividade de mulheres*
Brasil, 1988/1992

Grupo ocupacional	1992 %	1988 %
Costureiro	93,8	93,7
Professor pré-escola	93,6	-
Professor 1º. Grau	89,0	89,6
Secretário	88,7	89,2

¹⁸⁸ Antonio Negri é cientista social italiano. Escreve artigos na seção “Autores” no Caderno Mais! “A feminização do trabalho”, Caderno Mais! Jornal *Folha de São Paulo*, junho/98, p.5-3.

¹⁸⁹ Revista VEJA on line: *O lado mulher no negócios*. São Paulo: Abril, 29/08/99, version from Internet: http://www.2.uol.com.br/veja/240299/p_078.html.

Telefonista/telegrafista	87,7	86,3
Enfermeiro**	86,6	-
Pessoal de enfermagem	85,5	84,3
Recepcionista	81,3	80,6
Lavadeira/tintureiro	72,8	-
Professor 2º. Grau	70,4	72,4
Datilografia/estenografia	-	67,9
Cozinheiro	68,4	65,9
Trabalhador serventia	66,5	65,2
Auxiliar de contabilidade/caixa	62,2	58,6
Trabalhador conservação edifícios	60,5	59,5
Agente administrativo	58,6	54,8
Funcionário público superior	58,3	63,0
Fiandeiro	57,7	59,1
Auxiliar de escritório	53,4	51,0
Trabalhador em calçados	49,9	49,2

Fonte: Mtb, anuário RAIS, 1988 e 1992, tab. 1.12. In: Bruschini, C. Trabalho das mulheres no Brasil.

* Ocupações com mais de 50% de mulheres, ordenadas a partir de 1992

** Nível superior

As ocupações de costureira, professora de pré-escola e de 1º grau, secretária, telefonista/telegrafista, enfermeira de nível superior e pessoal de enfermagem em geral, recepcionista, lavadeira/tintureira, professora de 2º grau apresentam taxas elevadas de composição feminina, com percentagens variando entre 94% e 70%. Mas, como esclarece Bruschini, as menores oportunidades de trabalho e a segregação das mulheres em espaços tradicionalmente femininos favorecem a baixa qualidade do emprego feminino, apesar de ter havido mudanças nas últimas décadas em áreas como a financeira e bancária, em postos de comando em empresas estatais, em algumas profissões de prestígio, como a magistratura e a medicina e em algumas ocupações científicas e de supervisão e chefia¹⁹⁰. Contudo, parece que as mulheres que conseguem se destacar no campo profissional são as que, de alguma maneira, abdicaram um pouco da casa e da assistência aos filhos. O depoimento de Laura contribui para a reflexão dessas dificuldades.

“Com relação ao mercado de trabalho, acho que as mulheres conquistaram um espaço bom, mas, infelizmente, a maioria das que são valorizadas são as que abdicaram um pouco da casa. Não sei se de ser mãe, mas é assim, quanto mais você está disponível para o trabalho, mais vai ganhar. Isso não dá para conciliar com uma pessoa que goste da casa. Por exemplo, têm boas executivas que trabalham e são mães, mas elas têm um staff muito grande trabalhando em casa. Eu nem questiono isso, mas não me vejo nessa situação. Mas significa que temos que abrir mão de algumas coisas para conquistar esse lugar. Não é entendido pelo corpo gerencial ou pelo corpo de

¹⁹⁰ BRUSCHINI, C. Trabalho das Mulheres no Brasil, op. Cit.

trabalho que a mulher deveria ter horário para ficar em casa, assim como o homem deveria ter.

Por mais que tenhamos levantado bandeiras, tem o outro lado que curtimos. Conseguimos um espaço muito bom, mas a equiparação salarial ainda não é tão boa, temos que fazer mais coisas para conseguir o salário que os homens têm e nos dedicar muito mais que eles. Tanto é que têm muitas executivas, mas o que se observa é que ou elas não são mães ou que têm conseguido essa posição porque têm um salário que permite que mantenham em casa uma estrutura que dê conta, abrindo mão do papel de ser mãe mais efetivo. Como acontece com o Júlio [marido], que tem muito afazeres, e acaba não curtindo [os filhos] tanto e isso incomoda ele.

Então, para a mulher conseguir isso tem que se equiparar a esse padrão do homem, senão não consegue bons cargos. Para eu amamentar paro duas vezes no meu trabalho, uma pela manhã e outra à tarde. Se eu não tivesse essa disponibilidade, minha filha não ia mais mamar, porque voltei a trabalhar. Isso é uma coisa humana, uma necessidade fisiológica que eu tenho que fazer e as pessoas têm que ser perceptíveis a isso. Eu estou abrindo mão de fazer alguma coisa para amamentar e às vezes as pessoas não entendem. Não se encara como um papel social, é uma responsabilidade tida como sendo só da mulher que tem que se virar, porque foi ela quem escolheu ser mãe”.

Uma maneira de melhorar essas condições de trabalho e a remuneração das mulheres é, como defende o DIEESE, através da negociação coletiva, por onde se fixam condições de acesso, remuneração e exercício do trabalho, podendo contribuir significativamente para a equidade. Esse seria mais um instrumento da implementação de ações afirmativas, que são condições especiais estabelecidas para *“promover a emancipação, autonomia e igualdade de condições para um determinado grupo social reconhecidamente em desvantagem”*¹⁹¹.

O movimento de mulheres, muito embora pulverizado hoje em diversas ONGs e algumas entidades governamentais, tem procurado influir nessa problemática. Mas, sem dúvida, são as mulheres que participam das centrais sindicais, sindicatos¹⁹² e institutos de pesquisa, como o DIEESE e a Fundação SEADE, que nesta área, têm-se dedicado mais a estudos sobre a situação da trabalhadora, planejando estratégias que objetivam garantir seus direitos na implantação de ações afirmativas. Esse cenário, entretanto, repercute de modo desigual na população feminina, já que, nos segmentos médios intelectualizados, há uma relativa igualdade no acesso ao mercado de trabalho e na permanência nele.

¹⁹¹ Dados coletados pelo DIEESE, publicado na Pesquisa DIEESE n.º 13, *Equidade de Gênero nas negociações coletivas – Cláusulas relativas ao trabalho da mulher no Brasil*. São Paulo: DIEESE, nov/97.

¹⁹² A participação feminina no ambiente sindical ainda é pequena e dois fatores influem nessa situação: um reporta-se às dificuldades que as trabalhadoras enfrentam por terem que acumular o trabalho com as tarefas da casa e os cuidados com os filhos, com pouca disponibilidade para participarem de outras atividades. O outro fator refere-se à

Porém, mesmo neste universo, a atual conjuntura nacional, marcada pelas sucessivas crises econômicas, tem gerado reações de insegurança e descrença em soluções a curto prazo. Nascidas e criadas durante o regime autoritário, as narradoras revelam que sua visão de mundo foi profundamente marcada por todos os acontecimentos daquele período. Pela interação com as novas redes sociais e por todo o caldo cultural que absorveram, foram produzindo uma subjetividade bem diversa de suas mães, com maior consciência política. No entanto, hoje, demonstram um profundo sentimento de impotência, frente à gravidade dos problemas.

Essas reações diferem do passado recente pois, se chegam a provocar preocupações, não foi observado neste grupo o desejo em participar de ações coletivas por mudanças. Há uma autonomização em relação aos objetos e indivíduos, levando à interiorização e penetrando também na vida cotidiana, com grande valorização da intimidade. As famílias estão mais voltadas para seu universo micro, não mais pela alienação dos fatos, ou por medo do regime autoritário, mas por opção e descrédito em ações coletivas, numa sociedade que investe intensamente em valores que se vinculam a cultura do individualismo e na qual a ideologia trabalha com a idéia do presente como dado e fixo, buscando anular toda a possibilidade de ações transformadoras.

As narrativas das entrevistadas sobre o momento atual possibilitam a compreensão de sua percepção sobre os problemas nacionais, assim como de mudanças nesse cenário.

*“Eu não participo muito de movimentos políticos da minha categoria. Acho que é uma falha minha, devia participar mais. Mas, não me sinto engajada, nem desperta para esse tipo de participação, embora tenha uma consciência crítica. Sei que os movimentos sociais são importantes, não sou reacionária. É claro que sei que tudo que vem ocorrendo interfere muito nas nossas vidas. A cada dia está ficando mais difícil. Dá para sentir concretamente as modificações nas relações de trabalho e tudo interfere”. (Depoimento de **Gabriela**)*

“O que vem acontecendo no país interfere muito na minha vida. Moro em um bairro pobre e, para chegar a minha casa, passo por um lugar que é ponto de crack. Tem muitos mendigos na rua, traficantes que pegam a criançada. Impossível fechar o olho para isso, porque está do lado da minha casa. Regularmente, vejo gente mexendo no lixo para pegar comida. Não tem como fechar o olho, é muito escancarado.

O que mais me incomoda não é essa safadeza política, que me chateia, mas isso [refere-se aos bolsões de miséria na cidade]. É o que me toca mais de perto, ver crianças, adultos, idosos que estão vivendo uma situação quase impossível de sair. Já vi gente dizer:

própria resistência do movimento sindical, composto em sua maioria por homens, em aceitar a participação das mulheres e suas reivindicações.

“Está na rua quem tem preguiça de arrumar emprego”. Não acredito que uma pessoa durma na rua por preguiça. O que pode acontecer é que acaba caindo na apatia depois de muitos anos envolvida nisso.

Sei pela minha casa, inúmeras vezes nos últimos anos meu marido foi despedido. Tem escolaridade e viveu uma dificuldade imensa para arrumar emprego. Então, pode haver um caso ou outro de pessoas com má vontade para trabalhar, mas, vivemos um momento em que há uma grande miséria mesmo.

A forma que venho atuando é através do meu envolvimento com uma coreógrafa que continua a fazer o trabalho que eu fazia antigamente. Ela dá aulas para crianças da Febem e na periferia da cidade e dou supervisão para ela nisso e para vários alunos do curso [de dança] na PUC que trabalham neste projeto. É o que tenho feito e é um trabalho difícil...” (Depoimento de Teresa Lobo)

“Do ponto de vista político, hoje, vejo que está muito ruim, porque está muito parado, principalmente com as alianças que estão se formando no quadro político. O quadro social também está ruim, porque o nível de desemprego está alto. Os indicadores mostram que melhorou um pouquinho no último trimestre, mas o lado social vem sendo muito negligenciado politicamente. A questão da globalização pegou de tal forma, que está abafando muito os conflitos.

Não vejo uma condução muito certa do ponto de vista social e nem um movimento político orquestrado para mudar esse quadro. A esquerda também parece não estar tão próxima, como víamos na década de 80, quando queria reformas e tal. As reformas estão vindo à galope e em função de um padrão de desenvolvimento fajuto, porque não temos desenvolvimento nenhum. Ele está mais em termos de abertura econômica, do que voltado para a especificidade do Brasil.

Isso reflete na minha vida pessoal, em como estamos tentando educar nosso filho. Meu pai se preocupava mais em dar uma escolaridade básica, não era preciso que eu fosse o “supra-sumo” para ter um lugar ao sol. Tendo uma boa formação e fazendo uma boa faculdade, ele sabia que podia ficar tranquilo, que estaríamos bem. Hoje não, a situação é tão acirrada que preciso dar o melhor, do melhor, do melhor, para meu filho ter um lugar ao sol e sobre qualquer outra pessoa.

Ao mesmo tempo, fico amargurada de ver que estou fazendo pouca coisa para reverter isso. Não sei, será que eu posso fazer alguma coisa? Nesse momento não, porque estou precisando administrar a minha vida, mas será que hoje posso participar tanto quanto participei no passado? Acho que é diferente, naquela época era uma ação social e política e agora é uma coisa de fome, é carência, é uma necessidade mais sólida. As pessoas estão passando fome, não têm teto, perderam sua dignidade, auto-estima e isso não reverte. Acaba refletindo no que eu penso para a formação dos meus filhos, mas não me conforta, me incomoda muito”. (Depoimento de Laura)

“Acho que hoje a nossa vida está bem mais difícil do que há algum tempo atrás. Tudo que vem afetando economicamente as empresas acaba nos afetando, porque muitos trabalhos que fazemos

acabamos por não receber. Esse mês a maior parte dos nossos clientes não pagou os honorários, então afeta.

Eu tenho uma preocupação com o social, mas me sinto impotente para estar fazendo alguma coisa, além do que já faço. Ajudo algumas pessoas e as crianças da creche. Mas, não sei o que poderia estar fazendo para ajudar a sociedade como um todo. Talvez não tenhamos tido oportunidade ou tempo para pensar em outras coisas. Porque as coisas que tenho que dar conta na minha vida já são muitas, não me sobra tempo para pensar no que mais poderia fazer, frente essa realidade que está aí. Tenho os filhos, o escritório, as aulas e a tese e tenho que me preocupar com tudo isso. (Depoimento de Carol)

“Aquela pessoa que eu era nas décadas de sessenta a oitenta, meio por fora do mundo, hoje mudou. Me sinto dentro demais, muito preocupada com a política que vivemos, com a falta de qualidade de vida, enfim, um mundo muito ruim. Às vezes, nem gosto de ler o jornal, porque fico pensando: ‘que mundo espera por minhas filhas?’

As instituições que temos, por exemplo, como é que elas vão acreditar na ética, na moral? É tudo tão esfacelado, tão de qualquer jeito, tão banalizado! A violência, a miséria, são banalizadas. Uma pessoa é assaltada ali e você conta isso como se fosse a coisa mais comum do mundo, já não traz nenhuma surpresa. A justiça não funciona. Há uma falta de super ego nacional, que defina um pouco as coisas, que ponha uma lei e isso me deixa muito aflita, interfere na minha vida e na minha família.

“A cada dia, quando vou dormir e estão todos em casa, tenho uma sensação muito interessante. Eu penso: “Pronto, mais um dia em que está todo mundo em casa”. Parece que vivo uma guerra civil! Não sei se vai cair uma bomba aqui amanhã e estarão todos vivos. É um sentimento que desde criança eu não experimento na minha vida, de insegurança, intrusão. Você não tem onde recorrer, por quem chamar num momento desses, porque nada funciona direito.

A falta de justiça é algo que mexe muito comigo e termino, por um sistema de compensação, tentando, dentro de casa, ser o mais coerente possível com minhas filhas e com a vida que levo. Eu penso: ‘Não, pelo menos essa instituição família pode dar algum valor mais sólido, até para poder conviver com o que está aí’. Para poder dizer: ‘Lá fora é uma m..., mas eu carrego alguma coisa mais sólida aqui dentro, que me faz ver que vale a pena, que posso continuar fazendo’. (Depoimento de Bárbara Ramos)

“Me preocupo muito com a situação atual, porque, se a perspectiva de futuro para nós já está difícil, imagina o que me preocupa em relação aos meus filhos! Não sei o que vai ser de mim daqui há um ano! Nesse mundo totalmente desterritorializado, as referências estão mudando, existe essa coisa do não-trabalho, desemprego. Me preocupo se vai haver trabalho, como vão ganhar a vida financeiramente. Será que eles vão conseguir viabilizar esse outro jeito? Tenho medo de um futuro que não sei o que vai ser. Mas, fico pensando que, enquanto eu for viva, estou tomando conta, dando um jeito. Meu medo é de morrer sem saber como vai ser o futuro

deles em termos materiais.

A transformação disso não se dá no plano macro, mas no seu cotidiano, como você é como cidadão, como procede. Eu acredito mais nessas estruturas menores, em como você é na sua casa, com seu filho, com seus amigos, alunos. Se as pessoas agirem assim, a estrutura tende a ser outra. Acho que esse cenário já está mudando um pouco. Se pegarmos a política nacional vemos que já ocorrem mudanças. As pessoas não aceitam mais as coisas como antes e a tendência é aceitar cada vez menos". (Depoimento de Ruth)

Algumas frases são reveladoras dos sentimentos de insegurança e perplexidade que hoje perpassam amplos setores da sociedade: *"Parece que vivo uma guerra civil. Que mundo espera por minhas filhas?" "Não sei o que vai ser de mim daqui há um ano!"* São frases recorrentes, ouvidas hoje em centenas de locais, pelo país afora. As entrevistadas conhecem a situação de miséria e exclusão a que estão submetidos amplos segmentos sociais, temem o crescimento da violência e se mostram atônitas diante da banalização da pobreza e da violência. Conheceram pessoas que passam ou passaram pelo desemprego, convivem com drogados e miseráveis e sabem que tudo isso repercute em suas vidas. Como afirma Teresa Lobo: *"não tem como fechar o olho, é muito escancarado!"*.

São descrentes do Estado como capaz de dar conta dos problemas sociais e econômicos atuais. *"Falta super ego nacional"*, afirma Bárbara Ramos. Sentindo-se inseguras, revelam-se impotentes para intervir neste contexto. Algumas participam por meio de projetos que estimulam a arte, outras apoiam projetos assistenciais, mas todas buscam refúgio na família, como evidencia a fala de Ruth: *"Eu acredito mais nas estruturas menores"*. É pelo micro que todas se posicionam, na tentativa de preservar o grupo mais próximo. Laura e Carol justificam a não participação pelo cotidiano estressante de suas vidas: *"Estou precisando administrar minha vida. As coisas que tenho que dar conta na minha vida já são muitas"*. Gabriela enfatiza conhecer a realidade, para que não a julguem alienada por não participar dos movimentos sociais: *"Sei que os movimentos sociais são importantes, não sou reacionária"*.

Pode-se dizer que essas opções compõem parte do estilo de vida de muitas famílias dos segmentos médios brasileiros hoje que, diante da crise "eterna" do presente, sentem-se incapazes, desenvolvendo uma atitude cética generalizada diante de projetos mais politizados. Há uma percepção de que existem interesses individuais que são distintos das preocupações com a sociedade e a política e que é legítimo, válido e correto abrir espaço para esses interesses. Manifestam, desse modo, a valorização do espaço privado, em detrimento do espaço público. O desencanto diante do domínio público está nitidamente relacionado com a sensação

de impotência, face a experiências adquiridas na trajetória política dessas narradoras.

Entretanto, todas as entrevistadas destacaram a preocupação com o momento político e, se este fato não significa militância nem engajamento em movimentos, pelo menos revela um certo tipo de atenção, pelo grau de consciência que alcançaram e pela preocupação com a instabilidade institucional, convivendo, de forma contraditória, com o desinteresse ou desligamento da política.

Estudando a mesma geração, pertencente a este segmento, Velho também verificou manifestações semelhantes considerando que, para esse universo, o espaço privado passa a ser o domínio da realidade, local onde a ação pode engendrar resultados significativos para a vida desses sujeitos. A política e seus correlatos aparecem como dimensão remota, muitas vezes, com conotações negativas, eventualmente opostas aos projetos de realização e felicidade individuais. Para ele, é nesses termos que, *“de fato, estamos lidando com um universo tipicamente portador de uma ideologia individualista, em que o indivíduo biológico é a unidade mínima e básica em termos de significado e valor”*¹⁹³.

Desse modo entende que, o afastamento e o desinteresse pela *res pública* é produto da experiência que esta geração viveu, a partir de decepções e frustrações no período do regime autoritário, resultando em uma opção deliberada e assumida por ideologias individualistas, onde o privado desbanca o público. Chama a atenção, contudo, para os cuidados que se deve tomar ao analisar o interesse individual deste grupo, que não pode ser visto como essencialmente pragmático, utilitarista, já que há uma forte valorização dos laços afetivos, da importância da vida particular e amorosa.

No grupo estudado, o projeto individual se corporifica através da família de constituição, a partir do casamento e dos filhos, quando os planos e objetivos a longo prazo ganham uma dimensão de continuidade temporal que, de certo modo, vai além de sua própria existência pessoal. As narrativas sobre como vivem o lazer, mostra a importância da família nuclear para este grupo.

“Com relação a lazer, fazemos tudo junto, porque não tem com quem deixar as crianças, então temos que levar elas. Não sei se é porque nos acostumamos, mas no fim achamos até divertido, embora os programas tenham que ser os possíveis. Por exemplo, cinema e teatro é difícil, temos que fazer coisas que permitam elas

¹⁹³ VELHO, G. *Subjetividade e sociedade. Uma experiência de geração*, 2ª edição, Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1986, p.86-90.

estarem. Antes eu me angustiava com isso, mas hoje sinto que é uma fase da nossa vida, vai passar. Daqui a algum tempo elas vão estar se virando sozinhas e nós vamos poder ter a nossa vida em comum. Não me angustia mais, eu me sinto plantando para colher". (Depoimento de Gabriela)

"Conciliar estudo, trabalho, lazer e família não dá. A meu ver é uma crise constante, sem solução. Eu não dou conta de fazer tudo que acho que precisa para as crianças, mas também sinto que eles sempre vão pedir mais e não vou dar conta nunca. Procuro suprir coisas que considero extremamente importantes e abro mão de outras. Por exemplo, não fico sempre com eles, mas quando fico procuro conversar bastante, saber o que está acontecendo, porque nessa fase [adolescência], não tem mais aquela história de dar comida, trocar a roupa e acho que o que é fundamental é a conversa. Converso bastante com eles, com os amigos deles. Estudo um pouco com eles também.

Amizade, lazer é uma coisa raríssima na minha vida. Tenho uma amiga que hoje nem mora mais em São Paulo, nos comunicamos por e-mail, telefone. Tem a minha irmã, que é muito amiga minha, mas também mora longe. Encontrar com os amigos, ficar sem fazer nada é raríssimo na minha vida, quase impossível. Cinema é outra coisa, já é uma obrigação de família! [refere-se a sua história familiar que foi marcada pelo cinema]. Barzinho impossível, muito raro, mesmo morando no Bexiga.

Faço questão, de vez em quando, de fazer algo com a criançada, comer fora, levar em algum lugar que estão com vontade ou a assistirem um filme. Para mim mesma, sair com meus amigos é muito difícil. Hoje acho até que perdi um monte de amigos, porque as pessoas se enchem, você não procura nunca, não tem tempo para nada. Tem uma coisa de culpa também, porque eu já trabalho e fico muito tempo fora de casa e o pouco tempo que tenho fico com eles e com meu marido. É muito difícil tomar uma atitude de sair sozinha com uma amiga, por exemplo. Sair só com meu marido é difícil também". (Depoimento de Teresa Lobo)

"Antes de engravidar dessa minha filha, eu e o Júlio costumávamos fazer caminhadas, eu fazia ginástica e todo ano viajávamos para a Bahia, mas hoje isso mudou. Nunca fomos de ir a barzinhos, sempre fomos muito de casa. Adoramos receber, sempre convidamos amigos para vir aqui em casa. Quando podemos vamos ao cinema, ao teatro bem menos. O Júlio gosta de ir a concertos e quando íamos deixávamos nosso filho com minha mãe ou a empregada que está conosco há muito tempo Mas, faz muito tempo que não fazemos isso, desde que nasceu a nossa filha. É muito difícil porque é muito recente, ela é muito pequena. Sair à noite para beber ou comer não é muito nosso estilo".(Depoimento de Laura)

"...não temos uma vida com impedimentos porque casamos. Quando dá para sairmos juntos, saímos, quando não dá, eu saio sozinha e ele fica com as crianças, ou vice-versa. Na maior parte das vezes sou eu quem saio, porque ele é mais caseiro. Depois que casamos, fora a lua-de-mel, não viajamos mais a não ser para lugares

perto, mas uma viagem mais distante não, porque ele não gosta, paga para ficar em casa. Eu já sou mais de sair para cinema, teatro ou visitar algum amigo. Há uns dois anos atrás eu saía mais, via todos os filmes, mas não posso dizer que deixei de ter uma vida própria, nem por causa do meu marido e nem devido aos filhos.

Meus filhos são pequenos [quatro, seis e oito anos], mas não me privam. Quando menores, eles reclamavam mais e eu saía me sentindo culpada, hoje não reclamam tanto. Dá para conciliar a vida pública, o lazer e os filhos.

Levamos eles em todas as festinhas infantis, porque consideramos importante que eles tenham um convívio social, que façam amigos e as festinhas facilitam isso". (Depoimento de Carol)

"Lazer eu vou ao cinema, viajamos às vezes. Tiro férias longas duas vezes por ano, faço minha corrida, minha ginástica. Às vezes faço junto com ele[marido], vamos equacionando o nosso tempo.

...viajamos sempre que podemos com elas[as filhas], sempre trazemos coisas diferentes".(Depoimento de Bárbara Ramos)

Os depoimentos falam do ritmo da vida em uma metrópole como São Paulo, para um segmento que tem que lidar diariamente com um conjunto de atividades diversas, exercendo múltiplas funções, na esfera pública e no espaço familiar. Revelam também a dimensão individualizante no universo das camadas médias em relação à família extensa, com maior dedicação à família de constituição, em especial na atenção aos filhos, justificada por viverem longos períodos de afastamento destes, face às atividades que desenvolvem na vida pública. Conforme Velho,

"A ideologia do individualismo não precisa manifestar-se exclusivamente através de uma linguagem que só fale ou valorize o indivíduo biológico propriamente dito. (...), o mais importante é a relação entre o indivíduo pensado enquanto sujeito e biografia e a família nuclear tomada como indivíduo coletivo, como uma entidade individualizada. É dentro e a partir desta, portanto, que se desenvolve, as relações e dramas psicológicos e sociais mais significativos. O mundo só faz sentido e ganha significado tendo a família nuclear como referência e palco central"¹⁹⁴.

Apesar de neste universo as relações de amizade apresentarem-se mais fortes do que as relações de parentesco, esse companheirismo não chega a ser vivido plenamente, pelo próprio ritmo de vida deste grupo, embora algumas consigam preservar um espaço mínimo para si, quando desenvolvem alguma atividade na qual não incluem a família.

¹⁹⁴ VELHO, G. Individualismo e cultura. Notas p/uma Antropologia da sociedade contemporânea. 4ª ed., Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1997, p.74.

No caso de Ruth, seu ritmo de vida é tão intenso que não há sequer referência ao lazer, enquanto possibilidade no presente, embora em seus planos para o futuro considere a perspectiva de dedicar maior tempo para si.

“Vou ter que começar a me educar e buscar essa maneira[de levar a vida de forma mais tranqüila], porque chega uma hora que não dá. Não é uma religião que busco, mas algo que me faça desacelerar. A terapia pode me ajudar nessa busca. Pode ser que eu tenha herdado isso, e é aí que digo que houve falta de incentivo [dos pais] em perceber as minhas potencialidades e investir. Talvez alguma atividade artística possa me dar um eixo. Quando falo em espiritual não é exatamente religião, mas alguma coisa em que possa pôr mais minha alma, não tanto essa matéria da pessoa que realiza, viabiliza coisas, mas algo que vá trabalhar eu mesma”.

Os relatos denotam que o modo como as narradoras constroem seu cotidiano está diretamente relacionado ao estilo de vida moderno, determinado, pela própria sociedade. Impondo a si mesmas um ritmo frenético no cotidiano, não conseguem obter uma qualidade de vida plena, com mais espaço para o lazer com outros significantes além dos filhos. Esse percurso contudo, é expressão de um projeto individual que se projeta no coletivo da família, em face do qual armam suas estratégias de vida, optam e estabelecem metas. Isso não significa, desconsiderar a existência de processos sociais que condicionam e afetam indivíduos. Também não é negada a importância da cultura e sua influência decisiva na sociedade e em cada época. Mas, como afirma Velho¹⁹⁵, é fundamental perceber o caráter dinâmico do conceito cultura, enquanto expressão e criação de indivíduos interagindo e optando.

A modernidade vai colocando o indivíduo diante de uma multiplicidade de escolhas e essas práticas requerem planos, meios de preparar o curso das ações futuras. Para dar sentido ao estilo de vida, é que ele vai planejar sua vida constantemente. De forma oposta à vida de suas mães, para as quais o projeto de vida pessoal estabilizava-se no casamento e na maternidade, as narradoras permanecem planejando projetos para suas vidas e, se de um lado, os projetos têm como objetivo o bem-estar do grupo familiar, de outro simbolizam o espaço onde constroem sua independência e possibilidade de prestígio pessoal.

“Eu tenho muita vontade de retomar o curso de Direito. Eu gostaria de ter uma profissão mais liberal. Acho que o Direito além de ser muito amplo, dá possibilidade de trabalhar individualmente, sem ser assalariada. Isso permite uma flexibilidade maior e, no meu caso,

¹⁹⁵ Ibid.

é importante poder fazer o meu horário, sem rigidez. O Direito também possibilita ganhar mais. Não penso nisso para ficar rica, mas para ter um trabalho mais flexível, podendo me dedicar mais as minhas filhas. É uma coisa que ainda está em estudo". (Depoimento de Gabriela)

"Meu marido dá aula na PUC, trabalha no escritório, na Procuradoria, trabalha que nem um doído. Ele diz que tem mais dez anos para trabalhar, pois depois seu rendimento vai cair e quer nos deixar minimamente confortáveis. Talvez porque tenha visto minha mãe tendo que se descabelar, para poder formar eu e meu irmão, quer garantir esse espaço para nós. Por isso também eu quero fazer o doutorado, porque é uma forma de aumentar meu rendimento, me valorizar profissionalmente e ao mesmo tempo ficar na vida acadêmica, que dá para conciliar com a casa. A médio prazo quero sair da assessoria e ficar só na vida acadêmica, com pesquisa que é muito mais gratificante e tranquilo". (Depoimento de Laura)

Os relatos mostram a permanência das dificuldades enfrentadas pelas trabalhadoras em equacionar a esfera pública com a doméstica. A participação masculina no mundo do trabalho se dá, de acordo com as oportunidades oferecidas e sua inserção vai estar relacionada às suas qualificações pessoais, com pouca ou nenhuma interferência de fatores familiares e domésticos. No caso das mulheres, a situação é absolutamente diferente, já que além dos fatores que envolvem sua qualificação e a oferta de trabalho, existe a continuidade de um modelo de família, no qual elas são tidas como as principais responsáveis, tanto no que se refere a socialização dos filhos, como em relação às tarefas domésticas. Como afirma Bruschini, *"a constante necessidade de articular papéis familiares e profissionais limita a disponibilidade das mulheres para o trabalho, que depende de uma complexa combinação de características pessoais e familiares"*¹⁹⁶.

À medida em que assumem a maior parte das responsabilidades pela educação dos filhos e pelos cuidados da casa, com todos os problemas que a dupla jornada traz como ônus, muitas mulheres acabam por associar o trabalho com perdas, considerando como positivo uma participação mais restrita no mercado de trabalho. Saffioti, analisando esta visão feminina, considera que, *"é bastante freqüente a percepção, por parte das mulheres, de seus benefícios secundários, como dispor de mais tempo, eximir-se de responsabilidade no que tange à atuação pública, estar protegida. Na verdade, esta visão é ilusória"*¹⁹⁷. Reproduzindo os valores herdados

¹⁹⁶ BRUSCHINI, C. Maternidade e trabalho feminino: sinalizando tendências. *Projeto de Estudos da mulher: Brasil-reflexões sobre gênero e fecundidade no Brasil*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, out/95, p.31.

¹⁹⁷ SAFFIOTI, H. I.B & ALMEIDA, S. S. *Violência de Gênero. Poder e impotência*. Rio de Janeiro: Revinter, 1995, p.93.

pela família de origem, as mulheres acabam muitas vezes não avaliando o contexto que gera o fenômeno, sem se dar conta que este comportamento não representa a solução do problema, mas sim a manutenção dele.

Contudo, seja pela valorização que este segmento atribui a carreira, ou pela própria conjuntura econômica que pressiona pela manutenção do emprego, há uma tendência neste grupo em não abrir mão do que consideram como conquistas, apesar dos custos físicos e emocionais com os quais arcam, face as escolhas que fizeram.

O cenário de instabilidade econômica, descrito pelas narradoras anteriormente, se agrava no segundo mandato do atual presidente, ocasionando maior insegurança no plano econômico e social. Em outubro de 1998, Fernando Henrique se reelege para um segundo mandato para, logo a seguir, ver aumentar a insatisfação com seu desempenho. A queda crescente na popularidade do governo é o resultado de suas opções políticas e da falta de investimentos em ações que viabilizem alternativas para a nação. Para Chauí, o quadro atual é de *"apartheid social"* e guerra civil tácita, a forma mais devastadora assumida pelo neoliberalismo no Brasil. Sua análise da ideologia que norteia as ações do governo, ajuda à compreensão desse contexto de profunda apatia e desilusão de amplos segmentos populacionais.

"O neoliberalismo ao dismantelar o sistema produtivo e uma economia com ênfase no mercado interno, destruiu as formas de organização, luta e participação política dos trabalhadores e, ao privatizar os direitos sociais, sob a forma de serviços prestados por terceiros ou pela iniciativa privada, despolitizou a sociedade civil e deslocou para a mendicância e a delinquência milhões de pessoas que, outrora, seriam ativistas de movimentos sindicais, sociais e populares. Pensaria, então, que a fome de uns e o medo de outros, o crime organizado, de um lado, e a desmontagem do Estado, de outro, tecem a violência, a insegurança e o horror contemporâneos"¹⁹⁸.

No caso brasileiro, as políticas sociais que visavam formas mínimas de redistribuição da renda fracassaram, prejudicadas, tanto pela falência do Estado, como pela crise econômica e a rigidez ideológica da elite econômica e política, comprometida, como afirma Chauí, com um modelo de participação restrito e concentração da renda. Como resultado, temos o crescimento desproporcional de uma população que se encontra à margem da sociedade, face ao crescimento da pauperização absoluta e relativa a que foram colocados amplos segmentos populacionais.

Para Ortiz, desde o governo Sarney, o que se entende por “política governamental” são atos isolados, fragmentados no tempo e no espaço. Entretanto, não se trata de indecisão ou falta de autoridade por parte do governo, as decisões são implementadas, mas se revelam inócuas face à dimensão dos problemas.

“Consumidos em suas tarefas rotineiras, os governantes fingem que tudo está bem’ e se afundam na ineficiência de suas ações desarticuladas. Cada ato é um ponto desconexo vivido como uma façanha exemplar”¹⁹⁹.

A “*década da exclusão social*”, como ficaram conhecidos os anos 90, mostra bem a dimensão da crise, com o crescimento da concentração de renda e o número de pessoas pobres no mundo. No caso brasileiro, como indicam as análises econômicas, há crescimento, mas este não gerou desenvolvimento. Para Ortiz, significa que o futuro do Brasil é seu presente perene. “*Uma sociedade desigual na qual a discriminação é cinicamente aceita sem disfarces*”. Embora na lei tenhamos, de modo geral, definidos direitos e liberdades extensivos a todos os membros da sociedade brasileira, na prática, como afirma Velho, temos cidadãos de primeira, segunda e terceira classes e mesmo não-cidadãos, isto é, indivíduos sem voz, sem espaço e sem nenhum respaldo real nas instituições vigentes.

O individualismo é o resultado acabado da ideologia liberal burguesa, personificando o modelo dominante no país. Mas, esse cenário, segundo Velho, não pode ser explicado apenas em função da pobreza, miséria ou má distribuição de renda, entre outros problemas, apesar de serem questões relevantes. Em relação ao sistema cultural, ao universo de representações, a violência também ocorre, não sendo cumpridos sequer os direitos definidos em lei, pois a “*fragilidade dos poderes Legislativo e Judiciário e a exacerbação do poder dos chamados órgãos de segurança expressam a nível nacional as dificuldades cotidianas do indivíduo*”²⁰⁰. Esse quadro agrava-se não apenas pela condição de classe, mas também pelas variáveis como cor e sexo que caracterizam a desigualdade. Não apenas o desencontro entre a prática e a lei, mas as próprias crenças disseminadas de que a diferença e as desigualdades são fatos consumados fortalecem essa situação.

Internacionalmente, feministas vêm demonstrado preocupação com essas questões, que

¹⁹⁸ CHAUI, M. “Quem semeia ventos colhe tempestades”. Caderno Mais!, jornal *Folha de São Paulo*, São Paulo, 05/03/00, p.19.

¹⁹⁹ Em “As marcas do tempo”, artigo publicado em fins de 1999, Renato Ortiz traça um panorama sombrio sobre o futuro do país face às opções políticas do governo FHC. Caderno Opinião, jornal *Folha de São Paulo*, 18/10/99, p. 1-3.

afetam mais diretamente mulheres que vivem em países mais empobrecidos. Buscando alternativas para modificar as relações de gênero, delegações de mulheres de cento e oitenta e quatro países e cerca de cinco mil ONGs reuniram-se em Beijing/China, em 1995, na IV CONFERÊNCIA MUNDIAL SOBRE A MULHER. O objetivo foi elaborar um programa mundial de equidade, orientado para proteger os direitos humanos das mulheres. Como resultado da IV Conferência, dois acordos foram firmados pelos países presentes, dentre os quais o Brasil: a Declaração de Pequim e a Plataforma de Ação. Os governos comprometeram-se a combater as discriminações e desigualdades, admitindo que os direitos das mulheres são direitos humanos consagrados internacionalmente.

A Plataforma de Ação, assinada por todos os países participantes, contém um conjunto de medidas que buscam eliminar os obstáculos que impedem a plena cidadania das mulheres e, por extensão, sua ativa participação nas vidas pública e privada. Foram identificadas doze áreas críticas que impediam o avanço e empoderamento das mulheres, aqui transcritas pela relevância que apresentam na compreensão do problema no Brasil:

1. **Pobreza** – que afeta de forma desigual mulheres e homens;
2. **Educação e capacitação** –que devem ser exercidas sem discriminar meninas e mulheres;
3. **Saúde** – que deve garantir o direito das mulheres ao controle reprodutivo e sexual, sem discriminação nem violência;
4. **Violência** – que deve ser duramente combatida e condenada pelo Estado e pela sociedade;
5. **Conflitos armados** – mulheres e meninas devem ser fortemente protegidas, uma vez que são as mais afetadas pelas guerras e pelo terrorismo;
6. **Economia** – deve haver remuneração igual por trabalho igual entre homens e mulheres e criação de ações afirmativas que permitam o real acesso das mulheres à renda;
7. **Exercício do Poder** – devem ser criados mecanismo que favoreçam a igualdade de participação das mulheres nas decisões políticas, diminuindo, assim, o atual desequilíbrio nas relações de poder;

²⁰⁰ VELHO, G. *Individualismo e cultura*. Op. cit., p.147.

8. **Mecanismos Institucionais para a Equidade** – que entre as várias medidas possíveis esteja a da integração de perspectivas de gênero nas políticas públicas;
9. **Direitos Humanos** – que os direitos humanos de mulheres e meninas sejam parte integrante dos direitos humanos universais e, portanto, em todos os principais instrumentos internacionais de direitos humanos, fica vetada a discriminação de gênero por parte dos Estados;
10. **Meios de comunicação** – que seja monitorada a imagem da mulher na mídia e desencorajada a inserção da mulher como objeto sexual e de consumo;
11. **Meio ambiente** – que se criem mecanismo para maior participação da mulher nas decisões relativas à questões de meio ambiente e desenvolvimento sustentável;
12. **A menina** – que sejam combatidas e condenadas quaisquer formas de abuso contra meninas e jovens mulheres, com ênfase na educação não discriminatória²⁰¹

O encerramento da IV Conferência deixou claro que, para a aplicação da Plataforma de Ação, são necessários o comprometimento efetivo dos governos, das Nações Unidas e das ONGs, na incorporação à perspectiva de gênero em seus programas e políticas. Visando criar condições para que a Assembléia Geral da ONU pudesse analisar os progressos alcançados no tocante à sua realização, ficaram acertadas avaliações para os anos de 1996, 1998 e 2000.

No caso brasileiro, é possível verificar algum empenho governamental, face a pressão de grupos feministas, na integração de perspectivas de gênero nas políticas públicas, a partir da década de 80, em torno de duas áreas: saúde e violência. Porém, como analisa Saffioti²⁰², as políticas públicas planejadas para conter a violência contra a mulher têm caráter visivelmente repressivo e moralizador, com objetivo de uma ação socialmente reprovável, embora legitimada. Já a construção da política de saúde expressa no PAISM (Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher), percorre uma outra via, redimensionando e ampliando conceitos, procurando desenvolver ações de caráter preventivo e subvertendo assim, as práticas correntes neste campo, apesar de enfrentar muitos obstáculos para sua implantação pela própria opção interventiva.

Como consequência dos entraves, o PAISM tem suas ações limitadas a poucas unidades de saúde no país, atendendo um contingente muito reduzido de mulheres. Os

²⁰¹ REVISTA MARIA, MARIA. Brasília/DF: Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (UNIFEM), ano 2, n.º 2, 2º/sem/2000, 51p.

²⁰² SAFFIOTI, H.I.B & ALMEIDA, S. S. *Violência de Gênero. Poder e impotência*. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

problemas de saúde, que historicamente afetam mais às mulheres, vêm sendo acrescidos de novos, sem que haja uma proposta do governo para saná-los. Zilberman²⁰³, constatou em seu estudo sobre dependência de drogas e sua relação com gênero que, a proporção de mulheres que iniciam seu consumo na geração mais jovem atualmente é igual à dos homens (em relação ao álcool, tabaco, maconha e cocaína). Os riscos para a mulher são ampliados pelos efeitos específicos vinculados ao gênero, como no caso do risco de câncer e sobre a gestação e o recém-nascido. A previsão é de que, nas próximas décadas, se não forem criadas políticas que contenham o fenômeno, um maior número de mulheres sofrerá problemas médicos e outros relacionados ao abuso/dependência do álcool cada vez mais precocemente.

Sobre o exercício do poder, apesar do processo eleitoral do ano 2000 ter sido o segundo, após a incorporação, em 1997, do sistema de cotas por sexo à lei eleitoral, as mulheres ainda se candidatam e se elegem pouco, embora sejam maioria do eleitorado, representando 50,48% dos votantes. Análise publicada pela ONG Cfemea²⁰⁴ (Centro Feminista de Estudos e Assessoria), indica que a quantidade de mulheres eleitas se mantém estável, mesmo com a adoção do sistema de cotas. O Centro comparou dados deste ano do TSE, com os de 1996, do Inst. Brasileiro de Administração Municipal. Foram 303 prefeitas, contra 317 eleitas no ano 2000. A pesquisa concluiu que o sistema de cotas por sexo aumentou o número de candidatas, mas não influenciou na quantidade de eleitas. Há resistências, segundo a pesquisa, dos dois lados: dos partidos, em aceitar candidaturas femininas, e das mulheres, em participar da política tradicional.

Até o momento, não há intervenção governamental que contemple os itens dez e onze, sobre os meios de comunicação e meio ambiente, inexistindo políticas para essas áreas, provavelmente porque, são áreas nas quais estão envolvidos grandes interesses políticos e financeiros. Em relação aos itens nove e doze, que tratam dos direitos e da proteção à menina e à mulher, o que se observa é uma ênfase por parte das ONGs feministas em programas de cunho preventivo e educativo, no trato da violência.

Além destes pontos e, ressaltando o item cinco, sobre conflitos armados, que não faz parte da realidade do país, pode-se afirmar que não houve investimento governamental em

²⁰³ ZILBERMAN, M.L.. Uso de drogas em mulheres. In: *VIII Jornada sobre temas de álcool, drogas e AIDS*, jun/00, São Paulo.(Relatório)

políticas públicas para as demais áreas, apesar do compromisso assumido na Conferência de Beijin. No Brasil, as transformações no comportamento de homens e mulheres, seja no espaço íntimo, seja na esfera pública resultam de outros fatores, nos quais a ação do Estado, quando ocorreu, se deu de forma apenas momentânea e residual, pressionada principalmente pelas organizações feministas. As entrevistadas destacam algumas alterações de comportamento que já adquiriram visibilidade, embora também seja nítida a permanência de determinados padrões de conduta.

“Eu percebo que as mulheres da minha geração ainda estão muito submissas. Vejo na minha família mesmo, não mudou muito, são poucas as que trabalham, que pensam em coisas diferentes.

A imagem do homem provedor continua sendo muito importante para as mulheres, muito mais do que ele ajudar nas tarefas domésticas.

A mulher está mais presente no mercado de trabalho, mas continua tendo uma dupla jornada de trabalho. O homem permanece tendo uma posição muito machista, autoritária, não valoriza a mulher, quer ser o galo, o que dá as ordens. Falta muito para mudar e acho que a única forma é pela educação, passando o nosso exemplo, exigindo que o homem faça mais.

Dá impressão que a mulher é vítima, mas eu não acho que é isso. A mulher também tem muito de culpada nessa história.

Tem a questão da cultura, mas tem também a questão das escolhas pessoais, da vaidade de querer dar conta de tudo. Muitas que estão nesse esquema são mulheres estudadas, tiveram acesso a uma outra reflexão”. (Depoimento de Gabriela)

“Acho que mudou o comportamento de homens e mulheres e que, nesse momento, talvez esteja mais difícil ainda para a mulher, porque acumulamos uma série de atividades e encargos e o nível de partilha ainda é muito pequeno. Então fica a sobrecarga. Tem um lado bom que são as nossas conquistas, de estar trabalhando, realizando-se profissionalmente, desenvolvendo-se mais do que quando ficávamos só em casa. É uma fase difícil porque estamos caminhando para alguma coisa e neste caminhar temos acumulado muito”. (Depoimento de Teresa Lobo)

“Percebo nos casos que atendo, ligados à família, que as mulheres estão mudando, já não exigem do homem pensão alimentícia para elas. Para os filhos sim, porque o pai tem que ajudar na educação deles. A maioria das mulheres mais jovens, que pedem a separação, não estão exigindo que os pais assumam sozinhos a pensão, querem dividir as despesas dos filhos.

²⁰⁴ Artigo: MULHERES AINDA SE ELEGEM POUCO. Publicado no jornal *Folha de São Paulo*, São Paulo, 06/11/00, Caderno Brasil, p. A-7.

*Antigamente elas achavam que tinham direito [de pensão para elas] e cobravam. Mas a sociedade era diferente, as mulheres não trabalhavam fora, tanto como se vê hoje e, quando se separavam, precisavam da pensão para sobreviver. As mulheres mais velhas são as que ainda acham que têm direito a pensão para elas, mas na verdade não têm direito por serem mulheres, o que é obrigatório é a pensão para os filhos". (Depoimento de **Carol**)*

"Acho que as mulheres vêm mudando mais do que os homens, estão mais fortes, mais independentes. Mas não considero que a mulher esteja tendo uma qualidade de vida melhor do que tinha antes. Acho que ainda falta conquistar essa qualidade, porque ela tem que fazer muitas coisas no seu dia, se desdobrar muito em muitas funções, principalmente quando tem filhos, casa. Acho que existem coisas que ainda não mudaram, não encontraram uma solução melhor. Ainda somos muito responsáveis pela educação dos filhos, pela manutenção da família, do casamento. A mulher ainda é muito responsabilizada por isso.

Estamos com uma jornada muito grande de trabalho. Conseguimos muitas coisas, mas a mulher ainda não conseguiu juntar esses pedaços. A questão do corpo [do lidar com o corpo], por exemplo, que aparece em mim e vejo que aparece em outras mulheres, como é difícil! Às vezes são mulheres extremamente profissionalizadas, legais e ficam se preocupando com algo que não deveriam mais estar se preocupando tanto. Já deveria ter mudado esse valor, mas é algo que fica ali, parece que é algo que é da espécie, sei lá.

*Os homens, pelo que percebo, ficam muito aflitos diante dessa mudança toda, se sentem muito solitários. Eles estão sendo obrigados a mudar, mas ficam muito sem entender o que fazer, como lidar com essa nova mulher, porque também implica em um novo homem". (Depoimento de **Bárbara Ramos**)*

"...na vida pública, a discriminação contra a mulher na ocupação de cargos, vem sendo diluída. Até pelo fato das mulheres estarem assumindo mais cargos públicos como prefeitas, governadoras, cargos eletivos. Também vemos mulheres executivas, mas na casa ainda permanece.

*Há uma tendência a transformação, mas ela se dá de forma lenta e gradual, porque é muito recente essa história. Serão necessárias umas décadas, um século, para percebermos essa mudança que já está acontecendo. As mulheres são mais rápidas nesse movimento, os homens não lidam assim, mas vão chegar, embora demore um pouco ainda. Se as mulheres já estão saindo e acumulando funções vai chegar uma hora que ficará no limite do insuportável. Como a humanidade não chega a isso, porque sempre acha outras soluções, esse comportamento vai ter que ser mudado no cotidiano. As européias não votavam até o período da Segunda Guerra Mundial!" (Depoimento de **Ruth**)*

As mudanças convivem lado a lado com permanências que estão enraizadas na

sociedade, em todas as suas instituições, inclusive na família²⁰⁵. No Brasil, como vários estudos indicam, convivemos de forma contraditória com o moderno e o tradicional, tanto no plano político como na família. Para Figueira²⁰⁶, a velocidade do processo de modernização da família no país leva a que a aquisição de novas identidades se sobreponham às antigas identidades posicionais, sem alterá-las substancialmente.

As histórias de vida das entrevistadas mostram esse movimento, por meio do qual constroem suas identidades femininas. Em seus depoimentos é possível apreender as influências recebidas das transformações que ocorreram na sociedade, assim como a absorção de alguns dos ideais feministas, sendo incorporados aqueles que mais proximidade tiveram com o *ethos* da camada média que pertencem. Suas narrativas permitem visualizar ainda as mudanças que ocorreram na família, mais acentuadas nas últimas décadas, e que vem guiando-se pelo ideal de família igualitária, mais de acordo com os valores das camadas médias.

Amor e casamento não parecem estar mais vinculados como um projeto final para esse grupo, que busca construir formas de relacionamentos mais abertos, pressupondo igualdade sexual e emocional, respeito pelo outro e abertura em relação a essa pessoa. Atitudes bem diversas de suas mães que vinham de uma geração pautada pelos ideais do amor romântico e assumiam o casamento e a família como único projeto e para toda a vida. Diferem delas também ao considerarem que a maternidade deve ser compreendida como uma escolha, fonte de prazer que precisa ser partilhada com o homem, na afetividade, nas responsabilidades e nos cuidados com os filhos e não como destino inexorável.

Contudo, para uma parcela significativa da sociedade, a mulher ainda é a única responsável pela concepção e contracepção, assim como pelos cuidados da prole. Ainda prevalece a visão que procura isentar os homens das responsabilidades em relação aos filhos, compreendida como parte do domínio materno. Apesar dessa prevalência, principalmente nos

²⁰⁵ Bettelheim, em seus estudos sobre as desigualdades econômicas entre nações e as razões de seu agravamento, considera que uma das tendências de reprodução ampliada do modo de produção capitalista é a de conservação-dissolução. Essa tendência estaria presente em países em que o modo de produção capitalista não domina diretamente, nas formações sociais capitalistas, porque subordinadas ao modo de produção capitalista por meio do mercado mundial, mas nas quais predominam outros modos de produção. Neste caso, conforme o autor, a tendência principal não é a da dissolução dos modos de produção outros que o capitalista, mas à sua conservação-dissolução. Sua análise foi aqui explicitada para esclarecer melhor a idéia de trocas desiguais entre países e para mostrar como esta tendência está presente em todos os espaços da vida humana. BETTELHEIM, C. Remarques théoriques. In: Emmanuel, A. *L'échange inégal*. Trad.: Gomide, D., Coord. Tradução/Revisão: SAFFIOTI, H.I.B.(SP,out/00), Paris: François Maspero, 1969, p. 297-341.

²⁰⁶ FIGUEIRA, S. A (org.) O “moderno” e o “arcaico” na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. In: *Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*, Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

segmentos médios, há uma crescente valorização do papel paterno, com maior preocupação dos pais em tornarem-se mais próximos afetivamente dos filhos o que implica em estar mais próximo do seu cotidiano, assumindo tarefas que envolvem os cuidados e a maior assistência.

As entrevistadas questionam o fato de ser a mulher a única responsável pelos cuidados da casa e dos filhos. Elas falam da necessidade dos homens partilharem e não “colaborarem” e reconhecem que muitos aspectos tradicionais ainda estão presentes nesse espaço, não significando que todas tenham obtido êxito neste aspecto, face a herança materna e paterna da socialização e as dificuldades para ambos os sexos de estabelecerem relações que não sejam baseadas na segregação. Há uma tendência em modificar esse quadro de forma mais rápida neste grupo mais intelectualizado, à medida que essas mulheres têm consciência de seus direitos e da importância dessa alteração, para elas, para os homens e para a socialização dos filhos. Mas, mesmo neste grupo, observa-se uma certa resistência em alguns casos para efetuar modificações neste espaço, mais visível nas tarefas da casa e menos presente no envolvimento entre pais e filhos, no qual ocorreram maiores avanços.

Pode-se observar também uma maior valorização da infância e da adolescência e que os pais procuram estar mais envolvidos afetivamente na vida dos filhos, com maior participação destes nas decisões familiares. Aliás, os filhos neste grupo, são o centro das preocupações familiares, com grande investimento em sua educação, parte fundamental do projeto familiar de ascensão social. Neste aspecto, estas famílias reproduzem as preocupações da família de origem, embora com projetos mais ambiciosos, justificados pela nova conjuntura contemporânea. Menos presas de valores que diferenciam por gênero, as entrevistadas procuram fornecer uma educação mais igualitária, incentivando o potencial criativo e a independência dos filhos, sem discriminar por sexo. Mas, como muitos valores tradicionais foram mantidos, vivem situações contraditórias, circulando em diferentes matrizes de gênero, ora assumindo posturas mais abertas e ora reproduzindo o modelo de educação herdado.

Mesmo assim, a diferenciação por gênero é menor, se comparada às suas biografias, com menos rigidez nas expectativas para o futuro das filhas, já que as escolhas pessoais são altamente valorizadas nesta camada. O que parece representar o eixo principal, que direciona suas ações com relação aos filhos, é a possibilidade de lhes oferecer uma vida com mais qualidade do que consideram viver no presente. Essa preocupação tem um significado mais amplo para esse segmento, pois nela estão contidas questões como o trabalho e a possibilidade

de consumo, a natureza e a espiritualidade, a paz e a ética que dimensiona a própria humanidade do homem.

De forma oposta às suas mães, o projeto de vida das narradoras não está totalmente contido na família. O investimento na carreira é tido como essencial para elas, destacando-se de certo modo, do projeto coletivo da família, já que a profissionalização é encarada como essencial para o seu desenvolvimento pessoal. Essa valorização é parte do processo de socialização que a maioria viveu em suas famílias de origem, tendo sido planejada por seus pais como possibilidade de mobilidade social. Provavelmente por isso, e pela influência dos ideais feministas que sempre destacaram a importância da independência financeira da mulher, é que a carreira é percebida como uma conquista, a qual nem mesmo a família pode minimizar. É um projeto especial, não significando apenas satisfação pelos possíveis ganhos financeiros, mas relacionando-se também com a valorização de suas identidades enquanto pessoas.

Apesar da ênfase que todas as narradoras deram à carreira e ao investimento intelectual, por ainda terem que arcar com a maior parte das responsabilidades pela educação dos filhos e pelos cuidados da casa, algumas narradoras acabam por associar o trabalho com perdas, considerando como positivo uma participação mais restrita no mercado de trabalho. As diferentes matrizes de gênero vão, mais uma vez, interferir na vida dessas mulheres, pelas dificuldades de conciliarem diferentes papéis no espaço público e na esfera doméstica. Elas convivem contraditoriamente nas duas esferas da vida, às vezes alterando comportamentos e outras atuando na conservação de valores tradicionais. Mesmo a entrada no espaço público, para esta geração mais intelectualizada, ainda apresenta aspectos bastante conservadores, apresentando certa semelhança com a biografia de suas mães, para as quais ocupar o espaço público era tão somente exercer uma função produtiva e não a tudo o que o envolve.

Essas permanências são reforçadas pelo próprio mercado de trabalho, já que muitos empresários, em suas representações, percebem a trabalhadora de forma bastante preconceituosa, limitando sua inserção e possibilidades de ascensão profissional. Além disso, permanecem as dificuldades para a trabalhadora em conciliar o trabalho e a vida doméstica, a falta de infra-estrutura pública e a segregação ocupacional. Paradoxalmente, a força de trabalho feminina continua a crescer, pela ampliação do processo de terceirização da economia, acelerado desde o início da década passada e que tradicionalmente vem sendo mais ocupado por mulheres.

Estão no mercado, mas permanecem ganhando menos que os homens, ocupando lugares menos privilegiados na economia e em condições de trabalho precárias. As pesquisas nesta área mostram que, em todas as situações, as mulheres precisam estudar mais para atingirem o ganho salarial masculino. O ambiente e as relações de trabalho também continuam, em muitos locais, sendo espaços de discriminação explícita ou implícita, no que se refere ao seu estado civil, a maternidade, ao assédio sexual, a punições por faltas ou atrasos para assistirem os filhos, entre outros pontos. Mesmo no caso do grupo estudado, pertencente à camada média e com alto grau de formação, por concentrarem suas atividades no ensino e na área pública e, embora nestes espaços seja menos visível a discriminação, é importante lembrar que estas são áreas historicamente depreciadas pela política governamental, com queda no valor salarial e desvalorização da profissão.

Muito embora estejam vivendo situações muito diferentes das de suas mães, pela própria velocidade das mudanças que estão ocorrendo na sociedade e pelo ritmo intenso de seu cotidiano, as entrevistadas apresentaram outro aspecto em comum: a valorização do espaço privado, em detrimento do espaço público. Não significa, contudo, que suas percepções sejam as mesmas, já que viveram um período de transformações, na fase da adolescência, absolutamente diverso do que suas mães puderam ter acesso. Participaram e foram influenciadas por diversas questões que se colocavam naquele momento e absorveram muitos valores novos, que deram outra conformação a sua identidade de mulher.

Além disso, estão em contato permanente com a esfera pública e têm projetos próprios de vida. Mesmo considerando que sua participação foi restrita, participaram de várias mobilizações que ocorriam. Por tudo isso é que em seus depoimentos há toda uma preocupação com o momento político, revelando uma visão de mundo diversa de suas mães, alheias aos acontecimentos do país, embora demonstre que vivam estes acontecimentos “pelas bordas”, sem maior engajamento, pelo descrédito nas instituições políticas e pelo desinteresse por esse espaço.

Esse modo de ser, que privilegia a vida íntima, com pouco ou nenhum interesse pelos problemas da esfera pública, é o que vários estudiosos dessas camadas vêm descrevendo como um universo tipicamente portador de uma ideologia individualista e está presente inclusive no afastamento em relação à família extensa, com maior dedicação à família de constituição e as amizades.

Conservação e dissolução são tendências que percorrem todas as narrativas deste grupo, fazendo parte do modo como constroem suas biografias. Mesmo assim, neste universo, a maior inclinação parece ser por mudanças e pela rejeição de muitos condicionamentos herdados, em especial na educação dos filhos, na medida em que se confrontam com o papel de mães-educadoras na inter-relação outros agentes socializadores, com novas concepções pedagógicas e outros conteúdos de informações. Além disso, as entrevistadas convivem no meio universitário, sendo inegável que neste espaço existe uma tendência a melhor absorção de inovações culturais e uma cultura que busca promover uma visão de mundo mais democrática e aberta as transformações. Não significa, porém, que desaparecerão completamente elementos mais conservadores da cultura, já que, dependendo do momento e da situação, essas pessoas podem apresentar comportamentos e atitudes tidos como modernos e, em outros, assumirem posturas mais tradicionais.

CAPÍTULO IV

CONSTRUINDO CAMINHOS NO NOVO SÉCULO

1. 2000 a ... O FUTURO

*“Hoje estou buscando algumas explicações **partindo do micro, das mudanças comportamentais que estão ocorrendo comigo.** O que mudou em mim e o que se transforma, tentando tomar consciência disso até para poder potencializar algumas coisas que possa desenvolver no futuro e corrigir outras do meu comportamento. Como aquela música que diz, ‘Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é’. **Sinto uma necessidade de poder ter um pouco mais de paz, ter uma relação mais de contemplação com as coisas.** Conseguir parar, respirar fundo e admirar mais as coisas, tentar entender mais o mundo, não viver só. **Não sei se isso seria uma busca de religiosidade, algo mais espiritual. É um projeto, tentar buscar mais isso.** Minha vida está sempre acontecendo no gerúndio. Comecei a pensar nisso de uns dois anos para cá e vi que preciso dar uma desacelerada, contemplar um pouco mais. Mesmo com tudo que estou fazendo, é possível, tem a ver com a maneira como nos colocamos”.*

Uma vida mais tranqüila, quase contemplativa, a busca da qual Ruth é aqui a porta-voz é a mesma de todas as entrevistadas, quando pensam o futuro. Não é só a sensação de estar indo rápido demais, nem o estresse que faz parte da vida das pessoas nos grandes centros urbanos. O projeto de vida destas mulheres está diretamente relacionado ao que denominam de qualidade de vida e nela estão contidos os bens simbólicos, tão relevantes para elas quanto o fator econômico. Ancoradas na ideologia que enfatiza o indivíduo, demonstram grande interesse pelo auto-conhecimento, seja por meio de processos terapêuticos, leituras sobre o tema, terapias alternativas ou aproximação com o plano espiritual. Esta nova forma de se colocar no mundo reflete um estilo de vida que, em especial este segmento vem assumindo, considerando o conhecimento de si como essencial para entender o mundo e as relações sociais que estabelecem.

Esse projeto é parte do que Guiddens chama *sociedade reflexiva*, na qual a auto-identidade possui um caráter "aberto" que convive com a natureza reflexiva do corpo. Para ele, esta nova construção do *eu* vem exercendo influência especialmente sobre as mulheres porque,

"Para as mulheres que estão lutando por se libertar de papéis sexuais preexistentes, à questão 'Quem sou eu? (...) vem à tona com particular intensidade.

A questão é de identidade sexual, mas não apenas isso. Hoje em dia, o eu é para todos um projeto reflexivo – uma interrogação mais ou menos contínua do passado, do presente e do futuro. É um projeto conduzido em meio a uma profusão de recursos reflexivos: terapia e manuais de auto-ajuda de todos os tipos, programa de televisão e artigos de revistas"²⁰⁷.

Significa uma mudança em relação ao passado recente quando, para um número significativo de mulheres, o projeto de vida era quase que totalmente envolvido na idéia do outro, de viver em função desse alguém, na associação do casamento com a maternidade. Embora essa expectativa ainda esteja presente, denotando o caráter superficial da modernização, o interesse pela carreira e o desejo de manterem a independência financeira têm produzido, pelo menos no universo estudado, alterações importantes na identidade feminina, na convivência permanente com a esfera pública. Contudo, a valorização de si, para muitas mulheres, ainda parece depender do reconhecimento masculino, pela pouca modificação da identidade feminina no que refere ao campo afetivo. Bárbara Ramos narra essa situação de dependência emocional, observada no atendimento terapêutico à mulheres que realiza como psicanalista.

"Acho que há uma diferença de mentalidade, mas que têm algumas coisas que não mudam nas mulheres, principalmente as solteiras. Tenho muitas alunas jovens e solteiras, no consultório

²⁰⁷ GUIDDENS, A. . *A transformação da intimidade*. São Paulo: UNESP, 1993, p.41.

atendo também muitas mulheres jovens e que estão solteiras. Você vê aquela agonia de não ter um homem, de não ter um namorado, a reclamação em torno disso, de que não tem homem. Querem saber o que fazer para arrumar um homem, acham que se uma mulher não tem um homem não é realizada. Nada do que ela fez vale, se não tiver um homem. O homem avalia a capacidade dela de ser mulher. Do meu ponto de vista isso não mudou, não vejo grandes mudanças nisso.

Tenho pacientes no meu consultório com uma vida profissional boa, bem estabelecidas, que ganham bem, estão no mercado de trabalho, estão sendo reconhecidas e acham que a vida delas não vale nada, porque não casaram, não têm filhos, porque não têm um homem. Acham que os homens não ficam com elas, porque têm medo delas, porque são profissionais. Elas falam assim: 'Acho que fulano não ficou comigo, porque tem medo de mim, porque sou uma profissional, ganho'.

Existem muitas mudanças no que se refere à mulher, enquanto ser de direitos, uma pessoa cidadã. Ela conseguiu isso, é mais respeitada e foi um avanço em relação ao que era, por mais que ainda existam diferenças. Uma mudança muito interessante que tem acontecido é que algumas mulheres não têm ficado muito intimidadas com essas diferenças, não puxam o freio de mão no desenvolvimento delas, elas seguem. Agora, afetivamente, não acho que há grandes mudanças. As mulheres ainda se sentem muito sozinhas. Temos muito medo de ficar sem o homem, nos apavoramos muito diante da possibilidade do homem que se tem não nos dar atenção, não nos valorizar. Isso mesmo sendo muito inteligentes, capazes, contribuindo em casa com uma grande parte do orçamento e sendo bastante produtivas em casa. Considero que, emocionalmente, a mulher ainda não evoluiu tanto quanto já evoluiu em outras áreas".

A maioria das mulheres e a sociedade, de modo geral, reconhecem hoje que a subordinação econômica feminina é moralmente indefensável e o trabalho da mulher foi melhor assimilado no final do século, embora seja nítida a permanência de outros valores mais conservadores que desvalorizam a força de trabalho feminina. As próprias mulheres não aceitam mais permanecer apenas no espaço doméstico, lutando por ocupar cada vez mais o mercado de trabalho, mas este avanço não parece ter caminhado junto com o seu amadurecimento emocional.

A auto-imagem feminina, em muitos casos, permanece referenciada no outro, fato verificado por Guiddens²⁰⁸ em seus estudos sobre as transformações que estão ocorrendo na intimidade. Para ele, diferente da maioria dos homens, a maior parte das mulheres persiste identificando a sua inserção no mundo externo com o estabelecimento de ligações. Os homens, mesmo quando sozinhos e prevendo relacionamentos futuros, em geral, falam em termos de

²⁰⁸ Ibid.

“eu”, enquanto as narrativas femininas sobre si mesmas tendem a ser expressas em termos de “nós”. Essa análise permite inferir que, para as mulheres, quando se trata das relações no campo afetivo, ainda continua existindo a inclinação para a reprodução de condicionamentos adquiridos pela socialização. Belotti²⁰⁹ em sua pesquisa sobre a educação feminina verificou que, as mulheres, mais do que os homens, apresentam baixa auto-estima, face ao processo socializador que, de forma persistente, valoriza menos o feminino. Quanto mais inseguras, descrentes de seu próprio valor, maior a ânsia que as mulheres apresentam em se constituir no modelo proposto e maiores os esforços para compreender o que os outros esperam delas para se moldar as suas expectativas.

As narrativas do grupo estudado, sobre a percepção que têm de si, confirmam dificuldades na valorização do feminino, mas indicam também que, à medida em que puderam se confrontar e foram confrontadas com alterações nas relações que estabelecem dentro e fora da família, modificaram a auto-identidade.

“Fiz terapia e já tive alta (e me dei alta), antes do nascimento da minha última filha. Senti que a terapia me ajudou muito, inclusive a me valorizar. Eu pude enxergar tanta coisa! Percebi que estou no caminho correto, dando uma estrutura legal para minhas filhas, estou mais disponível, mais até do que as pessoas que não trabalham e vivem reclamando que a vida é um fardo. Sinto que estou crescendo, que estou num processo. Quem convive comigo mais de perto percebe as mudanças, mas faz parte desse processo não me preocupar muito com o que pensam de mim e nem seguir as expectativas do mundo, mas as minhas, o que acho que é certo”. (Depoimento de **Gabriela**)

“Acho que isso [a percepção do corpo] me ajuda a ter uma percepção positiva de mim. Tenho problemas, esse conhecimento não resolve toda a minha vida, mas facilita, porque torna-se uma coisa mais natural. Não lembro, por exemplo, de ter tido algum problema de relacionamento sexual com ninguém e talvez tenha facilitado o fato de conhecer bem meu corpo, não estar fechada. Acho que esse conhecimento ajuda, não resolve tudo. As coisas se processam na medida que os relacionamentos se desenvolvem. Não é só você, é você e o outro”. (Depoimento de **Teresa Lobo**)

“Hoje, mesmo quando ponho uma roupa e vejo que estou gordinha, que tem um pneuzinho, tenho tanta auto-estima, segurança na minha vida, na minha profissão que acho que isso fica de menos. De forma geral, acho que quando amadurecemos vamos nos livrando um pouco desses estigmas. Me sinto hoje muito melhor do que me sentia há 10 anos. É um conjunto de coisas que fazem a gente se

²⁰⁹ BELOTTI, E. G. *O descondicionalismo da mulher (do nascimento à adolescência)*, Petrópolis: Vozes, 1975.

*sentir mais mulher, mais sensual. Se estou só dentro de casa me sinto muito mais tonta do que quando começo a ir para o trabalho de novo. Isso me valoriza, sair, eu percebo que estou viva. A preocupação com o corpo retorna, mas me sinto mais leve. Parece que é essa autoconfiança que se ganha pelo fato de sair que me faz sentir mais forte, mais bonita". (Depoimento de **Laura**)*

*"Acho que as pessoas me percebem bem melhor do que me percebo. De modo geral, a minha experiência com as pessoas com quem convivo é muito boa, todos me respeitam muito. Não tenho problemas de não ser valorizada". (Depoimento de **Bárbara Ramos**)*

"Eu sou de uma insegurança enorme, a minha desinibição em excesso é até para encobrir esse lado. Hoje isso está trabalhado, faço terapia há oito anos, investi e melhorei muito. Essa insegurança eu trago da minha infância e por isso acho fundamental investir nisso.

*Na minha adolescência me achava muito pouco interessante como mulher, andava com uma menina que era belíssima e ela era o meu ideal de beleza. Tinha os olhos verdes, era magra, mais alta que eu, loira. Eu me sentia pouco paquerada, meio gordinha". (Depoimento de **Ruth**)*

Há uma clara tendência entre as narradoras à centralização em torno de um conjunto de valores simbólicos. O recurso à terapias (das seis entrevistadas, três informaram ter feito, ou estar fazendo algum tipo de terapia), as experiências de vida diversificadas, o trabalho e as redes sociais que estabelecem, são destacados como fundamentais no crescimento pessoal que observam de si. É por estes caminhos que procuram se contrapor, ou ao menos diminuir, a pressão pela exigência social do corpo magro, fruto da cultura narcísica que, mais do nunca, está presente na sociedade hoje.²¹⁰

Estas práticas permitem a construção de uma visão de mundo mais ampla, por se vincularem a grupos com vivências diversificadas, possibilitando mudanças na auto-identidade. Conforme Velho, "*quanto mais exposto estiver o ator às experiências diversificadas, quanto mais tiver de dar conta do ethos e visões de mundo contrastantes, quanto menos fechada for sua rede de relação ao nível do seu cotidiano, mais marcada será a sua autopercepção de individualidade singular*". A essa consciência da individualidade, fabricada dentro de uma experiência cultural específica, corresponderá a maior elaboração de um projeto.

Contraditoriamente, o mesmo segmento feminino que absorve um conjunto de experiências tão ricas para suas subjetividades, não consegue se liberar das armadilhas da

²¹⁰ Jurandir Freire Costa, em artigo publicado em jornal, analisa a questão da cultura do narcisismo, tematizada por Christopher Lasch. Reflete que, na cultura narcísica, ninguém ocupa o lugar do ideal cobiçado e ambivalentemente desejado. Não há disputa por postos ou pessoas, há disputa por gozo. Cria-se, então uma insatisfação permanente, que nada pode fazer cessar, exceto a destruição do que excita e faz gozar. In: A história confirma o diagnóstico de Lasch. *Jornal Folha de São Paulo*, São Paulo, jan/95, Caderno Mais!, p.6-7.

sociedade contemporânea, mantendo-se presas à cultura do corpo. De forma mais radical, a partir dos anos 90, a construção da identidade feminina, passa a inscrever-se mais profundamente na forma física. Há uma busca constante nesse segmento, incentivada pela cultura de nossa época, em ultrapassar inseguranças e melhorar a auto-estima através de uma nova imagem corporal, valorizada na mídia e na sociedade como padrão de beleza para seduzir o homem. Sentirem-se valorizadas na família e realizadas profissionalmente influi positivamente, mas não anula o medo e o desejo do corpo magro, nem deixa de interferir na sexualidade. Teresa Lobo, professora de Comunicação e Corpo, estudiosa do tema fala sobre esse fenômeno, embora considere haver uma tendência de modificação deste comportamento.

“O corpo tem uma série de possibilidades que não estão restritas a um, dois ou três padrões de beleza., de movimento ou de estética geral de um espetáculo. Existe todo um universo de agressividade, de insulto, de erotismo, várias coisas que começam a aparecer e, se estão aparecendo em cena, é porque estão na vida da gente também. Acho que esse corpo mais democrático aos poucos vai tomar lugar na sociedade, porque essa coisa da forma está cada vez ficando mais antiga. Ainda é presente na mídia, na publicidade, nos programas de TV, nas musas que aparecem e desaparecem rapidamente. Tem toda uma série de armadilhas sociais para nos deixar escravas desses padrões, mas junto com isso outras coisas importantes estão acontecendo. Então, acho que estamos prestes a vivenciar uma mudança muito importante. É que tem todo um filão econômico, de marketing girando em torno desses padrões de beleza. No momento que descobrirem que não é só isso, porque vem tudo associado, provavelmente vão banalizar outras coisas em nome disso”.

Entretanto, no momento, as narrativas deste grupo indicam que a auto-imagem feminina ainda é muito influenciada pelos padrões de beleza fornecidos, dentro de uma estética valorizada, embora convivendo, de modo contraditório, com o desejo de se libertarem, face a consciência que têm da opressão que o modelo lhes impõem.

“Acho que essa escravidão que se vive, do culto ao corpo, é muito triste. Eu também não consigo sair muito fora disso. Sou bastante influenciável, me sinto um pouco culpada, acho que estou acima do meu peso. Isso me deixa com a auto-estima rebaixada, mas não sou escrava do meu corpo, embora considere que poderia ter uma vida mais controlada. Gostaria de ser mais magra, tenho intenção de emagrecer. Mas, isso não pode ser massacrante, porque tudo que é demais é complicado. Eu quero ter um corpo ajustado ao meu tamanho, até para me sentir melhor, mais disposta, sem aquele exagero de só pensar nisso. Ir para a cama e não conseguir se soltar, porque fica pensando que está gorda, feia. Acho que não é por aí, tem que acreditar que você é bonita do jeito que é, tem uma beleza. Eu

tenho consciência que estou melhorando. Me achava feia, gorda, e hoje, sinto que minha auto-estima está melhorando, até por um processo interior de estar me vendo com outros olhos". (Depoimento de Gabriela)

"Eu tento me reeducar para comer, mas, quando estou gordinha atrapalha, mesmo para transar.

É lógico, quando vou à praia, quero estar com o corpo em cima! Quero fazer massagem, fazer coisas, tenho essa preocupação, mas é diferente, pelo menos comigo, é um pouco mais de estar 'em cima'. Seria muito querer ter um corpo como o da 'Feiticeira', mas, me incomoda o fato dela não ter nenhuma gordurinha, embora digam que é toda recauchutada. Não preciso chegar ao corpo dela, mas, se chegar a um padrão mínimo fico feliz. Isso exerce influência e não tem como sair fora. Por exemplo, na minha gravidez e posterior ao nascimento da minha filha, eu coloquei maiô inteiro, porque estou com uma barriguinha e não consigo por biquini. Fico com ela branca, porque não me sinto à vontade, incomoda mesmo". (Depoimento de Laura)

"Não sou uma pessoa muito vaidosa, que ligue muito para a estética do corpo. Já fiz ginástica, atualmente não estou fazendo, me preocupo por ter uma tendência para engordar e procuro fazer um regime para evitar. Como tive três filhos, engordei muito, mas, não fico muito deprimida porque estou gordinha. Meu marido também não me cobra isso, diz que sou bonita de qualquer jeito. Minha filha, com seis anos, é mais preocupada do que eu". [Após a entrevista terminar, Carol pediu para acrescentar que, embora não se ligue tanto à questão estética, sente um certo preconceito das pessoas com relação a seu corpo, por ser mais gordinha, o que a incomoda muito]. (Depoimento de Carol)

"Essa questão do corpo é complicada, talvez seja o meu ponto mais fraco. Às vezes eu paro e penso: 'Puxa vida faço tanta coisa, tem tanta coisa que já vivi e fico preocupada com uma celulite, com flacidez'. É como se tivesse uma obrigação da mulher estar bem cuidada. Não é o fato de ser bonita, mas fisicamente bem cuidada. Isso me deixa muito dividida, porque tudo isso toma muito tempo. Para cuidar do corpo, fazer ginástica, você precisa de tempo, dinheiro, investimento. Não combina esse tempo grande, com o tempo de uma mulher que quer se profissionalizar, porque isso também exige muito tempo e um tempo mais complicado do que esse.

Não é só o tempo físico, mas o tempo de investimento interno nisso. É uma coisa que fico sempre em cima do muro, pensando o que fazer com isso. Fico falando: 'Estou trabalhando muito, não estou me cuidando, preciso me cuidar, porque se não estiver bem cuidada não vou ser valorizada como mulher. Estou com quarenta anos, meu marido com quarenta e dois, e hoje está muito em moda os homens mais velhos gostarem de mulheres bem novas. Não é nem um pouco mais nova, mas bem nova. Daqui a pouco ele vai preferir uma mulher mais nova, porque está mais com as coisas no lugar. Bom, mas sou uma mulher mais experiente, será que vai?'" (Depoimento de Bárbara Ramos)

“Depois do primeiro filho eu falei: ‘Corpo, cadê o meu corpo? Vamos malhar!’ Aí comecei a andar, fazer natação, mas faço três meses, compulsivamente, não tenho paciência e paro. Agora voltei para o Flamenco.

A concepção que tenho de corpo hoje, da minha pessoa, e como mulher é engraçada. Me acho às vezes uma pessoa sensual, já tive dois filhos, uma cesárea, tenho uma barriga meio mole. Preciso fazer uma plástica, abdominal, alguma coisa que tire essa barriga! Mas, tenho uma consciência maior do meu corpo, da minha sensualidade. A dança dá um elemento de jogar mais com o corpo e daí você fica mais consciente de si. (Depoimento de Ruth)

Porque para as mulheres, em especial às pertencentes aos segmentos médios intelectualizados, é tão difícil se libertar de um padrão que sentem que as oprime? Featherstone fornece pistas importantes em seus estudos. Para ele, estetizar a vida cotidiana implica em compreender que a vida tem e sempre teve uma dimensão estética. Destaca a importância do corpo como espaço onde o *habitus* está inscrito, manifestando-se no tamanho do corpo, forma, volume e postura, nos modos de andar, sentar, comer e beber, na porção de espaço e tempo social que o indivíduo se sente no direito de reivindicar, no grau de estima pelo corpo, tom de voz, sotaque, complexidade dos padrões de discurso, gostos corporais, expressão facial, sentimento de bem-estar com o próprio corpo, tudo revelando o *habitus* correspondente às origens de cada um. *“O corpo é a materialização do gosto de classe: o gosto de classe está ‘corporificado’”²¹¹.*

Guiddens²¹², do mesmo modo considera que, o que se come é uma escolha do estilo de vida, influenciado e construído, por um imenso número de livros de culinária, tratados médicos populares, guias nutricionais, etc. A dieta associa a aparência física, a auto-identidade e a sexualidade no contexto das mudanças sociais que os indivíduos lutam para enfrentar. Para ele, atualmente, corpos emagrecidos não mais atestam uma devoção extática, mas a intensidade desta batalha secular.

As preocupações com o corpo feminino se inscrevem, assim, num estilo de vida, apreendido pela socialização, pela classe a que pertence esse grupo, reforçadas pela cultura contemporânea narcísica. Influenciados por ela, os indivíduos buscam incessantemente maximizar o conjunto de sensações disponíveis, na busca de expressão e auto-expressão, no fascínio com a identidade, na apresentação e na aparência, transformando-se em consumidores

²¹¹ FEATHERSTONE, M. A Estetização da vida cotidiana. In: *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995, p. 128.

“naturais” de cosméticos, comida saudável, exercícios e dietas, tornando o corpo em um signo para os outros, na imagem que projetam de si, mais do que nas palavras que dizem. Para Lash²¹³ essas são características que fazem da cultura “pós-moderna” um cultura figurada: a ênfase em processos primários (desejo), mais do que secundários (ego).

A narrativa de Bárbara Ramos revela como o corpo adquire o signo de um portador visível da auto-identidade, cada vez mais integrado as decisões individuais do estilo de vida, influenciado e construído socialmente por milhares de mecanismos sedutores que induzem a busca incessante do corpo “perfeito”.

“É algo que eu ainda não resolvi. Com quarenta anos, estou me sentindo, por um lado, fisicamente melhor, mais satisfeita comigo na aparência do que há quinze anos atrás, mas, por outro, me sinto mais insegura. É muito contraditório. De repente, estou estudando, fico satisfeita com o que fiz e saio para tomar banho. Tiro a roupa, dou uma olhada no espelho e começo a ver os milhões de defeitos que tenho. Aquilo me dá uma tristeza profunda e fico sem a menor motivação de fazer mais nada. Acho isso uma maluquice da minha cabeça, mas preocupa e evidentemente termina interferindo na sexualidade também. Você começa a ter uma série de travas, porque não está dentro daquela forma de mulher. Parece que o prazer sexual fica muito associado a questão do corpo.

É maluquice da minha cabeça, mas tem a maluquice de toda a sociedade em que vivemos, extremamente narcísica, em que você só vê isso na televisão, o tempo inteiro, abre uma revista e é só isso. É sempre a mulher, sempre a mulher. É você quem envelhece, que tem isso e aquilo. E tome reposição hormonal e não sei mais o quê. Quer dizer, é algo que não tem fim, e ainda junta-se a isso uma cabeça maluca, imagina o problema que causa. Ficamos correndo atrás de um negócio que não tem fim e nem jeito. É assim mesmo, vamos envelhecendo. Sei de tudo isso racionalmente, mas me pega”.

Mas, hoje não são apenas as brasileiras que estão vivendo essa tirania da imagem, dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, apresentados na 19ª Jornada Carioca de Cirurgia Plástica, informam que os brasileiros estão cada dia mais preocupados com o corpo. Os homens hoje são responsáveis por 30% das cirurgias plásticas realizadas no país. Dos 300 mil pacientes tratados no ano de 1999, 90 mil eram homens²¹⁴. Essas tentativas de manter a juventude eterna, ancoradas na cultura narcísica, são intensificadas pelo medo de envelhecer, criando o pânico irracional que surge na vida dos indivíduos prematuramente.

²¹² GUIDDENS, A. *A transformação da intimidade*. São Paulo: UNESP, 1993.

²¹³ LASH, S., apud FEATHERSTONE, M. Op. Cit.

²¹⁴ As informações foram veiculadas no artigo “Homens fazem 30% das cirurgias”, publicado no jornal *Folha de São Paulo*, São Paulo, 05/08/00, Caderno Cotidiano, p. C-7.

O corpo “perfeito” e a sexualidade têm sido vinculados pela indústria atlética, plástica e cosmética em imagens recorrentes na busca incessante pelo gozo. Kehl²¹⁵, recentemente falando sobre perspectivas de mudanças na sexualidade para este novo milênio, afirmava que a tarefa das próximas gerações há de ser a de tentar desembaraçá-la do excesso de imagens que a indústria cultural lhe consagrou nas últimas décadas. Para isso avalia ser necessário que o sexo deixe de continuar sendo o ingrediente universal, mais ou menos neutro, amplamente aceito por quase todos os setores do mercado como poderoso alavancador de vendas para qualquer produto.

Embora a sexualidade feminina esteja em permanente visibilidade em todos os meios de comunicação e na indústria, com maior tolerância na família e na sociedade, pelo surgimento da sexualidade plástica e pela revolução sexual das últimas décadas, a saturação de imagens não tem provocado o efeito esperado, já que formas de repressão permanecem, mesmo que não sejam tão visíveis. Uma delas revela-se na manutenção da proibição do aborto no país. Após a promulgação da Constituição de 1988, e até 1994, as reivindicações feministas passaram a focalizar a saúde reprodutiva, ao mesmo tempo em que surgiu uma tendência de incluir a demanda de acesso livre ao aborto na discussão dos direitos reprodutivos. Mas, se a qualificação da questão e a própria demanda evoluíram, manteve-se um quadro constante na opinião pública contrário a descriminalização ou legalização do aborto voluntário, expressão dos modelos valorativos da nossa sociedade relacionados ao papel social e político atribuído às mulheres.

Barsted²¹⁶ considera que esse processo de conservadorismo pode ser observado em todo o mundo pela ação dos diversos fundamentalismos. Tem reflexos sobre a ideologia e a produção jurídica, particularmente no campo do direito penal, apesar das manifestações feministas no debate sobre o aborto e sobre temas concernentes ao exercício da sexualidade. Mesmo entre as mulheres a questão da descriminalização é de difícil aceitação, o que indica as dificuldades presentes quanto se trata desse tema, em um país em que a religião católica é predominante entre a população, com forte atuação dos representantes da Igreja em todas as instituições da sociedade, sempre com o argumento da defesa da vida e pela condenação da prática do aborto em qualquer circunstância. Nunes, em seu artigo sobre o tema verificou que, *“pesquisas de opinião junto às mulheres brasileiras indicam que mesmo aquelas que praticaram*

²¹⁵ Maria Rita Kehl é psicanalista e escreveu este artigo, para o jornal *Folha de São Paulo*, São Paulo, 31/12/00, Caderno Mais!, p. 4-24.

o aborto mostram-se favoráveis à manutenção de uma legislação punitiva, nos casos de interrupção da gravidez". Para a autora, "um forte sentimento de culpabilidade em relação às suas práticas abortivas envolve essas mulheres"²¹⁷.

No grupo estudado, das seis entrevistadas, duas fizeram aborto: Teresa Lobo e Ruth e duas chegaram a planejar o ato, frente às situações que vivenciaram e que indicavam que esta seria uma opção importante para elas naquele momento: Laura e Bárbara Ramos. É interessante observar que as que chegaram a realizar o aborto vieram de famílias em que a orientação religiosa não era tão forte e os valores transmitidos aos filhos não tinham uma conotação moral muito rígida. No caso das que desistiram do ato, ao contrário, houve em sua socialização uma presença bastante marcante da doutrina da Igreja Católica.

"A discussão [sobre sexualidade] não existia em casa. Aparentemente sempre foi uma relação aberta, liberal, mas eu tive que colocar à prova quando fiz um aborto. Era uma coisa mais do discurso, na hora de encarar mesmo era diferente. Isso foi colocado à prova muitas vezes na minha casa, quando fiz o aborto, depois quando resolvi não casar. Aí surgiram muitos problemas que eu achava que jamais apareceriam, por conta de um discurso que não era esse.

Eu casei cedo, com vinte e três anos, e tinha vontade de engravidar logo, talvez por causa do aborto que fiz. O aborto foi antes [dessa união] e não foi do meu marido. Ele sabe, aliás, foi no dia em que nos reencontramos e pouco tempo depois casamos". (Depoimento de Teresa Lobo)

"No caso dos abortos [dois], nós dois tínhamos certeza que tinha que ser feito, porque foi um erro. No segundo eu fiquei um pouco mal depois. Eu queria fazer, fui com toda certeza, porque o Marcelo teve câncer no pulmão nessa fase, tomou remédios fortíssimos e os médicos haviam pedido para esperarmos um ano, se fossemos querer ter filhos". (Depoimento de Ruth)

"Sentimos muita culpa [ao perder uma filha na gestação], porque antes da gravidez sempre discutíamos a questão do aborto. Eu sempre falei que, depois do meu filho, iria fazer o teste de DNA e, se tivesse algum problema com o feto, tiraria e na gestação de 98 fiz o teste e depois de três semanas perdi.

Aí a religiosidade pega, porque pensávamos: Vai ver que foi para mostrar que tínhamos que pensar bem sobre o aborto, pois era uma criança sadia'. Veio toda essa culpa da decisão que tomamos de tirar uma criança, se ela tivesse problema e Laura não tinha problema e eu perdi. Fomos até falar com um padre da igreja que

²¹⁶ BARSTED, L. L. O Movimento Feminista e a descriminalização do aborto. In: *A questão do aborto*. Revista Estudos Feministas, Rio de Janeiro/IFCS/UFRJ, vol.5, n.º 2, p. 397- 402, 1997.

²¹⁷ NUNES, M. J. F. R.. O tratamento do aborto pela Igreja Católica. In: *A questão do aborto*. Revista Estudos Feministas, Rio de Janeiro/IFCS/UFRJ, vol.5, n.º 2, p. 413 – 417, 1997.

freqüentávamos e ele disse que sempre temos a visão do Pai castrador, do Pai mau, do Deus mau, mas o Pai não é mau, é sábio. Para o padre, se ele fez isso foi para nos dar força e que devíamos ver o lado positivo disso. Enfim, foi um conforto que achamos na religiosidade que temos". (Depoimento de **Laura**)

"Recém saída dessa crise toda [crise no casamento], engravidei da minha terceira filha. Eu estava com o DIU [método contraceptivo], porque não pretendia engravidar naquele momento e engravidei mesmo assim, embora pretendesse ter uma terceira filha mais tarde. Eu não queria ter, mas meu marido achou que era importante, que ia ser bom e terminei concordando". (Depoimento de **Bárbara Ramos**)

Mesmo considerando a presença de outros fatores que influenciaram suas escolhas, como a decisão tomada em comum acordo com o marido, a não aceitação dos pais, problemas decorrentes de orientação médica ou a presença de uma forte religiosidade na vida adulta, suas biografias permitem afirmar que a socialização foi um dos fatores determinantes em suas opções chegando, no caso de Laura, a culpabilização por algo que sequer chegou a se concretizar, tal a força da incorporação dos dogmas da Igreja em sua vida.

Uma das estratégias da Igreja Católica para manter o seu poder coercitivo junto à população feminina e seu poder de influência política junto ao parlamento e à mídia é a de apresentar o discurso oficial como unívoco e uníssono na instituição. Como afirma Nunes, *"os contra-discursos elaborados por agentes da instituição, em diversos níveis, não recebem tratamento mediático, não têm visibilidade pública, dada à repressão da Igreja a discursos "dissonantes" do oficial. O contra-discurso é elaborado a partir do lugar do não-poder, na instituição"*²¹⁸. O desconhecimento público desse fato impossibilita as mulheres, em especial as pertencentes aos estratos populares, de chegarem a uma elaboração moral alternativa que lhes permita desconstruir a culpabilidade em relação as práticas abortivas. Dificulta também os parlamentares na elaboração de contra-argumentos aos princípios éticos religiosos tradicionais, já que raramente se faz alusão à diversidade interna existente, principalmente no caso da Igreja Católica.

Barsted considera que para retirar o aborto do rol dos crimes, ou abrandar a legislação penal, precisamos aprofundar nossos argumentos ético-jurídicos. Esses argumentos originam-se de vertentes democráticas, articulados com um novo direito internacional nascido do movimento de mulheres e inserido no movimento de direitos humanos. A partir das Conferências do Cairo

²¹⁸ Ibid, p.414.

(Conferência Internacional sobre população e desenvolvimento, 1994) e Pequim (IV Conferência Mundial sobre a Mulher, 1995), a comunidade internacional passou a reconhecer expressamente o aborto inseguro como um grave problema de saúde pública e o Estado brasileiro assumiu perante a comunidade internacional o compromisso político e moral de revisar as leis internas que punem as mulheres submetidas a abortos ilegais, ratificando também os principais tratados internacionais de proteção aos direitos humanos.

No final do ano 2000, houve uma decisão considerada inédita na 11ª Conferência Nacional de Saúde. Após 14 anos de derrotas em quatro conferências nacionais, a descriminalização do aborto foi finalmente aprovada pelo plenário. Como o evento é um órgão colegiado, com competência para propor políticas que serão adotadas pelo Ministério da Saúde, e, embora o aborto não tenha deixado de ser crime, é possível ter expectativas de que, a médio prazo, a questão comece a ser pensada e tratada como um problema de saúde e não crime.

Outra permanência na repressão à sexualidade pode ser observada no trato da homossexualidade masculina e feminina. Os homossexuais ainda enfrentam um preconceito profundamente enraizado e, muito comumente, uma violência aberta. Suas lutas emancipatórias, como afirma Guiddens, encontram resistências tão profundas quanto aquelas que continuam a obstruir o acesso das mulheres à igualdade social e econômica. Esse cenário, porém, começa a se modificar, embora de forma lenta, pois *“uma vez que a sexualidade tornou-se um componente ‘integral’ das relações sociais, como resultado das mudanças(...), a heterossexualidade não é mais um padrão pelo qual tudo o mais é julgado. Ainda não atingimos um estágio em que a heterossexualidade é aceita como apenas uma preferência entre outras, mas esta é a implicação da socialização da reprodução”*²¹⁹. Duas narradoras, Teresa Lobo e Carol, abordaram essa questão ao falarem sobre as mudanças que estão ocorrendo em relação a sexualidade.

“Outra coisa que percebo de mudança no comportamento feminino é a própria questão do homossexualismo feminino, que hoje é muito mais assumido. Percebo entre as pessoas com quem trabalho e até dez, quinze anos atrás isso era muito mais velado. Nesse sentido a mulher tem se exposto muito mais e nem sei até que ponto encontra tanta resistência como há alguns anos. Mas, é preciso lembrar que trabalho muito com artistas, que têm uma flexibilidade de valores e de conceitos maior”. (Depoimento de Teresa Lobo)

[falando sobre a diferenciação por sexo] *“Como é o caso da homossexualidade, em que se aceita mais a relação entre homens do que entre mulheres. Para mim não, não tenho preconceito contra*

²¹⁹ GUIDDENS, A A *transformação da intimidade*. São Paulo: UNESP, 1993, p.45.

nenhum dos sexos, mas vejo que as pessoas têm. Meu marido mesmo, se vê homens homossexuais acha que tudo bem, mas quando são mulheres tem preconceito. No caso das mulheres a sociedade nem fala sobre isso, é uma coisa muito velada".
(Depoimento de Carol)

A homossexualidade tende a ser mais aceita em espaços como o meio cultural, que convive, por ofício da arte, cotidianamente com mudanças de comportamento, acabando por assimilar muitos valores tidos como modernos. Também entre as camadas médias intelectualizadas é possível observar que o preconceito, quando existe, é mais velado, mas sem dúvida, em todos os segmentos, o problema maior está na aceitação da homossexualidade feminina, provavelmente, como indica Guiddens, pela socialização para a reprodução. No ano 2000 existiam três projetos em âmbito nacional que contemplavam reivindicações dos homossexuais e aguardavam votação: 1.o projeto de lei que estabelece a parceria civil, 2.uma emenda constitucional que proíbe a discriminação por opção sexual e, 3. uma emenda ao Código Penal que torna essa discriminação crime e determina punições.

As reivindicações do movimento nem podem ser consideradas tão ousadas e, para alguns que acompanham suas lutas, elas são até certo ponto conservadoras, na medida em que se espelham na sociedade heterossexual da qual diferem. Mesmo assim, a resistência a aprovação por parte de setores mais conservadores é imensa, talvez porque em suas lutas o movimento busque recuperar a liberação da sexualidade, impossível de ser aceita por esses setores. Porém, como afirma Guiddens,

"A medida que a anatomia deixa de ser destino, a identidade sexual cada vez mais torna-se uma questão de estilo de vida. As diferenças entre os sexos continuarão, pelo menos no futuro próximo, a ser vinculadas ao mecanismo da reprodução das espécies; mas não há mais qualquer razão para que elas se submetam a uma ruptura drástica no comportamento e nas atitudes"²²⁰.

Contraopondo-se a essas tendências mais conservadoras, a manutenção da virgindade feminina antes do casamento, que anteriormente tinha um alto valor, não parece ter mais o mesmo peso neste universo, embora ainda se observe a permanência de valores na sociedade que distinguem entre "garota decente/vadia" e a idéia de amor romântico associado a sexualidade feminina. Contudo, cada vez mais ambos os sexos vêm tendendo a adquirir experiências sexuais antes do casamento sem que, no caso feminino, haja muita censura nas

²²⁰ Ibid, p. 217.

famílias. Carol relata as mudanças que têm percebido na educação feminina em relação à sexualidade e traz informações que ajudam a entender esse novo tempo:

“Na questão da sexualidade, acho que a maioria dos pais está dando uma educação mais liberal para os filhos, mostrando como devem se cuidar devido a AIDS, mas talvez tenha alguma diferença na questão da filha trazer o namorado para dentro de casa, para dormirem juntos. Assisti um programa outro dia que a situação era essa e fiquei indecisa em como procederia num caso assim, com qualquer dos filhos.

Acho que a maioria diferenciaria por sexo, e não por princípios, e que é mais complicado lidarem com a sexualidade da menina do que do menino. Até que a filha vá transar, tudo bem, mas trazer o namorado para transar dentro de casa, a coisa pega um pouco, mais do que para o filho”.

As mudanças no comportamento e atividades sexuais têm sido mais acentuadas nas meninas, tendo os meninos mantido um comportamento sexual mais conservador. Muitas adolescentes vêm mudando o seu comportamento de forma radical e acham que têm o direito de se envolver na atividade sexual, incluindo a relação sexual, em qualquer idade que lhes pareça apropriada. Mas, para as meninas, a virgindade ainda é considerada uma entrega e, reproduzindo a herança socializadora, preocupam-se mais com a escolha do momento e as circunstâncias certas e não com a sua realização, como acontece com os meninos, o que mostra que os resquícios do amor romântico ainda são muito presentes nas últimas gerações de mulheres. Associados a essa concepção estão os ideais de construção de uma carreira profissional e a independência financeira, indicando a convivência articulada entre velhos e novos valores.

Dauster, em seus estudos com camadas médias urbanas verifica que, nas representações acerca da sexualidade entre mulheres a prática sexual não se sustenta apenas como “prazer”, expressando-se inevitavelmente por meio da linguagem e pela metáfora do amor. Para ela, *“esta é a lógica que cabe ‘tradicionalmente’ à mulher, socialmente legitimada ‘guardiã dos valores do coração’: revestir o exercício da sexualidade com o sentimento amoroso sob pena de se projetar fora do universo relacional da família que tem como uma de suas fronteiras a prostituição”*²²¹.

²²¹ DAUSTER, T. A invenção do amor. Amor, sexo e família em camadas médias urbanas. In: FIGUEIRA, A .S. (org.) *Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1987.p. 104.

No caso dos homens, ao contrário, permanece o padrão social de comportamento representado pela possibilidade da prática sexual sem amor, já que tradicionalmente são considerados como tendo necessidade de variedade sexual, sendo aceito seu envolvimento em encontros sexuais múltiplos antes do casamento e, dependendo do grupo social, mesmo após o casamento. De forma geral, apresentam dificuldades em lidar com as mudanças no espaço íntimo e na esfera pública nas questões que envolvem os gêneros, tanto no que se refere a aceitar a igualdade de direitos, quanto a mudanças em seus papéis tradicionais. Para Cuschnir²²², o homem tem dificuldades imensas de lidar com as transformações que estão ocorrendo na vida familiar e afetiva. Ele ainda não aceita tomar conta da cozinha, limpar o banheiro e fazer as compras do supermercado. A área em que o homem está evoluindo com maior sucesso é a relação com a paternidade. Hoje, ele quer ganhar o afeto dos filhos e para isso vem procurando estabelecer uma relação de maior proximidade. De fato, em especial nas camadas médias mais jovens, já é bem visível a presença masculina exercendo inclusive diversas atividades de cuidados e assistência aos filhos, sem que sejam observados questionamentos da identidade sexual ou sentimento de feminização, já que desenvolvem uma abordagem própria masculina nesses cuidados.

Mas, se há uma tendência de maior participação paterna, sem dúvida nenhuma as mulheres ainda são as maiores responsáveis por todos os eventos que se referem à criança. No caso das atividades domésticas, estas permanecem, na maior parte das famílias, sob a responsabilidade da mulher. A possibilidade de mudança aqui tende a se dar mais lentamente, já que, como observou Romanelli em sua pesquisa, para os homens o universo do trabalho, enquanto elemento articulador de sua memória e de sua biografia, estrutura-se em valores *"individualistas"*, nos quais a intimidade e a igualdade que ela pressupõe estão ausentes. No caso das mulheres,

*" valores e representações referidos à dimensão da 'coletividade', do conjunto da família, são acionados e mobilizados numa teia de relações, de intimidade, de negociações sutis, de pequenas barganhas, de muito empenho para recompor, cotidianamente, um universo coletivo, mesmo que, em grande parte dos casos, os resultados estejam distantes do modelo idealizado"*²²³.

Bárbara mostra estas diferenças ao comparar seu cotidiano com o do marido, permitindo visualizar essa permanência nas formas de ser de homens e mulheres.

²²² CUSCHINIR, L. Entrevista. *Revista VEJA.*, São Paulo: Abril, ed. 1644, ano 33, n.º 15, 12/04/00.

²²³ ROMANELLI, G. *Papéis familiares e paternidade em famílias de camadas médias*. In: ANPOCS, 1995, XIX Reunião Anual, Minas Gerais, 1995, p.17.

“É muito interessante o homem, talvez porque a educação já permitiu culturalmente. Meu marido passa o dia inteiro fora de casa, sai pela manhã e só volta à noite e fica lá o dia todo. Não troca tanto de papéis como eu tenho que trocar no meu dia. Venho para casa, tenho que ir ao supermercado, ver o que a empregada precisa, o que as filhas precisam. Tenho assunto doméstico e de filhas para todo o dia! Se não trabalhasse e ficasse em casa acho que teria assunto para todo o dia, porque não para e não é para parar mesmo. Ele se preocupa quando não estou em casa, mas é para não ficar só”.

A mulher convive diariamente em várias matrizes de gênero, muitas vezes contraditórias. Na esfera pública tem que dar conta de valores mais ligados a racionalidade, enquanto que no espaço doméstico a emoção e a espontaneidade tendem a prevalecer. Velho²²⁴ chama a atenção para o fato de que principalmente nas camadas médias intelectualizadas, o indivíduo poder apresentar, em determinados momentos e contextos específicos, comportamentos e atitudes classificáveis como novos ou modernos e, em outros, estar mais ligado a uma visão mais tradicional. Circulando em diferentes espaços pode ter um desempenho no trabalho considerado moderno e nas relações familiares tradicional, em especial, na questão moral, na qual esta variação pode gerar tensão e heterogeneidade.

A maior parte das entrevistadas, pela própria condição da vida moderna e também pela multiplicidade de papéis que assumem, acabam tendo que dar conta hoje de questões muitas diversas nos espaços em que se posicionam, às vezes assumindo posturas coerentes com os valores mais modernos que defendem em seus discursos, mas em outras, reproduzindo valores herdados, mais tradicionais. O depoimento de Laura sobre um diálogo travado com seu filho de seis anos mostra o quanto valores mais conservadores podem estar presentes na educação dos filhos, mesmo havendo o desejo de transmitir uma nova forma de viver entre os sexos.

“Tem a percepção do meu filho sobre o papel materno, às vezes ele fala: ‘Graças a Deus eu nunca vou ser mãe’. Eu pergunto porquê e ele diz: ‘A Catarina [a filha] chora muito, mãe tem que acordar à noite’. Então, tem a percepção dele de que a mãe é que é responsável por dar de mamar, é quem fica grávida, etc.”.

Mãe é aquela que cuida, que assiste os filhos nas suas necessidades básicas, o que, na representação infantil, significa uma tarefa muito mais árdua se comparada à função paterna. A educação dos filhos pode ser o grande fator impulsionador de alterações na esfera doméstica neste novo século, se homens e mulheres conseguirem modificar suas práticas neste espaço,

²²⁴ VELHO, G. *Subjetividade e Sociedade. Uma experiência de geração*, 2ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

não trabalhando apenas com discursos contrários a segregação, mas assumindo posturas que caminhem no sentido da equidade de gênero. Isto também significa instrumentalizá-los para o futuro, na aquisição de valores éticos e progressistas, ensinados pela história familiar, que é contada por gestos, palavras e atitudes. Dependerá mais das mulheres, já que, em geral, demonstram maior sensibilidade pela questão e são as maiores interessadas nas mudanças de comportamentos, cobrando dos homens a partilha nas responsabilidades na esfera íntima, na construção de relações mais igualitárias na família.

É possível ter expectativas de mudanças no comportamento masculino em outros aspectos, além da maior proximidade com os filhos. Para Cuschnir²²⁵, a crise do homem é o resultado dos papéis diferenciados por sexo que a sociedade estabelece. Ainda se espera que ele seja forte, bem-sucedido e que esconda seus medos. A crise seria uma decorrência da necessidade de haver uma profunda transformação no papel masculino diante das mudanças no papel feminino. Essas modificações tenderão a acontecer e a se ampliar nas gerações mais jovens, à medida em que a socialização dos filhos, principalmente neste universo, vem apresentando alterações, com menos condicionamentos nos papéis de gênero e relações que caminham para formas mais igualitárias na família. Além disso, as mudanças também estão acontecendo com outros agentes socializadores importantes como a escola, muito embora ainda haja muito de conservador nesta instituição.

"Vejo que as minhas amigas educam as filhas para serem independentes e a maioria das mães antes pensava na educação das filhas somente para casar. Hoje, mesmo a mãe que não trabalha, quer que a filha tenha uma profissão, que vá trabalhar fora. Continuidade talvez esteja presente nas coisas que são só dos meninos e outras só das meninas. Por exemplo, na escola dos meus filhos, só os meninos jogam futebol, mas outras escolas já adotam outra postura que incluem as meninas". (Depoimento de Carol)

"...acho que tem mais mudança. Na escolinha do meu filho era interessante, na hora de dormirem eles davam uma bonequinha para todos, meninos e meninas, e era legal isso. Agora, as crianças já têm uma vivência mais por sexo. Meu filho brinca de super herói e as meninas brincam de casinha. A orientadora da creche em que fui levar a minha filha disse: 'Não consigo mudar isso, está enraizado'. Nesse aspecto tem continuidade, sobre as preferências dos brinquedos, talvez estejamos transferindo os valores. Isso é aprendido, mas, ao mesmo tempo tem uma mudança. Meu filho procura se adequar a brincar com as meninas, mas fala: 'Eu sou o pai, sou o irmão'. Mas,

²²⁵ Ibid.

ele brinca de casinha, coisa que antes os meninos não brincavam”.
(Depoimento de **Laura**)

A escola como parte da sociedade também recebe influências, vivendo contraditoriamente a crise de modelos pedagógicos, embora no ensino privado haja uma tendência maior a adoção de modelos mais progressistas. Assumir esses novos padrões não parece ser uma tarefa das mais fáceis, já que os discursos da modernidade nos remetem em direção aos ideais igualitários, mas na família, assim como no país, *“o ‘arcaico’ continua presente de modo invisível, mais ou menos inconsciente, mas certamente eficaz na sua oposição estrutural ao “moderno, que é o mais recente e é o núcleo daquilo que desejaríamos ser”*.²²⁶.

Essas permanências funcionam como verdadeiras barreiras em relação a mudança de atitudes dos professores, pais e demais agentes socializadores. Mudanças mais profundas só poderão acontecer se houver alteração na estrutura que mantém a discriminação, passando pela ideologia liberal burguesa que sustenta um discurso de igualdade no plano legal, mas produz a desigualdade através de vários mecanismos. Saffioti²²⁷ observa que é quase impossível a escola avançar em uma forma de educação não generizada (não diferenciada por gênero), enquanto houver a valorização da docilidade, do altruísmo e da passividade como traços femininos e, no seu oposto, esperar como ideal masculino, a força, a coragem e a independência. Significa que, para haver uma real modificação nos valores que condicionam as meninas para a interiorização de sentimentos de inferioridade e insegurança, não basta a ação de uma instituição como a escola. É necessário e urgente que se articulem ações, por meio dos diversos agentes socializadores, que funcionem de forma sinérgica, provocando um aprendizado pedagógico e político, com maior auto-estima feminina e noção de cidadania.

No universo estudado foi possível verificar também uma forte presença dos aspectos místicos, cada vez mais valorizados, apresentando um espaço maior para as opções individuais. Embora o catolicismo continue a ser a religião predominante no Brasil, houve uma queda em número de seguidores a partir da década de 90. Cresceram as religiões pentecostais entre os segmentos mais empobrecidos e parte das camadas médias. Contudo, neste estrato há maior inclinação para o movimento denominado “Nova Era” que vem atraindo, principalmente, grupos mais intelectualizados, pela pouca rigidez e ausência de dogmas definidos.

²²⁶ FIGUEIRA, S. A , Op.cit., p.22.

²²⁷ SAFFIOTI, H. I.B. & ALMEIDA, S.S. *Violência de Gênero. Poder e impotência*. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

Para Sanchis, esse movimento vem repercutindo nas camadas médias, porque preocupa-se mais com a espiritualidade do que com a religião e muitas de suas correntes vêm preferindo se posicionar como não religiosas, optando por serem compreendidas como correntes intelectuais e emocionais, que *“buscam a realização plena do indivíduo, num reencontro emocional com a totalidade da natureza, rompendo assim, com a era do racionalismo patriarcalista”*. Essas correntes, denominadas por Sanchis de “pós-modernas”, rejeitam uma institucionalidade forte, típica da modernidade, da burocracia. O que as caracteriza é o individualismo. É o indivíduo quem define sua opção, podendo compor sua síntese, ou seu universo, com elementos tomados de várias tendências religiosas e, mesmo que escolha uma tendência, não existe o caráter decisivo.

“O critério adotado pelos adeptos das novas religiões não flui mais necessariamente daquilo que se tem como verdade, deixou de ser algo intelectual, racional. A fé tornou-se algo que plenifica, que se manifesta no domínio da emoção.

Surge uma nova noção de ciência e racionalidade, aliada à emoção e ao holismo, à inserção do indivíduo na totalidade. Outro caráter das novas religiões é, pois, a tendência à fusão do divino com a natureza”²²⁸.

Esta procura por integrar-se na totalidade não se contrapõe ao individualista, oposto ao holismo da sociedade tradicional. É uma maneira de relacionar-se com a espiritualidade de forma menos dogmática, porém mais individualizada, envolvendo muitas vezes um verdadeiro sincretismo religioso na busca do reconhecimento do eu, observado nas histórias de vida de algumas entrevistadas.

“Acho que a religiosidade aparece e, embora as inúmeras coisas que eu estude não tenham muito lugar para Deus, não me sinto como uma pessoa completamente céptica. Não tenho religião, não frequento nem a Sinagoga, nem a Igreja, só comemoro o natal. Não tenho resíduo forte de religião, mas, sinto religiosidade em mim. Não sei explicar direito em que acredito, mas, principalmente quando fiquei grávida...você acaba acreditando em alguma coisa.

Eu gosto de conversar com meus filhos [sobre religiosidade], não acho bom ser completamente céptico, mas, acho difícil conviver com isso. A crença em alguma coisa, nem que seja na vida, acho importante. Acho que tenho crença na vida, em coisas que às vezes é difícil nomear. Não me sinto totalmente céptica”. (Depoimento de Teresa Lobo)

²²⁸ SANCHIS, P. Catolicismo perde espaço. In: *Revista CIÊNCIA HOJE*, Minas Gerais: SBPC, vol.27, n.º 159, p. 07-10, abril/00.

"Depois de um tempo, fiquei muito afastada da religião, meio descrente, mas, de uns cinco anos para cá, isso vem reavivando muito. Eu sigo, vou a missa aos domingos, gosto de ir...de rezar, de fazer sempre alguma coisa que envolva algum tipo de religião. Pode nem ser a católica, mas de acreditar em alguma coisa que transcenda o que vivemos aqui. Mas, até hoje não consigo ser uma católica, no sentido que meus pais são. Não sinto lá dentro de mim essa ligação com a religião, mas, às vezes, tenho necessidade de rezar um pouco, de fazer uma reflexão.

Ultimamente tenho procurado me informar se dentro da religião católica tem alguma coisa ligada a meditação, que é algo que tem me interessado. Leio um pouco sobre religião, mas não é no sentido que é para eles, é diferente. E é uma coisa que só eu vivo, chamo às vezes minhas filhas, mas não é uma coisa que eu fale muito.

É uma vivência muito interna minha, não tem nada de dogmático, nem de participar de atividades da igreja. Às vezes, eu vou para a missa e nem sei o que o padre falou. É uma coisa de ficar ali, naquele ritual de cantar, rezar, que me faz um pouco de bem. Nem falo para muitas pessoas, mas é algo que me faz bem e faço".
(Depoimento de **Bárbara Ramos**)

"Não sou católica, mas, sou ligada a uma espiritualidade muito grande, que foi se intensificando ao longo da minha vida. Minha mãe tornou-se espírita, tenho uma tia materna que é espírita, e meu pai também depois. O Marcelo [marido], é uma pessoa extremamente mística, joga I Ching, Tarô, vai em mãe de santo, é muito espiritualista. Comecei a desenvolver mais esse meu lado com ele, embora não frequente nada. Às vezes, ele joga I Ching para mim, uma vez por ano acabo indo numa mãe de santo, leio meu mapa astral. Fui conduzindo minha vida assim, pensando na qualidade de vida. Menos dinheiro e mais buscar a felicidade de outra forma".
(Depoimento de **Ruth**)

Aquelas que tiveram uma participação religiosa mais "militante", como Gabriela e Laura, associando-se na juventude aos movimentos leigos, preservaram suas crenças e costumam participar dos cultos, embora tenham uma visão crítica dos dogmas religiosos.

"Quem faz Serviço Social em algum momento questiona um pouco a religiosidade. Para mim, foi tão presente que nunca questioneei a existência de Deus. Eu questiono um pouco a relação com a Igreja, mas nunca pus em cheque a minha fé, não mudou, pelo contrário.

Acredito em Deus, rezo, vou a igreja. É algo que gosto, me faz bem, é importante na minha vida e me ajuda muito. Por muitas coisas que já passei [momento de grande emoção da entrevistada], momentos difíceis. Imagino que se não tivesse fé, não teria conseguido superá-los. Foi muito importante". (Depoimento de **Gabriela**)

“Acho que retomei a religiosidade. Na época que a minha mãe falava que eu era ‘bicho-grilo’ era mais desligada, tinha questionamentos sobre a religião, mas, hoje, sou bem ligada e não foi por causa do aborto. Quando casei e entrei na PUC, algo reacendeu em mim dizendo: ‘Você teve uma boa formação religiosa, pode ir em frente que ela te ajuda e te amadurece de alguma forma’.

Vou hoje à igreja, de vez em quando, com meu marido e nosso filho. Fizemos questão de batizá-lo com um padre que conhecíamos e, no batizado de nossa filha, foi a mesma coisa. Nós gostamos, mas não daquela igreja tradicional, mas quando tem um padre progressista que entende, que comunga das mesmas aflições que nós, então vamos. Frequentamos a igreja dos padres dominicanos, ligados a PUC, que têm um discurso progressista e levamos nosso filho nesse tipo de igreja. (Depoimento de Laura)

Já para Carol, a definição pela religião ocorreu em um momento de grande sofrimento emocional e parece ter servido como apoio espiritual no enfrentamento dos problemas cotidianos.

“A definição por uma religião foi quando já era adulta, com vinte e cinco anos. Nessa idade mudei para a religião espírita, embora antes já acreditasse em vida após a morte, reencarnação. Houve a influência do meu marido que, na época, era meu namorado, e o problema de depressão da minha mãe que atravessou toda a minha adolescência. Fui num centro espírita, gostei do que se falava lá, e com isso consegui ajudar um pouco minha mãe. Depois, ela começou a frequentar também. Meu pai não, dizia que aquilo era uma coisa horrorosa. Até nos levava, às vezes, mas nunca chegou a entrar.

“Esse centro segue a doutrina kardecista, mas minha família não entende muito. Minha mãe melhorou porque passou a ir lá. Depois que me casei, ela deixou de ir, mas continua bem, porque depois que tive meus filhos, ela cuida deles e se sente útil e acho que isso a ajudou a superar o problema que tinha.

Antigamente eu era muito radical, agressiva, tinha outra atitude de vida. Hoje, sou mais calma, tenho mais paciência. No trabalho também acabou influenciando.

A religião trouxe princípios éticos que me ajudam a perceber o mundo de outra forma. Isso é o que passamos para os filhos, nossa vida é mais centrada no espiritual do que no material. Não sou tão exagerada quanto meu pai, que não liga nada para as questões materiais, mas é um pouco por aí”.

A crença em algo não instituído, a relação com o plano espiritual mais livre de vínculos institucionais, a possibilidade de associar várias crenças religiosas, retirando de cada uma aquilo que lhe é mais significativo e o elo com a natureza, pela meditação, é o que parece conduzir este grupo na busca do equilíbrio emocional. Também há uma tendência em não definir a religião para os filhos, embora haja estímulo para que norteiem suas vidas por princípios morais que se

apoiam em alguma crença religiosa ou esotérica. Também é possível observar uma crescente procura por referências espirituais alternativas por meio de leituras sobre o tema, ou por seus interlocutores: videntes, cartomantes, entre outros, conformando um estilo de vida que parece ser cada vez mais presente nessas camadas, no esforço por adquirir estabilidade emocional, equilíbrio do “eu”.

As modalidades religiosas não tradicionais sempre coexistiram com as religiões tradicionais na cultura ocidental. Contudo, conforme Cipriano, após 1968, ressurgem e se expandem com o tema da Nova Era, comandadas por grupos mais ligados a contracultura estudantil. Dessa “nova gnose”, como explicita, decorre o interesse pela astrologia e pelo ocultismo, pelas teorias da reencarnação e pela força dos *mantras*. Cipriano avalia que, por trás dessa busca, se oculta o fracasso político de uma geração de jovens.

“Um difuso sentimento de decepção e de impotência, a consciência da inutilidade de um engajamento político total e outros fatores sócio-econômicos (o desemprego dos jovens, as dificuldades nas relações interpessoais, a crise do casal e das relações entre gerações) se traduzem, por um lado, em concentração intimista, e, por outro, na procura angustiada de grupos primários substitutos”²²⁹.

Esta concentração mais intimista já se manifesta em vários aspectos da vida hoje, no afrouxamento dos laços familiares, na falta de solidariedade e na busca de respostas individuais para a satisfação de necessidades que antes eram engendradas no coletivo. A nova sociabilidade, que tem suas raízes na nova ordenação mundial e impõe o isolamento e o fechamento das pessoas em seu universo micro, inviabilizou o espaço público como lugar de encontro, de manifestação política e cultural. No presente, como afirma Chauí, “a forma de subjetividade que está sendo plasmada é menos de uma subjetividade (intercorporeidade, intersubjetividade, relação simbólica com o ausente, transcendência do fato ao sentido) e muito mais uma intimidade”²³⁰. Uma subjetividade que se funda no modelo fornecido pela sociedade atual, na busca de uma *intimidade narcísica*.

Para Chauí, essa intimidade é uma intimidade infantilizada, na qual a ênfase, como Featherstone também verifica, está nos processos primários, na satisfação imediata dos desejos, criados pela mídia para fins de consumo. Intimidade “yuppie”, no dizer de Chauí, da competição mortal, da violência como regra, do “*carpe diem*”, já que tudo é fugaz e rápido, sem passado e

²²⁹CIPRIANO, R. Política e religião nos movimento estudantis. In: SIMSON, O.M.V.(org.) *Experimentos com Histórias de Vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988, p.169.

²³⁰ Marilena Chauí participou como conferencista do debate “Subjetividades Contemporâneas”, promovido pelo Instituto Sedes Sapientiae. As conferências foram posteriormente transcritas e lançadas na revista do instituto. “Subjetividades contemporâneas”. *Revista do Instituto Sedes Sapientiae*, ano 1, n.º 1, São Paulo, 1997, p. 2-25.

sem possibilidade de futuro. A criação de uma nova subjetividade emancipadora e emancipatória, dentro dessa perspectiva, se encontra profundamente comprometida, diante da divisão social que se institui entre os poucos que dominam o planeta e a imensa maioria de deserdados e descartáveis submetidos a esse domínio. A alternativa para Chauí, está em pensar um projeto emancipatório a ser construído no mundo do trabalho, por mais que este esteja se deteriorando e sendo destruído em sua capacidade.

Esse projeto envolve necessariamente a ética, no sentido de pensar a construção de relações sociais que garantam a reprodução social da vida de todos os seres humanos, numa perspectiva de lógica da inclusão contra a lógica da exclusão. Pensar a situação contemporânea como problema e questão e não como indicadora do quê e como devemos pensar, como declara Chauí.

Na construção de projetos individuais, as mulheres do universo estudado, procuram modificar sua posição na sociedade e na família pelo trabalho. O ingresso no mercado de trabalho mantém-se como o fator mais importante, propulsor de mudanças e um marco significativo na vida de todas as entrevistadas, não apenas pelo ganho financeiro, que possibilita o consumo e maior independência. Neste grupo, o trabalho é compreendido como emancipador da condição de inferioridade feminina, além de ser parte de um estilo de vida.

Mas não apenas para estas mulheres o trabalho tem um alto valor. As sucessivas crises econômicas no país e a reestruturação do trabalho, não diminuíram a presença da força de trabalho feminina, ao contrário, as mulheres estão entrando e permanecendo cada vez mais no mercado de trabalho. Dados da Fundação SEADE, que informam sobre a região metropolitana de São Paulo, mostram que a taxa de participação das mulheres aumentou, entre 1997 e 1998, alcançando o patamar recorde de 50,8%. Contudo, ampliou-se também o desemprego feminino e masculino, atingindo-se em 1998, as taxas mais elevadas da década: 21,1% e 16,1%, respectivamente. As causas do desemprego feminino se referem a continuidade do crescimento da oferta de mão-de-obra e do declínio da ocupação, enquanto que para os homens, decorrem exclusivamente do nível ocupacional, visto que, para este segmento, a taxa de participação manteve-se em declínio²³¹.

²³¹ Os dados apresentados a seguir foram colhidos do relatório da Fundação SEADE. São Paulo, julho/00, <http://www.seade.gov.br/cgi-bin/pedmv98/trtaopest.ksh?tipo=mulher>.

A análise do desemprego por tipo mostra que, entre as mulheres, as taxas de desemprego aberto²³² são sistematicamente mais elevadas que entre os homens. Em 1998, o desemprego aberto atingiu 14,7% da PEA feminina contra 9,5% da masculina. A taxa de desemprego oculto pelo trabalho precário²³³ das mulheres continua sendo menor, em comparação com os homens, mas em 1998 cresceu mais: 12,9% contra 10,2%. O tempo de desemprego está aumentando para ambos os sexos, sendo que para o conjunto dos desempregados, com experiência anterior de trabalho, correspondia a 17 meses (um ano e cinco meses). Entretanto, as mulheres tradicionalmente levam mais tempo que os homens para obter outro emprego, mesmo que tenham experiência anterior. Em 1998, como em 1997, o tempo de desemprego feminino chegava a durar 21 meses (um ano e 9 meses), o mais longo de todo o período. Em contraposição, o tempo de desemprego masculino aumentou de 11 para 13 meses, o que já era presente para as mulheres em 1989.

Apesar da redução do total de mulheres ocupadas, segundo a Fundação SEADE, não ocorreu em 1998, mudança em seu perfil ocupacional no sentido de ampliação das formas de inserção mais instáveis. O número de assalariadas permaneceu praticamente estável (0,1%), como resultado do declínio do assalariamento sem carteira de trabalho assinada no setor privado e do aumento de oferta de emprego no setor público. A parcela de trabalhadoras autônomas decresceu 2,7%, havendo aumento no contingente de trabalhadores, homens e mulheres, que trabalha para empresas e diminuição do número dos que atuam como autônomos para o público. Em oposição ao ano anterior, também decresceu o número de mulheres e homens que trabalham como empregadores ou como trabalhadores familiares. Como nos anos anteriores, a instabilidade de inserção, em 1998, foi maior para as trabalhadoras do que para a população masculina ocupada.

O perfil de escolaridade de mulheres e homens ocupados melhorou em 1998, dando continuidade ao movimento registrado em anos anteriores, mas manteve-se o diferencial de instrução entre os dois segmentos populacionais. Significa que as mulheres permanecem tendo um grau médio de instrução mais elevado do que os homens. No ano analisado, 42% das

²³² O desemprego aberto reporta-se a pessoas que procuraram trabalho de maneira efetiva nos 30 dias anteriores ao da entrevista e não exerceram nenhum trabalho nos últimos 7 dias. In: *Boletim Pesquisa de Emprego e desemprego na região metropolitana de São Paulo*. São Paulo: SEADE/DIEESE, s.d.

²³³ O desemprego oculto pelo trabalho precário refere-se a pessoas que realizam algum tipo de trabalho remunerado eventual de auto-ocupação, ou seja, sem qualquer perspectiva de continuidade e previsibilidade, ou realizam trabalho não-remunerado em ajuda de negócios de parentes e que procuraram mudar de trabalho nos 30 dias anteriores ao da entrevista ou que, não tendo procurado neste período, o fizeram sem êxito até 12 meses atrás. In: *Boletim Pesquisa de Emprego e desemprego na região metropolitana de São Paulo*. São Paulo: SEADE/DIEESE, s.d.

trabalhadoras haviam concluído pelo menos o 2º grau, enquanto entre os trabalhadores essa proporção correspondia a 34%.

Entre 1997 e 1998 houve redução do rendimento médio real das trabalhadoras, com uma variação negativa de 0,8%, correspondendo a R\$ 633,00. Entre os homens, o decréscimo foi mais expressivo (4,4%) e seu rendimento médio real atingiu R\$ 1.004,00. A diferença permanece mesmo quando se considera o rendimento por hora trabalhada. Em 1998, as mulheres recebiam, em média, R\$ 3,79 por hora e os homens R\$ 5,10 o que vem confirmando o que os pesquisadores desta área já mostravam: o menor patamar de remuneração das mulheres não pode ser atribuído apenas ao fato de sua jornada de trabalho ser inferior à dos homens – 39 horas e 46 horas, respectivamente no ano analisado.

Os dados da Fundação SEADE informam ainda que no período entre 1997 e 1998, somente houve aumento apenas nos rendimentos por hora entre as ocupadas com 3º grau completo. Esse aumento foi de 2,4%, elevando a R\$ 10,88 o valor da hora trabalhada. As maiores perdas foram registradas entre as ocupadas com menor grau de instrução.

Em termos nacionais, as mulheres são hoje uma parcela significativa da força de trabalho no Brasil. As informações do boletim especial do DIEESE²³⁴, em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, apresentam dados que informam que as mulheres são hoje no país 31 milhões de trabalhadoras, ou seja, compõem aproximadamente 41% da PEA.

População economicamente ativa, por sexo

Brasil – 1998

	Números absolutos	Em %
Homens	45.614.025	59,33%
Mulheres	31.271.707	40,67%
Total	76.885.732	100,0%

Fonte: IBGE, PNAD/98

Elaboração: DIEESE

Trabalhando como assalariadas em sua maioria, cerca de 17% estão empregadas como trabalhadoras domésticas. Estão também, em maior proporção do que os homens, em postos não- remunerados, permanecendo a maior parcela da força de trabalho feminina nas atividades de prestação de serviços, agrícolas, social e comércio de mercadorias, conforme mostram os dados da tabela abaixo.

²³⁴ Boletim DIEESE – edição especial, São Paulo: DIEESE, mar/00.

Pessoas ocupadas, segundo ramos de atividade, por sexo

Brasil – 1998

Ramos de atividade (em %)	Homens	Mulheres	Total
Agrícola	19,3	26,0	23,4
Indústria de transformação	8,4	14,0	11,8
Indústria de construção	0,7	11,3	7,1
Outras atividades industriais	0,5	1,7	1,2
Comércio de mercadorias	13,7	13,3	13,5
Prestação de serviços	29,4	12,4	19,1
Serviços auxiliares da atividade econômica	3,3	4,2	3,9
Transporte e comunicação	1,0	5,9	4,0
Atividade social	18,1	4,1	9,6
Administração pública	3,9	5,1	4,6
Outras atividades, mal definidas ou não declaradas	1,7	2,0	1,9
Total	100	100	100

Fonte: IBGE, PNAD/98

Elaboração: DIEESE

Apresentando maior grau de instrução do que os homens, as mulheres permanecem ganhando menos e estão em situação de vulnerabilidade maior, muitas vezes não exercendo funções compatíveis com sua formação. O cenário demanda um empenho das trabalhadoras e sindicatos para mudar essa situação, já que, em termos das negociações coletivas, pouco se tem avançado nas questões que se reportam à mulher. Dados do DIEESE indicam que, as negociações quando ocorrem, se referem apenas as questões relativas à mulher gestante e à maternidade, com pouca resolução dos demais problemas relacionados a mulher no trabalho.

Considerando este contexto, iniciativas como o VI Congresso Mundial das Mulheres da Confederação Internacional das organizações Sindicais Livres, realizado no Rio de Janeiro, em 1999, são fundamentais para a implantação de mudanças de gênero na relação trabalhista no Brasil. Com a presença de mais de quatrocentas sindicalistas do mundo todo, este fórum identificou sete áreas de ação prioritárias para que os sindicatos atinjam igualdade para as mulheres no local de trabalho:

- ◆ Igualdade de gênero na negociação coletiva;
- ◆ Salários iguais para trabalho de igual valor;
- ◆ Acesso das mulheres a promoções e altos cargos;

- ◆ Aumento da consciência de gênero para homens trabalhadores e empregadores (inclusive sobre o assédio sexual);
- ◆ Qualificação profissional para mulheres (durante o horário de trabalho);
- ◆ Combate à violência contra a mulher no local de trabalho;
- ◆ Capacitação contínua (formal e informal)²³⁵

Também foi significativa a experiência desenvolvida entre as Centrais Sindicais e o DIEESE, em 1996, através de um convênio com o Fundo para Equidade de Gênero da Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional. Este evento produziu um “Mapa das Questões de Gênero”, lançado em 1999, no qual são indicadas as principais áreas problemáticas que necessitam da ação sindical frente às transformações no mundo do trabalho²³⁶. O emprego foi o eixo central, convergindo diversos temas em torno dele, o que demonstra como hoje esta é a questão mais premente para todos os trabalhadores. Os participantes (homens e mulheres dirigentes e assessores sindicais das três centrais e do DIEESE, além de representantes da área de relações humanas das empresas), consideraram que, *“a construção da igualdade de gênero é também a construção da igualdade social no país”*. Afirmaram ainda que a solução dos problemas que afetam as mulheres tem impacto direto e expressivo sobre a qualidade de vida da população como um todo.

Estas considerações, assim como a própria iniciativa do encontro, demonstram uma preocupação relativamente nova no meio sindical e indicam transformações nas relações entre os trabalhadores, que tendem a se concretizar em ações afirmativas a serem viabilizadas, principalmente, nas pautas de negociações trabalhistas. Contudo, dependem também da melhor aceitação dos sindicalistas da participação feminina no meio sindical, historicamente marcado por uma visão machista que exclui as mulheres. Além disso, muitas das propostas estão condicionadas ao desenvolvimento de articulações entre o movimento sindical e os empresários e outras entre estes e o governo, nas três esferas (municipal, estadual e federal), necessitando de estratégias adequadas para que haja avanços na equidade de gênero, saindo dos discursos para ações concretas.

Este capítulo procurou dar visibilidade à forma como este grupo está construindo caminhos em um cenário político e econômico bastante incerto, pelas transformações que estão ocorrendo na sociedade, com mudanças na ordem econômica mundial desde a década de 70. A

²³⁵ Informações fornecidas pelo Boletim do DIEESE. *Boletim DIEESE*, edição especial, São Paulo, mar/00.

alteração no processo produtivo com a utilização de novas tecnologias e a informatização desencadearam a reestruturação do trabalho de forma radical, ampliando os padrões de exploração, principalmente das mulheres, jovens e emigrantes em partes consideráveis do mundo.

Mas as mudanças não ocorreram apenas no plano econômico. Também houve alteração no perfil demográfico da população, aumento da média de expectativa de vida, expansão urbana, crescimento dos serviços terciários, maior difusão da educação formal, mudanças nos padrões culturais e crescimento de novos circuitos de comunicação, influenciando diretamente na estrutura familiar e gerando novas formas de sociabilidade, principalmente entre as mulheres e os jovens. O Estado brasileiro diminuiu drasticamente sua ação reguladora, transferindo para a sociedade civil responsabilidades antes tidas como do Estado. Paralelo a essas mudanças, a partir da década de 90, houve um declínio das lutas democráticas no país.

Mas, como afirma Janine Ribeiro²³⁷, existem boas razões para sermos otimistas em relação à democracia, pois, nos últimos 20 anos, dobrou ou triplicou o número de pessoas que não vivem em ditaduras. Para ele, há mais liberdade, incluindo o Brasil, do que havia em 1980, após a queda do comunismo e das ditaduras apoiadas por Washington.

Janine Ribeiro não pensa a democracia restrita ao plano político, mas como um regime de vida, defendendo sua inclusão também no mundo dos afetos, já que tudo na modernidade faz parte da vida privada. Desse modo, na pauta de questões a serem enfrentadas no novo milênio, deve constar como prioridade a mudança profunda do entendimento do que é democracia, que precisa se constituir cada vez mais no respeito ao outro, reconhecendo que o outro não precisa ser semelhante a nós e que devemos aprender a aceitar sua diferença cultural, sexual, política, religiosa ou de valores, admitindo que tenha as mesmas chances de encontrar seu caminho e ser atendido em suas necessidades básicas.

As histórias de vida do grupo pesquisado mostram que as relações que estão construindo na família e fora dela têm como valor a democracia, enquanto regime de vida. Seus projetos, embora se pautem por uma visão ancorada na ideologia modernizante capitalista, com ênfase no indivíduo, não são totalmente englobados por ela. Pela sua própria biografia, com experiências diversificadas que passaram pelo período autoritário, mas conviveram também com as lutas por transformações na sociedade, essas mulheres seguem um percurso mais aberto a

²³⁶ Mapa das Questões de Gênero. São Paulo: CUT/CGT/Força Sindical/DIEESE, mai/99.

²³⁷ Renato Janine Ribeiro é filósofo, escreveu um artigo sobre a democracia para o próximo milênio, no jornal *Folha de São Paulo*, São Paulo, 31/12/00, Caderno Mais!, p. 4-24.

incorporação de valores mais democráticos, norteando-se por princípios que incluem a ética e a igualdade de direitos nas relações que constituem.

Seus planos para o futuro são baseados em opções que não se esgotam na aquisição de bens materiais, sendo parte deles o que denominam qualidade de vida e que inclui a aquisição de bens simbólicos. Neles está a busca constante pelo melhor conhecimento de si, com grande valorização na escolha e na vida pessoal, refletindo um estilo de vida que este universo vem assumindo de forma mais acentuada nas últimas décadas. Mudança importante, quando comparada a vida de suas mães, para as quais o projeto de vida praticamente se esgotava na família.

Mas, suas narrativas demonstram que persistem muitos valores tradicionais na concepção feminina, como a valorização de si pelo reconhecimento masculino, revelando o quanto é difícil educar sem os condicionamentos herdados. Seus relatos mostram também que a auto-identidade pode se modificar, o que ocorreu com as entrevistadas na medida em que puderam se confrontar e foram confrontadas com alterações nas relações que estabelecem dentro e fora da família.

A maior parte das entrevistadas, pela própria condição da vida moderna acaba tendo que dar conta hoje de questões muitas diversas, pela multiplicidade de papéis que tem que assumir nos espaços em que se posicionam. Neste embate, às vezes adotam posturas coerentes com os valores mais modernos que defendem em seus discursos, mas em outras, reproduzem valores herdados, mais conservadores, em um contexto em que “diferentes” mundos se interpenetram. Figueira²³⁸denomina de “desmapeamento” a existência de mapas diferentes e contraditórios inscritos em níveis desiguais e relativamente dissociados dentro do sujeito. Esse tipo de eu multifacetado seria uma característica das sociedades modernas. Velho também considera que em uma sociedade complexa, como a que vivemos hoje, *“os mapas de orientação para a vida social são particularmente ambíguos, tortuosos e contraditórios”*²³⁹.

A construção da identidade e a elaboração de projetos será afetada por esses diferentes mapas que muitas vezes são conflitantes. Um desses contrastes, assumido pelas entrevistadas conscientemente, é a busca permanente de refúgio para as inseguranças da vida moderna e para a melhoria da auto-estima, por meio da imagem corporal. Integram-se assim, ao padrão

²³⁸ FIGUEIRA, S. A (org.) O “moderno” e o “arcaico” na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. In: *Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*, Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

²³⁹ VELHO, G. *Individualismo e cultura. Notas para uma Antropologia da sociedade contemporânea*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1997.

feminino valorizado pela mídia e pelas representações presentes na sociedade. Convivendo de forma contraditória com esta busca está o investimento que fazem na carreira, também como forma de valorização, mas aqui pelas capacidades que cada uma desenvolveu e pela liberdade de escolha dos vários modos de viver. Embora o cuidado com o corpo, com a aparência, tenha hoje um grande destaque em todas as camadas sociais, pela cultura contemporânea do narcisismo, neste universo tem um significado muito especial uma vez que, como afirma Featherstone²⁴⁰ representa o espaço onde o *habitus* está inscrito.

Tanto a imagem corporal como a carreira, se inscrevem num estilo de vida apreendido na socialização, pela classe a que pertence esse grupo. O mesmo processo não ocorreu com a sexualidade feminina. Neste caso, a manutenção de valores mais conservadores passados pela família de origem não se manteve, pelo advento da sexualidade plástica, descentralizada e liberta das necessidades de reprodução. Mas também e, principalmente, pelos ideais feministas que defendiam, entre outros aspectos, a livre escolha da mulher sobre o uso de seu corpo.

Mais liberta das repressões impostas no passado, a mulher permanece, contudo, presa a manipulação de sua sexualidade, em permanente exposição nos meios de comunicação. Não tanto obedecendo a uma concepção de cunho moralista, mas na busca utilitária e pragmática da propaganda do corpo feminino, como artifício para aumentar a venda dos mais diversos produtos. Essa saturação de imagens tem resultado negativo para a mulher, convivendo com formas de repressão não tão visíveis, como a manutenção da proibição do aborto no país.

Apesar desse cenário, é possível esperar uma mudança na postura governamental, pela pressão de outros setores da sociedade, que vêm lutando para que o aborto seja pensado e tratado como um problema de saúde, retirando-o do rol de crimes e buscando criar mecanismos que levem a reflexão ética das questões que envolvem o problema.

Outra questão que envolve a sexualidade é o tratamento dado aos homossexuais no país, face ao preconceito profundamente enraizado em nossa sociedade. No caso do homossexualismo feminino a situação é ainda pior, porque mais velada e menos discutida. Apesar disso, alguns estudiosos do tema mostram-se otimistas, pois acreditam que a heterossexualidade não é mais o padrão pelo qual tudo é julgado. Associado a isto, as

²⁴⁰ FEATHERSTONE, M. A Estetização da vida cotidiana. In: *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo:

mobilizações desse grupo têm mostrado que hoje já constituem uma força importante na sociedade e, como as mulheres no passado recente, estão ampliando sua organização em ONGs pela conquista de seus direitos.

Em todas essas temáticas que envolvem a sexualidade há uma profunda percepção no grupo pesquisado sobre a importância de mudar a forma de tratar a sexualidade, em especial a feminina. Suas narrativas mostram o desejo de conduzir a educação dos filhos guiada por valores mais democráticos e menos segregados por gênero. Não pensam, como suas mães, em controlar a sexualidade das filhas, embora sejam influenciadas por valores conservadores presentes na ideia de amor romântico associado à sexualidade feminina. A valorização da carreira profissional e da independência financeira são os temas que mais aparecem quando falam de projetos para as filhas. O casamento parece ter perdido importância neste universo, o que não significa a sua total depreciação, mas que, para este grupo, este não se coloca mais como fundamental na vida da mulher.

As entrevistadas também ajudam a entender como as transformações no espaço íntimo estão afetando os homens, sendo mais visível neste universo a presença masculina em atividades que envolvem os cuidados e a assistência aos filhos, com maior proximidade afetiva entre estes. Entretanto, não há uma partilha de responsabilidades, nem na assistência aos filhos nem nas tarefas domésticas, sendo considerado pelas mulheres mais uma "ajuda". A mudança nesta esfera tende a depender de negociações que as mulheres consigam implementar, levando em conta os direitos individuais de cada um, o que já vem acontecendo em algumas famílias, inclusive entre casais do grupo pesquisado. Outro fator propulsor de mudanças neste espaço parece estar ocorrendo na tentativa de oferecer uma educação não segregada aos filhos. Seu êxito exige que ambos os pais assumam uma prática pedagógica cotidiana, que se guie por princípios éticos e progressistas, ensinados pela história familiar.

Os relatos também permitem observar que a escola vem tentando modificar comportamentos, desenvolvendo uma prática pedagógica de inclusão dos sexos de igual forma. Mas, também neste espaço, as dificuldades em estabelecer relações mais igualitárias entre meninos e meninas está presente, pela não modificação dos mecanismos que mantêm a segregação na sociedade, necessitando de ações que provoquem o descondicionalamento da desigualdade entre os sexos.

O trabalho e a carreira aparecem em todos os relatos como indicadores importantes em

suas vidas, pelas possibilidades que oferecem de ascensão e prestígio, mas também de realização pessoal por ser um espaço construído individualmente, no qual sentem-se valorizadas enquanto pessoas. Pelo valor que atribuem a esta categoria é que não aceitam abrir mão de suas atividades em prol da família. Significa um ganho na auto-imagem feminina, mas este não pode ser desvinculado das conseqüências que acarreta, uma vez que, para manterem-se na esfera pública, estas mulheres têm que dar conta ainda da dupla/tripla jornada, acumulando muitas tarefas.

A fé em algo que transcende o homem está presente em todas as narrativas, mostrando o peso das diversas crenças na vida da população. No grupo estudado, não há uma dominância religiosa, havendo a presença da fé em algo não instituído, numa relação com o plano espiritual mais livre de vínculos institucionais, estimulada pela possibilidade de associar várias crenças, retirando de cada uma aquilo que lhe é mais significativo, na busca do equilíbrio emocional. Diferem assim, de suas mães pela ausência de uma pauta mais coerente e duradoura de conduta religiosa.

O período analisado mostra que ocorreram muitas mudanças na educação feminina com repercussão na organização da família, principalmente na autoridade patriarcal e na divisão interna de papéis, com a adoção de padrões mais igualitários no relacionamento entre o casal e os filhos, em especial nas camadas médias. Influuiu também na constituição de relações afetivas promovendo formas de relacionamentos mais abertos. Amor e sexualidade também estão mais vinculados, libertos da necessidade de reprodução e mais centrados no relacionamento e prazer. Contudo, as permanências são ainda significativas, pela própria velocidade do processo de modernização no país, fazendo com que a incorporação de novas identidades se coloque num plano mais superficial, sobrepondo-se às antigas, sem de fato alterá-las profundamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao acompanharmos a mudança, descobrimos como chegamos ao que somos hoje. Compreendemos mais claramente o que foi perdido, o que se conservou “subterraneamente”, o que ainda resta por resolver.

(E.P.Thompson. In: A formação da classe operária inglesa)

“Mesmo que estejamos evoluindo, enquanto não houver uma mudança mais global [em relação a comportamentos culturais e sociais], não tem jeito de não nos influenciar.

Uma mulher lá no Irã, no Paquistão, toda coberta de véu, não tem como isso não passar para nós. Não estamos tão separadas no mundo, deve ter um tipo de representação [sobre o feminino]. Mudanças e continuidades estão convivendo na formação desse inconsciente coletivo que a mulher trás e acho que têm umas coisas que ficam empacadas. A mulher tem que lutar muito internamente e é uma luta que não é só de ascensão a lugares. Não é uma luta só externa, é interna, como ser humano. Porque você acha que só pode ser considerada alguém de valor se tiver um

homem ao seu lado? Claro que ter um homem que você goste é ótimo, mas porque com toda essa entonação?"

Esta análise de Bárbara Ramos foi escolhida, porque acredito que sintetiza parte do pensamento das demais narradoras sobre a condição feminina neste final/início de século. Todas as pesquisas feitas no país nos últimos anos indicam mudanças no comportamento feminino, com a absorção de novos valores tidos como "modernos". Os dados mostram ainda que, mais do que incorporar novos padrões de comportamento, as mulheres estão conquistando espaços na esfera pública, que no início do século passado não eram sequer sonhados, com uma aceitação lenta, porém, crescente dessas alterações pela sociedade. Contudo, como afirma Bárbara, as transformações convivem com muitas permanências que não estão postas apenas no campo externo da realidade vivida. Elas também estão no inconsciente feminino, herdadas pelo processo de socialização primária, cujos conteúdos são mais difíceis de serem modificados. Numa visão psicanalítica, podem ser pensadas como parte do inconsciente coletivo feminino. De todo o modo, padrões de comportamento não são assimilados de forma mecânica, existindo oscilações na mesma pessoa, na convivência entre os diversos códigos existentes que são desiguais e podem ser contraditórios.

Os padrões de conduta e modos de viver vão ser transmitidos principalmente pela família e, por considerar a importância de estudos de família na compreensão de gênero foi que me detive neste grupo. O conceito de Thompson sobre experiência confere a ela uma influência mediadora entre a estrutura social e o psicológico. Para o autor, a experiência significa *"o ser social"*, que vivencia suas experiências não apenas com *"idéias, no âmbito do pensamento e de procedimentos"*, já que *"também experimenta sua experiência como sentimento e lida com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e, reciprocidades, como valores (...) ou na arte ou nas crenças religiosas"*²⁴¹. O uso que Thompson faz do termo lhe dá uma função integradora, unindo o individual ao estrutural, aproximando pessoas diversas na totalidade. Neste sentido, a identidade é forjada nas lutas cotidianas, com as normas, regras, expectativas, aprendidas no *habitus* de viver, em primeiro lugar, na família, no trabalho e na comunidade imediata. Essas vivências vão constituir a história de cada pessoa, o que faz com que cada pessoa seja a história de suas relações sociais.

As experiências vão estar relacionadas com o gênero, a classe e a raça/etnia que condicionam a percepção do mundo e o pensamento. Decorreu daí meu interesse em estudar

gênero na inter-relação com a família e a classe social dos sujeitos. A família vem apresentando mudanças na sua organização interna em todos os segmentos sociais. Há uma tendência, nas áreas urbanas, de casar e procriar mais tarde; aumento de divórcios e casamentos extraconjugais; aumento do número de famílias que contam com apenas um dos pais – famílias monoparentais, com predominância das mulheres como chefes da casa; redução do número de filhos, relacionada fundamentalmente à queda da fecundidade. Também observa-se uma mudança na finalidade básica da união, que não é mais ter filhos; geração de filhos por outros métodos; concubinato ou união de tipo experimental livre; modificação da atuação do homem e da mulher na sociedade, assim como alterações na socialização dos filhos, em parte transferida para os serviços sociais públicos ou privados como creches, escolas e outros.

Outras mudanças indicam que, de um lado, apesar de ter havido em São Paulo uma acentuada queda na fecundidade, vem aumentando os casos de gravidez na adolescência. De outro, cresce a população idosa e o número de pessoas que vivem só, em especial, nas áreas urbanas dos grandes centros.

Estes dados permitem observar a profundidade das mudanças ocorridas na família brasileira. As transformações mostram uma multiplicidade de fatores, sendo mais relevantes, a mudança na ordem econômica mundial, a partir da década de 70, provocando enormes alterações na sociedade. Este modelo de desenvolvimento econômico adotado no Brasil trouxe como consequência o empobrecimento acelerado das famílias na década de 80, a intensa migração do campo para a cidade e a ampliação dos padrões de exploração de mulheres e crianças, com seu ingresso no mercado de trabalho. Aliado a esses problemas houve a deterioração do setor público na prestação de serviços, contribuindo para a queda das condições de vida²⁴²; Outro fator importante reporta-se a alteração no processo produtivo, com novas tecnologias e informatização. Além disso, a liberalização dos hábitos e costumes, com a adoção de novos padrões de comportamento, influenciou decisivamente na posição da mulher na sociedade, com a quebra da divisão sexual do trabalho e do poder contribuindo na redefinição de papéis, tanto do homem como da mulher.

As transformações que afetaram as famílias vão incidir de forma mais relevante nas camadas médias e, nos segmentos mais intelectualizados, na busca de novos parâmetros, mais

²⁴¹ THOMPSON, E.P. O termo ausente. In: *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p.189.

²⁴² Ver MIOTO, R. C.T. .Família e Serviço Social. In: *Revista Serviço Social e Sociedade*, São Paulo: Cortez, n.º 55, p.114-129, 1997.

próximos de comportamentos e atitudes que podem ser classificados como modernos, embora em muitos momentos possam apresentar-se mais próximos de uma visão de mundo mais tradicional. Ao rememorarem suas experiências, as narradoras indicaram que as mudanças na família, em relação a percepção de gênero, ocorreram tanto em relação a participação feminina na esfera pública como no que tange a organização do espaço íntimo, com maior destaque para a inserção da mulher no mundo trabalho.

Nas famílias de origem, que se constituíram na década de 60, a grande mudança observada foi a concepção dos pais sobre a importância da carreira universitária para as filhas. A exceção de uma entrevistada, de origem mais humilde, as demais revelam os sonhos familiares, de ascensão social e prestígio, no projeto de vida para os filhos, sem discriminar por gênero e com pouca intervenção familiar nas escolhas profissionais. Houve uma tendência neste grupo do pai ser o maior impulsionador da organização de projetos profissionais para as filhas, o que pode estar relacionado ao fato deste ter, em geral, maiores experiências na esfera pública. As expectativas foram diferentes para a entrevistada que pertencia a uma camada mais pobre, provavelmente porque, para sua família, outras questões se apresentavam como prioritárias, face a luta pela sobrevivência e por guiarem-se por outras regras que constituíam a moralidade do grupo, como o alto valor imputado ao casamento das filhas.

A relevância dada a profissionalização feminina no universo das camadas médias pode se referir as transformações que começavam a ocorrer no mercado de trabalho, com o maior ingresso das mulheres em serviços de consumo coletivo, escritórios, comércio e serviços públicos. O interesse familiar esteve mais voltado para o incentivo a escolha de profissões não feminizadas, como forma de garantia de mobilidade social e prestígio. Estas concepções espelham mudanças importantes para a mulher nascida nesta década, se comparada a socialização de suas mães. Para estas, o trabalho fora de casa, quando existia, tinha caráter transitório ou complementar ao do marido e com frequência era abandonado com o casamento e a chegada dos filhos. Além disso, as profissões pensadas para esta geração relacionavam-se àquelas que, de alguma maneira, respondiam a necessidades do mundo doméstico e da educação dos filhos.

Na esfera doméstica, a família tendia a permanecer estruturada de forma hierárquica, com papéis segregados entre os gêneros. Porém, pais de origem estrangeira, que receberam uma socialização menos diferenciada por gênero, apresentaram menos rigidez nos papéis, participando de tarefas domésticas junto com as esposas, o que não era tão presente quando se

tratava da assistência e cuidados dos filhos. Em todas as famílias estas responsabilidades ficavam prioritariamente a cargo da mulher, tanto no exercício da autoridade como na constituição da moralidade do grupo. Também não foram observados questionamentos das mães das narradoras quanto aos papéis de mãe e dona-de-casa, provavelmente porque a valorização feminina ainda era dada pelo espaço íntimo. Voltadas para o lar e com pouca circulação na vida pública, as mães deste grupo são representadas pelas filhas como sendo mais conservadoras e preconceituosas, enquanto os pais são valorizados pelos conhecimentos e atitudes mais progressistas.

Contudo, as mulheres exerciam poder nas ações cotidianas que desempenhavam, não parecendo haver negociação para a partilha nesta esfera. Isto se evidencia nos relatos sobre o distanciamento paterno em relação ao envolvimento na educação dos filhos, com uma participação delimitada aos papéis de provedores e colaboradores. Talvez por isso, os relatos convirjam para uma certa idealização paterna, sempre ancorada em descrições que falam de uma grande afetividade entre pais e filhos. As mães são representadas nas tarefas do seu cotidiano, exercendo seus poderes na educação dos filhos e nas decisões que afetavam a família. Pela proximidade que sempre tiveram com estes, exercendo autoridade, determinando as regras morais e no estabelecimento de relações afetivas, são vistas de forma mais crítica. Mas, são agentes de mudanças também, pois se são elas que tentam controlar a sexualidade das filhas, reproduzindo os valores da época, é também por meio delas que são introduzidas as modificações na relação das filhas com o mundo doméstico, na medida em que não valorizam as tarefas domésticas como próprias do feminino, da mesma forma que na sua geração.

Em comum, as famílias deste grupo, apesar de, na maioria dos casos, manter uma diferenciação entre pais e filhos, apresentam uma postura mais liberal em relação ao comportamento feminino. Refletem, assim, o estilo de vida das camadas médias que já vinham incorporando novos padrões culturais na educação feminina. Mais liberais em alguns valores, em outros mostram-se bastante presas aos valores tradicionais, em especial as mães. A educação formal básica dos filhos é pensada de forma diferenciada, com preferência para o ensino em colégios religiosos ou femininos para as filhas. Esta diferenciação também se manifestava no cotidiano dos relacionamentos familiares, como nas atitudes frente à execução de tarefas domésticas, nos discursos sobre relacionamentos sexuais, assim como nos gestos e na forma de viver a afetividade. Com maior relevância isto aparece no projeto familiar de casamento para as filhas. Se, ter uma carreira era valorizado e estimulado nestas famílias, esta era pensada

como complementar ao casamento. Ser uma mulher independente financeiramente não significava neste grupo, trilhar o caminho da autonomia, deliberando, julgando e agindo de acordo com as diferentes possibilidades de ação, exercendo a liberdade de escolha individual.

Entretanto, outros agentes vão influir neste processo como a escola, os grupos de convivência e, de forma mais radical, os acontecimentos políticos, sociais e culturais que marcam o período da juventude das narradoras. As mudanças no plano político, com as mobilizações em defesa da redemocratização do país, as transformações econômicas que geraram a expansão do emprego feminino e as idéias feministas foram grandes formadores da visão de mundo deste grupo.

O trabalho e a carreira, para esta geração de mulheres, serão ainda mais valorizados do que foram por suas famílias de origem, representando simbolicamente a construção de um projeto individual, que fornece satisfações pelas possibilidades de prestígio e independência financeira. Destaca-se, de certo modo, do projeto familiar, pois representa uma conquista pessoal, engendrada no processo de socialização pelo desejo de ascensão social. Entretanto, as condições de trabalho para as mulheres permanecem mais desfavoráveis que para os homens. As mulheres continuam ganhando menos, ocupam lugares menos privilegiados na economia e têm condições de trabalho mais precárias, precisando estudar mais que os homens para ocuparem a mesma função.

As relações de trabalho são claramente desfavoráveis à mulher, já que continua sendo ela a maior responsável pela vida doméstica, sem dispor de infra-estrutura pública adequada, além de conviver com a discriminação e a segregação ocupacional. Embora não aceitem abrir mão do que consideram uma conquista, as mulheres vêm pagando um alto preço por essa escolha pelo desgaste físico e emocional que enfrentam. Mesmo no caso dos segmentos médios intelectualizados, a maior concentração em profissões liberais, nas quais, em geral, exercem funções na área pública e como docentes apresenta-se desfavorável. Historicamente estas são áreas que vêm passando por um processo de desvalorização profissional, com a queda gradativa do valor dos salários, pela política governamental instalada.

A participação na vida pública, neste grupo, está relacionada ao trabalho e ao estudo. Embora tenham participado da vida política e cultural do país na juventude, há um nítido descrédito das instituições políticas em suas falas hoje, que pode ser atribuído a experiências frustrantes que esta geração viveu no regime autoritário e nas lutas por mudanças mais profundas na sociedade. Como consequência, há uma opção deliberada e assumida por

ideologias mais individualistas, com grande valorização do espaço privado. Isso não significa uma total semelhança com as escolhas de suas mães, também voltadas para o espaço íntimo. Estas passaram por outras experiências socializadoras, adquirindo uma visão de mundo bem diferenciada das filhas. Para as narradoras, o desencontro diante do domínio público resulta numa sensação de impotência e nesta relação os interesses individuais são aflorados e validados como legítimos. Este fato pode ser visível em outros segmentos da população e, mesmo entre as mulheres, pesquisas vêm demonstrando que a participação na vida pública não desperta mais o mesmo interesse observado há algumas décadas atrás.

Hoje, para essas camadas, o interesse maior parece ter como eixo a busca narcísica pelo auto-conhecimento, através de diferentes caminhos e pela valorização de si, confirmada em diversos estudos. Neste estudo o grupo pesquisado, embora contrário a cultura do corpo, vem trilhando os mesmos caminhos que muitas mulheres, tentando adequar-se ao modelo feminino proposto, como medida de sua valorização social, muito embora isto nem sempre fosse admitido, transparecendo, porém, nos discursos. Esse modelo, produzido pela cultura contemporânea e exposto a exaustão na mídia, acaba por influir negativamente nas subjetividades femininas, pela impossibilidade de alcançá-lo e pelo vazio de sua proposta, imbuído na idéia do feminino enquanto objeto sexual para seduzir o homem. É neste aspecto que a sensação de permanência me parece mais presente, sendo a valorização feminina, mesmo para mulheres intelectualizadas, centrada no reconhecimento masculino, pela pouca modificação na identidade feminina no que se refere ao campo afetivo.

Outros fatores, porém, influem positivamente na auto-estima dessas mulheres, além do destaque já conferido ao trabalho e a carreira. O modo como constituem suas famílias hoje, oposto ao de suas mães, é motivo de orgulho, na medida que se guiam por um ideal de família no qual as relações tendem a se desenvolver de forma mais igualitária. Por meio das narrativas é possível afirmar que, neste universo, a relação a dois vem sendo orientada pelo estabelecimento de vínculos mais democráticos, com maior igualdade na doação e no recebimento emocionais, pressupondo respeito e abertura em relação a outra pessoa. Essa nova maneira de viver os relacionamentos na intimidade é parte do que Guiddens²⁴³ denomina de *"amor confluyente"* distante da busca da *"pessoa especial"*, presente nos ideais de amor romântico, com maior ênfase no *"relacionamento especial"*.

²⁴³ GUIDDENS, A. A transformação da intimidade, São Paulo: UNESP, 1993.

O mesmo não acontece quando se trata das responsabilidades a serem assumidas neste espaço, permanecendo as mulheres como as maiores responsáveis pelos cuidados e assistência aos filhos e pelas tarefas domésticas. As mulheres criticam essa ocupação transversa masculina que, se modificou em alguns aspectos para "ajuda", continua não respondendo as necessidades postas. Entretanto, como declaram algumas entrevistadas, é a própria mulher que tem que modificar essa relação negociando com o homem a partilha e aceitando partilhar em condições de igualdade, o que nem sempre transpareceu como desejo das entrevistadas. Este fato pode ser decorrência de um certo receio, pela possibilidade da perda ou diminuição de poder nesta esfera, mas também pode estar relacionado a socialização herdada.

Há modificações na esfera doméstica na relação entre pais e filhos, muito mais próxima afetivamente do que a de seus pais, mas com pouca mudança nos aspectos que envolvem os cuidados e a assistência à criança. Os filhos participam mais das decisões familiares e há maior valorização da infância e da adolescência nestes segmentos, com uma preocupação familiar permanente em planejar o seu futuro. Na pesquisa, este investimento se dá pelo capital cultural que os pais procuram legar, ancorado no estilo de vida dessas camadas e envolvendo vários aspectos simbólicos, na busca de melhor qualidade de vida.

As entrevistadas demonstram preocupação em não reproduzir valores que diferenciem os filhos por gênero, mas o discurso da igualdade esbarra em muitos condicionamentos adquiridos no próprio processo de socialização, fazendo com que circulem contraditoriamente por diferentes códigos de conduta. As mudanças parecem estar mais consolidadas no que se refere ao investimento igual na carreira profissional dos filhos. Também se diferenciam de suas mães por apresentarem menos expectativas em relação ao casamento e a maternidade para as filhas, assim como em relação a manutenção da virgindade feminina até o casamento, que deixa de ser valorizada neste grupo.

Considero que os objetivos propostos neste estudo foram alcançados na medida em que foi possível apreender, junto aos sujeitos da pesquisa e pelo referencial teórico utilizado, as transformações que se processaram nas últimas décadas. O estudo também deu visibilidade às continuidades que estão presentes na socialização feminina, mostrando como neste grupo comportamentos e atitudes relacionaram-se a momentos e contextos específicos, ora mais próximos do que se poderia considerar como novos ou modernos e ora apoiados em um padrão tido como mais conservador, em especial no que se reporta as regras de moralidade do grupo.

A pesquisa também permitiu visualizar como a organização da vida familiar referenciou-se no cenário político, econômico e cultural do país nos diversos períodos históricos estudados, confirmando que a produção de subjetividades é condicionada pelo externo. A afirmação também se mostrou procedente na hipótese estudada. Esta considerou que mulheres com maior poder aquisitivo, intelectualizadas e socializadas em um período de grandes mudanças nos padrões mundiais de comportamento entre os gêneros estariam mais propensas a absorver inovações culturais, adotando novos padrões de comportamento. A acertativa da escolha em estudar mudanças neste universo pode ser melhor dimensionada na forma como este grupo constrói relacionamentos a dois, nas relações que estabeleceram na esfera pública e privada e na educação dos filhos, principalmente na forma de pensar a educação feminina.

A centralização em torno de um conjunto de valores simbólicos define o *ethos* deste universo, no qual a experiência individual constitui preocupação e tema central das narrativas. Neste espaço a ideologia individualista, com ênfase no indivíduo enquanto valor, transparece na nuclearização de uma sociabilidade de caráter mais intimista, articulada muitas vezes ao parentesco, fundamental na constituição da identidade do grupo. Também foram valorizadas questões ligadas à estética, a “opção”, a vida pessoal e subjetiva, aos sentimentos e aos afetos.

O trabalho é valorizado enquanto possibilidade de independência financeira feminina, percebida como fundamental. Ele é compreendido não apenas como um direito da mulher, mas como parte de um estilo de vida cultivado nestas camadas, na garantia da construção de relacionamentos afetivos mais igualitários entre os sexos. Representa ainda um projeto elaborado a partir de experiências, vivências e interações que marcaram profunda e positivamente a vida das narradoras. É parte fundamental da auto-imagem que constroem de si, no modo como se auto-representam na esfera pública e no espaço íntimo. Para este grupo, o trabalho como projeto de vida tem a ver com o princípio da autonomia, na medida em que significa liberdade de escolha entre vários modos de ser, de acordo com as possibilidades sócio-culturais determinadas.

Ao que demonstram as narradoras deste estudo, as transformações tenderão a avançar na próxima geração, pela forma diferenciada que procuram educar os filhos hoje, mais distantes dos valores tradicionais herdados, embora ainda recebendo influências deles. Esta oscilação entre códigos diversos e muitas vezes contraditórios é parte das sociedades modernas complexas. Como afirma Figueira, *“ainda estamos longe de uma família realmente nova(...). No*

*momento, o moderno convive com o arcaico na família brasileira de modos sutis e complexos*²⁴⁴.

Finalizando, gostaria de acrescentar que a escolha deste tema objetivou estudar gênero na inter-relação familiar, dimensão ainda pouco examinada no país, um vez que estudos sobre famílias das camadas médias vêm focalizando a apreensão de valores, da visão de mundo e do estilo de vida deste universo, sem o recorte de gênero, o mesmo acontecendo em pesquisas que trabalham com gênero, que priorizam as áreas da saúde, violência contra a mulher e as relações que envolvem o mundo do trabalho. Por isso acredito que a articulação entre família e gênero, realizada nessa tese, pode favorecer o interesse pelo desenvolvimento de outros estudos que contribuam para desvendar os processos históricos que mantêm padrões de conduta mais conservadores, ao mesmo tempo que convivemos com novos valores que exercem influência na socialização feminina.

Minha pretensão não foi esgotar este tema, mas dar visibilidade ao modo como as transformações estão ocorrendo na família, no processo de socialização feminina. Como as pesquisas com camadas médias demonstram, a modernização da família é um processo complexo em que mudanças convivem com permanências, apresentando mais avanços no plano dos discursos do que na modificação de atitudes. Mesmo assim, as transformações nos padrões de comportamento são visíveis no grupo estudado e tendem a se aprofundar na próxima geração, pela adoção de valores mais democráticos na família e entre gêneros.

²⁴⁴ FIGUEIRA, S. A (org.) O “moderno” e o “arcaico” na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. In: *Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*, Rio de Janeiro: Zahar, 1987, p.29.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMO, L. Imagens de gênero e políticas de Recursos Humanos na modernização produtiva. In: *Revista São Paulo em Perspectiva*, São Paulo: Fundação SEADE, vol., 11, n.º 1, jan/mar-97.
- ALVES, B.M. & PITANGUY, J. *O que é feminismo*. 8ª ed., Coleção Primeiros Passos, São Paulo: Brasiliense, 1991.
- AMADO, J. A culpa nossa de cada dia: ética e História Oral In: *Revista Projeto História*, São Paulo, n.º 15, p. 1-155, abril/1997.
- ARAÚJO, M.F. *Família Iguatária ou democrática? As transformações atuais da família no Brasil*. São Paulo, 1993, vol. 2. (Dissertação de Mestrado), Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC/SP.
- ARDAILLON, D. *O cotidiano de mulheres profissionais: o engodo do individualismo*. São Paulo, 1989, vol.2, (Dissertação de Mestrado), Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência Política, USP/SP.
- _____. O lugar do íntimo na cidadania de corpo inteiro. In: *A questão do aborto*. Revista Estudos Feministas, Rio de Janeiro/IFCS/UFRJ, vol.5, n.º 2, p.376-388, 1997.
- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*, 2ª ed., Rio de Janeiro: Ed.Guanabara, 1981.
- BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*, 8ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

- BANCO MUNDIAL. Relatório: O Estado num mundo em transformação. Washington, Oxford Press, 1997.
- BARSTED, L. L. O Movimento Feminista e a descriminalização do aborto. In: *A questão do aborto. Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro/IFCS/UFRJ, vol.5, n.º 2, p. 397- 402, 1997.
- BASSANEZI, C. Mulheres dos anos dourados. In: *História das mulheres no Brasil*, São Paulo: UNESP/Contexto, 1997.
- BASTOS, M. B. *Outras palavras, outras imagens: movimentos feministas na cidade de São Paulo nos anos 70/80*. São Paulo, 1992, vol. 2, (Dissertação de Mestrado), Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC/SP.
- BATISTA JÚNIOR, P. N. Mitos da Globalização. In: *Revista Estudos Avançados*, Coleção Documentos, São Paulo: IEA/USP, n.º 52, p. 1-53, set/97.
- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*, v. II, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BELOTTI, E.G. *O descondicionamento da mulher (do nascimento à adolescência)*, Petrópolis: Vozes, 1975.
- BETTELHEIM, C. Remarques théoriques. In: EMMANUEL, A. *L'échange inégal*. Trad. Gomide, D., Coord. Tradução/Revisão: SAFFIOTI, H.I.B. Paris: François Maspero, 1969, p. 297-341.
- BIANCO, B. F. A família na História e na Antropologia: mitos, conjecturas, simplificações ou aproximações e prelúdios da realidade? Estudos de família no Brasil: questões metodológicas e procedimentos de pesquisa. In: *IX Encontro Nacional do C.E.R.U.*, set/82, São Paulo, Anais...São Paulo: CERU, 1982, vol. 1.
- BILAC, E.D. Família: algumas inquietações In: CARVALHO, M.C.B. (org.), *A Família Contemporânea em Debate*. São Paulo, EDUC/CORTEZ, 1995.
- BLAKER, C. & REICHMANN, R. *Avaliação de Gênero (1990-1993)*. Oxfam, Recife, 1994.
- BOBBIO, N. *O tempo da memória*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- BOURDIEU, P. Gostos de classe. In: *Sociologia*, São Paulo: Ática, 1983.
- _____. *La domination masculine*. Tradução: Guacira Lopes Louro, Grupo de Estudos de Relações de Gênero e Educação, Faculdade de Educação – UFRS, Porto Alegre, 1992, (mimeo).
- _____. La marca del tiempo. In: *La distinción-criterios y bases sociales del gusto*. Paris: Taurus, 1992.
- BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990, Diário Oficial da União, Distrito Federal, 16/07/90.

- BRESCIANI, L. Flexibilidade e reestruturação produtiva – o trabalho na encruzilhada. In: *Revista São Paulo em Perspectiva*, São Paulo: SEADE, vol. 11, nº1, jan/mar/97.
- BRUSCHINI, C. Mulher e Trabalho: engenheiras, enfermeiras e professoras. In: *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n.º 27, p. 5-17, dez/78.
- _____. *Mulher, casa e família*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Vértice, 1990.
- _____. O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes. In: *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro: CIEC/ECO/UFRJ, n.º especial, p.179-199, out/94.
- _____. Maternidade e trabalho feminino: sinalizando tendências. *Projeto de Estudos da mulher: Brasil- reflexões sobre gênero e fecundidade no Brasil*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, p.29-41, out/95.
- _____. *O trabalho da mulher no Brasil: comparações regionais e considerações sobre o Mercosul*, São Paulo: FCC, jul/ago-95. (Relatório).
- _____. Trabalho doméstico, um trabalho invisível. In: *Boletim Mulheres em Dados*, nº8, São Paulo: SEADE, out/97.
- _____. Trabalho das mulheres no Brasil – continuidades e mudanças no período de 1985-1995. São Paulo, nov/97. (Relatório)
- BRUSCHINI, C. Trabalho das mulheres no Brasil- continuidades e mudanças no período de 1985-1995. In: *Caderno da Fundação Carlos Chagas*, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n.º 17, p. 9-78, 1998.
- CALDEIRA, T. Memória e relato: a escuta do outro. In: *Revista Arquivo Municipal Memória e Ação Cultural.*, São Paulo, p. 65-76, 1992.
- CHAUI, M.S. Os trabalhos da memória In: BOSI, E. *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*. São Paulo, Quieiroz/EDUSP, 1987.
- _____. *Cultura e democracia*, 5ª ed., São Paulo: Cortez, 1990.
- _____. Comentários. In: *Subjetividades Contemporâneas, Revista do Instituto Sedes Sapientiae*, São Paulo, ano 1, n.º 1, p. 18-25, 1997.
- _____. Quem semeia ventos colhe tempestades. *Jornal Folha de São Paulo*, São Paulo, 05/03/00, Caderno Mais!, p.19.
- CIAMPA, A C. Identidade. In: LANE, S.T.M. & CODO, W.(org.), *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

- _____. *A Estória de Severino e a História de Severina*, 3ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1993.
- CIPRIANO, R. Política e religião nos movimento estudantis. In: SIMSON, O.M.V.(org.) *Experimentos com Histórias de Vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988.
- COELHO, V.P. *Fome de ser Feliz*- histórias de vida de mulheres com transtornos alimentares. In: Cadernos do NEPI – Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Identidade, São Paulo: PEPGSS/PUC n.º 2, p.9-113, 1996.
- COMMISSION ON HUMAN RIGHTS. 53ª session, Women's Health an Development, E/CN, Add 2, Economic and Social, jan/97.
- CONTI, M.S. *Notícias do Planalto. A imprensa e Fernando Collor*. São Paulo: Companhia Das Letras, 1999.
- CORRÊA, C. H. P. *História Oral (teoria e técnica)*. UFSC, Florianópolis: UFSC, 1978.
- CORRÊA, S. Gênero: Reflexões conceituais, pedagógicas e estratégicas. In: *Caderno SOS Corpo*, Recife, p.5-18, 1994a.
- _____. Relações desiguais de gênero e pobreza. In: *Caderno SOS Corpo*, Recife, p. 19-30, 1994b.
- _____ & FREITAS, A Atualizando os dados sobre a interrupção voluntária da gravidez no Brasil. In: *A questão do aborto*. Revista Estudos Feministas, Rio de Janeiro/IFCS/UFRJ, vol.5, n.º 2, p. 389-395,1997.
- COSTA, A.O. & BRUSCHINI,C. (org.) *Uma questão de Gênero*, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos/FCC, 1992.
- COSTA, J. F. *Ordem médica e norma familiar*. 3ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1989.
- COSTA, J.F. A história confirma o diagnóstico de Lasch. *Jornal Folha de São Paulo*, São Paulo, jan/95, Caderno Mais!, p.6-7.
- COSTA, M. Sexualidade. In: *Macho, masculino, homem. A sexualidade, o machismo e a crise de identidade do homem brasileiro*. São Paulo: L&PM, 1986.
- COSTA,V.M.F. O novo enfoque do Banco Mundial sobre o Estado. In: *Revista Lua Nova*, São Paulo: CEDEC, n.º 44, p.5-26, 1998.
- CUSCHNIR, L. Entrevista. *Revista VEJA*, São Paulo: Abril, ed. 1644, ano 33, n.º 15, abril/00.

- DAUSTER, T. A invenção do amor. Amor, sexo e família em camadas médias urbanas. In: Figueira, A. Sérulo (org.) *Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- DIEESE *Eqüidade de Gênero nas negociações coletivas – Cláusulas relativas ao trabalho da mulher no Brasil*, Pesquisa, n.º 13, São Paulo: DIEESE, nov/97.
- _____. *Tabela* São Paulo, 13/06/00, version from Internet: <http://www.dieese.org.br/esp/eslou97.html>.
- _____. *Boletim DIEESE*, edição especial, São Paulo, mar/00.
- D'OLIVEIRA, A.F.P.L. & SCHRAIBER, L.B. *Violência de gênero, saúde reprodutiva e serviços*. (Relatório, s.d.).
- DRAIBE, S. A política social na América Latina: o que ensinam as experiências recentes de reformas? DINIZ, E & AZEVEDO, S. (org.) *Reforma do Estado e democracia no Brasil*, Brasília: UnB/ANAP, 1997.
- DRAIBE, S. Uma nova institucionalidade das políticas sociais? Reflexões a propósito da experiência latino-americana recente de reformas dos programas sociais. In: *Rev. São Paulo em Perspectiva*, São Paulo: SEADE n.º 4, vol.11, p.3-15, out/dez/97.
- FEATHERSTONE, M. A estetização da vida cotidiana. In: *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- _____. Estilo de vida e consumo. In: *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.
- FERNANDES, F. *Nova República?* 3ª ed., Coleção Brasil: Os anos de autoritarismo, Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- FIGUEIRA, S. A (org.) O "moderno" e o "arcaico" na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. In: *Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*, Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- FIORI, J. L.. Da dependência ao social-liberalismo: a bússola de Fernando Henrique. In: *Em busca do dissenso perdido*. São Paulo: Insight, 1995.
- _____. *Os moedeiros falsos*. Petrópolis: Ed.Vozes, 1997.
- FONSECA, C. Quando cada caso NÃO é um caso. Pesquisa etnográfica e educação. In: *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo: ANPED, n.º 10, p. 58-77, jan-abr/99.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*, 11ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- FUNDAÇÃO SEADE *Mulheres em Dados*, nº8, São Paulo: Fundação SEADE, out/97.

- _____. *Mercado de Trabalho em 1998. Região metropolitana de São Paulo*. São Paulo, versão from Internet: <http://www.seade.gov.br/cgi-bin/pedmv98/trtaopest.ksh?tipo=mulher>.
- GENRO, T. Resenha, *Folha de São Paulo*, São Paulo, 11/07/98, Jornal das Resenhas, p. 9.
- GOLDMANN, L. O todo e as partes. In: *Dialética e cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- GUACIRA, L. L. Uma leitura da história da educação sob a perspectiva de gênero. In: *Revista Projeto História*, São Paulo: EDUC, n.º 11, p.31-46, nov./94.
- GUATTARI, F. & ROLNIK S. *Micropolítica – Cartografias do desejo*, 4ª ed., Petrópolis: Vozes, 1996.
- GUIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991.
- _____. *A transformação da intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993.
- HARDING, S. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. In: *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro: CIEC/ECO/UFRJ, vol. 1, p. 07-28, 1993.
- HAREVEN, T. K. Tempo de família e tempo histórico. In: *Revista História: questões & debates*, Curitiba, 5(8), p. 3-26, jun/1984.
- HOBBSAWM, E. *Era dos Extremos*. 2ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOMENS FAZEM 30% DAS CIRURGIAS. *Jornal Folha de São Paulo*, São Paulo, 05/08/00, Caderno Cotidiano, p. C-7.
- IANNI, O. Perspectiva crítica. In: *Dialética e capitalismo*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- INSTRAW-ONU. *Conceitos de Gênero no Planejamento do Desenvolvimento. Uma abordagem básica*. CÔRREA, S.C. (trad.), Brasília/DF, 1995, 36p.
- JANINE RIBEIRO, R. Democracia. *Jornal Folha de São Paulo*, São Paulo, 31/12/00, Caderno Mais!, p. 4-24.
- KAUFMAN, A. Obesidade feminina e sexualidade. In: CÔRDAS, T.A (org.) *Fome de cão: quando o medo de ficar gordo vira doença*. São Paulo: Maltese: 1993.
- KEHL, M.R. Sexualidade. *Jornal Folha de São Paulo*, São Paulo, 31/12/00, Caderno Mais!, p. 4-24.
- KOSMINSKY, E.V. A utilização do dado qualitativo e a subjetividade do pesquisador. In: *Agruras e prazeres de uma pesquisadora*. Marília: UNESP, 1999.

- LAFER, C. Ética e política em Franco Montoro. *Jornal Folha de São Paulo*, São Paulo, mai/00, Caderno Mais!, p. 17-19.
- LANG, A B.S.G. & ANTUNIASSI, M.H.R. (org.) Família em São Paulo: vivências na diferença. In: *Cadernos C.E.R.U*, São Paulo: Humanitas, série 7, 1997.
- LASCH, C. *A cultura do narcisismo (a vida americana numa Era de esperanças em declínio)*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- _____. *Refúgio num mundo sem coração*, São Paulo: Paz e Terra, 1991.
- LAURELL, A.C. Para um novo Estado de Bem Estar na América Latina. In: *Revista Lua Nova*, São Paulo: CEDEC n.º 45, p.187-204, 1998.
- LAURETIS, T. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, H.B. (org.) *Tendências e impasses – o feminismo como crítica da cultura..* São Paulo: Contexto/UNESP, 1997.
- MAPA DAS QUESTÕES DE GÊNERO. São Paulo: CUT/CGT/Força Sindical/DIEESE, mai/99.
- MARTINELLI, M.L. *Serviço social – identidade e alienação*. São Paulo: Cortez, 1991.
- _____. O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em Serviço Social. In: *Cadernos do NEPI-Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Identidade*, São Paulo: PEPGSS/PUC, n.º1, p.12-18, mai/94.
- MARX, K. & ENGELS, F. *A ideologia Alemã*. São Paulo: Hucitec, 1991.
- MATOS, M.I.S. & SOLER, M.A. *Gênero em debate- trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo: EDUC, 1997.
- MELO, J. A polêmica do aborto na imprensa. In: *A questão do aborto*. Revista Estudos Feministas, Rio de Janeiro/IFCS/UFRJ, vol.5, n.º 2, p. 406 – 412, 1997.
- MICHEL, A. *Não aos estereótipos! Vencer o sexismo nos livros p/crianças e nos manuais escolares*. ALAMBERT, Z. & AMARY, V.N. (trad.), São Paulo: Conselho Estadual da Condição Feminina; (Paris): UNESCO, 1989.
- MIOTO, R.C.T. Família e Serviço Social. In: *Revista Serviço Social e Sociedade*, São Paulo: Cortez, n.º 55, p.114-129, 1997.
- MIRA, M. C. *O leitor e a banca de revistas. O caso da Editora Abril*. Campinas, 1997, v.1, (Tese de Doutorado), Faculdade de Sociologia da UNICAMP.
- MOTT, L. Orgulho gay e consciência homossexual. *Jornal Folha de São Paulo*, 28/06/00, Caderno Cotidiano, p. A-3.
- MULHERES AINDA SE ELEGEM POUCO. *Jornal Folha de São Paulo*, São Paulo, 06/11/00, Caderno Brasil, p. A-7.

- MULHERES EM DADOS Boletins Informativos, São Paulo: SEADE, n.º 1-10, jan/dez/97.
- NEGRI, A A feminização do trabalho, *Jornal Folha de São Paulo*, jun/98, Caderno Mais!, p.5-3.
- NETO, J.P. Transformações societárias e serviço social. In: *Revista Serviço Social*, São Paulo: Cortez, n.º 50, p. 87-132, 1996.
- NUNES, M.J.F.R. O tratamento do aborto pela Igreja Católica. In: *A questão do aborto. Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro/IFCS/UFRJ, vol.5, n.º 2, p.413 – 417, 1997.
- ORTIZ, R. As marcas do tempo, *jornal Folha de São Paulo*, São Paulo, 18/10/99, Caderno Opinião, p. 1-3.
- PAULO NETO, J. A renovação do Serviço Social sob a autocracia burguesa. In: *Ditadura e Serviço Social. Uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64*. São Paulo: Cortez, 1981.
- PERROT, M. Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol.9, n.º 18, p.09-18, ago/set-89.
- PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) *Relatório sobre Desenvolvimento Humano no Brasil*. São Paulo: PNUD, 1996. (Relatório)
- POLLAK, M. Memória e esquecimento. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n.º 3, p.3-15, 1989.
- _____. Memória e identidade social. In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.5, n.º 10, p.200-212, 1992.
- PORTELLI, A A filosofia e os fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: *Revista Tempo*, Rio de Janeiro: UFF, n.º 2, p.1-13, dez/96.
- PORTELLI, A. O massacre de Civitella Val di Chiana: mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, M.M. & AMADO, J. (org.) *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fund. Getúlio Vargas, 1996.
- _____. O que faz a História Oral diferente .In: *Revista Projeto História*, São Paulo n.º 14, São Paulo, p. 25-39, fev/97.
- PORTELLI, A. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade. In: *Revista Projeto História*, São Paulo, n.º 14, p.7-24, fev/1997.
- _____. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre ética e História Oral In: *Revista Projeto História*, São Paulo n.º 15, p.13-49, abr/97.
- PRIORE, M.D. (org.) *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/UNESP, 1997.
- QUEIROZ, M.I.P. *Variações sobre a técnica do gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T.A.Queiroz, 1991.

- REVISTA MARIA, MARIA. Brasília/DF: *Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (UNIFEM)*, ano 2, n.º 2, 2º/sem/2000, 51p.
- REVISTA CLÁUDIA. Encarte especial *"Nossas mulheres"*, São Paulo: Ed. Abril, n.º 463, abril/00, p.30.
- REVISTA VEJA *on line: O lado mulher no negócios*. São Paulo: Abril, 29/08/99, version from Internet.http://www.2.uol.com.br/veja/240299/p_078.html.
- REVISTA REALIDADE *A mulher brasileira hoje*. Edição especial, São Paulo: Abril, ano I, n.º 10, jan/67, 198 p.
- ROBERTS, B.R. A dimensão social da cidadania. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo: ANPOCS, n.º 33, ano 12, p.1-22, fev/97.
- ROMANELLI, G.. Autoridade e poder na família. In: Carvalho, M.C.B. (org.) *A família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC/Cortez, 1995.
- _____. Papéis familiares e paternidade em famílias de camadas médias. In: XIX Reunião Anual, 1995, Minas Gerais, ANPOCS, p.21.
- ROSEMBERG, F. Educação e gênero no Brasil. In: *Rev. Projeto História*, São Paulo: EDUC, n.º 11, p. 7-18.nov/94.
- SADER, E. *Quando novos personagens entraram em cena*, 2ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- SAFFIOTI, H. I.B. *A mulher na sociedade de classes - mito e realidade*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- _____. Rearticulando gênero e classe social. In: Costa,A.O. & Bruschini,C. (org.), *Uma questão de gênero*, Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos/FCC, 1992.
- _____.& ALMEIDA, S.S. *Violência de Gênero. Poder e impotência*. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.
- _____. Violência de gênero-lugar da práxis na construção da subjetividade. In: *Revista. Lutas Sociais*, São Paulo: PEPGCS/PUC-SP, n.º 2, p. 59-79, jun/97.
- SAFFIOTI, H.I.B. O estatuto teórico da violência de gênero. In: SANTOS, J. V. T. (org.) *Violência em tempo de globalização*. São Paulo: Hucitec, 1999.
- SALEM,T. Família em Camadas médias: um perspectiva antropológica, In: *Boletim Informativo e Bibliográfico de C. Sociais/ANPOCS*, n.º 21, Rio de Janeiro, 1/96, p.25-39.
- SALLUM JUNIOR., B. Transição política e crise do Estado. In: *Revista Lua Nova*, São Paulo: CEDEC, n.º 32, p.133-166, 1994.

- SAMARA, E.M. ...*A família brasileira*. 4ª ed., Coleção Tudo é história, n.º 71, São Paulo: Brasiliense, 1993.
- SANCHIS, P. Catolicismo perde espaço. *Revista CIÊNCIA HOJE*, Minas Gerais: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), vol. 27, n.º 159, p. 07-10, abril /00.
- SARTI, C. Feminismo no Brasil: uma trajetória particular. *Cadernos de pesquisa*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, n.º 64, p.38-47, fev/88.
- _____. Família e jovens- no horizonte das ações. In: *Revista Brasileira de Educação*, n.º 11, p.99-108, mai/ago/99.
- SEN, A. Comportamento Econômico e sentimentos morais. In: *Ética, Política e Gestão Econômica- Revista Lua Nova*, São Paulo: CEDEC, n.º 25, p. 103-130, 1992.
- SEN, A. O desenvolvimento como expansão de capacidades. In: *Estado, reformas e desenvolvimento- Revista Lua Nova*, n.º 28/29, São Paulo: CEDEC, p. 317-318, 1993.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica, 2ª ed., *Caderno SOS Corpo*, Recife, p. 1-19, 1994.
- _____. A invisibilidade da experiência. In: trad. HADDAD, L. & revisão MALUF, M. *Revista Projeto História*, São Paulo, n.º 16, p. 297-325, fev/98.
- SKIDMORE, T. A lenta via brasileira para a democratização: 1974-1985. In: STEPAN. A (org.) *Democratizando o Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O G. (org.) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- _____. La Moda. In: *Sobre la aventura-ensayos filosóficos*. Barcelona: Ed. Península, 1988.
- SOMBART, W. O homem econômico moderno. In: Ianni, O (org.) *Teorias de Estratificação Social* (leituras de Sociologia), 3ª ed., São Paulo, 1972.
- SOUZA, M. C. C. A Nova República brasileira: sob a espada de Dâmoçles. In: STEPAN. A (org.) *Democratizando o Brasil*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- SOUZA, R. M. *Paternidade em transformação – o pai singular e sua família*. São Paulo, 1994, vol.2, (Tese de Doutorado), Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica, PUC/SP.
- STRINGUETO, K. "Número de denúncias de violência contra a mulher sobe 170% em São Paulo". *Folha de São Paulo*. São Paulo, 09/03/01, Caderno Cotidiano, p. C9.
- TAKASHIMA, G.M.K. O desafio da política de atendimento à família. In: *Família brasileira-a base de tudo*, São Paulo, Ed. Cortez/UNICEF, 1994.

- THOMSON, A. Recompondo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. In: *Revista Projeto História*. São Paulo, n.º 15, p. 51-84, 1997.
- THOMPSON, E.P. O termo ausente. In: *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- _____. O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial, In: *Trabalho, educação e prática social*. Pará: Artes Médicas, 1991.
- _____. *A formação da classe operária inglesa*. 3ª ed., Volumes I, II e III, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- TILLY, L. A. Gênero, história das mulheres e história social. In: *Cadernos PAGU*, n.º 3, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, p. 29-62, 1994.
- VASQUEZ, A S. *Filosofia da práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- VELHO, G. *Subjetividade e sociedade. Uma experiência de geração*, 2ª edição, Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1986.
- _____. Família e subjetividade. In: ALMEIDA, A M. (org.), *Pensando a família no Brasil – da colônia à modernidade*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/UFRJ, 1987.
- _____. *Individualismo e cultura. Notas p/uma Antropologia da sociedade contemporânea*, 4ª ed., Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- VITALE, M.A F. As transformações da família: uma análise em três gerações . In: *Anais II Congresso de Terapia Familiar no Brasil: Estado da arte*, São Paulo: Rosa Macedo/Associação Paulista de Terapia Familiar, p.283-295, 1995, vol. 2.
- WHITAKER, D.C.A. Análise de entrevistas em pesquisas com Histórias de Vida. São Paulo: CERU, p.1-5,1999. (Relatório)
- ZILBERMAN, M. L. Uso de drogas em mulheres. In: *VIII Jornada sobre temas de álcool, drogas e AIDS*, jun/00, São Paulo. (Relatório)